

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Julieta Jerusalinsky

**A criação da criança:
letra e gozo nos primórdios do psiquismo**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**SÃO PAULO
2009**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Julieta Jerusalinsky

A criação da criança:

letra e gozo nos primórdios do psiquismo

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**Tese apresentada à Banca Examinadora
da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
Doutor em Psicologia Clínica, sob a orientação do
Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck**

**SÃO PAULO
2009**

FOLHA DE APROVAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA:

Banca Examinadora

*A Zulema e Alfredo,
transmissores dos primeiros elementos de criação.*

*A Ignacio e Sofia,
tão esperados, tão surpreendentes.*

RESUMO

Nome do autor: Julieta Jerusalinsky; Título da tese: A criação da criança: Letra e gozo nos primórdios do psiquismo

A tese aborda a produção das inscrições constituintes do psiquismo no laço mãe-bebê sob o marco acadêmico de pesquisa em Psicopatologia Fundamental e teórico-clínico da psicanálise. Considera que a inscrição da letra – conceito utilizado por Jacques Lacan para situar as inscrições psíquicas – depende da implicação materna na economia de gozo do bebê. Sua transmissão não ocorre pela via direta de um código, mas por uma sucessão de efeitos enigmáticos no laço com a mãe, enquanto Outro encarnado, diante dos quais o sujeito precisará advir, no litoral entre gozo e saber, corpo e linguagem.

A partir do *dado a ver* no corpo do bebê, a mãe formula a suposição de um saber do qual este seria tributário: saber sobre o desejo materno que, à própria mãe, resulta enigmático, mas em relação ao qual o bebê fica implicado. Assim, o *dado a ver* no corpo do bebê assume o caráter de formação do inconsciente. O psiquismo materno opera aí como um aparelho psíquico inicialmente protético para o funcionamento corporal do bebê, que passa a ter sua economia de gozo atrelada ao saber materno. Os primórdios da constituição psíquica, portanto, deixam em relevo a não correspondência entre corpo e sujeito.

A mãe realiza em seus cuidados o "bordado" da letra ao corpo do bebê, ao ocupar-se de sua economia de gozo, ao afetar-se pelo que o afeta. Assim, parasita o funcionamento corporal do bebê com uma estrutura "linguagreira" pela qual este, inadvertidamente, se engaja no laço com o Outro – a partir daí imprescindível em seu circuito de satisfação. Por isso o bebê também é afetado pela prosódia e *alíngua* pelas quais comparece o gozo materno no ato da enunciação.

Quando o bebê se engaja "gozozamente" nos *jogos constituintes do sujeito*, a mãe passa a atribuir-lhe a autoria, o saber, sobre esse brincar, transitando permanentemente com ele pelas posições de objeto e sujeito. Ela o supõe sujeito que sabe do brincar; ao mesmo tempo, quando o faz objeto de gozo, goza identificando-se transitivamente ao gozo da passividade do bebê.

Portanto, o gozo implicado no laço mãe-bebê não está reduzido nem à angústia da insuficiência nem à medida da potência fálica. Tampouco ao gozo masoquista da *mater dolorosa*. Por meio de um gozo situado para além do fálico, pode-se produzir uma criação: *a criação da criança* aponta a dimensão transitivista dos primórdios do laço mãe-bebê.

Se a maternidade pode dar lugar a um ato criativo para uma mulher, por sua vez, a criança tem aí uma brecha para vir a ser criadora no brincar. A relação mãe-bebê não se limita nem ao gozo fálico nem à busca da complementaridade com o gozo do Outro, mas pode dar acesso a um gozo Outro, a uma criação suplementar, que, mesmo se servindo da função paterna, não se detém no complexo de Édipo.

Diante do *pathos* que o bebê em sofrimento *dá a ver* em seu corpo, o clínico intervém, não por uma observação, mas por uma leitura que possibilita uma decifração. Operando a partir da cifra, da letra que insiste na repetição sintomática, abre lugar para criações suplementares.

PALAVRAS-CHAVE: letra, gozo, mãe-bebê, psicanálise.

ABSTRACT

Author's name: Julieta Jerusalinsky; Title of thesis: Child raising: Letter and jouissance in the earliest roots of the psychism

This thesis approaches the production of the inscriptions that constitute the psychism in mother-baby ties. The text is present within the field of fundamental psychopathology and theoretical-clinical psychoanalysis. The author posits that the inscription of the letter – a concept employed by Jacques Lacan to situate psychic inscriptions – depends on the mother's involvement in the baby's economy of jouissance. The transmission of the inscription does not take place through the direct presence of a code, but rather through a succession of enigmatic effects on the baby's ties with his mother. She is an embodied mOther, in view of which the subject must emerge on the border between jouissance and knowledge, body and language.

On the basis of the *given-to-be-seen* on the baby's body, the mother formulates the supposition of the knowledge of which the baby is a tributary. It is knowledge of the mother's desire and is enigmatic to the mother herself, but the baby becomes involved in it. The *given-to-be-seen* on the baby's body takes on the character of a formation of the unconscious. The mother's psychism operates there as an initially prosthetic psychic apparatus for the baby to function physically. The baby's economy of jouissance is thus bound to its mother's knowing. The earliest roots of psychic constitution thus reveal the lack of correspondence between body and subject.

Through her care, the mother "embroiders" the letter on the baby's body as she occupies herself with his economy of jouissance, by being affected by what affects him. She thus links the baby's physical functioning to a language structure by which he inadvertently becomes involved in the tie with the mOther. From then on, the tie is indispensable in his circuit of satisfaction. For this reason, the baby is also affected by the sounds and *lalangue* through which the mother's jouissance emerges in the act of enunciation.

When the baby becomes emotionally involved in the *games that constitute the subject*, the mother attributes their authorship to him, and the knowledge of this playing permanently transits with him through the positions of object and subject. She presumes that he is the subject that knows about playing. At the same time, when she makes the baby an object of jouissance, she herself obtains jouissance by transitively identifying with the jouissance of the baby's passivity.

Therefore, the jouissance involved in the tie between mother and baby is not reduced to either the anxiety of insufficiency nor to the measure of phallic strength, nor even to the masochistic jouissance of the *mater dolorosa*. Through jouissance located beyond the phallic, a creation can be produced, a child can be raised. *The raising of the child* indicates the transitive dimension of the earliest roots of the tie between mother and baby.

If motherhood can make room for an act that, for a woman, is creative, the child, in turn, has a way to be creative when playing. The relationship between mother and baby is limited neither to phallic jouissance nor to the search for complementarity with the jouissance of the mOther, but it can open the way to an Other jouissance, a supplementary creation, which, even if it makes use of the paternal function, does not stop at the Oedipus complex.

In view of the mental suffering involved when a baby painfully *gives-to-be-seen* on his body, the clinician intervenes, not by observing but by reading, which can decipher. Operating on the basis of the key to the code, the letter, which insists on symptomatic repetition, the clinician opens the way to supplementary creations.

Keywords: Letter, jouissance, mother and baby, psychoanalysis

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck, orientador, por sustentar no Laboratório de Psicopatologia Fundamental um espaço universitário em que a alteridade instiga a produção e em que a práxis do comentário dos textos fomenta o rigor, a clareza e o respeito coletivo na construção da pesquisa.

A todos os colegas do Laboratório, pelo labor conjunto, especialmente a Ana Cecília Magtaz, Adriana Grosman, José Waldemar Thiensen Turna, Eliane M. Marraccini, Regina Gromann, Marciela Henckel, Oscar Miguez, Sônia Thorstensen, Ana Irene Canongia, Tereza Endo e Fani Hisgail. Suas leituras e seus comentários fazem parte da produção do texto desta pesquisa.

Aos integrantes da Clínica Interdisciplinar Mauro Spinelli - Adela Stoppel de Gueller, Silvana Rabello, Marta Gimenez Baptista, Ana Clélia Rocha - com as quais encontrei, aqui em São Paulo, uma equipe para compartilhar o cotidiano e o extraordinário da clínica. A Mauro Spinelli, diretor dessa equipe, em memória, por sua sabedoria e curiosidade incansável ao transmitir que a clínica sempre tem a nos ensinar.

À equipe do Centro Lydia Coriat, que está comigo seja onde for, por partilharmos utopias. Aos colegas de tantas outras instituições interlocutoras, espalhadas pelo mapa, tais como o Espaço Escuta, que também tecem conjuntamente seus fios nessa rede da criação, da inclusão, do trabalho em equipe, da transdisciplina.

Aos colegas da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, pela transmissão.

Aos colegas do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, coordenado por Domingos Infante, pelos seus debates vivazes e calorosos que incentivaram muitas das idéias aqui apresentadas.

A Maria Lúcia Stein, Danielle John, Ilana Katz Fragelli, Sidnei Goldberg e Ricardo Goldemberg, pelo coleguismo e interlocução.

Aos irmãos, amigos e parentes, principalmente ao Daniel, companheiro da vida, por possibilitarem e saberem não só perdoar a retirada e o silêncio que o ato de escrever exige, mas também por muitas conversas cotidianas que perpassaram a elaboração deste escrito.

Aos integrantes da Banca de Qualificação e, agora, da Banca Examinadora - Ângela Vorcaro, Leda Fischer Bernardino, Silvana Rabello, Caterina Koltai, Miriam Debieux Rosa, Sérgio de Gouvêa Franco, Luis Cláudio Figueiredo - pelo generoso ato de colocarem questões, tornando-se interlocutores desta produção.

À CAPES que financiou o trecho final desta pesquisa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – O laço mãe-bebê.....	001
I . LEITURA DE BEBÊS – A intervenção com o <i>dado a ver</i>	016
I .1. O pedido de Freud: da escuta do infantil ao olhar que se volta à infância.....	018
I .2. Os bebês, a psicanálise e a observação.....	021
I .3. Da observação ao <i>tempo de ver</i>	027
I .4. A leitura como modo de intervenção na clínica com bebês.....	031
I .5. De um manifesto que circula pela não correspondência entre corpo e sujeito.....	033
I .6. <i>Cu-co!</i> Cadê Santiago? – Recorte clínico I.....	038
I .7. Tchau mãezinha! – Recorte clínico II.....	041
I .8. Do <i>dado a ver</i> no corpo ao surgimento do sujeito.	045
II . O BEBÊ E A LETRA – Inscrições nos primórdios do psiquismo.....	047
II .1. Do vivido às inscrições constituintes.....	048
II .2. Freud e as metáforas escriturais do aparelho psíquico.....	056
II .3. A letra como inscrição psíquica e como enigma dado a ver na superfície.....	066
II .4. <i>Trasncrever</i> , traduzir e transliterar – intervenções sobre Diferentes registros da letra.....	074
II .5. A intervenção clínica entre a legibilidade e a rasura da letra.....	078
II .6. Sobre o conceito de letra e suas reformulações	083
II .7. O bebê e a letra como inscrição de um litoral	093
II .8. De como a letra se engancha ao corpo: o transitivismo no laço mãe-bebê.....	097
II .9. As quatro operações constituintes do sujeito e a transmissão da letra	101
III. PROSÓDIA E ENUNCIÇÃO NA CLÍNICA COM BEBÊS	
Sobre a voz e a letra nos primórdios do psiquismo	105
III.1. Outro dia para Rafael – Recorte clínico III	115
III.2. Em quem coça a comichão de Sabrina? – Recorte clínico IV.....	116
III.3. A prosódia e a incidência da linguagem no corpo	118
IV. A MATERNIDADE E O GOZO FÁLICO	
– Considerações sobre a angústia de castração e a inveja do pênis pós-maternidade	122

V. A MATERNIDADE ALÉM DO GOZO FÁLICO	
– Sobre o gozo Outro e seus efeitos constituintes no laço mãe-bebê	135
V. 1. Considerações sobre o conceito de gozo em psicanálise	138
V. 2. O gozo fálico e sua defesa contra o gozo do Outro	143
V. 3. O gozo do Outro e a montagem fantasmática	144
V. 4. O menino e a menina a partir do gozo fálico	147
V. 5. Mulher, gozo e divisão	
– o que não se articula na equação pênis=falo=bebê	155
V. 6. "A mulher à toda" no discurso social	158
V. 7. Feminino, passivo, masoquista: a tríade em questão	163
V. 8. O gozo do Outro e o gozo Outro: aquém e além do complexo de Édipo.....	172
V. 9. Maternidade e gozo Outro	175
V.10. Do gozo Outro da mãe à identificação transativista	
com o gozo da passividade do bebê.....	179
V.11. De como um gozo que não o fálico opera efeitos constituintes para o bebê.	185
V.12. Como a mascarada materna conduz a criança ao gozo fálico.....	188
V.13. Os caminhos da menina e as saídas de mãe	191
VI. JOGOS CONSTITUINTES DO SUJEITO	
– O brincar como inscrição de um litoral sustentado no laço mãe-bebê	195
VI.1. O brincar na cena clínica e a constituição do sujeito	196
VI.2. O marco do <i>Fort-Da</i>	206
VI.3. Jogos de litoral como precursores do <i>Fort-Da</i>	209
VI.4. Jogos de temporalidade intersubjetiva:	
na borda entre a expectativa e a precipitação	217
VI.5. A mãe que borda a letra ao corpo	
– loucura e sedução como necessárias à função materna	220
VI.6. A criação da criança e o laço mãe-bebê	222
VI.7. Diabo, diabão, <i>dia bão!</i> – Recorte clínico V.....	224
VI.8. Ico, ico, ico, o cavalo de Frederico! – Recorte clínico VI.....	227
VI.9. De novo! Repetição e criação com a letra no brincar.....	232
CONSIDERAÇÕES FINAIS E METODOLOGIA	
Sobre os troços deixados, o caminho traçado e o que se traça na escrita da clínica.....	235
REFERÊNCIAS	249
ANEXO 1.....	262
ANEXO 2.....	263

INTRODUÇÃO

O Laço Mãe-bebê

A relação mãe-bebê não está garantida por condições naturais, depende do estabelecimento de um laço simbólico.

Ele não é efeito nem do instinto previamente estabelecido como um saber da espécie, nem do que pode ser racionalmente aprendido. Tampouco de um quantum de afeto materno. Este laço, para seu estabelecimento, depende de que os cuidados que a mãe dirige ao bebê estejam permeados por uma série de operações psíquicas em relação à economia de gozo e em relação à transmissão da letra (enquanto inscrição psíquica), desde as quais a mãe pode conceber a subjetividade do recém-nascido e alocá-lo como seu bebê.

Como situa Freud, tal laço pode vir a se produzir para uma mulher a partir da equação pênis-falo-bebê.¹ No entanto, no presente trabalho consideramos que o gozo fálico situado por tal equação está longe de esgotar o que é relativo ao gozo presente na maternidade.

Apresentamos aqui a tese de que a maternidade implica, além de um gozo fálico, um gozo Outro, e que esse gozo Outro da mãe é decisivo no tempo das primeiras inscrições constituintes do psiquismo do bebê.

Fomos levados a tal hipótese a partir da práxis clínica exercida nos primórdios da constituição psíquica – tanto com bebês quanto com crianças exiladas da condição de falantes ao estarem acometidas por graves patologias psíquicas e cuja intervenção terapêutica exige, apesar de cronologicamente não serem mais bebês, sustentar as operações primordiais da constituição do psiquismo.

¹ Sigmund Freud (1924b). A dissolução do complexo de Édipo, p. 223.

Assim, o laço mãe-bebê nos leva a considerar, por um lado, os desdobramentos psíquicos que, acerca do gozo, a maternidade produz em uma mulher e, por outro, as consequências decisivas do gozo materno para a inscrição da letra (enquanto inscrição psíquica) no bebê.

As inscrições constituintes do psiquismo que se operam nos primórdios da vida só podem ser entendidas a partir do laço do bebê com um Outro encarnado. O Outro implica a estrutura da linguagem anterior e exterior ao sujeito, mas, é preciso que um Outro encarnado a porte e a materialize, endereçando um desejo não anônimo ao bebê, para que este possa vir a se constituir como *falasser (parl'être)*² a partir dessa estrutura. A mãe, por sua condição desejante em relação ao bebê, é quem primeiramente se vê arrastada a encarnar, a *ocupar realmente o lugar do Outro*.³

O exercício da função materna implica instaurar um funcionamento corporal subjetivado nos cuidados que se realiza do bebê. A mãe se ocupa da economia de gozo do bebê – do olhar, da voz, da alimentação, da retenção e expulsão de fezes, do ritmo de sono e vigília – estabelecendo um circuito pulsional que não prescinde do Outro para obter satisfação. Para tanto, a mãe, nos cuidados que dirige ao filho, articula a antecipação simbólica (relativa ao desejo que estabelecia para o bebê um lugar suposto antes de seu nascimento) à sustentação do tempo necessário para que a constituição do bebê possa se produzir (fazendo, com seus cuidados, certa suplência diante da imaturidade real do organismo do bebê). Somente a partir da circulação do circuito de desejo e demanda do laço mãe-bebê por estes diferentes registros temporais o bebê poderá vir a apropriar-se imaginariamente de seu corpo, fazendo-o seu e fazendo das experiências de vida

² Neologismo cunhado por Jacques Lacan, fundamentalmente a partir do seminário 22, como certa derivação do conceito de sujeito do inconsciente, mas que vem tirar todo e qualquer caráter de uma identidade a esse sujeito, apontando que, em definitivo, o inconsciente, seu comparecimento, não seria nada mais do que alguém que fala. O *falasser* é um animal habitado pelo gozo parasitário da linguagem, gozo fálico e que, desde então, se experimenta de modo disjunto do seu corpo.

³ Jacques Lacan (1960b). *Subversión del sujeto y dialéctica del deseo*, p. 785.

acontecimentos que, algum dia, poderão vir a ser recapituladas por ele como sua própria história.⁴

Desse modo, o exercício dessa função implica uma transmissão pela qual o recém-nascido, para além do gozo do vivo, entra em relação com a alteridade, de forma que a sua satisfação pulsional não ocorre de modo isolado ou individual, mas visa atingir, se endereça ao Outro.

Por sua vez, tal função não se exerce desde um saber instintivo previamente configurado. O *imprinting* biológico da espécie resulta aí absolutamente insuficiente. Portanto, situar que nos primórdios da constituição do sujeito não há como prescindir da função da mãe não equivale a supor essa relação como previamente dada. No mesmo sentido que Lacan nos apontou que não há relação sexual,⁵ na medida em que não há um encontro complementar entre homem e mulher, tampouco há uma relação natural entre mãe e bebê. Na falta de tal complementaridade, o que pode vir a se estabelecer é um laço.

O laço conjugal só se faz viável na medida em que cada um de seus participantes pode jogar com o seu fantasma, com sua fantasia inconsciente, encontrando por parte do outro jogador certa participação que permita manter em movimento o jogo fantasmático.⁶ Este jogo não é nada fácil, revela as suas faltas e é por isso que o laço conjugal comporta a produção de sintomas. Tais sintomas se estabelecem como respostas diante da impossibilidade de complementaridade automática entre homem e mulher. Pois, ainda que haja atos sexuais, não há acasalamento simbólico, não há encontro com o que

⁴ A articulação dos diferentes registros do tempo pelo circuito de desejo e demanda do Outro encarnado, posta em ato nos cuidados dirigidos ao bebê, foi a questão central desenvolvida no trabalho de mestrado *Temporalidade e clínica com bebês* orientada pelo Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck, PUC-SP, 2003.

⁵ Jacques Lacan. *Los seminarios de Jacques Lacan. Seminario 16. De un otro al Otro*, clase 14, 12 de março de 1969b, edição eletrônica estabelecida para circulação interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.

⁶ Contardo Calligaris, a este respeito, propõe uma analogia entre o laço conjugal com o que pareceria, visto de cima, um casal jogando de tênis. Pareceria que os parceiros jogam juntos, quando, de fato, haveria, entre cada lado da quadra, um paredão, estando cada um dos participantes fazendo seu próprio treino, assim como, cada um do casal, contando com a participação do parceiro implicado nesse semblante de um jogo a dois, faria seu próprio jogo fantasmático. Contardo Calligaris (1991). *O grande casamenteiro*, p.13.

complementaria definitivamente a falta – como se diz popularmente, com "a outra metade da laranja".

No segundo caso, o da mãe com o bebê, tampouco estão dadas – natural ou simbolicamente – as garantias de que venha a se constituir um laço mãe-filho a partir do encontro de uma mulher com o corpo real do neonato recém-parido.

Diferentemente do primeiro, neste segundo caso, para o estabelecimento de um jogo, não há dois jogadores psiquicamente constituídos. Conta-se, por um lado, com o cenário fantasmático dessa mulher que pode acolher ou descartar inconscientemente o recém-nascido como seu bebê. E, por outro, conta-se com as aptidões do bebê ao nascer, que podem favorecer ou fazer grave obstáculo a este jogo: o conjunto de características constitucionais relativas ao seu aparato neuro-anatômico, entre as quais podemos destacar o conjunto de reflexos arcaicos (que regem a atividade inicial do recém-nascido) e a extrema plasticidade neuronal (que o fazem ser organicamente capaz do que já foi denominado como uma extrema *permeabilidade a inscrições significantes*).⁷ Se a mãe supõe simbolicamente o bebê como jogador desse cenário, toma tais características constitucionais para, a partir delas, produzir o *engaste da função materna*.⁸ Ou seja, ela acolhe os aspectos constitucionais do bebê, fazendo desse real orgânico a suposta produção de um sujeito, articulando o gozo do vivo a uma estrutura languageira.

Isto já evidencia o quanto o estabelecimento do laço mãe-bebê parte de condições absolutamente assimétricas de seus participantes, não só relativas ao real do corpo – que colocam em relevo a dependência orgânica do bebê –, mas fundamentalmente em termos da radical dependência do bebê para saber o que lhe convém. O estabelecimento de tal saber está sujeito ao modo pelo qual as experiências de vida são sustentadas no laço com a

⁷ Alfredo Jerusalinsky (1988). *Psicanálise e desenvolvimento infantil*, p. 47.

⁸ Engaste é a tradução do termo *engarce* originalmente utilizado em espanhol. Seu significado é o mesmo: parte da jóia em que se fixa a pedra e que faz o seu suporte, podendo significar também por derivação, inserção e intercalação. Lydia Coriat e Alfredo Jerusalinsky. Aspectos constitucionales del bebé y su influencia en la relación madre-hijo, p. 11-21.

mãe, dando lugar às inscrições primordiais do aparelho psíquico do bebê. Nesse sentido, o bebê, nos primórdios da constituição de seu psiquismo, é tomado em um cenário fantasmático em que é suposto antecipadamente como jogador, sem ainda sê-lo de fato. E é somente ao ser suposto antecipadamente em um determinado lugar pelo Outro encarnado que ocorrerão as primeiras inscrições a partir das quais ele, depois, poderá vir a produzir suas respostas ao Outro. Como já apontava Freud, comparece aí uma passividade nos primórdios da constituição do psiquismo.

Se, em primeiro lugar, apontamos que a relação mãe-bebê não é natural; em segundo, que é profundamente assimétrica; em terceiro lugar fica evidente que tal relação está longe de ser dual, de se situar como uma díade. Ela está permeada por um complexo trabalho psíquico de estabelecer um laço em um contexto que está atravessado por todas as consequências de não haver complementaridade com o objeto da satisfação, de não haver relação sexual. Portanto, a maternidade não é nem da ordem do sabido naturalmente por instinto, nem do que pode ser instruído por meio da erudição, tampouco do que é imanente de um senso-comum espontâneo. É uma experiência que convoca o saber inconsciente e que, assim sendo, depende de uma transmissão e também de uma criação singular. Ou seja, ao mesmo tempo em que a maternidade implica uma repetição inconsciente entre gerações, também diz singularmente da invenção que pode ter lugar para uma mulher a partir da experiência de maternidade.

Se o bebê que nasce é fruto real de um ato sexual, ele chega em um cenário imaginário e em um contexto simbólico que é efeito da tramitação da sexualidade por parte da mãe, de sua história libidinal, de sua resolução edípica. Portanto, não há verdadeiramente agente da função materna sem referência ao nome-do-pai. *Só assim o*

*filho é objeto de desejo e só assim, então, a mãe inscreve (escreve?) no corpo dele as marcas do simbólico.*⁹

É central para a constituição do bebê a forma pela qual a resolução edípica de uma mulher-mãe se atualiza no laço conjugal e na experiência de maternidade, colocando em cena seu saldo subjetivo diante da função paterna. Sabemos também que está longe de ser indiferente, para o laço mãe-bebê, o lugar ocupado pelo pai do bebê. Tem efeitos contundentes o modo pelo qual o pai sustenta o laço com sua mulher e o restabelece a partir do nascimento do filho,¹⁰ assim como sua implicação direta nos cuidados dirigidos ao bebê. Afinal o exercício da função materna não prescinde da rede familiar e social para dar lugar ao recém-nascido.

No entanto, a função paterna inscrita na mãe, sua fantasia inconsciente e sua resposta sintomática diante da falta e da diferença sexual, tem um papel decisivo no modo como o bebê é recebido, alocado simbólica e imaginariamente. Consequentemente, o primeiro pai que conta decisivamente na vida de um bebê é aquele inscrito, pela função paterna, na mãe. Isto evidencia que a função paterna não se apoia em tradicionalismos sociais, operando em uma grande diversidade de configurações familiares, na medida em que a posição desejante da mãe já, de início, situa a relação mãe-bebê fora de uma mítica relação a dois.

Neste sentido, cabe considerar como a modificação da inserção social das mulheres vem produzindo uma diversificação em seus modos de acesso à realização fálica, fazendo da maternidade uma escolha possível entre tantas outras. Mas, a promessa "um dia poderás ter um bebê" ainda comparece para a menina diante da diferença anatômica entre os sexos e, posteriormente, pode ser retomada como um dos caminhos a percorrer – ainda que o gozo fálico possa articular-se em relação a diferentes objetos apontados como causa do

⁹ Alfredo Jerusalinsky. *Psicanálise do autismo*, p. 32.

¹⁰ Por exemplo, identificando-se ao bebê ou rivalizando com este, considerando sua mulher, a partir de então, apenas como mãe ou convocando-a novamente para o lugar de mulher.

desejo, encontrando na remuneração econômica ou realização profissional possíveis ideais de realização.

Se em torno do bebê mantém-se a fantasia de que este venha a arrolhar a falta da mãe,¹¹ de que seja resposta para uma falta, a clínica nos revela como a maternidade – ao deslizar entre os termos da equação simbólica pênis-falo-bebê –, longe de ser um ponto de chegada, de resolução para a questão do que é ser uma mulher, relança tal interrogação.

A partir de Freud são situados três caminhos possíveis para uma menina diante da angústia de castração:¹² um caminho seria o do abandono da atividade fálica, não só em sua vida sexual, mas também em outros campos, levando a um extremo empobrecimento psíquico e revulsão geral dos investimentos na sexualidade; o segundo seria o de aferrar-se à masculinização como portadora do falo; o terceiro seria o da feminilidade.

Longe de responder tal questão, a maternidade, ainda que possa propiciar uma articulação simbólica em torno de uma nova experiência, relança a interrogação do que é ser uma mulher. E, sobretudo, o que é possível fazer, na maternidade, a partir da questão incessante produzida por esse inominado?

Consideramos que maternidade e feminilidade não se situam necessariamente em posições opostas, como se a primeira correspondesse apenas a um gozo fálico e como se somente a segunda fosse tributária de um gozo Outro – como tantas vezes se esquematiza de modo reducionista após o ensino de Lacan.

Propomos que o gozo materno não estaria necessariamente resumido ao fálico. Movidos por esta questão despertada pela clínica, fomos em busca de substratos teóricos que permitissem avançar nesta proposição. Encontramos nada menos que a afirmação de Lacan de que é preciso interrogar se a mediação fálica esgotaria tudo o que é relativo à

¹¹ Ver, a este respeito, Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 49.

¹² Sigmund Freud (1931). *Sexualidade feminina*, p. 264.

maternidade ou se isso seria um ponto de desconhecimento e preconceito.¹³

A maternidade, ao mesmo tempo em que articula um ponto de chegada acerca do que é ser mulher, relança um ponto de partida e coloca em questão quais serão suas saídas. Se os caminhos possíveis para a menina eram três, quais serão as saídas da mãe? Consideramos que os caminhos possíveis para uma mãe no laço com o bebê retomam os três caminhos da menina, diante da castração, situados por Freud.

Cotidianamente testemunhamos na clínica desenlaces que oscilam da exaltação da realização fálica na maternidade à angústia pela sua insuficiência. Nesta oscilação retorna a equivalência pênis-falo-bebê. Seja pela via positiva (sim bebê fálico = sim pênis) ou negativa (não bebê fálico = não pênis), coloca-se em cena a realização ou insuficiência do falicismo materno.¹⁴

Mas pode ser elaborado aí outro caminho possível da maternidade, indo além do cenário fálico. Ele implica a incidência de um gozo Outro na maternidade e não só de modo oposto ou disjunto a ela. Este caminho já não consiste mais em uma busca pela complementaridade com o bebê, ele abre uma possibilidade de criação pela qual, diante da falta, é possível criar de modo suplementar. Este é um desenlace possível, do lado materno, ao situar a maternidade para além do gozo fálico.

Mas quais as consequências do gozo materno na constituição do bebê? De que modo ele está implicado na produção das suas inscrições psíquicas?

Que esta estrutura o anteceda não equivale a dizer que a estrutura psíquica do bebê já estaria decidida, pois será preciso uma diacronia, será preciso uma passagem de tempo, para que esta estrutura sincrônica produza efeitos de inscrição no bebê e para que, a partir de tais inscrições, ele possa começar a produzir as suas singulares respostas subjetivas. Este é o tempo que chamamos de infância, tempo que se caracteriza não só pela maturação

¹³ Jacques Lacan (1960a). Ideas directivas para un congreso sobre sexualidad femenina, p. 709.

¹⁴ Como será desenvolvido no capítulo "A maternidade além do gozo fálico", este é um desdobramento em relação à maternidade elaborado a partir das proposições de Gerard Pommier (1985). *A exceção feminina*.

– enquanto completamento das estruturas anátomo-fisiológicas – e pelo desenvolvimento – como crescente complexização das aquisições de psicomotricidade, linguagem ou construção do pensamento lógico-cognitivo –, mas, pelo fato de encontrarmos um sujeito psíquico em plena constituição,¹⁵ já que seu modo de gozo não se encontra fixado pelo exercício de um fantasma (fantasia inconsciente) já inscrito.

Isto implica considerar que, em termos psíquicos, uma criança não equivale a um adulto. O adulto, longe de ser considerado como um ser completo ou pleno de aptidões (como poderia situar-se desde uma concepção desenvolvimentista), é aqui entendido como aquele que já tem inscrito e fixado seu fantasma, padecendo dos efeitos do infantil – ou seja, das inscrições primordiais já efetuadas que implicam, em termos freudianos, fixações da história libidinal, atualizando-se, uma e outra vez, por meio do que é repetido mesmo sem poder ser recordado. Temos aí o funcionamento temporal instaurado no psiquismo que, por meio dos atos falhos, sintomas, sonhos, lapsos, faz comparecer as inscrições mais primordiais no mais atual.

O bebê e a criança, por sua vez, padecem de encontrar-se na infância, estando ainda em um tempo próprio do polimorfismo de suas vicissitudes pulsionais e, portanto, com uma estrutura ainda não decidida, sendo a infância um momento que se caracteriza pela extrema permeabilidade a inscrições significantes. Como aponta Freud, ainda que o aparelho psíquico se encontre, ao longo da vida, aberto a sucessivas inscrições e reinscrições, *temos bons motivos para acreditar que não há período em que a capacidade de receber e reproduzir impressões seja maior do que precisamente durante os anos da infância.*¹⁶

Conceber o tempo como uma importante variável a ser considerada no que diz respeito às inscrições psíquicas, não é a mesma coisa que achatar a diferença entre adulto e

¹⁵ Partilhamos aqui as concepções clínico-teóricas do Centro Lydia Coriat.

¹⁶ Sigmund Freud (1905a). Três ensaios sobre a sexualidade, p. 179.

criança a uma concepção desenvolvimentista. A constituição do sujeito exige a inscrição de diferentes momentos lógicos que não estão garantidos pela passagem do tempo, por uma simples cronologia. No entanto, continua sendo necessária uma diacronia para que se precipitem os efeitos de inscrição que constituirão o sujeito psíquico. É preciso o transcurso de um tempo para que as inscrições que nele se precipitaram possam ser por ele postas à prova por meio de uma experiência que o implique subjetivamente.

Isto coloca em pauta a questão de como se operam tais inscrições psíquicas primordiais no cerne da relação mãe-bebê: uma vez que o bebê não tem instintivamente um saber acerca do que lhe convém, torna-se decisivo para a constituição desse saber de que forma aquilo que ele padece em seu corpo poderá vir a ser representado. Para que esta passagem ocorra é absolutamente necessário que a mãe se veja afetada pelo que acomete o corpo do bebê. Ao exercer sua função, ela realiza a travessia, franqueia para e com o bebê, a passagem entre o gozo do vivo e a inserção na linguagem. Ela se ocupa, como nos diz Freud, de realizar *as ações específicas*¹⁷ que produzem satisfação do bebê, introduzindo para ele a dimensão do Eros, do erotismo.

Por meio desse fino trabalho de bordado da mãe entre corpo e linguagem, ao exercer seus cuidados, instaura-se sorrateiramente no bebê um gozo que, onde se pretende autoerótico, já leva a marca do Outro, já se inscreve como *Outro-erotismo*.¹⁸ O funcionamento das funções corporais do bebê, seu prazer e seu desprazer pulsional, o gozo desse corpo, passam a não ter mais como prescindir do Outro encarnado, *o organismo sofre os efeitos de sua desnaturalização desde que a ordem simbólica implantada pela mãe passe a regular sua economia*.¹⁹

Quando o estabelecimento desse laço ocorre, diante daquilo que o bebê padece em

¹⁷ Sigmund Freud (1895). Projeto para uma psicologia científica, p. 421-22.

¹⁸ Charles Melman (1985a). *Questions de clinique psychanalytique*.

¹⁹ Ângela Vorcaro. Prefácio sobre o tempo, estímulo e estrutura, p. 15.

seu corpo, produz-se uma identificação transativista, tal como situado por Bergès e Balbo,²⁰ pela qual a mãe implica sua economia de gozo naquilo que é padecido pelo bebê, afetando-se em seu corpo pelo que afeta o corpo do bebê e evocando a sua representação desse afeto. Na medida em que o bebê, a partir da identificação transativista, fizer sua essa representação "emprestada" pela mãe, aquilo que o afetou ganhará o valor de uma experiência representada – opera-se assim uma inscrição que estabelece a borda e, ao mesmo tempo, a passagem entre o gozo e o saber.

Encontramos aqui a radicalidade com que a não correspondência entre corpo e sujeito comparece na primeira infância. É preciso que o funcionamento corporal do bebê afete a economia de gozo materno para que, a partir de tal percurso pulsional no laço com a mãe, o bebê possa ter acesso a uma representação do que o acomete em seu organismo e, ao deter tal saber, possa constituir esse corpo como o seu.

Ao mesmo tempo, por meio da identificação transativista com o bebê a mãe tem acesso a um gozo. Portanto, ela não exerce sua função de modo abnegado e tampouco masoquista,²¹ como apontam as formulações que apóiam a maternidade no princípio da *mater dolorosa*.²²

Se feminino-passivo-masoquista é uma tríade que, como aponta Freud, frequentemente comparece atrelada na clínica, não consideramos que, em si, o gozo masoquista seja intrínseco à feminilidade e tampouco à maternidade.

Propomos que, ao propiciar ao seu bebê uma satisfação que busca poupar-lhe o esforço, a mãe se identifica ao seu gozo da passividade. Assim, ela goza do gozo do seu bebê, furtivamente tem acesso aí a um gozo Outro e, ao mesmo tempo, com isso, ela

²⁰ Como apontam Jean Bergès e Gabriel Balbo (1998). *Jogos de posições da mãe e da criança*.

²¹ Como será desenvolvido ao longo do trabalho, apesar de considerarmos centrais as proposições de Bergès e Balbo acerca do transativismo, discordamos que o mesmo se opere através de um gozo masoquista. Acerca do gozo masoquista implicado na identificação transativista ver: Jean Bergès e Gabriel Balbo (1998). *Jogos de posições da mãe e da criança*.

²² Helene Deutsch (1929). *O masoquismo "feminino" e sua relação com a frigidez*, p. 12.

sorratoriamente franqueia para o bebê a passagem do gozo do vivo à linguagem. Ao operar *como órgão extra-corpóreo da criança, ela reconhece as urgências vitais e simula a equivalência destas à decisão que toma quanto à significação que teriam.*²³

Consideramos que um gozo próprio do feminino, um gozo correlacionado com a passividade, é fundamental para a identificação transativista da mãe com o bebê e para o modo como tal identificação incide nas primeiras inscrições constituintes do psiquismo do bebê. Isto não ocorre só diante da dor em que a mãe diz "ai!" diante do que acomete o corpo do bebê, mas também com o prazer – por exemplo, quando a mãe diz "hum!" com "água na boca" diante da comidinha que oferece ao seu bebê. Ali ela, além da comida, oferece, por meio da identificação transativista, o acesso a um gozo. O bebê pode, então, tornar esse apetite o seu. E do que goza a mãe? De identificar-se ao gozo da passividade que supõe no bebê.

Ao se identificar com o gozo da passividade ela tem acesso a um gozo duplicado, por vezes tanto maior do que teria se efetivamente ela comesse. Nessa economia de gozo a mãe tem acesso a um mais-de-gozar, ou seja, extrai um lucro de gozo. Como tantas vezes dizem as mães: "sofrem duas vezes mais" ou "desfrutam duas vezes mais" quando é com o bebê, o que já demonstra que não fazem tal exercício de modo abnegado, mas extraindo disso um gozo. Vemos, portanto, como é necessário que o padecido no organismo do bebê se constitua como gozo da mãe para que esta possa transmitir-lhe o saber por meio do qual o bebê fará sua representação daquilo que o acomete.

É aí que o conceito de letra, proposto por Lacan para denominar as inscrições psíquicas, adquire relevo para a clínica do laço mãe-bebê. O conceito de letra apresenta-se como uma moeda de duas caras, tendo uma voltada para a articulação de um saber e outra para o gozo, uma para a linguagem e outra para os percursos pulsionais, apresentando, de

²³ Ângela Vorcaro. Prefácio sobre o tempo, estímulo e estrutura, p. 13.

modo indissociável, duas substâncias de diferentes ordens. Assim, as inscrições psíquicas – consideradas aqui a partir do conceito de letra – são produzidas no litoral entre gozo e saber sustentado inicialmente pela mãe no laço com o bebê. Daí a questão que propomos trabalhar acerca da letra e do gozo na primeira infância.

Neste percurso partimos do capítulo "Leitura de bebês", no qual apontamos como a letra, enquanto inscrição psíquica, comparece em uma clínica na qual a produção do paciente não se dá a escutar pela associação livre, mas pelo *dado a ver* no corpo do bebê. O olhar do clínico está aí implicado, não em uma observação, mas em uma operação de leitura. Cabe ao clínico, em sua intervenção, alçar esse real à condição de um enigma cifrado da relação do bebê com o Outro, dando lugar a uma operação de leitura clínica. Tal operação de leitura, ao decifrar, não busca um fechamento compreensivo, mas, ao contrário, permitir operar com a cifra em transferência, possibilitando ao bebê uma transformação em relação ao *pathos* que o atinge. Assim, ao ler, algo se reinscreve e o sujeito pode aí *trans-formar-se*, retomando de outro modo, recriando, o que nele é primordial. A intervenção clínica ocorre pela leitura. Ao ler, o clínico opera na borda entre o gozo e a produção de um saber em relação ao qual o sujeito pode vir a se produzir.

No segundo capítulo, "O bebê e a letra", percorremos algumas das metáforas escriturais do aparelho psíquico propostas por Freud, chegando ao conceito de letra como litoral entre gozo e saber – proposto por Lacan para situar as inscrições psíquicas. Consideramos quais as consequências de tais elaborações para uma clínica que intervém nos primórdios do psiquismo: dado que ao nascer não há um aparelho psíquico constituído, é a mãe quem provisoriamente sustenta, a partir do crivo de seus próprios traços inconscientes, a possibilidade de que o que acomete o organismo do bebê ganhe o estatuto de uma representação. Seu próprio aparelho psíquico funciona aí de modo protético, estabelecendo um funcionamento corporal subjetivado no organismo do bebê, instaurando

as inscrições fundadoras desse psiquismo. Tal transmissão da letra não ocorre pela via positivada de um código, mas por uma série de efeitos enigmáticos no laço mãe-bebê que implicam as duas caras da letra: uma que se volta ao gozo e outra à articulação significativa.

No terceiro capítulo, "Prosódia e enunciação na clínica com bebês", apontamos como, na intervenção clínica, aquilo que se dá a ouvir não tem o seu sentido estabelecido apenas pelo que é dito. A diferença entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação estabelece a radical importância não só do que a mãe diz, mas da forma pela qual se dirige ao bebê, operando em sua economia de gozo e fazendo borda às suas funções corporais. Voz e significativa, objeto pulsional e linguagem, essas substâncias de diferente ordem comparecem no ato da enunciação – na medida em que a mãe, ao falar com o bebê, ao endereçar-lhe palavras, olha-o, modula sua voz, produz uma *alíngua*²⁴ que subverte o código da língua e a implica subjetivamente na relação com o bebê. O bebê, por sua vez, se vê afetado pelo comparecimento do gozo materno no ato da enunciação – o que é central para a transmissão da letra, para o modo em que esta se engancha ao corpo parasitando-o com a linguagem.

O quarto e quinto capítulo, "A maternidade e o gozo fálico" e "A maternidade além do gozo fálico", abordam os diferentes modos de gozo e seus desdobramentos diante das distintas funções psíquicas e sociais das mulheres, a fim de poder a articular como o gozo materno está implicado na constituição psíquica do bebê. Trabalha-se com a tríade passividade-masquismo-feminilidade, estabelecida por Freud, em relação à maternidade, considerando que a maternidade não necessariamente implica um gozo masoquista, tampouco somente fálico. Ela implica um gozo com a passividade, pelo qual a mãe identifica-se transitivamente ao gozo do bebê e pelo qual pode vir a dar lugar no laço com

²⁴ Termo forjado por Lacan nos seminários 19 e 20 para apontar a diferença em relação ao lugar que a linguagem tem no estruturalismo e na psicanálise, sendo que ao psicanalista importa o ponto em que a língua se encontra com o gozo. Questão retomada no capítulo "Prosódia e enunciação na clínica com bebês".

este a atos de criação. Para tanto inicialmente aborda-se o conceito de gozo e a suas diferentes modalidades.

Por fim, no capítulo "Jogos constituintes do sujeito", o brincar é situado como fundamental para os primórdios da constituição psíquica. Se o *Fort-Da* é um marco em que a criança produz, por sua conta, o germe inicial do brincar simbólico, os *jogos constituintes do sujeito* são precursores do *Fort-Da* e só podem ser produzidos se sustentados no laço mãe-bebê. Eles implicam *a criação da criança*: frase que, por comportar o equívoco entre criador e criatura, nos permite apresentar a dimensão transitivista em que se jogam tais jogos constituintes, nos quais tanto a mãe quanto a criança transitam incessantemente pela posição de objeto e sujeito, entre gozo e saber. Dado que é sobre tal princípio que se alicerça esta tese, tal frase lhe dá o título.

Esses jogos são produzidos no laço mãe-bebê e é por meio deles que, desde os primórdios, vai se inscrevendo o litoral entre gozo e saber para o bebê. Portanto, são sintoma estruturante do sujeito na infância, propiciando a passagem pela qual o infante, de ser criado (de ser objeto de um gozo), pode tornar-se autor de uma criação (sujeito de um saber). Se na clínica com adultos comparecem as *formações do inconsciente*, na clínica com bebês, por meio dos jogos constituintes do sujeito – e na clínica com crianças, por meio do brincar –, comparece o próprio *inconsciente em formação*. O brincar pode vir a produzir respostas da criança que não se situem em uma via complementar do gozo do Outro, mas que abram caminho a criações suplementares.

Convidamos o leitor a percorrer estas linhas como uma trilha ao longo da qual a práxis clínica com bebês e crianças interroga a teoria psicanalítica quanto aos primórdios das inscrições psíquicas. A articulação teórica resultante surge da busca de formalizar, de transpor o vivido para o elaborado. Procuramos assim poder partilhar, tornar transmissível esta práxis, prestando e dando conta das consequências clínicas de seus fundamentos.

I. LEITURA DE BEBÊS

A intervenção clínica com o *dado a ver*

Quando um bebê apresenta um sintoma que coloca em risco a sua constituição psíquica, o sofrimento comparece em sua organização corporal e na realização de suas produções. Trata-se, então, de um sintoma *dado a ver*.

O sintoma é *dado a ver*²⁵ não no sentido do que se quer mostrar, mas do que coloca em cena a organização das funções corporais – por meio do movimento, do tônus, da postura, da gestualidade, do olhar, da atividade rítmica-temporal presente nas ações realizadas ou fracassadas – fazendo comparecer, manifestando, para além das intenções do paciente, o percurso de seus circuitos pulsionais.

Na clínica com bebês não só o sintoma comparece pela via do *dado a ver*, mas em um momento da vida na qual o paciente, por sua condição de *infans*, não tem como, diante disso, tomar a palavra. Tal especificidade, apresentada pela clínica com bebês e crianças que não falam, exige ser levada em conta no modo de operarmos clinicamente com o sujeito nos primórdios da constituição psíquica. Ela obriga a uma reflexão acerca da extensão do método psicanalítico, na medida em que sua intervenção standard implica a escuta da associação livre do paciente, convocada e posta em causa a partir do sintoma que lhe produz sofrimento.

A inauguração da psicanálise consiste justamente em uma mudança de eixo na intervenção terapêutica: passando da ordem *do ver*, do assistir o espetáculo das apresentações de histéricas, consagrado por Charcot, à de *escutar* a fala dessas pacientes,

²⁵ O termo *dar a ver* é inicialmente proposto pelo poeta Paul Eluard, contemporâneo dos pintores surrealistas. É utilizado por Lacan em algumas passagens de seus seminários, em que considera o olhar e a pulsão escópica, sendo também retomado por Jean Bergès para situar os sintomas psicomotores. Jacques Lacan (1964). *El seminario. Libro 11. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, p. 83; Jean Bergès (1988a). *O corpo e o olhar do Outro*, p. 51-65.

por considerar que tal fala está absolutamente atrelada ao padecimento que as acomete no corpo. Freud nos mostra como, a partir da fala do paciente convocada por meio da associação livre e das intervenções do analista em transferência, podem ser restabelecidos os nexos simbólicos da produção do sintoma, produzindo deslizamentos de sua significação que levam a mudanças ou remissões desses sintomas.

O sintoma é suposto pelo analista como um enigma em relação ao qual o paciente deteria inconscientemente um saber, mas é preciso que ele tome a palavra diante desse enigma para poder vir a situar-se como sujeito desse saber. Ao mesmo tempo, dado que tal enigma toma a carne do paciente, faz-se decisivo que a fala dele seja endereçada ao analista. Portanto, a intervenção não é relativa a uma lógica simbólica desencarnada cuja chave caberia ao analista decifrar. Na cena clínica comparece a voz, o olhar, e esse endereçamento na transferência é central para modificar as vicissitudes pulsionais implicadas no sintoma. Corpo e linguagem estão atrelados na produção do sintoma, bem como na intervenção psicanalítica ao convocar a fala do paciente.

Sabemos, no entanto, que a criança não circula na linguagem do mesmo modo que um adulto. Freud apresenta tal evidência clínica afirmando que, para criança, *o método da associação livre resulta insuficiente*²⁶ (...) *não tem muita razão de ser*.²⁷ Isto deu origem à questão acerca dos princípios e métodos na psicanálise com crianças, entre as quais a central proposição de Melanie Klein de que o brincar está para a psicanálise de crianças assim como a associação livre está para a psicanálise de adultos.²⁸ Mas quando intervimos na primeira infância tais questões apresentam-se de modo ainda mais radical: afinal, como comparece o sujeito em um tempo no qual ainda não há fala e ainda não há sequer a possibilidade do desdobramento do brincar como produção simbólica?

²⁶ Sigmund Freud (1932). *Obras Completas*, traduzidas diretamente do alemão por Luis López Ballesteros, Biblioteca Nueva, edição eletrônica.

²⁷ Sigmund Freud (1932). Conferência 34: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, p. 181.

²⁸ Melanie Klein (1926). *Fundamentos psicológicos del análisis del niño*, p. 27-28.

Justamente na primeira infância o sujeito comparece, se dá a ver, pela produção e organização corporal. Seus circuitos pulsionais põem em cena, como uma incipiente resposta, seu singular modo de engajamento ao Outro. Mas que o sintoma na primeira infância compareça pela via do *dado a ver* nos reconduziria necessariamente ao campo da *observação* na clínica com bebês?

I.1. O pedido de Freud: da escuta do infantil ao olhar que se volta para a infância

Uma breve incursão histórica mostra-nos que as primeiras aproximações da psicanálise à primeira infância partem da proposição de produzir uma observação de bebês e crianças. É Freud mesmo quem primeiramente encoraja e solicita a alunos e amigos que façam e lhe enviem observações acerca da vida das crianças. É assim, inclusive, que o pequeno Hans, caso fundador da psicanálise de crianças, chega até ele: inicialmente, por meio dos relatos feitos por seu pai. Freud afirma:

Seguramente deve existir a possibilidade de observar em crianças, em primeira mão e em todo o frescor da vida, os impulsos e desejos sexuais que tão laboriosamente desenterramos nos adultos dentre seus próprios escombros – especialmente se também é crença nossa que eles constituem a propriedade comum de todos os homens, uma parte da constituição humana, apenas exagerada ou distorcida no caso dos neuróticos. Tendo em vista essa finalidade, venho por muitos anos encorajando meus alunos e meus amigos a reunir observações da vida sexual das crianças – cuja existência, via de regra, tem sido argutamente desprezada ou deliberadamente negada.²⁹

Surge, no meio psicanalítico, o intuito de procurar corroborar, com tais observações, as elaborações teóricas sobre a constituição psíquica até então estabelecidas a partir das recordações de pacientes adultos.

²⁹ Sigmund Freud (1909b). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos, p. 16.

Naquele momento, a aproximação da psicanálise com infância era ainda muito mais mítica do que factual, ou seja, ocorria muito mais pelo relato das lembranças infantis dos adultos em análise do que pelo tratamento efetivo de crianças. Assim sendo, é completamente lícita uma interrogação que vai se produzindo no cerne da psicanálise acerca do comparecimento do infantil que se revela no adulto, por meio das formações do inconsciente, e a similitude e diferença apresentadas por esse material com a criança que ainda está na infância propriamente dita.³⁰

Freud atribuiu importância ao ato de *observar* as produções daqueles que ainda não falam, apostando que assim seria possível corrigir uma série de pressupostos errôneos sobre a infância, tal como o de desconsiderar a importância ou até mesmo de afirmar a inexistência de sexualidade nos bebês e crianças. Mas, se por um lado faz tal aposta, por outro ele se mostra bastante reticente no sentido de considerar que a observação de crianças por si só poderia levar a algum esclarecimento da vida psíquica na infância. Em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" diz isso com todas as letras ao afirmar que, *se os homens soubessem aprender com a observação direta de crianças, estes três ensaios poderiam não ter sido escritos*. Aponta então a necessidade de *conjugarmos tais observações ao método psicanalítico*.³¹

Mas, a partir do momento em que esse "voltar-se à infância" assume um viés terapêutico, surgem as questões que o tratamento da criança, enquanto sujeito em constituição, passa a despertar ao método psicanalítico. Pois, tomar a infância enquanto material de observação e validação da teoria psicanalítica estabelecida a partir dos achados do infantil no adulto não é equivalente a levar a cabo uma intervenção psicanalítica com a criança propriamente dita. Tal é a encruzilhada clínico-teórica dos pioneiros da psicanálise com crianças.

³⁰ Trabalhamos esta questão da diferença entre a infância e o infantil no texto *Enquanto o futuro não vem – a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*.

³¹ Sigmund Freud (1905a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, p. 133.

Nessa direção, como aponta Anna Freud, as deduções provenientes da observação do comportamento de crianças, se aplicadas diretamente à clínica, podem conduzir a intervenções de psicanálise selvagem,³² resultando *inúteis desde o ponto de vista terapêutico*³³ para a intervenção na infância.

É preciso considerar o quanto, ao longo desses primeiros anos de prática clínica – e talvez até mesmo na atualidade –, as questões levantadas pela clínica com crianças parecem ter sido confinadas a uma espécie de debate à parte, como se elas não dissessem respeito, de modo amplo, a encruzilhadas da psicanálise. Ainda hoje, o desconhecimento de grande parte dos analistas acerca dos modos em que o sujeito comparece na infância ora recai em um superficial princípio de similitude entre a clínica com crianças e com adultos – como se a estrutura psíquica estivesse desde sempre dada, inscrita –, ora achata qualquer diferença apontada a esse respeito sobre um pressuposto desenvolvimentista. Tanto por uma via quanto por outra incorre-se no engano de considerar que a estrutura psíquica pairaria acima de uma diacronia, de uma passagem do tempo, necessária para que os passos lógicos de sua constituição viessem a produzir seus efeitos de inscrição.³⁴ Que o sujeito na infância, por estar em constituição, apresente especificidades, não implica que as questões produzidas pelo reconhecimento, formalização e fundamentação dessas diferenças não digam respeito à psicanálise de modo amplo.

As primeiras gerações de analistas precisaram dedicar importantes esforços para produzir dispositivos pelos quais a criança pudesse vir a colocar questões à psicanálise. Tanto no sentido de trazer à psicanálise importantes dados acerca do funcionamento psíquico próprio da primeira infância,³⁵ quanto no sentido de produzir discussões sobre os

³² Anna Freud (1965). *Normalidad y patologia en la niñez*, p. 20.

³³ Idem, p. 24.

³⁴ Julieta Jerusalinsky. *Enquanto o futuro não vem – a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*, p. 258-296.

³⁵ Tais como a relação com os ideais encarnados ainda nos pais ou a manifestação mais direta dos desejos em sonhos ou falas, demonstrando um não funcionamento do recalque. Ver, a este respeito, Sigmund Freud

problemas de método da psicanálise standard e suas necessárias modificações ao tratar de crianças em sofrimento.

No entanto, a proposta inicialmente feita por Freud fica longe de ser resolvida: afinal, em que consistiria esta chamada *conjugação da observação ao método psicanalítico*?³⁶

O modo como o *dado a ver* é situado na intervenção com bebês tem diferentes consequências clínicas e epistemológicas. Supor que ele exigiria um procedimento de *observação* guiado por princípios e métodos próprios (posteriormente conjugado com uma teoria psicanalítica propriamente dita), não é o mesmo que considerar o *dado a ver* como modo de comparecimento próprio do sujeito na primeira infância e que, portanto, exige uma operação de *leitura* na clínica com bebês – tal como propomos considerar.

I.2. Os bebês, a psicanálise e a observação

Entre os dispositivos criados pela psicanálise que se volta à infância, encontramos o *método de observação de bebês* criado por Esther Bick. Inicialmente ele é proposto, não como uma intervenção clínica, mas como uma atividade integrante da formação dos analistas, segundo a afirmação dessa autora: com o objetivo de procurar *compreender o comportamento não verbal da criança e suas brincadeiras, assim como o comportamento da criança que não fala nem brinca*.³⁷ Segundo seus praticantes argumentam, o mesmo teria a finalidade de

(1932). Conferência 34: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, p. 181; Melanie Klein (1926). Fundamentos psicológicos del análisis del niño, p. 35: *procurei demonstrar (...) quais são aqueles mecanismos psicológicos que operam na criança pequena, diferentes dos que analisamos nos adultos e, por outra parte, o paralelo que existe entre os dois.*

³⁶ Tal como referido na nota 29 acima: Sigmund Freud (1905a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, p. 133.

³⁷ Idem, p. 97.

*(...) permitir exercitar atitudes desejáveis para o trabalho analítico, a saber: estar com o outro, escutá-lo, conter suas próprias emoções sem atuá-las, observar e observar-se (...) abstendo-se de críticas, julgamentos e conclusões apressadas (...), com a vantagem de estar livre da função terapêutica.*³⁸

Este método, que *propõe "ver" de perto a experiência infantil*,³⁹ consiste em *acompanhar as sequências de condutas interacionais observadas entre a mãe e a criança*.⁴⁰ O observador realiza visitas semanais à casa do bebê *anotando com o maior número de detalhes que for possível o que observar (...), procurando compreender os aspectos inconscientes do comportamento e os padrões de comunicação, bem como os sentimentos despertados durante a observação nele próprio*. Esse registro escrito, feito após a observação, é posteriormente levado à supervisão em grupo e correlacionado com *inferências teóricas*.⁴¹

A observação de bebês ganhou relevância e influenciou a formação de gerações de analistas.⁴² Até mesmo o "Estágio do espelho", de Jacques Lacan, em sua primeira versão, parte desse tipo de observação, referindo os estudos de Charlotte Bühler e Elsa Kohler.⁴³

Mas, não por acaso, tal método surge em um contexto no qual está em jogo o debate da psicanálise como ciência alinhada ou não alinhada aos princípios positivistas e, portanto, colocam-se as questões acerca da neutralidade do cientista-analista e do estabelecimento de binômios causa-efeito em relação aos fenômenos psíquicos. Diante de tal debate, o método de Esther Bick, *(...) ao dar ênfase à observação e à descrição*

³⁸ Marisa Pelella Mélega. A contribuição de Esther Bick à clínica psicanalítica, p. 70.

³⁹ Idem, ibidem.

⁴⁰ Idem, p.71.

⁴¹ Eneida Kompinsky. Observação de bebês: método e sentimentos do observador, p. 13.

⁴² Tal proposição, realizada em 1948 por Esther Bick (psicanalista discípula de Melanie Klein), inicialmente, fez parte do curso de formação para psicoterapeutas da Clínica Tavistok e, em 1960, foi incorporada ao plano de estudos da Sociedade Britânica de Psicanálise, assim como ao de várias outras sociedades vinculadas à IPA. Posteriormente foram surgindo aplicações clínicas de tal método, baseadas no princípio de que o observador produza um *setting* favorecedor da interação mãe-bebê. Esther Bick (1964). Notas sobre la observación de lactantes en la enseñanza del psicoanálisis, *Revista Psicoanálisis*, p. 97-115.

⁴³ Inclusive, isto deu a Lacan certo prestígio dentro da IPA, sendo posterior seu rompimento com essa instituição, assim como a reformulação de tal texto de modo a situar nele o papel central da linguagem e do grande Outro na constituição do eu. Jacques Lacan (1948). La agresividad en psicoanálisis; (1949). El estadio del espejo como formador de la función del yo tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica.

*cuidadosa dos fenômenos relacionais e ao incluir o observador no campo emocional em estudo, teria, segundo os seus praticantes, produzido um deslocamento da psicanálise do lugar de ciência explicativa (de causa-efeito) ao lugar de ciência descritiva, de observação de fenômenos que vão emergindo.*⁴⁴

Assim, o método da observação de bebês propõe estabelecer a "cientificidade da psicanálise" por uma via descritiva dos fenômenos observados, indo ao encontro, a passos largos, do princípio positivista que vigora na ciência moderna. Não é à toa que seus praticantes apontam, como uma suposta vantagem da utilização desta linguagem descritiva do funcionamento mental, que ela *favoreça a comunicação* com outras disciplinas das ciências humanas por compartilhar de uma metodologia compatível.⁴⁵ Mas não seria sob o custo de renunciar ao que há de mais revolucionário no método psicanalítico?

Os caminhos aqui se bifurcam e não é indiferente, nem clínica nem epistemologicamente, percorrer um ou outro: em um dos caminhos, o método de observação de bebês, apoiado em um modelo empírico-positivista de ciência, realiza uma descrição tão detalhada e minuciosa do fenômeno quanto possível, apostando em que tal descrição permita a mais estreita aproximação ao real do acontecimento. Por isso, é sobre esse registro que posteriormente o observador aplica e desenvolve um saber, como elucubração teórica; por outro, com fez Freud, – *rompendo radicalmente com a tradicional posição do investigador em relação ao saber* – temos o caminho inaugurado pelo método psicanalítico ao considerar que o saber inconsciente não estaria determinado *a priori*, mas constituído em transferência. Como aponta Costa, a particularidade da clínica psicanalítica em relação ao saber *é colocar em causa uma hiância – esse saber inconsciente – que não estava antecipada no discurso.*⁴⁶

⁴⁴ Marisa Pelella Mélega. A contribuição de Esther Bick à clínica psicanalítica, p. 71.

⁴⁵ Idem, ibidem.

⁴⁶ Ana Maria Medeiros da Costa. Produções em psicanálise e seus impasses, p. 144.

Portanto, o saber que interessa para a clínica psicanalítica não é o construído, na observação, "sobre" o paciente, mas aquele que pode se produzir em transferência, permitindo ao paciente implicar-se, como sujeito, diante de uma formação do inconsciente que, de início, lhe produzia estranhamento.

Grosso modo, a observação não teria por que ser antinômica de uma operação de leitura na clínica. Poderia ser objetado que o registro dos acontecimentos sempre comporta em si uma dada concepção na aproximação do fenômeno e, portanto, uma leitura. Mas essa questão se vê francamente ameaçada quando tal prática se fundamenta em um positivismo empirista um tanto ingênuo, ao atribuir à descrição do fenômeno uma suposta equivalência à apreensão do real, como tantas vezes se supõe na observação.

De modo estrito, quando falamos de leitura, referimo-nos a uma operação clínica pela qual seja possível, a partir da transferência, situar de que modo um bebê se implica subjetivamente em relação à letra que nele precipitou seus efeitos de inscrição a partir do laço com o Outro. Mas, principalmente, visamos, por meio de tal leitura, que a letra possa ser posta a operar de modo constituinte para o bebê. Se ambos implicam o olhar, os caminhos da observação e da leitura dividem-se irremediavelmente quando o saber que se pretende construir pela observação já não interessa enquanto produção clínica que possibilite a um paciente a passagem do *dado a ver* para a produção do sujeito.

A metodologia da *observação* poderia levar a supor que, se nas origens do sujeito encontramos o *infans* – aquele que não fala –, necessariamente sua pesquisa e clínica implicariam produzir um deslocamento na direção oposta à proposta nas origens da psicanálise: dessa vez, em lugar de convocar a fala do paciente, retornar-se-ia novamente para o âmbito de sua observação.

A esse respeito cabe considerar como, atualmente, as sessões filmadas e suas sucessivas revisões poderiam produzir uma prática que giraria em torno de uma espécie de

olhar a posteriori.⁴⁷ Nesse sentido, Bergés e Balbo levantam o risco de que *o fator escópico venha a saturar a pesquisa, conferindo ao imaginário um tal estatuto em que se acaba por atribuir-lhe o lugar do real e, muitas vezes, por fazer economia do simbólico*.⁴⁸

Filmar sessões não é bom ou ruim em si mesmo, pode inclusive ser valioso complemento em termos de estudo e de registro de evolução clínica, uma vez que as manifestações do bebê, em sua produção corporal, costumam ser bastante sutis e exigem do clínico uma importante e difícil diferenciação clínica disto que é *dado a ver* no corpo do bebê.⁴⁹ Mas, clinicamente, de nada nos servem pilhas de filmes se isso que é *dado a ver* e capturado na película não opera no enlace entre o corpo do bebê e a rede significativa parental que sustenta sua existência.⁵⁰ Tal leitura só pode se produzir em transferência com os pais e com o bebê, caso contrário, é clinicamente inoperante.

Consideramos que o *dado a ver* e o dado a ouvir, ou seja, o gesto ou a entoação da voz, só cobram alguma significação possível, só podem ser lidos na cena clínica se consideradas na rede de saber própria do humano: a linguagem; além dela, na articulação que a língua produz ao tecer linguagem e cultura; além disso, no recorte produzido na língua pela transmissão do discurso parental; e, ainda, nos particularismos que o agente da função materna introduz no laço com o bebê ao produzir uma *alíngua*.⁵¹ É a esta rede que a produção do bebê se engaja e, portanto, somente a partir dela pode adquirir seu valor.

A mãe é quem inicialmente produz uma tradução de ação por linguagem e de

⁴⁷ Jean Bergès e Gabriel Balbo (1996). *A criança e a psicanálise*, p. 25.

⁴⁸ Idem ibidem.

⁴⁹ A sutileza de tal diferenciação aponta para a necessidade de a clínica com bebês ser exercida em um marco de equipe interdisciplinar. Somente deste modo o *dado a ver* no corpo pode ser considerado tanto no sentido de signos relativos à legalidade neuroanatômica (seja ela maturacional ou manifestação de uma patologia orgânica que impõe um limite real à produção do bebê), quanto no sentido de uma leitura da incidência fantasmática parental sobre o funcionamento corporal do bebê. A este respeito ver: Julieta Jerusalinsky. Clínica interdisciplinar com bebês: qual a importância clínica de considerar a especificidade desse campo, p. 30-50.

⁵⁰ Poderíamos aqui inclusive recordar a grafia *ex-sistir*, utilizada por Lacan em seus seminários para apontar como o sujeito está descentrado, desconstruído, pelo comparecimento do seu gozo, de seu pensamento racional, colocando em discussão o cogito cartesiano.

⁵¹ Ver, a este respeito, o capítulo "Prosódia e enunciação na clínica com bebês".

linguagem por ação⁵² da produção desse bebê. Tal tradução opera sobre o fundo de um enigma intraduzível que diz respeito ao desejo que perpassa o laço dos pais com o bebê.

O clínico situa o *dado a ver* do sintoma como um enigma que cifra no corpo do bebê os efeitos de inscrição do Outro. Ao apostar nos efeitos desse saber inconsciente, possibilita que o bebê possa advir como sujeito na cena e produzir, com e a partir de tais inscrições, sua singular resposta.

Os bebês estão aí para recordar aos psicanalistas que a dimensão significativa não se reduz apenas à palavra falada – como certas vertentes da clínica psicanalítica parecem sublinhar, diminuindo a importância do visto no gesto, na postura e no tônus corporal ou do ouvido na entoação, esquecendo que as mesmas são também produções pelas quais as formações do inconsciente comparecem no ato da enunciação.

É por isso que a interpretação nada opera se reduzida a jogos de palavras que não perpassam a organização pulsional do paciente. As intervenções clínicas efetivas, mesmo ao partir da palavra, afetam o corpo – como golpe, sensação de queda, palpitação, perda de fôlego, entre tantas outras sensações descritas por pacientes adultos que nos demonstram o quanto a economia de gozo se viu ali implicada. É também por isso que o *dado a ver* no corpo não tem como estar em uma espécie de dimensão pré-linguística – afinal, de onde os pais interpretam a produção do bebê, senão desde a rede simbólica, desde o saber que se faz possível pela linguagem? E desde onde, senão a partir das inscrições produzidas nos cuidados primordiais, é que se estabelece um estilo no funcionamento das funções corporais do bebê?

A clínica com bebês opera justamente na articulação do corpo à linguagem, do gozo ao saber. A letra, enquanto inscrição psíquica, que se precipita no sintoma implica, por um lado, o sentido a que se tem acesso pelo jogo significativo e, por outro, o sem-sentido do

⁵² Alfredo Jerusalinsky. *Psicanálise do autismo*, p. 39.

gozo, e é nessa borda entre gozo e saber que interessa para a intervenção do clínico. Daí a importância de não dissociar o *dado a ver* no corpo do bebê do discurso parental. Ora por não tomar a produção corporal em sua dimensão significativa, reduzindo suas manifestações a puros signos patológicos dos sistemas nosográficos; ora por produzir uma equivocada superposição, em que a condição de enigmática do *dado a ver* no corpo do bebê é varrida de cena, ao aplicar-se rapidamente sobre ela uma explicação que fixa e achata compreensivamente seu sentido ao do discurso parental – zona em que muitos psicanalistas parecem mover-se com mais conforto, à revelia do que é próprio do comparecimento do sujeito na primeira infância. Tanto por um caminho quanto por outro se impossibilita que o *dado a ver* no corpo do bebê, ao ser tomado como a manifestação enigmática de um sujeito em constituição, possa advir como a produção de um saber que o constitua subjetivamente.

I.3. Da observação proposta por Freud ao *tempo de ver*

Poderíamos considerar que, com essa chamada "observação", Freud tenha procurado localizar no campo da intervenção com bebês e crianças um correlato da "atenção flutuante" própria da escuta de adultos, aqui colocada em relação ao *dado a ver*. Teríamos assim, na clínica com bebês, a importância de uma observação não no sentido empírico-positivista, mas como o estabelecimento de um *tempo de ver*⁵³ diante da manifestação corporal do bebê. Ali o clínico, de modo semelhante ao da escuta analítica, ao não se fixar

⁵³ Jacques Lacan (1945). El tiempo lógico y el aserto de certidumbre anticipada, p. 187-203. Neste texto Lacan propõe, a partir de um sofisma no qual está em jogo o que se vê e o que não se vê, o estabelecimento de três tempos lógicos: *tempo de ver*, *tempo de compreender* e *tempo de concluir*. No *tempo de ver* está em jogo a provisória suspensão da significação que também opera quando se escuta um paciente.

em nada em particular, ao manter uma *atenção uniformemente flutuante*⁵⁴ e não intervencionista, produz uma abertura que dá lugar ao comparecimento do enigma⁵⁵, tempo no qual a significação em jogo, do tempo de compreender e do tempo de concluir, ainda não está decidida, ainda não precipitou.

Sem irmos muito mais longe, consideramos que é algo desta ordem que Freud faz em relação ao menino de um ano e meio, seu neto, que brinca com o carretel. É por tomar tal produção como um enigma produzido em rede com o discurso parental e com o modo pelo qual o mesmo se coloca em ato nos cuidados dirigidos ao bebê que Freud *lê* o jogo do *Fort-Da* como uma produção constituinte para esse menino e para o sujeito na infância. Foi preciso certo tempo, sublinha Freud, para que pudesse chegar a *descobrir o significado da enigmática atividade que ele constantemente repetia*⁵⁶ – *tempo de ver*, tempo de atenção flutuante, em que o sentido do *dado a ver* ainda permanece em suspenso, pois não é um puro comportamento observável, é o enigma de um sujeito.

Por sua vez, Winnicott, no texto "A observação de crianças diante de uma situação fixa", fala-nos de como, por mais de vinte anos, ele observou os diferentes modos de bebês (de cinco a treze meses de idade) se portarem diante de uma situação por ele proposta durante a consulta pediátrica de rotina: a de deixar à mesa uma espátula ao alcance da mão do bebê enquanto este permanece, junto à mesa, no colo, sobre os joelhos da mãe.⁵⁷ Dentro desse marco, relata a sucessão de três momentos esperados quando as coisas vão bem com

⁵⁴ Sigmund Freud (1912c). *Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico*, p. 107-119.

⁵⁵ Neste sentido é interessante considerar que uma das primeiras referências à atenção flutuante é feita por Freud em relação ao caso do pequeno Hans, utilizando-se dos seguintes termos: *Não faremos nossas nem a compreensível preocupação do pai nem suas primeiras tentativas de explicação, senão que examinaremos, para começar, o material comunicado. Nossa tarefa não consiste em "compreender" em seguida um caso clínico; só o teremos conseguido após ter recebido bastantes impressões dele. Provisoriamente deixaremos em suspenso [in Schwebe] nosso julgamento e prestaremos atenção parelha [gleich] a tudo o que há para observar*. Sigmund Freud (1909c). *Análisis de la fobia de un niño de cinco años*, tradução livre. Vale destacar aqui a utilização do termo "observar" no caso do Pequeno Hans, justamente um caso de uma criança, em comparação ao termo "escutar" utilizado nos escritos técnicos em que Freud faz referência fundamentalmente à análise de adultos.

⁵⁶ Sigmund Freud (1920). *Além do princípio do prazer*, p. 25.

⁵⁷ Donald Winnicott (1941). *La observación de niños en una situación fija*, p. 79-102.

o bebê: um primeiro momento – ou momento de hesitação – em que o bebê dirige a atenção e a mão à espátula, mas hesita em pegá-la, passando a olhar a mãe e/ou pediatra, fazendo movimentos de desistência e até mesmo de se esconder, até retomar gradualmente o interesse pela espátula; um segundo momento – caracterizado pela aceitação, por parte da criança, pelo seu desejo em relação à espátula – em que é possível perceber novamente o interesse da criança em relação ao objeto (que comparece por uma mudança na boca do bebê túrgida e salivante) até que o leva à boca mordendo-o e chupando-o; um terceiro momento em que o bebê brinca com o objeto, sacudindo-o, encaixando-o ou batendo-o em outro, dirigindo-o à mãe e/ou pediatra (convocando-os nessa brincadeira, podendo fazer "como se" estivesse dando-lhes de comer) e, finalmente, brincando de deixá-lo cair.

Winnicott mostra como a produção dos bebês, diante de uma manobra de tal simplicidade, pode propiciar *uma série de chaves*⁵⁸ a respeito da situação psíquica dos mesmos, podendo também ser utilizada para produzir efeitos terapêuticos, mas adverte-nos – e a questão insiste aqui – que, tanto para um quanto para outro objetivo, *o procedimento apropriado é o de valer-se tanto da observação quanto da análise e deixar que cada um desses métodos ajude o outro*.⁵⁹ No entanto, para avançar em tal questão, é fundamental esclarecer que ele não se detém na manobra, pois toma o que o bebê dá a ver ali e o põe a operar clinicamente em relação a uma complexa rede:

– Do lado da mãe, aponta-nos a importância de considerar não só o que ela diz sobre o bebê, mas a reação dela durante a manobra, no sentido de dar tempo e lugar à produção do bebê ou no sentido de suprimir o tempo e o lugar em que essa produção poderia advir. (fazendo o gesto pelo bebê ou inibindo o gesto dele). Ele considera que tal modo de proceder da mãe diante de uma situação tão recortada guarda profunda similitude com o modo de esta proceder com o bebê em seus cuidados cotidianos.

⁵⁸ Idem, p. 95.

⁵⁹ Idem, p. 92.

– Do lado do bebê, Winnicott propõe um cruzamento entre o modo deste comparecer em tal cena com o modo de ele comumente portar-se não só em relação aos objetos, mas no estabelecimento de laços com os outros – familiares e estranhos.

– Levanta ainda a importância de considerar a produção do bebê diante de tal manobra em relação aos sintomas por este apresentados – sintomas de comparecimento somático, tais como asma, diarreia ou dificuldades de deglutição, vômito ou refluxo.

Consideramos que tanto Freud quanto Winnicott trazem, em tais situações, operações centrais da clínica com a primeira infância. Estabelecem a importância do olhar do clínico diante do que o bebê dá a ver em sua produção, instaurando inicialmente este *dado a ver* como enigma. Somente em outro momento, e como consequência de uma construção clínica, procedem com o que consideramos uma operação de leitura – dentro da qual é que o *dado a ver* pelo bebê opera como "chave" (tal como proposto por Winnicott), ocupa um lugar central enquanto uma resposta que só adquire sua razão de ser no contexto simbólico parental. Ou seja, é a partir do que o bebê dá a ver e que o clínico recolhe enquanto leitura do modo do bebê posicionar-se diante do seu Outro, que todos os discursos que o acompanham ganharão seu relevo clínico.

Decanta-se a importância de que o clínico se detenha diante disso que o bebê dá a ver em sua produção, tomando-a, mesmo que não seja em palavras, como uma resposta enigmática do bebê ao modo como é sustentado no laço com o Outro. Ao sustentar esse *tempo de ver* dá lugar, na cena clínica, a que o bebê possa comparecer como sujeito.

I.4. A leitura como modo de intervenção na clínica com bebês

Certamente o olhar e o *dado a ver* estão profundamente implicados na clínica com bebês dando lugar, não necessariamente a uma observação, mas a uma *operação clínica de leitura*. Para avançar em tal fundamentação, partiremos da analogia de tal intervenção clínica com o ato de leitura propriamente dito.

Bergès, acerca do acesso à lecto-escritura,⁶⁰ situa que para ler é preciso sim ver a letra, mas também é preciso deixá-la cair. É preciso deixar a letra cair do seu registro real para que seja possível prosseguir a leitura, dando lugar ao enigma simbólico posto em causa e que produz uma articulação letra a letra.

Por outro lado, se a letra fascina, se o espetáculo por ela apresentado captura o olhar daquele que a observa, também torna-se impossível ler. Exemplo disso são as iluminuras utilizadas no início dos textos medievais. Elas consistem em letras tão excessivamente ornamentadas que se tornam ilegíveis. A figura do bicho, da planta ou personagem fantástico, ao imaginarizar a letra, captura o olhar e silencia o leitor. Esse é o objetivo das iluminuras: produzir um silêncio que precede a leitura do texto. Mas também é algo desta fascinação com a letra imaginarizada que caracteriza a dificuldade de leitura, pois, quanto mais uma letra está do lado do imaginário, menos legível ela é.⁶¹

Ora, é porque a letra cai em seu registro real, é porque não captura em seu registro imaginário – na medida em que não contém, nela mesma, como a iluminura, a imagem do que significa – que ela remete a outra letra e assim permite que opere o enigma simbólico que dá lugar à articulação de uma significação que não se encerra na letra por letra, mas se produz como um *après-coup* decantado do contexto.

De modo análogo, podemos considerar que o sintoma manifesto no bebê, o *dado a*

⁶⁰ Jean Bergès. A instância da letra na aprendizagem, p. 6-10.

⁶¹ Idem.

ver enquanto realização ou fracasso da produção que comparece em seu corpo, ao mesmo tempo em que se apresenta, faz comparecer um sentido enigmático. Nesse sentido, é interessante fazer notar que o termo "manifesto" também guarda uma dupla acepção, como adjetivo ou como substantivo.

Tomar a condição de "manifesto" do sintoma implica considerar que ele se coloca em posição privilegiada para ser visto. É impossível ocultar ou dissimular o sintoma quando ele toma o corpo. O gozo aí se revela, comparece, para além das intenções do paciente. Isto é próprio do "manifesto", enquanto adjetivo.

Mas também esse "manifesto" implica, o quanto o corpo do bebê, que encarna um sintoma, apresenta-se ele mesmo como uma carta, como uma declaração. Temos aí a acepção de "manifesto" enquanto substantivo, referido a uma declaração escrita, por exemplo, uma declaração diplomática, dirigida de um Estado a outro. Mas o que declara o bebê com o sintoma que se apresenta em seu corpo?

Temos aí um manifesto sim, mas declarado de modo cifrado. O sintoma comparece sim, é *dado a ver*, mas de modo enigmático. Quem é o destinatário de tal mensagem? Qual é o enigma a partir do qual o bebê se implica enquanto sujeito, encarnando-o em seu corpo?

Este paciente que não fala, se não tolera bem os métodos da associação livre, é porque ainda carece do alinhavo simbólico que permite tecer o trabalho do sonho e reconstituir seu percurso no trabalho de análise, mas certamente o sintoma que comparece em seu corpo é uma resposta que se tece em um contexto. O contexto é aqui dado pela rede simbólica na qual está sustentado.

O bebê, com sua organização e produção corporal *dada a ver*, oferece o enigmático manifesto do modo em que o desejo parental fez carne em seu corpo. O manifesto em seu

corpo se estabelece como *um texto cifrado de sua relação com o Outro*.⁶² Pois afinal o bebê é estrangeiro, na medida em que causa estranhamento aos pais com seus fracassos e produções, mas é profundamente familiar, dado que é da rede significativa parental que se recortam inconscientemente os traços a partir dos quais o bebê estabelece sua filiação. *Uma criança suporta em seu brincar o dizer do que ainda não pode falar. Assim como o bebê suporta na psicossomática e em sua implicação corporal o traço significativo que o captura no dizer do Outro para além de sua insuficiência verbal*.⁶³

Por isso, é crucial na intervenção clínica deixar aberta a brecha entre o bebê do discurso parental e o bebê que ali comparece com sua produção, pois nem sempre há entre um e outro uma relação de saturação. O bebê, ainda que seja com o seu corpo, produz uma resposta na qual se engaja, na qual se compromete como sujeito nos primórdios de sua subjetivação, caso contrário seria uma mera vítima passiva do gozo parental.

I .5. De um manifesto que circula pela não correspondência entre corpo e sujeito

A não correspondência entre corpo e sujeito não tem como ser esquivada na clínica com a primeira infância, tendo consequências na direção do tratamento. Intervir com a constituição do bebê exige levar em conta, pelo menos, quatro aspectos distintos que perpassam a intervenção: a estrutura psíquica de uma mulher que se torna mãe; o lugar que o bebê ocupa no discurso materno (e ainda, parental, dado que a fala dos pais não é idêntica); como a mãe coloca em ato seu discurso nos cuidados que dirige ao bebê; e o que dessa rede se precipita, se inscreve no bebê, dando lugar, por meio de sua produção corporal, a incipientes respostas nos primórdios de sua subjetivação.

⁶² Ângela Vorcaro. *A criança na clínica psicanalítica*, p. 13.

⁶³ Alfredo Jerusalinsky (1988). *Psicanálise e desenvolvimento infantil*, p. 49.

Mesmo que todos esses aspectos estejam profundamente interligados, a sua justaposição indiferenciada, tomar um pelo outro, pode causar sérios problemas na direção da cura.

Há uma profunda diferença quando um sofrimento se produz para a mãe, para o pai ou para ambos a partir do que para eles se configura como o bebê fantasmático, ou quando se configura um efetivo obstáculo na constituição psíquica e nas aquisições instrumentais que tomam o funcionamento corporal do bebê. Enquanto no primeiro caso a direção da cura implica fundamentalmente uma escuta dos pais, no segundo é preciso que, além disso, o bebê seja tomado em tratamento, uma vez que o sofrimento, o *pathos*, já lhe diz respeito,⁶⁴ pois precipitou em seu corpo.

A escuta dos pais é imprescindível, mas tal clínica situa a especificidade de seu marco para além dessa escuta dos pais, na leitura e intervenção com as marcas que se precipitam organizando um estilo no funcionamento corporal do bebê.

Intervir clinicamente na primeira infância deixa em relevo a não correspondência entre corpo e sujeito, dado que é da boca de outros que teremos de escutar os significantes centrais para a constituição do bebê; é em rede com a sustentação de braços alheios que precisaremos ler sua resposta tônico-postural; é em série com a entoação de voz de sua mãe que precisaremos ler sua possibilidade de modulação emotiva; é em relação à sustentação temporo-espacial feita pelo Outro encarnado (pela surpresa e antecipação diante de sua produção por parte daqueles que dele cuidam) que precisaremos ler sua possibilidade de produzir ou inibir a ação. É em relação ao discurso posto em ato nos cuidados que lhe são dirigidos que se organizam as suas funções corporais, que se estabelecem seus circuitos pulsionais.

⁶⁴ Julieta Jerusalinsky. *Enquanto o futuro não vem – a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*, p. 174-193.

A clínica com bebês torna presente o quanto o Eu é uma instância que precisa ser constituída e que, antes de mais nada, implica um investimento em que o corpo é tomado como objeto⁶⁵ – isso confere toda a importância à produção de um *tempo de ver* diante das manifestações corporais do bebê, considerando tais produções como o comparecimento do sujeito. Também torna presente o quanto este primeiro Eu-corporal não é imanente, mas se constitui pelo Outro.⁶⁶

Assim, a produção da organização corporal do bebê configura-se como um manifesto de sua constituição como sujeito – manifesto que dá a ver de modo cifrado seu engajamento singular diante do desejo inconsciente parental que toma carne em seu corpo. É, portanto, um manifesto cifrado que se endereça ao Outro.⁶⁷

Mas é importante fazer notar que o inconsciente do bebê não está dado. Ele não é simplesmente transmitido por herança filogenética. Ele se inscreve, se produz no laço com o Outro, na medida em que o bebê é suposto tributário de um saber sobre o desejo materno que a própria mãe ignora, mas que o bebê encarna com seu corpo (desejo de falo). É daí que o *dado a ver* no corpo do bebê assume a dimensão de uma formação do inconsciente: com e no laço com a mãe.

Percebe-se como, mesmo na primeira infância, mesmo com bebês *em todo seu frescor de vida* – tomando os termos de Freud –, o clínico lida com hieróglifos, ou seja, com os efeitos do recalcado, com uma língua perdida, com traços que se precipitam e manifestam suas inscrições de modo enigmático no *dado a ver* no corpo. Qual é aí o lugar do clínico?

⁶⁵ Sigmund Freud (1914b). Introducción del narcisismo, p. 79.

⁶⁶ Jacques Lacan (1949). El estadio del espejo como formador de la función del yo tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica, p. 86-93.

⁶⁷ Lacan aponta esta mesma questão do dar a ver quando afirma: *o olhar opera uma espécie de descendimento do desejo (...) no qual o sujeito não está todo, não está completamente, é dirigido por controle remoto. Modificando a fórmula que dou do desejo enquanto inconsciente – o desejo do homem é o desejo do Outro – direi que se trata de uma espécie de desejo ao Outro, em cujo extremo está o dar-a-ver.* Jacques Lacan (1964). *El seminario. Libro 11. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, p. 121-122, tradução livre.

O clínico é convocado no laço pais-bebê, na medida em que o *dado a ver* no corpo produz uma impossibilidade de deslizamento de significações; ora quando o *dado a ver* no corpo do bebê impede, do lado dos pais, o estabelecimento de novas representações na antecipação simbólica e funcional que produzem nos cuidados dirigidos ao bebê, estando aí o sintoma situado no exercício das funções parentais; ora quando tal impossibilidade de deslizamento efetivamente recai no corpo do bebê, produzindo sintomas que fazem obstáculo à sua constituição.

Em ambos os casos a manifestação corporal do bebê irrompe a cena, como a letra real que salta do papel ou a iluminura que, em seu fascínio ao olhar, impede o deslizamento significativo no prosseguimento da leitura. *O bebê, com seu sintoma, está à espera de encontrar um leitor,*⁶⁸ aponta Bernardino, produzindo uma analogia entre o dado a ver pelo bebê e uma carta, retomando o seminário da *carta roubada*, de Lacan.

Em tal seminário, Lacan se vale da polissemia do termo *lettre* que, em francês, pode significar tanto letra quanto carta, para apontar os efeitos de determinação significativa.⁶⁹ Para tanto, toma o conto de Edgar Allan Poe sobre uma carta roubada que, para ser oculta, permanece no lugar mais visível (tal como o *dado a ver* no corpo do bebê, podemos dizer aqui acerca do que nos interessa). Apesar de ninguém saber seu conteúdo (do mesmo modo em que o sintoma do bebê se manifesta de modo enigmático), essa carta determina o movimento de todos os personagens. E, apesar de permanecer errante ao longo de todo o conto, ela tem um destinatário (assim como a produção corporal do bebê não se estabelece de modo autônomo, mas por um efeito do laço com o Outro encarnado).

Mas como considerar a operação clínica de leitura diante do *dado a ver* da produção do bebê?

A operação de leitura clínica à qual o clínico dá lugar – mais do que um fechamento

⁶⁸ Leda Bernardino. O bebê e sua carta roubada, p. 201.

⁶⁹ Jacques Lacan (1956). El seminario sobre la carta robada, p. 5-55.

de compreensão e saber sobre uma escritura cujo sentido já estaria dado, fechando antecipadamente em uma determinação significativa um destino para o bebê – implica uma possibilidade para o bebê e para seus pais deslizarem de modo significativo a partir dos efeitos precipitados das inscrições constituintes, em vez de ficarem capturados no fascínio do estranhamento que um certo sintoma *dado a ver* pelo bebê produz.

Ainda que as inscrições constituintes sejam efeito de uma estrutura que as antecede, elas não têm seu sentido já dado e previamente fechado. Diante da condição enigmática do *dado a ver*, a leitura, como operação clínica, possibilita que o sujeito possa advir, produzindo, a partir de tais inscrições, sua singular resposta.

Portanto, se as coisas correrem relativamente bem, quando a pequena criança começar a falar ela mesma irá se ocupar de dirigir aos pais algumas falas que produzirão neles efeitos interpretativos. Os pais se perguntarão: como a criança sabe disso? E ela de fato sabe. Não que tais produções ocorram, de início, de modo proposital. Porém, na medida em que, ao longo da primeira infância, foi ao inconsciente parental que responderam com sua produção corporal, então será ao inconsciente dos pais que elas falarão. Falarão de fato apenas se tiverem sido boas leitoras das inscrições primordiais e se as produções que deram a ver em seu corpo, em um tempo no qual ainda não falavam, tiverem sido acolhidas como enigmas e respostas pelos pais e, quando for o caso, pelo clínico.

Trazemos, a seguir, alguns recortes de casos clínicos que deram origem à reflexão sobre o *dado a ver* no corpo e sobre a operação de leitura.

I .6. *Cu-co!* Cadê Santiago? – Recorte clínico I

Santiago chega para tratamento com oito meses e com o diagnóstico de síndrome de West – quadro caracterizado por convulsões de difícil controle.⁷⁰ Em uma sessão, pode chegar a ter dez convulsões e, entre elas, ficar olhando fixamente para a lâmpada. De fato, apresenta um grave problema orgânico com risco de sequelas lesionais que as repetidas convulsões podem ir causando. Mas, além do quadro orgânico, esse olhar fixo dirigido à lâmpada nos dá o testemunho de como Santiago tem se constituído psiquicamente a partir das primeiras inscrições que nele se operaram, e que situam seu percurso pulsional em uma esquiva do laço erógeno com o Outro.

A situação é tal que, a partir de uma interconsulta com o neurologista, apresenta-se a seguinte questão: o gesto de Santiago de levar a mão esquerda sobre o olho direito, que precede a convulsão, seria pela sensação física despertada no início da convulsão (no caso, o foco irritativo estaria vinculado ao nervo ótico) ou Santiago, por sua evitação em relação aos outros, ao pressionar o olho, poderia autoinduzir a convulsão?

Santiago convulsiona ou olha a lâmpada. Cada vez que convulsiona, sua mãe afirma sobressaltada: "Aí está ela! Aí está a convulsão!". Diante desse real que emerge corta-se qualquer possibilidade de extensão de uma mínima série significativa. Qualquer conversa com a mãe ou qualquer tentativa de sustentação de uma cena com Santiago, é assim interrompida. Mas o que irrompe ali?

Em certa sessão a mãe de Santiago consegue pôr em palavras algo da sua própria história que a atinge no laço com o filho: sua irmã, ainda criança, recebeu o diagnóstico de esquizofrenia, sofrendo ao longo da vida diversas crises e internações. "Sempre me perguntei: por que foi com ela e não comigo? Por que eu havia tido a sorte? Agora, com

⁷⁰ Tal caso, do qual agora trazemos um pequeno fragmento, foi publicado, de modo mais extenso, em Julieta Jerusalinsky. Crônica de um bebê com morte anunciada, p. 169-178.

Santiago, chegou a minha vez."

Na convulsão, além da irrupção do real orgânico, o que se presentifica fantasmaticamente para a mãe é *ela*: a irmã materna e sua esquizofrenia ("Olha ela aí!"), fazendo-lhe, inconscientemente, pagar a dívida da geração anterior com a doença de Santiago.

Em certa sessão, diante da produção repetitiva e estereotipada, me ocorre uma brincadeira: cada vez que Santiago vai entrar na convulsão, e durante a mesma, lhe digo "Cu-co! Cadê o Santiago?". E, quando sai da convulsão, o saúdo com um "Aqui está!".⁷¹ Tais enunciações são acompanhadas por buscar seu olhar e pela entonação de voz própria dessa brincadeira.

Santiago, a partir de tal proposta, passa, pouco a pouco, a buscar meu olhar e a sair da convulsão já nessa busca. Por momentos, o levar a mão até o olho deixa de ser seguido da convulsão e passa a ser um gesto – um gesto de ocultação acompanhado pelo meu enunciado de "Cadê Santiago?" – que se suspende antes de produzir a ação de convulsão.

Ao longo da brincadeira, seus gritos, antes sem modulação emotiva, começam a se diferenciar em gorjeios prazerosos e choros de queixa. Onde antes era o real orgânico que irrompia, passa a operar para Santiago uma primeira série que marca a alternância simbólica entre ausência e presença. Entre o "cu-co" e o "aqui está", Santiago pode passar a se sustentar, se atrelar subjetivamente ao simbólico que o Outro introduz e que começa a fazer série de referência para ele. Por isso seu olhar já não retorna à lâmpada, ao vazio, mas se enlaça ao circuito de desejo e demanda de um Outro que fisgou seu circuito pulsional.⁷²

⁷¹ Tal caso clínico foi atendido em espanhol, sendo essa a oposição significativa correspondente à brincadeira que, em português, costuma ser nomeada como "*Cadê? achou!*". Em espanhol o *cu-co* faz referência ao passarinho que entra e sai do relógio marcando a hora.

⁷² Percebe-se como, para que uma pequena criança possa chegar a fazer o jogo do *Fort-Da*, é preciso que primeiro o Outro tenha sustentado a alternância simbólica presença-ausência. Isto se faz evidente na brincadeira do *cuco*, na qual, ainda que seja o bebê quem tape e destape o rosto, é o Outro encarnado quem primeiro enuncia, quem primeiro sustenta a oposição significativa na qual o bebê, com sua produção, vem se engajar. Questão desenvolvida no capítulo "Jogos constituintes do sujeito".

A mãe registra o acontecido, o sanciona como uma realização, mas fala do temor que tal realização lhe desperta ao apostar na convocatória de Santiago. "Às vezes prefiro deixá-lo sozinho no quarto, deitado sobre a cama com as luzes apagadas, sem que nada o perturbe", diz a mãe, angustiada. Desde a leitura materna, qualquer movimento ou qualquer oferta que produza desequilíbrio para Santiago arma para ela signo com a convulsão e, por conseguinte, com a morte. A isto opõe uma situação de extrema tranquilidade, de quase homeostase, sem luz, sem som, sem movimento, em um mundo no qual Santiago ficaria salvaguardado de quaisquer inscrições do Outro que viessem introduzir diferenças, desequilíbrios, quebras de homeostase. Mas, desde esta escolha, o mortificante também comparece. E ainda que a mãe perceba que esta situação, por ela sancionada como de "tranquilidade", não diminui o número de convulsões, isto é o que supõe poder oferecer de melhor a seu filho.

Intervenho, então, operando o reconhecimento dessa mãe em sua tentativa de "evitar qualquer sofrimento ao filho", mas lhe digo que também é preciso reconhecer que "o pior que pode acontecer na vida de alguém é que nada lhe aconteça". Tal intervenção, *a posteriori*, revela-se eficaz na quebra entre o signo movimento=convulsão=morte que se impõe desde o discurso materno. Em lugar do signo, o gesto de levar a mão ao olho se estabelece enquanto significante que arma uma série de oposição presença-ausência no jogo.

Santiago adquire a postura sentada (trípode), passa a pegar meu rosto, o rosto materno, brinquedos, entre os quais a mãe reconhece quais são os seus preferidos. Justamente em uma sessão em que o pai comparece, Santiago leva, pela primeira vez, um tombo, ao procurar se esticar para pegar um brinquedo. Ele olha para os pais sobressaltados e chora. Logo que consolado por mim retoma a brincadeira e o brinquedo.

Ao consolá-lo lhe digo: "Pronto, pronto, isso acontece com todos os aventureiros!"

Os pais então também conseguem sair do susto e rir. E, ao vê-lo pegar novamente o brinquedo, a mãe afirma: "No dia em que não precisar mais vir a tratamento terá que levar esse elefante junto com ele. Nunca o vi gostar tanto de um brinquedo!"

Abre-se lugar para que Santiago, apesar das convulsões, possa produzir com seu corpo, estabelecer circuitos pulsionais que se dirigem aos outros e que sua mãe possa articular os mesmos a deslizamentos significantes que tornam singulares tais produções na vida de seu filho como alguém capaz de realizações.

Se inicialmente o *dado a ver* por Santiago na convulsão é uma repetição, é "o mesmo", o modo como ele é lido, a partir do brincar de *cu-co*, muda o registro em que a tal manifesto é tomado. O jogo do *cu-co* possibilitou operar a passagem de um real orgânico e de uma presentificação sinistra do fantasma materno, para um jogo constituinte presença-ausência. Da repetição do "mesmo", passou-se a uma criação que parte desse traço primordial, articulando-o em uma série simbólica. Assim, tal jogo opera com a letra no litoral entre o excesso de gozo e a produção de um saber-fazer. Essa criação suplementar, que teve lugar no tratamento, possibilitou, na medida em que Santiago se engajou no jogo, uma passagem em sua constituição psíquica.⁷³

I.7. Tchau, mãezinha! – Recorte clínico II

Mariana⁷⁴ é uma pequena menina com pouco mais de três anos, extremamente "bonita e simpática" – segundo a descrição do pediatra que a encaminha a tratamento

⁷³ Questão retomada no capítulo "Jogos constituintes do sujeito".

⁷⁴ Certa passagem desse caso consta no livro *Enquanto o futuro não vem – a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*, p. 163-164. Aborda como o controle esfinteriano dessa menina, para poder operar, exigiu trabalhar com sua filiação e, portanto, com o estabelecimento, para ela, da função paterna. Outra passagem aqui trazida foi também comentada no artigo: O pé esquerdo do academicismo – sobre bebês, psicanálise e estimulação precoce, p. 28-34; ambos os textos são de minha autoria.

afirmando não consegue entender "o que há de errado com ela", dado o atraso em algumas de suas aquisições, por exemplo, no controle esfínteriano.

Quando a recebo na primeira sessão, Mariana chega sorridente e entra na sala de mãos dadas com sua mãe. Olha para mim e, em seguida, para a estante de brinquedos, dizendo "Uiii! Olha que lindo!", numa entoação rica em picos prosódicos. Pega um brinquedo, o coloca no meu colo e, quando começo a tentar desdobrar com ela alguma cena a partir do brinquedo, ela exclama novamente "Uiii! Olha que lindo!" e pega outro brinquedo da estante. Assim se sucede a sessão, até que tenho tantos brinquedos que eles começam a cair do meu colo, e sem que nada do que tenha dito ou feito tenha produzido qualquer desdobramento da cena com os brinquedos ou com a fala de Mariana indo além do "Ui! Olha que lindo!".⁷⁵

A fala de Mariana, apesar da aparente entoação simpática digna de seduzir qualquer interlocutor, não se dirige efetivamente ao outro em uma condição de alteridade, não abre espaço à matriz dialógica e tampouco permite que possa ser desdobrada e sustentada simbolicamente a partir de um objeto qualquer, uma cena do brincar. Uma vez que a fala é pronunciada, a cena é cortada e retorna-se ao ponto em que ela é novamente pronunciada, sem que ocorra ali qualquer deslizamento significativo a partir de sua fala ou a partir do que é tomado da fala do outro. Trata-se aí de uma holófrase, de uma fala cristalizada, unívoca, encerrada em si mesma, que não propicia nenhuma outra possível articulação.⁷⁶

Ela foi inscrita na linguagem pelo Outro, mas essa inscrição não se estabelece como enigma que lhe permita produzir um saber e então articular uma fala e desdobrar um brincar. Esta holófrase faz um signo que se coagula, que não a representa na série para

⁷⁵ A cena é digna da ficção científica de Adolfo Bioy Casares (1940). *La invención de Morel*, na qual o autor narra a história de um naufrago que, a princípio, se suponha sozinho em uma ilha, até descobrir a presença de outros habitantes. O naufrago, que teme ser descoberto, logo passa a ter um efeito sinistro diante dos hábitos e falas idênticas que esses moradores da ilha têm dia após dia, até que descobre tratarem-se de espectros.

⁷⁶ ...*toda holófrase se liga a situações-limites, em que o sujeito está em suspenso em uma relação especular ao outro*. Jacques Lacan (1953-1954). *O seminário. Livro I. Os escritos técnicos de Freud*, p. 258.

outro significativo. Isso que ela diz é o que ela é: *ela é o objeto lindo a ser olhado* e só.

Assim se seguem as sessões até que na saída de uma delas, quando estamos na porta do consultório, a mãe diz à Mariana, demandando-lhe que se despeça de mim:

— Diz tchau para ela, mãezinha! — revelando assim o apelido íntimo pelo qual essa mãe chamava a filha: "mãezinha".⁷⁷

Mariana para, olha para a mãe, me olha e, após certa vacilação, precipita seu gesto em uma certeza: se vira e abana para a mãe.

— Tchau para mim não, para ela! — retruca a mãe, enquanto me aponta como a correta destinatária do gesto da filha, na tentativa de corrigir o que toma como um erro de compreensão da menina diante de sua demanda.

— Mas quem é a mãe aqui? — pergunto. Ao que a mãe se surpreende e diz:

— É, sou eu.

Situar em ato, tomar o gesto de Mariana na cena clínica, não como um erro de compreensão de alguém que nada sabe, mas como resposta de um sujeito que detém um saber, permitiu produzir um ato interpretativo desde o qual essa mulher pôde vir a se reconhecer, não sem certa surpresa, a partir da fala da filha, como mãe. A partir dessa cena a mãe de Mariana pôde contar que, pouco antes do nascimento da filha, ela perdeu sua própria mãe. A partir de tal morte, entrou em depressão. Diz que sua única lembrança desse período é a de ficar vagando pela casa e falar com o porta-retrato da mãe, desinteressada de tudo e todos – situação esta que perdurou após o nascimento de Mariana.

Na sequência clínica, outra psicanalista da equipe tomou a mãe de Mariana em tratamento, espaço no qual ela pôde começar a falar de seu lugar de filha e de seu lugar de mãe. Pôde dizer que a filha ficava bastante tempo com o seu cunhado, que gostava de admirá-la enquanto ela realizava suas brincadeiras. Conta também que esse cunhado,

⁷⁷ Expressão que, às vezes, se usa em países latinos de língua espanhola.

muitas vezes, briga com eles (os pais de Mariana), desautorizando-os na frente de menina. A mãe, por sua vez, tem grande temor deste cunhado mais velho que abusou dela quando ainda era pré-adolescente.

Como vemos, isto que marcou Mariana não é aleatório, está encadeado à série significativa parental. Mas tal inscrição, tal letra, não operou inicialmente para ela como um enigma do desejo no laço com o Outro, operou como holófrase, fazendo dela o próprio objeto de gozo do Outro. Nesse primeiro momento, na fala de Mariana, podemos perceber a incidência de uma entoação rica em picos prosódicos, mas a letra que comparece por trás da musicalidade, o modo em que operaram as inscrições primordiais para ela, não lhe permitiram tomar a palavra enquanto sujeito de um desejo.

O trabalho clínico implicou possibilitar que os pais, ao exercer suas funções, tirassem Mariana da posição de objeto incestuoso oferecido ao olhar do tio, como um "ser natural" em relação ao qual este interceptava qualquer endereçamento à lei. Por sua vez, as sessões com Mariana apontavam a que ela pudesse vir a estender seu brincar, sua fala, suas produções de modo enlaçado ao Outro – para tanto, na intervenção clínica, tomávamos como ponto de partida o que lhe interessava procurando sustentado o estabelecimento de uma série com ela. Algo interessante passou a ocorrer quando ela quis pegar alguns gatos que passeavam por ali. Como eles fugiam, falávamos deles, os seguíamos, os olhávamos, parávamos na banca para comentar as revistas ou guloseimas, voltávamos a sala e brincávamos "de nenê" com as bonecas – mas, a essa altura, os objetos já passaram a ser o *leitmotif* para um laço com o outro cada vez mais permeado pela alteridade.

Pouco tempo antes do término e de modo decisivo para o estabelecimento desse fim, o pai passou a comparecer ao tratamento. Falou acerca de que havia percebido o problema de Mariana, assim como sua melhora, afirmando: "Apesar de bonita e inteligente, ela antes

não falava, não conversava como as outras crianças. Por exemplo, não respondia se lhe perguntassem: quem é você?"

"Menina!" disse Mariana, parando a brincadeira e olhando-nos surpresa, como se não pudesse acreditar em que alguém perguntasse tamanha obviedade.

Diante de tal tirada, já não restavam dúvidas. Ela certamente já estava em outro lugar, indo além daquele que lhe fora, por tanto tempo, apontado desde o fantasma parental. Era uma menina. Nem um objeto lindo a ser olhado pelo tio, nem a "mãezinha", objeto melancólico do luto materno não elaborado. Mas, para começo de conversa, uma menina, enfim.

I.8. Do *dado a ver* no corpo ao surgimento do sujeito

Sustentar em ato, diante do olhar dos pais, o manifesto que a criança dá a ver enquanto produção de um sujeito a quem se supõe um saber; sustentar o lugar do infante enquanto autor de uma resposta enigmática que se inscreve em rede com o saber inconsciente parental – e que, portanto, por mais que se equivoque, não erra de destinatário, pois se dirige ao Outro encarnado –, tem efeitos contundentes no estabelecimento do seu laço familiar e em sua constituição psíquica.

Ali não se trata apenas de escutar os pais e produzir intervenções em sua fala. Não se trata de intervir apenas sobre a criança fantasmática que emerge do discurso parental. Aí a intervenção consiste fundamentalmente em operar uma leitura diante do *dado a ver* no corpo da criança. Isto não coincide com considerar que o *dado a ver* já teria um sentido decidido, fechado. Sua leitura, ao operar como uma decifração, ao permitir operar a cifra desse enigma, possibilita ao pequeno paciente desdobrar um saber-fazer em lugar de ficar

coagulado e interrompido em um sem-sentido. Ler, assim, não é compreender, mas operar com as inscrições, articular as letras, assim como decifrar é operar com a cifra.

Muitas vezes é pela via da intervenção em ato diante do olhar parental, em que o clínico sustenta a produção da criança enquanto manifesto de um sujeito, que os pais podem surpreender-se ao escutar, ao ver, talvez pela primeira vez, o que supostamente a criança teria a dizer e a mostrar. Aí a intervenção não se dá nem com o bebê ou pequena criança, nem com os pais, nem com a dupla mãe-criança, nem com a tríade criança-mãe-pai. A intervenção consiste em dar lugar para que o sujeito que está se constituindo possa advir em seu justo lugar.

Se o que a criança dá a ver desde sua produção corporal produz horror ou fascínio enquanto espetáculo, o desdobramento significativo é interrompido. O *dado a ver*, pode ser lido, tanto quanto a fala pode ser escutada, recolocando-se aí a dimensão significativa do *dado a ver*.

*A palavra autêntica tem outros modos, outros meios, do que o discurso corrente. Um gesto não é só um movimento bem definido, é um significante, aquilo não alcançaria para o que o gesto recobre. Poderíamos recorrer à expressão francesa que combina perfeitamente: "une geste" (uma gesta), (...) quer dizer, a soma de sua história!*⁷⁸

Por isso, na clínica com bebês, não intervimos apenas com a escuta ou apenas com o olhar. Intervimos por uma leitura, considerando que o manifesto no *dado a ver* do corpo do bebê implica uma condição significativa. Pois se o gesto pode ser tomado em uma dimensão significativa, como ato de comparecimento de um sujeito, em todo caso, não temos como dar acerca disso o nosso testemunho de olhos fechados.

Propomos, a seguir, abordar o conceito de letra enquanto inscrição psíquica, tirando disso as consequências para fundamentar a operação de leitura na clínica com bebês.

⁷⁸ Jacques Lacan (1957-1958). *O seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*. Optamos pela livre tradução de texto estabelecido para circulação interna da Escuela Freudiana de Buenos Aires, livre tradução.

II. O BEBÊ E A LETRA

Inscrições nos primórdios do psiquismo

(...) não só lembrava de cada folha de cada árvore de cada monte, mas cada uma das vezes que a havia percebido ou imaginado.⁷⁹

Podia construir todos os sonhos, todos os entresonhos. Duas ou três vezes havia reconstruído um dia inteiro; não havia duvidado nunca, mas cada reconstrução havia requerido um dia inteiro.⁸⁰

Paradoxal exemplo oferece-nos Borges com "Funes, o memorioso", esse ser ficcional com memória absoluta, incapaz de esquecer, de generalizar, de abstrair,⁸¹ pois uma memória absoluta é, antes de mais nada, uma memória sem sujeito.

A memória e seus lapsos; a diferença entre o vivido e sua inscrição psíquica; entre tal inscrição e seus modos de se dar a ver; entre isso que se mostra nas formações do inconsciente⁸² insistindo em uma enigmática repetição e a possibilidade de elaboração; são questões que se colocam desde o início na psicanálise acerca das inscrições psíquicas e o funcionamento mental.

Freud elabora diferentes metáforas escriturais do aparelho psíquico a fim de dar conta dessas questões clínicas. Entre elas, concebe metaforicamente o sonho, o chiste, o ato falho ou o sintoma enquanto rébus e hieróglifos, considerando a intervenção clínica, por analogia, uma operação de decifração.

Posteriormente, Lacan, ao trazer o conceito de letra (enquanto inscrição psíquica) para a psicanálise, radicaliza a relação entre escrita e inconsciente, inicialmente proposta por Freud, estabelecendo entre eles, mais do que uma analogia, uma fundamentação que

⁷⁹ Jorge Luis Borges (1942). Funes el memorioso. p. 170, tradução livre.

⁸⁰ Idem, p. 168.

⁸¹ Idem, p. 172.

⁸² Sendo esta uma formulação situada por Lacan para denominar os chistes, os atos falhos, os sonhos, e os sintomas, apontados por Freud, dedicando a ela um seminário inteiro. Jacques Lacan (1957-1958). *O seminário. Livro 5. As formações do inconsciente.*

embasa o funcionamento psíquico de modo indissociavelmente atrelado à linguagem. A letra vai adquirindo sucessivas formalizações ao longo de sua obra, nas quais inicialmente é próxima, quase indiferenciada do significante e, mais ao final, vai se aproximando do real e do gozo, dizendo respeito ao que *não cessa de não se inscrever*⁸³ na repetição pulsional.

As sucessivas formulações de Freud acerca das metáforas escriturais do aparelho psíquico, assim como as sucessivas formulações de Lacan a respeito do conceito de letra não fazem as anteriores caducarem, as últimas não são necessariamente mais corretas ou elaboradas do que as primeiras. Elas possibilitam diferentes abordagens da clínica, dado que surgem como elaborações que põe o acento em distintas questões suscitadas pela práxis psicanalítica. Neste capítulo, propomos percorrê-las brevemente para considerar os primórdios de tais inscrições em relação à clínica com bebês.

A partir desse percurso, priorizaremos a concepção de letra como litoral entre gozo e saber elaborada por Lacan no "Seminário 18", na aula "Lituraterra". Tal concepção, ainda que não seja única nem definitiva em relação à letra, resulta particularmente valiosa para a clínica com bebês, na medida em que permite considerar as inscrições constituintes nos primórdios do psiquismo, operando na borda entre corpo e linguagem, entre gozo e saber.

II.1. Do vivido às inscrições constituintes

Acerca das inscrições psíquicas produzidas a partir do vivido há, pelo menos, três pontos centrais assentados por Freud que devem ser considerados:

1. Em primeiro lugar, nem tudo aquilo a que estamos expostos produz marca. Não

⁸³ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário, Livro 20. Mais ainda.*

somos uma espécie de "fita virgem" ou de tábula rasa na qual todo estímulo externo se inscreveria. Freud, pelo contrário, aponta a grande capacidade do aparelho psíquico de evitar estímulos externos, centrando os primórdios da constituição de tal aparelho nos estímulos endógenos relativos a necessidades somáticas (tal como a fome). O aparelho psíquico, além de não ter como se esquivar dos estímulos endógenos, é incapaz produzir sozinho a *ação específica* que levaria à satisfação.

Como situa Freud, a satisfação só pode ser realizada por meio da *assistência alheia* de uma *pessoa experiente* que atribui ao choro desencadeado no bebê, pela sua urgência vital, uma *intenção de comunicação*.⁸⁴ Assim, os estímulos endógenos são situados como os *precursores das pulsões*⁸⁵ e, portanto, o modo como essa pessoa experiente sustenta o estabelecimento do circuito pulsional terá um papel decisivo nos primórdios da constituição do aparelho psíquico do bebê – não só por propiciar a experiência de satisfação, mas por estabelecer, a partir de seu próprio psiquismo, uma função de interpretação das ações do bebê (do seu choro, postura, tônus, gestualidade), um saber acerca do que poderia chegar a satisfazê-lo. Portanto, desde o princípio, o Outro está decisivamente implicado no modo pelo qual irá se estabelecer a busca pela satisfação no estabelecimento dos circuitos pulsionais.

Podemos extrair como consequência disso, para a clínica com a primeira infância, o quanto é decisivo na constituição psíquica que os estímulos dirigidos ao bebê se produzam atrelados ao contexto do laço mãe-bebê e não como um bombardeio sensorial (de luzes, sons, texturas) que, descontextualizadamente, buscam atingir a parcialidade das funções corporais.

2. Em segundo lugar, é importante notar que, mesmo daquelas experiências que nos marcam nem tudo se inscreve. O que se inscreve, a partir delas, são traços e tais traços não

⁸⁴ Sigmund Freud (1895). *Projeto para uma psicologia científica*, p. 422.

⁸⁵ Idem, p. 397.

guardam correspondência representacional com o que representam, de modo que não guardam correspondência fixa com os objetos do mundo, com o referente, nem têm uma significação intrínseca.

O conceito de traços mnêmicos é situado por Freud desde "Projeto para uma psicologia científica",⁸⁶ apontando como as experiências vividas não são registradas integralmente, já que, a partir delas, se recortam quantitativa e qualitativamente algumas percepções que passam a ser inscritas como traços.

Nesse sistema, a inscrição produzida não é uma marca que se assemelha à realidade – diferentemente da concepção empirista do *engrama* –,⁸⁷ não é uma cópia direta da experiência que se decalaria em nosso aparelho psíquico. Os estímulos recebidos a partir da experiência não só se inscrevem como uma série recortada de traços, mas também tais traços passam por um complexo sistema de registro que exige transcrições e retranscrições entre as diferentes instâncias psíquicas.⁸⁸

É importante também fazer notar que a noção de traço (*erinneuerungsrest* ou *erinnnerungsspur*) remete à de sulco. Em espanhol, traço mnêmico é traduzido por *huella* mnêmica. *Huella* é pegada, e uma pegada implica o buraco deixado por um objeto assim que este se retira, como o rastro que dá o testemunho da passagem de algo que não está mais ali (as pegadas dos pés na areia, por exemplo). Esta noção de rastro e de sulco, remete às vias *de facilitação* (*bahnung*),⁸⁹ ou seja, a um certo caminho deixado mais permeável para a passagem do investimento ou catexia entre um "neurônio" e outro, do qual Freud nos fala no texto do "Projeto" e que Lacan retomará posteriormente como *trilhamento* ou

⁸⁶ Sigmund Freud (1895). Projeto para uma psicologia científica.

⁸⁷ Diferença apontada por Laplanche e Pontalis (1982), referindo-se ao conceito desenvolvido por Karl Lashley e ainda utilizado pelos cognitivistas no *Vocabulário da psicanálise*, p. 513.

⁸⁸ Na "carta 52", um ano depois do "Projeto para uma psicologia científica", Freud situa em pelo menos três transcrições e retranscrições de uma instância psíquica para outra: da percepção ao inconsciente, do inconsciente à pré-consciência e da pré-consciência à consciência. Sigmund Freud (1896a). Carta 52 a Fliess.

⁸⁹ Sigmund Freud (1895). Projeto para uma psicologia científica, p. 401.

*sulcagem*⁹⁰ para considerar como a letra faz comparecer a tendência à repetição no aparelho psíquico. Ou seja, certa via que costuma se impor, se repetir, pois seu caminho estaria facilitado.

O traço enquanto inscrição é então um sulco e não uma marca impressa. É o vestígio deixado por uma passagem e não por uma ocupação positivada. A inscrição, para se produzir, exige uma oposição presença-ausência. Tampouco se trata de um decalque ou internalização global do objeto no psiquismo – já que traçar também significa cortar em pedaços. As inscrições psíquicas são, nesse sentido, recortes dos acontecimentos, mas recortes que transformam a percepção recebida em um sistema de inscrições composto de traços.

Lacan retoma esta questão apontando como a inscrição psíquica exigiria diferentes momentos: a pegada, seu apagamento e o rastro deixado pelo seu apagamento. Somente pela sucessão desses três momentos a letra, enquanto inscrição psíquica, poderia comportar a dimensão do enigma e, posteriormente, ser articulada em um funcionamento significante.⁹¹

Para ilustrá-lo evoca a cena em que *Robinson Crusoe*⁹² encontra a pegada do personagem *Sexta-feira*, apaga-a e, em seguida, introduz em seu lugar um X.⁹³ Esses diferentes tempos estão implicados na produção da letra como inscrição psíquica: no primeiro tempo a pegada deixada pela passagem de uma experiência; no segundo, o apagamento dessa pegada e, no terceiro, o rastro produzido pelo apagamento dessa pegada que produz, nesse lugar, um registro de outra ordem.

O rastro deixado pelo apagamento da pegada impede o acesso à marca do que passou por ali, mas já não é mais um terreno intocado. Ele institui um movimento de ausência-

⁹⁰ Jacques Lacan (1971a). *Lituraterra*, p. 17-32.

⁹¹ Paul-Laurent Assoun (1997). *Os três tempos da constituição do significante*, p. 43-53.

⁹² Daniel Defoe (1719). *As aventuras de Robinson Crusoe*.

⁹³ Jacques Lacan (1959b). Seminario 6. El deseo y su interpretación. In: *Edición electrónica de texto establecido para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires*.

presença-ausência, que já não apresenta de modo positivado o registro do que passou por ali, mas que deixa (pelo rastro do apagamento) o testemunho da passagem de um sujeito.

A inscrição psíquica, enquanto letra, correlaciona-se com o rastro do apagamento sobre o qual depois poderá vir a se produzir uma inscrição substitutiva (um "X", ou um círculo, tal como Crusoé fez), que introduz um enigma. O funcionamento significante só se estabelece a partir de um traço, de uma pegada, mas de uma pegada apagada,⁹⁴ de uma marca rasurada.

Se a pegada é apagada, se o sujeito rodeia seu lugar com um círculo, é algo que desde então lhe concerne. A marca no lugar em que encontrou a pegada, vocês têm aí o nascimento do significante. Isto implica todo esse processo que comporta o retorno do último tempo sobre o primeiro, não poderia haver articulação de um significante sem estes três tempos.(...) Um significante é uma marca, uma pegada, uma escritura, mas não há como lê-lo sozinho.⁹⁵

Então é o apagamento da pegada que possibilita o funcionamento significante, que dá lugar a uma representação não representacional, ou seja, que não está colada nem ao objeto referente em si, nem à imagem do objeto, e tampouco previamente ao conceito do objeto. Seu significado advirá da rede com outros significantes.

Daí os efeitos desastrosos para a constituição psíquica de técnicas tão comumente utilizadas para "ensinar" crianças a falar ou a fazer sinais – que, sob o argumento de elas terem patologias genéticas ou deficiências sensoriais – por meio de grupos classificatórios que colam um nome a uma coisa, nomeando e apontando em cartelas grupo de cores, de transportes, de animais etc. Nessa sede de "ensinar" deixa-se de considerar como a língua é transmitida, excluindo da cena o que a mãe ou o pai têm a dizer ao filho, o que estes supõem que o filho entende ou não entende, os equívocos, os não ditos nessa transmissão. Portanto, exclui-se da cena o ponto de entrecruzamento entre o código da língua e o

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ Jacques Lacan (1961-1962). Seminario 9. La identificación. In: *Edición electrónica de texto establecido para circulación interna* de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.

enigma do desejo que compareceria em uma fala endereçada ao bebê. Como efeito disso, encontramos muitas crianças que acabam por falar absolutamente desimplicadas do que dizem.

Acerca das inscrições psíquicas, Lacan aponta que Freud, desde o início de suas elaborações, *supôs que havia coisas que se imprimiam no sistema nervoso e lhe conferiu letras, o que já é dizer muito, porque não há razão alguma para que uma impressão se figure como algo já tão distante da impressão quanto uma letra.*⁹⁶ Fala isso situando conceitualmente a letra enquanto inscrição psíquica. Na seqüenciam sublinha que, na análise, Freud visava à rememoração como diferente da reminiscência: Enquanto na reminiscência se é assaltado, tal como ocorre com Proust diante da *madeleine*,⁹⁷ a rememoração implica um encadeamento das redes de tais letras na produção de um saber e de um saber falado. Se, em um tempo inicial, Freud insistia em que seus pacientes recordassem a cena supostamente traumática, essa compulsão a recordar se desfaz pelo método da associação livre. Assim, para que se produza uma análise, não basta que haja formações do inconsciente; é necessário que o sujeito se implique em tais formações e produza a partir delas. O que nos leva à terceira questão.

3. É preciso considerar que nem tudo que se inscreve enquanto traço pode ser evocado. Temos aí a função do esquecimento como sendo indissociável à de sujeito psíquico. Ou seja, para Freud, nem tudo que está inscrito em um sistema do aparelho psíquico passa para outro. Entre um e outro sistema operam transcrições e nem todas são transcritíveis e, portanto, nem tudo que se apresenta a partir dessas inscrições será legível, ou seja, as formações do inconsciente (sonhos, atos falhos, lapsos de memória) apresentam-se como profundamente enigmáticas mesmo para aquele que as produz.

⁹⁶ Faz tal afirmação referindo-se ao texto de Freud, Projeto para uma psicologia científica. Jacques Lacan (1975-1976). *O seminário. Livro 23. O sinthoma*, p. 127.

⁹⁷ Marcel Proust (1913). No caminho de Swann.

As metáforas escriturais de Freud, assim como *a instância da letra no inconsciente*⁹⁸ para Lacan, não implicariam uma espécie de escrita positivada da experiência, já dotada de sentido, de significação como um texto estabelecido. Justamente porque se tem algo que a letra produz quando comparece na clínica ou na vida cotidiana, por meio das formações do inconsciente, é a apresentação de um enigma.

O inconsciente não é uma escritura sagrada com uma significação já decidida, mas um conjunto de traços que insistem, que se repetem e, em relação aos quais, o sujeito precisará advir.

A letra, quando comparece, quando se dá a ver nas formações do inconsciente, arrasta consigo sua ilegibilidade. Ainda que seja possível vir a articulá-la de modo significante, em parte, ela sempre permanece irreduzível ao simbólico.

Assim também o é na clínica com a infância. Como trabalhamos no capítulo anterior, o bebê dá a ver, de modo enigmático, no estabelecimento de seus circuitos pulsionais, em sua produção corporal, seu peculiar modo de engajamento no laço com o Outro. A letra comparece introduzindo a dimensão do enigma no *dado a ver*. Nesse *dar a ver gratuito*, de modo semelhante ao que ocorre no sonho, *isso mostra*⁹⁹ – o *isso* sendo considerado aqui enquanto instância pulsional inconsciente.

O inconsciente se manifesta primeiro como algo que está à espera no círculo do não nascido,¹⁰⁰ pois, em um primeiro momento, nisso que é *dado a ver*, o sujeito não se vê, não se reconhece.¹⁰¹ Por isso, não basta que *isso* mostre. A partir do *dado a ver*, o sujeito precisará se produzir. Daí o trabalho de análise pelo qual se convoca o analisando a tomar a palavra a partir das formações do inconsciente, a trabalhar no alinhavo do que, pela irrupção de tais formações, comparece de modo desarticulado.

⁹⁸Jacques Lacan (1957b). La instancia de la letra en el inconsciente o la razón desde Freud, p. 473-509.

⁹⁹ Jacques Lacan (1964). *El seminario. Libro 11. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, p. 83.

¹⁰⁰ Idem, p. 30.

¹⁰¹ Idem, p. 83.

Na clínica com bebês, por sua vez, a letra se apresenta, precipitando seus efeitos de inscrição do *dado a ver* no corpo do bebê, como inscrição necessariamente anterior ao estabelecimento do bebê enquanto alguém capaz de tomar a palavra. No entanto, não é indiferente que, desde a cena clínica, o bebê seja suposto como um sujeito em constituição, cuja produção corporal dá a ver os primórdios de seu engajamento no laço com o Outro e que, portanto, com isso, mostra uma produção já relativa à inscrição de um litoral entre gozo e saber.

Daí que, na clínica com os primórdios da constituição psíquica, consideremos decisivo que isto que se dá a ver no corpo daquele que ainda não fala possa ser tomado enquanto enigma por um Outro encarnado que tome o *dado a ver* pelo bebê em uma rede associativa, fazendo disso uma formação do inconsciente sustentada em tal laço. Se, para o adulto, o *isso mostra* do sonho, comparece como um retorno da letra, enquanto formação do inconsciente, por sua vez, considerar clinicamente o *dado a ver* do bebê não consiste em supô-lo como retorno de um inconsciente já inscrito nele, já constituído. Este *dado a ver* no corpo do bebê se estabelece como um retorno da letra pelo modo em que é capturado na repetição inconsciente materna e parental. Se ele é *dado a ver*, torna-se então decisivo como esse manifesto é lido pelos pais.

A letra comparece tanto na clínica com adultos quanto com crianças, revelando sua ilegibilidade. Na clínica com adultos a letra comparece arrastando seu gozo enquanto um retorno do infantil nas formações do inconsciente. Já do lado do bebê, no *dado a ver* em sua produção, encontramos os primeiros efeitos da precipitação da letra a partir do laço com o Outro, na infância propriamente dita e, portanto, dizendo respeito a um *inconsciente em formação*. Se, por um lado, temos a letra enquanto retorno nas formações do inconsciente, por outro temos a emergência da letra do *inconsciente em formação*.

Todos esses pontos são centrais para situar o que entendemos por inscrição psíquica

no texto de Freud, assim como para situar o que entendemos por letra a partir do ensino de Lacan e, principalmente, suas consequências para a práxis clínica com bebês e pequenas crianças que ainda não falam. Traçamos, a seguir, um percurso por tais conceitos a fim de pô-los a trabalhar em relação à especificidade de tal clínica.

II.2. Freud e as metáforas escriturais dos aparelhos psíquicos

Ao longo de suas produções metapsicológicas, Freud elabora aparelhos psíquicos para dar conta das características do funcionamento mental que comparecem na clínica. Ele considera, a este respeito, algumas diferenças centrais:

- entre o que se inscreve e o que não se inscreve do vivido;
- entre aquilo que, do inscrito, não pode ser evocado, apesar de surtir os efeitos de sua inscrição, constituindo o núcleo do recalque primário;
- daquilo que, mesmo que alguma vez tenha sido passível de ser evocado, passa ao esquecimento por meio do recalque secundário;
- daquilo que, mesmo sem poder ser recordado comparece, de modo insistente, na repetição sintomática e formações do inconsciente, exigindo um trabalho clínico para ser elaborado;
- entre, por um lado, o poder de recepção ilimitado para a inscrição de novas experiências, e, por outro, a indefinida conservação das inscrições já efetuadas.¹⁰²

No texto "Projeto para uma psicologia científica", as inscrições psíquicas ocorrem em um primeiro aparelho psíquico concebido como uma metáfora neurológica. Nele Freud fala de neurônios ou células relacionadas por barreiras de contato e vias de facilitação –

¹⁰² Sigmund Freud (1895). Projeto para uma psicologia científica, p. 400.

aproximando-se muito, metapsicologicamente, do modelo neuro-anátomo-fisiológico atual, apesar de ser muito diferente do daquela época. Já nesse modelo o traço mnêmico não guarda correspondência com a coisa percebida, mas com um complexo sistema de inscrições no aparelho.¹⁰³

Trata-se de um aparelho psíquico guiado pelo princípio de inércia, ou homeostase, no qual o objetivo é manter-se livre de estímulos, por meio de uma fuga ou, quando estes são inevitáveis, tal como ocorre com os estímulos endógenos, por meio da descarga da energia que eles acarretam.

Uma das principais características desse aparelho é a memória, ou seja, *a capacidade de ser permanentemente modificado por ocorrências únicas*¹⁰⁴ e, ao mesmo tempo, manter a receptividade a novas percepções. Para dar conta dessa questão Freud concebe, nesse aparelho, neurônios diferenciados: os *Fi* como permanentemente permeáveis à excitação que a percepção produz no aparelho, mas incapazes de reter o registro da memória; e os *Psi* que fazem oposição ou barreiras de contato à excitação e que ficam permanentemente alterados após sua passagem, *permitindo assim uma possibilidade de representar a memória*.¹⁰⁵

Nesse aparelho psíquico alguns estímulos são passíveis de se tornarem inscrições de memória que se alinhavam umas às outras formando vias de *facilitação*¹⁰⁶ – que correspondem ao percurso percorrido, ao rastro deixado pela passagem da energia psíquica produzida nesse aparelho a partir de uma experiência anterior, levando a facilitar a circulação da energia nesse aparelho por uma determinada via já traçada. A memória liga-se, desse modo, à tendência à repetição, levando a percorrer um caminho psíquico já

¹⁰³ No aparelho psíquico, diferentemente do que no mundo externo, os estímulos, no que diz respeito à quantidade, ficam reduzidos e, em segundo, limitados, em virtude de uma seleção, e no que diz respeito à qualidade, ficam descontínuos, de modo que certos períodos nem sequer podem atuar como estímulos. Sigmund Freud (1895). Projeto para uma psicologia científica, p. 417.

¹⁰⁴ Idem, p. 399.

¹⁰⁵ Idem, p. 400.

¹⁰⁶ Idem, p. 401.

sulcado. Tem-se, assim, um aparelho psíquico que, por um lado permanece aberto a novas inscrições e, por outro, funciona por uma tendência à repetição.

Tempos depois, esta tendência à repetição já aí anunciada será retomada no texto "Além do princípio do prazer"¹⁰⁷ – no qual Freud considera o quanto a insistência na repetição de um desprazer contradiz o princípio do prazer (pela redução de energia acumulada), que até então embasava o funcionamento dos aparelhos psíquicos da psicanálise. Mais tarde, Lacan retomará a tendência à repetição do funcionamento mental apontada por Freud, dando origem ao conceito de gozo.

Na "Carta 52" dirigida a Fliess, Freud nos propõe um novo aparelho psíquico formado pela estratificação das inscrições:

*O material presente na forma de traços de memória estaria sujeito, de tempos em tempos a um reordenamento de acordo com novas relações- a uma retranscrição. Assim o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se encontra numa versão única, mas em vários tempos, ou seja, se encontra transcrita em diferentes tipos de signos (...) Não saberia dizer quantas destas transcrições existem, mas pelo menos, são três, provavelmente mais.*¹⁰⁸

Propõe diferentes registros dessas inscrições:

W – percepções – são neurônios que não conservam nenhum traço do que aconteceu;

WZ – primeiro registro das percepções – praticamente incapaz de assomar à consciência e se dispõe conforme as associações por simultaneidade;

Ub – inconsciência – segundo registro que se ordena por outros critérios, como a relação de causalidade, são lembranças conceituais sem acesso à consciência;

Vb – preconsciência – terceira transcrição, ligada às representações verbais.

Se no "Projeto para uma psicologia científica" aponta-se a importância da repetição pelas vias de facilitação, na "Carta 52" atenta-se para o fato de que, mesmo que as

¹⁰⁷ Sigmund Freud (1920). Além do princípio do prazer, p. 13-169.

¹⁰⁸ Sigmund Freud (1896). Carta 52, p. 317. Optamos aqui pela livre tradução do espanhol das Obras Completas da Biblioteca Nueva, p. 949-951.

inscrições psíquicas sejam indeléveis e, portanto, em certo aspecto, sempre as mesmas, sofrem rearranjos e *retranscrições ao longo de épocas sucessivas da vida*.¹⁰⁹ Que algumas dessas retranscrições não ocorram, persistindo o anacronismo de certo material, é o que ocorreria na neurose pela defesa implicada no mecanismo do recalque.¹¹⁰ Temos aí um aparelho que funciona com diferentes registros de inscrições, pelo qual algumas inscrições podem ser retranscritas, entre as diferentes instâncias do aparelho, e outras não. Ou seja, nem tudo que está inscrito pode ser evocado, associado ou religado.

Em "A interpretação dos sonhos", Freud nos propõe um aparelho psíquico cujo desenho é conhecido como *esquema do pente*.¹¹¹ Esse aparelho tem um polo perceptivo, mas entre a percepção e a consciência, o estímulo passa pelo crivo dos traços mnêmicos inconscientes (representados pelos dentes do pente). Desse modo, fica evidente o quanto a percepção não tem um valor intrínseco, mas que depende de sua passagem pelos traços mnêmicos inconscientes para adquirir uma significação.

Esse aparelho também permite a Freud dar conta do modo de produção dos sonhos ou das alucinações. Por meio da *regressão topográfica*¹¹² a energia psíquica, ao percorrer o aparelho no sentido regressivo – e, portanto, dos traços mnêmicos inconscientes ao pólo perceptivo –, indo na direção oposta própria da vigília, seria capaz de produzir uma imagem sensorial¹¹³ a partir de inscrições psíquicas inconscientes, a partir dos traços mnêmicos.

Se, durante o trabalho do sonho, as inscrições produzem imagens oníricas, no trabalho de análise, ao falar desse sonho, volta a operar-se uma mudança de registro: as imagens dos sonhos são postas em palavras. No entanto, como bem aponta Freud, as leis do processo primário, que regem o inconsciente, e às quais o sonho está submetido, tomam

¹⁰⁹ Sigmund Freud (1896). Carta 52 a Fliess, p. 319.

¹¹⁰ Idem, ibidem.

¹¹¹ Sigmund Freud (1900). *A interpretação dos sonhos*, p. 577.

¹¹² Idem, p. 584.

¹¹³ Idem, p. 579.

as palavras como coisas, produzindo com elas anagramas, ou fazendo-se valer de sua polissemia.¹¹⁴

Freud busca articular a relação entre a instância psíquica do inconsciente e a da Consciência, do conteúdo latente com o manifesto, apontando-nos claramente que, ao procurar, por meio da interpretação dos sonhos, a passagem de uma instância para outra, encontra-se com o fato de que o conteúdo onírico é comparável a uma *escrita hieroglífica*.¹¹⁵ Aponta-nos que a figuração onírica coloca dificuldades semelhantes às que a escritura hieroglífica oferece à sua tradução. Ainda que a primeira *não tenha o propósito de ser compreendida*,¹¹⁶ a segunda, mesmo que algum dia o tivesse, é uma língua perdida.

Por meio de tal comparação, Freud apresenta claramente uma metáfora escritural dos conteúdos psíquicos, pondo em relevo o caráter enigmático que os sonhos, assim como os sintomas ou atos falhos comportam. Ele aposta firmemente na possibilidade de interpretá-los seguindo a trilha de suas sucessivas condensações e deslocamentos. No entanto, afirma:

(...) mesmo nos sonhos melhor interpretados é preciso frequentemente deixar um lugar nas sombras, porque na interpretação observa-se que daí tem início uma madeixa de pensamentos oníricos que não se deixa desemaranhar, mas que tampouco faz outras contribuições ao conteúdo do sonho. Esse é, então, o umbigo do sonho, o lugar no qual ele se assenta no

¹¹⁴ No texto "O inconsciente" (1915), Freud retomará esta questão ao situar que cada instância do aparelho psíquico tem um modo de operar com a representação, tratando de diferentes formas os traços nelas inscritos e implicando um complexo mecanismo de transcrições de uma instância para outra do aparelho. O processo primário, relativo ao que é inconsciente, opera com a representação-coisa [*sachevorstellung*] e o secundário, implicando o verbal na "tomada de consciência", enlaça a representação-coisa com a representação-palavra [*wortvorstellung*]. Ambos, no entanto, partem do *vorstellungrepräsentanz*, ou do representante que representa a pulsão no aparelho psíquico. Deste modo, o psiquismo sempre estaria lidando com inscrições que não guardam correspondência com a coisa, sempre com traços e nunca com a coisa em si. Isto permite uma equiparação com o que Saussure propõe e Lacan retoma quanto à arbitrariedade do signo linguístico em relação ao referente. É interessante notar também como, nesse texto, Freud aponta que na esquizofrenia, assim como nas imagens oníricas, as palavras são tratadas como coisa, de acordo com as leis do processo primário, por condensações e deslocamentos, p. 227. Isso faz com que as formações do inconsciente se produzam de modo análogo a um rébus, ou como uma escrita cifrada. Tal questão daria lugar a uma outra correlação possível – ainda que tais conceitos não se equivalham plenamente – entre: representação-coisa/ traço-letra e representação-palavra/ traço-significante. No entanto, tal equiparação exige considerar um ponto decisivo para a psicanálise e indiferente para a linguística, ponto trabalhado por Freud e retomado por Lacan: *O fato de a pulsão se representar na vorstellung aponta para o corpo e para a sexualidade, aspectos excluídos da linguística*, como aponta precisamente Cláudia Rego. *Traço, letra, escrita*, p. 125; Sigmund Freud (1915). *O inconsciente*, p. 191-252.

¹¹⁵ Sigmund Freud (1900). *A interpretação dos sonhos*, p. 343.

¹¹⁶ Idem, p. 363. Optamos pela livre tradução a partir das Obras Completas da Biblioteca Nueva.

*desconhecido. Os pensamentos oníricos com os que topamos, devido à interpretação, têm que permanecer sem nenhuma clausura, ramificar em todas as direções dentro da emaranhada rede de nosso mundo de pensamentos. E, desde um lugar mais espesso desse tecido, eleva-se o desejo do sonho como o cogumelo de seu micélio.*¹¹⁷

Aparece aí o resto indecifrável do sonho, o ponto onde se detém o movimento da interpretação. Este aspecto será sublinhado por Lacan, apontando que, apesar da ramificação das interpretações a que o simbólico dá lugar, há um ponto de real¹¹⁸ em que o comparecimento da letra no sonho, se por um lado dá lugar à articulação significativa do trabalho em análise, por outro, apresenta sua ilegibilidade.

Freud, ainda nesse texto, situa outra metáfora escritural: a do sonho enquanto rébus,¹¹⁹ sublinhando a diferença entre conteúdo latente e manifesto do sonho.

*Como alguma carta cifrada, a inscrição onírica, quando examinada de perto, perde sua primeira aparência de disparate e assume o aspecto de uma **mensagem** séria e inteligível. (...) como um **palimpsesto**, o sonho revela, sob seus caracteres superficiais, destituídos de valor, vestígios de uma comunicação antiga e preciosa.*¹²⁰

Tal noção é de um valor inestimável por opor-se à tentativa de interpretar o sonho por meio de uma correspondência fixa e isolada entre seus elementos pictográficos e seu sentido. Propõe-nos, em lugar disso, uma leitura que, diante dessa *carta cifrada*, opera uma mudança de registro: a passagem de tais imagens ao seu valor fônico durante o trabalho de análise revela que as imagens do sonho são efeito de uma composição, uma combinatória de palavras, tratadas como coisas, de acordo com as leis do processo primário. As *inscrições oníricas* configuram-se como rébus, durante o trabalho do sonho.

¹¹⁷ Idem, p. 560.

¹¹⁸ *Umbigo do sonho, esta relação abissal ao mais desconhecido que é a marca de uma experiência privilegiada, excepcional, onde o real é apreendido para além de toda mediação, quer seja imaginária, quer simbólica.* Jacques Lacan (1954-1955). *O seminário. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, p. 223.

¹¹⁹ Por exemplo: (desenho de) um sapo com uma fita na cabeça (sapa) "+" (o desenho de) um pato "-" o (desenho de) uma pá. Teríamos aí um rébus cuja resposta seria "sapato".

¹²⁰ Sigmund Freud (1900). *A interpretação dos sonhos*, p. 145; Tal citação também é trazida, a fim de situar a diferença entre latente e manifesto, por Cláudia Rego. *Traço, letra, escrita*, p. 109, **negrito** nosso.

Trazemos a este respeito um breve exemplo de trabalho em análise a partir de um sonho: "Estava a passeio em uma trilha no campo. Era uma bela paisagem com mato verde e, ao fundo, um morro quando me encontrei, no meio do caminho, com um desbarrancamento. Tinha que escolher, ou pulava, correndo riscos, ou ficava ali. Foi então que acordei".

Esse sonho fica correlacionado a certa escolha de vida que era preciso fazer. Mas somente após falar do sonho, mudar o registro dessas imagens para palavras, que se revela a homofonia entre os substantivos "mato", "morro" com a dos verbos. Passa-se, assim, por meio do jogo de homofonia, da qual o trabalho do sonho se valeu, da imagem da paisagem à relevância psíquica de um ato no qual estava em jogo a realização de um ato que implicava simbolicamente matar ou morrer.

O trabalho do sonho se valeu desse jogo significativo e a interpretação do sonho permitiu sua leitura ao pé da letra. Falar do sonho, em transferência, produziu essa mudança de registro pela qual se evidencia que decifrar o sonho não é lê-lo nas entrelinhas. Tampouco procurar descobrir um sentido que nele estaria oculto, senão justamente tomar o que se apresenta na superfície e que, para ser lido, exige uma mudança de registro da imagem ao significante, a partir do qual o sentido pode advir de uma leitura ao pé da letra.

Em "Psicopatologia da vida cotidiana"¹²¹ Freud expõe diversos exemplos de lapsos, atos falhos e esquecimentos. A partir deles a psicanálise inaugura uma nova categoria em relação às manifestações psíquicas, cuja valoração não se reduz à oposição entre falso e verdadeiro, tal como no juízo de valor realizado diante dos sintomas histéricos que, por não corresponderem à legalidade neuro-anatômica, eram tantas vezes considerados falsos, "um fingimento". A condição de tais formações do inconsciente é justamente apresentarem a lógica do *em falho*, do aparente sem sentido, que exige uma decifração.

¹²¹ Sigmund Freud (1901). Psicopatologia da vida cotidiana.

Isto porque, inconscientemente, para a produção de tais formações, foram realizadas condensações e deslocamentos *sem levar em conta o significado ou o limite acústico das sílabas*. Neste processo, os nomes foram manipulados como imagens de um texto que deve ser transformado num jogo de enigma visual.¹²² Freud denomina isso como uma *associação externa* ou *superficial*, ou seja, que não se dá apenas pelo conteúdo ou pelo significado da palavra. Fica claro aí como se joga inconscientemente com as palavras, não só com a sua significação, mas com a sonoridade de seus fonemas e com o traçado gráfico de suas letras. É o que também comparece na conhecida construção em análise do *Homem dos lobos*¹²³ na qual as letras V e W arrastam a insistência de uma repetição:

*(...) no V do relógio que supostamente estaria marcando a hora da cena primária, na abertura das pernas das moças, no bater das asas da borboleta ou nas asas arrancadas da vespa (Wespe) – que o Homem dos lobos pronuncia "espe", castrando-a de sua W para encontrar ali as iniciais de seu nome, S. P., com o risco de vê-lo ressurgir nos lobos (Wölfe), aos que deve sua alcunha.*¹²⁴

Acerca do sonho como rébus Freud diz que:

*(...) as palavras assim combinadas já não carecem de sentido, e podem dar por resultado a mais bela e significativa sentença poética.*¹²⁵ *Os nossos antecessores no campo da interpretação dos sonhos cometeram o erro de tratar o rébus como uma composição pictórica e, como tal, elas lhe pareceram sem sentido e destituídas de valor.*¹²⁶

Se já na "Carta 52" Freud apontava a impossibilidade de transcrição de um para outro sistema do aparelho psíquico como a causa da neurose, ao longo de "A interpretação dos sonhos", ele nomeia a passagem do latente para o manifesto de diferentes modos: *transferir, traduzir, transcrever, decifrar*. Nesse texto, sublinha o caráter paradoxal do que se manifesta no sonho: sua inscrição cifrada, suas imagens produzidas a partir dos traços,

¹²² Idem, p. 24.

¹²³ Sigmund Freud (1918[1914]). História de uma neurose infantil, p.13-151.

¹²⁴ Roland Chemama (1993). Verbete letra, *Dicionário de psicanálise Larousse*, p. 124.

¹²⁵ Sigmund Freud (1900). *A interpretação dos sonhos*, p. 296. Optamos pela livre tradução do espanhol das Obras Completas da Biblioteca Nueva.

¹²⁶ Idem, *ibidem*.

dos sulcos inconscientes, por um lado permitem uma ramificação de associações – situando o que podemos correlacionar com a face da letra voltada para a articulação simbólica –, e, por outro, detém-se em uma borda que toma o sonhador, que afeta seu corpo, sua sexualidade, sua pulsão, ao mesmo tempo que tangenciam o indizível – situando o que podemos correlacionar com ponto em que a letra revela a sua outra face da moeda: a que se volta para o real.

Em 1925, Freud oferece uma nova analogia do funcionamento psíquico: o bloco mágico.¹²⁷ Descreve que tal aparelho é composto por uma prancha de cera sobre a qual há uma folha fina e transparente de celulose presa a ela pela borda superior e, entre elas, um papel encerado fino. Para escrever nele é preciso um instrumento pontiagudo que, ao ser pressionado sobre sua superfície, faz as folhas se unirem, deixando ver o que foi escrito. Ao descolá-las o escrito desaparece, deixando a superfície receptiva a novas inscrições enquanto a camada de cera o registra de modo permanente. O que fica registrado na prancha de cera pode ser visto sob luz especial, mas é ilegível. Só se torna legível durante o tempo de contato das três camadas.

A partir do surgimento dessa novo aparelho psíquico, Freud retoma a velha questão de procurar elaborar como nosso aparelho mental *possui uma capacidade receptiva ilimitada para novas percepções e, não obstante, registra delas traços mnêmicos permanentes, embora não inalteráveis*.¹²⁸

O interesse desse apetrecho seria, por um lado, o de considerar a atemporalidade do inconsciente, no qual todas as inscrições de diferentes tempos conviveriam, e, por outro, esse espaço intermitente, o da folha que se move e que temporalizaria tal registro:¹²⁹ entre o momento de comparecimento através da repetição e o momento da inacessibilidade à

¹²⁷ Sigmund Freud (1925b). Uma nota sobre o bloco mágico, p. 283-290

¹²⁸ Idem, p. 286.

¹²⁹ Simone Ricketts. Riscos e tempo, p. 63-77.

evocação de certos traços, da legibilidade e da ilegibilidade.¹³⁰

De modo análogo ao que experimentamos diante das formações do inconsciente, que nos dão a impressão de um movimento de abertura e fechamento, produz-se o movimento das folhas do bloco: ora em contato, ora em interrupção, estabelecendo *um método descontínuo de funcionamento* na relação entre diferentes sistemas que estaria *na origem do conceito de tempo*¹³¹ (psíquico ou lógico, nos permitimos acrescentar aqui).

Se a relação temporal dos conteúdos psíquicos é assim apresentada nesse texto, ele traz também uma interessante concepção em termos espaciais. Já não se trata de um sistema estratificado ao longo do tempo, como foi apresentado na "Carta 52", no qual os conteúdos mais antigos correspondem a estratos mais profundos. Há apenas uma superfície que se cobre e se descobre, mas não profundidade.¹³² Portanto, a intervenção clínica não implicaria buscar em camadas profundas, mas considerar diferentes registros do que comparece na superfície.

No decorrer do até aqui desenvolvido, foi possível situar a importância que Freud atribui às metáforas escriturais para descrever o funcionamento psíquico. Cada metáfora escritural e cada aparelho psíquico foi produzido para dar conta de questões apresentadas pela clínica. Ainda que não tenha se dedicado a formalizar tal questão, por meio de tais metáforas, Freud adverte sobre a implicação entre linguagem e funcionamento mental.

Se o bebê, ao nascer, não tem um aparelho psíquico constituído, coloca-se como questão desde onde se precipitam as inscrições que se dão a ver em sua produção corporal. Evidentemente, desde a transmissão inconsciente parental posta em ato no exercício de seus cuidados. Nesse sentido podemos dizer que o aparelho psíquico da mãe opera inicialmente como uma prótese diante das urgências vitais do bebê. É a mãe quem arma uma leitura do que se passa com o bebê, que se interroga diante do enigma que ele

¹³⁰Jacques Derrida (1995). *A escritura e a diferença*, p. 221, apud Simone Rickes. Riscos e tempo, p. 75.

¹³¹Sigmund Freud (1925b). Uma nota sobre o bloco mágico, p. 290.

¹³²Adela S. Gueller. *Vestígios do tempo*, p. 90.

comporta sancionando o sentido do que ele dá a ver. Coloca assim o corpo do bebê em relação a um saber produzido por um complexo sistema de inscrições, propiciando-lhe satisfação na medida em que se ocupa de sua economia de gozo.

Se, nos primórdios da constituição psíquica, o corpo do bebê tem seu funcionamento sustentado no laço com a mãe, isto passa a lhe dizer respeito subjetivamente, pois o que se passa nesse laço lhe concerne. Mais adiante, ele formulará respostas que, por meio do brincar, irão produzindo uma extensão significativa da letra precipitada no seu corpo.¹³³

II.3. A letra como inscrição psíquica e como enigma *dado a ver* na superfície

A clínica com bebês e crianças nos leva a interrogar a formação do psiquismo e a produção de suas inscrições constituintes. Daí o interesse pelo conceito de letra trazido neste texto.

Enquanto Freud situa metáforas escriturais, Lacan traz o conceito de letra ao campo da psicanálise. Tal conceito é reformulado ao longo de sua obra prestando-se a diferentes concepções e dando lugar a diferentes articulações teóricas dependendo do momento conceitual que se tome por referência. Mais do que defini-lo exaustivamente, apontando todas as suas modificações, gostaríamos de trazer algumas reflexões acerca de sua pertinência para considerar as operações clínicas realizadas com bebês e com crianças pequenas que, mesmo tendo idade para serem falantes, não chegaram a posicionar-se psiquicamente enquanto tal.

De início, é central ter cuidado para não tomar indiferenciadamente a letra do alfabeto, que é articulada no texto escrito, como equivalente à letra enquanto inscrição

¹³³ Questão apontada no capítulo anterior em que se articula a citação de Alfredo Jerusalinsky (1988). *Psicanálise e desenvolvimento infantil*, p. 49.

psíquica. Temos aí um primeiro problema a considerar.¹³⁴ Tal superposição poderia nos levar a crer erroneamente que, quando se operam inscrições psíquicas a partir dos cuidados maternos com o bebê, isso já implicaria em si a transmissão positivada de um código articulado.

É preciso a travessia de um longo percurso, um percurso não contínuo, mas determinado pela sucessão de diferentes passos lógicos, entre as inscrições que uma mãe opera no cuidado com o bebê até que este venha a se tornar falante, apropriando-se do código de uma língua e se fazendo valer dela em seus atos de enunciação. Nessa travessia é preciso considerar não só a produção de marcas, mas seus apagamentos, que introduzem um enigma, que cifram, sem o qual pode até haver sujeição a um código, repetição de enunciados, mas não um sujeito que fale em nome de um desejo.

Não há uma relação direta e imediata entre as inscrições primordiais do psiquismo e a função da letra no escrito. Entre o que fez inscrição psíquica e o que pode, a partir daí, vir a ser escrito como texto. Mesmo que ambas digam respeito à instância da letra no inconsciente e mesmo que escrever seja um retorno dessa instância, isso não equivale a considerar que a letra já esteja assim dada desde um primeiro tempo. Senão por que se levaria tanto tempo até chegar a falar e, mais ainda, para chegar a ler e a escrever ao longo da infância? Senão por que, até mesmo para o adulto, enquanto sujeito constituído, escrever implicaria um árduo trabalho de elaboração?

Há uma distância entre a produção de inscrições constituintes do psiquismo e que esse bebê devesse como *fallasser* e, mais ainda, para que chegue a ler e escrever. Trata-se de uma distância entre diferentes momentos lógicos da constituição do sujeito, que exigem uma passagem de tempo para que possam se produzir, ainda que não sejam causados por

¹³⁴ A polissemia do termo *lettre* em francês (letra/carta) talvez evite que ele se precipite tão prontamente sobre a concepção de letra do alfabeto, como ocorre no português.

uma cronologia, mas pelos efeitos de inscrição precipitados a partir do laço do bebê com o Outro.

Ao longo da constituição psíquica os estímulos recebidos não se inscrevem simplesmente por sua força ou pela insistência da repetição. Isto pode até produzir uma marca, mas não instaura a mesma como um traço atrelado a um funcionamento significante. Em tal funcionamento, o significado assumido pelo que foi dito, pelo que foi enunciado, dependerá da leitura de todo o contexto do enunciado e do ato de enunciação e, portanto, dependerá também dos *shifters* do olhar para diferenciar a quem o enunciado se dirige, ou da entoação que, ao denotar, por exemplo, ironia, é capaz de subverter o sentido do enunciado.¹³⁵

Diante dos estímulos endógenos do bebê é preciso um Outro encarnado que atribua intenção de comunicação ao seu grito e, por meio de uma interpretação, produza uma ação específica capaz de satisfazê-lo. Se há interpretação é porque já há linguagem ali. Mas é evidente que a linguagem não se inscreve por si. Não basta colocar um bebê na frente do rádio ou da televisão. Para que o gozo do bebê se atrele ao Outro, como instância da linguagem, é preciso um endereçamento, é preciso um Outro que, ao tomar o bebê desde um desejo não anônimo¹³⁶ e a partir do saber simbólico que a linguagem lhe permitiu constituir, opere corte e costura do funcionamento corporal do bebê, levando em conta o que o afeta e fazendo borda a seu gozo.

Se isto atrela o bebê ao campo do Outro, para que ele possa chegar a situar-se na condição de falante, e não como um mero repetidor ecológico do que lhe é dito, será preciso que esse desejo não anônimo opere no laço mãe-bebê enquanto um enigma diante do qual, para a mãe, o bebê se situa como sujeito que supostamente deteria um saber.¹³⁷

Em primeiro lugar a mãe mesma irrompe o código ao dirigir-se ao bebê e falar-lhe

¹³⁵ Tal como será abordado no capítulo "Prosódia e enunciação na clínica com bebês".

¹³⁶ Jacques Lacan (1969a). Dos notas sobre el niño, p. 55-57.

¹³⁷ Ver a este respeito recorte clínico do capítulo "Prosódia e enunciação na clínica com bebês".

em uma *alíngua* que *causa formigamento, cócegas, furor, para dizê-lo tudo, que causa animação do gozo do corpo*.¹³⁸ A mãe, ao colocar em cena com o bebê certos particularismos forjados na língua, convoca o bebê nesse ponto de cruzamento em que o gozo e o desejo implicados no sujeito da enunciação incidem na língua, subvertendo-a.

Em segundo lugar, porque o bebê só devém como sujeito capaz de uma fala plena na medida em que a dimensão do enigma esteja comportada no laço com seus pais. É preciso que o fato de o bebê ser objeto do desejo materno se conjugue com a suposição de que ele deteria um saber sobre o desejo materno que a própria mãe ignora saber. Ou seja, o bebê não fica simplesmente situado como um objeto restitutivo da castração materna, mas sim como herdeiro do desejo inconsciente dos pais e, portanto, como um sujeito que supostamente deteria um saber sobre o desejo encarnado em seu corpo. Daí que o *dado a ver* em seu corpo assuma a dimensão de um retorno do recalado parental.

Em terceiro lugar, é preciso ainda considerar que a questão que se coloca em relação à inscrição do sujeito enquanto *falasser* certamente retorna e se retoma no ato de ler o texto escrito. O ato da leitura reintroduzirá o enigma para a criança,¹³⁹ enigma em relação ao qual lhe será preciso articular um saber-fazer. Por sua vez, o ato de escrever, a angústia diante da página em branco, nos confronta com o velho exercício dialético da alienação-separação.¹⁴⁰ Como retomar estes traços inscritos em nós para produzir algo a partir deles?

Ao fazer isso acaba aparecendo nossa repetição e nosso estilo de escrever¹⁴¹ que se revela por todas as nossas insistências devido ao que em nós se repete em torno de um real que *não cessa de não se inscrever*.

Se o primeiro problema situado diz respeito à diferença entre a letra enquanto

¹³⁸ Jacques Lacan (1973-1974). *Seminário 21*, classe 15, 11/06/1974.

¹³⁹ Jean Bergès. A instância da letra na aprendizagem, p. 6-10.

¹⁴⁰ Gérard Pommier (1993). *Nacimiento y renacimiento de la escritura*, p. 7.

¹⁴¹ Apesar dessa rápida consideração sobre o assunto não pretendemos neste texto adentrar na interessante diferença entre fala e escrita, como ato de escrever – considerado como uma retomada da letra enquanto inscrição psíquica – mas focar na relação que opera entre o que comparece no ato de enunciação de um sujeito e as inscrições inconscientes que estariam operando na produção de tal fala para chegarmos a articular a relação que opera entre fala materna e inscrição da letra para o bebê.

inscrição psíquica e a função da letra no escrito, um segundo problema é a relação que opera entre a fala e as inscrições psíquicas, questão que não é indiferente considerar desde o viés de um adulto constituído ou de uma criança em plena constituição.

Levando tal questão ao tempo primordial da constituição do sujeito e considerando que tais inscrições não estão dadas, mas se produzem no laço com o Outro do bebê, o que fica em jogo é qual a relação que opera entre a fala materna atrelada aos cuidados que esta realiza e a inscrição da letra no corpo do bebê.

Como se percebe, este segundo problema se articula ao primeiro, pois, se a transmissão da letra, a produção de inscrições constituintes, não equivale pura e simplesmente a uma transmissão positivada do código, então somos levados a considerar que tal transmissão opera pelos equívocos da fala materna,¹⁴² pela *alíngua materna*¹⁴³ que ela introduz, indo além da língua, no laço com o bebê e, portanto, como abordaremos mais adiante, pelo viés em que a letra, por meio do transitivismo materno, faz borda ao gozo do corpo.

Já na clínica com adultos neuróticos, temos notícias das inscrições inconscientes pela fala de tais pacientes, pelo que se repete nas narrativas que fazem da sua vida, de seus sonhos, das queixas acerca de seus sintomas ou pela irrupção que se introduz ao produzirem um ato falho, lapso ou sonho.

Mas, apesar das metáforas arqueológicas de Freud, o psicanalista jamais encontra a "cidade do inconsciente", a sua morada. Jamais pode reconstruí-la plenamente e passear por ela como em Teotihuacan, nas Pirâmides ou na Acrópole. A clínica psicanalítica permite o fugaz encontro com os "caquinhos" do inconsciente que introduzem um *non-sense* pelo qual a letra comparece. É só por meio destes "caquinhos", destes fragmentos, destas letras caídas, que testemunhamos o inconsciente. Inicialmente o testemunhamos

¹⁴² Alfredo Jerusalinsky. *Saber falar*, p. 50.

¹⁴³ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 188.

enquanto enigma e, ainda que seja possível realizar com tais letras caídas da série algumas construções, nunca é possível juntar todo o quebra-cabeça. Tal é o limite das metáforas arqueológicas enquanto aparelho psíquico.

O testemunho que temos do inconsciente comparece na fala, apresenta-se na superfície e ainda que o faça de modo fragmentário, introduzindo um *non-sense* ao pensamento racional, revela certa coerência em sua insistência à repetição. Isto leva os psicanalistas a suporem, desde Freud, que essas produções irruptivas dos processos conscientes seriam efeito de inscrições inconscientes. Fica assim situada a relação entre fala e inscrições psíquicas. Mas falar delas não seria simplesmente revelá-las, trazendo à tona uma velha edificação das profundezas, já que a partir de cada comparecimento da letra, de cada caquinho pego e trabalhado, esta suposta cidade do inconsciente sofreria rearranjos, retranscrições.

Assim, poderíamos pensar nesta suposta instância da letra no inconsciente – da qual falará Lacan –, mais do que como uma cidade perdida e enterrada nas profundezas, como algo mais parecido com as escadas da escola do Harry Potter,¹⁴⁴ que vão mudando de lugar. Uma arquitetura que parte de certos elementos, de certos traços inscritos que mantém algumas trilhas fixas que se repetem, mas que está sujeita, em função dos acontecimentos, a rearranjos, a certa mobilidade entre eles. Se um ato falho irrompe a fala e é causado por inscrições inconscientes, falar dele em análise pode permitir uma reinscrição. Este é o trabalho de análise: partir do *non-sense* introduzido pela irrupção de uma formação do inconsciente, considerando-o um enigma a partir do qual se pode articular uma leitura, um alinhavo, apesar do ponto em que comparece a faceta de sua irreduzível ilegibilidade.

¹⁴⁴ Personagem central da série de best sellers infanto-juvenis de mesmo nome, escritos por J.K. Rowling (1997) e levados ao cinema, a partir de 2001, em filmes com a direção de Chris Columbus e produção dos estúdios Warner Bros.

*A letra, na medida em que caiu da fala na operação do recalque, é aquilo de que o inconsciente é constituído. Mas talvez seja preciso manter, ao mesmo tempo, que é na medida em que a letra é recolocada em jogo em significantes e significantes que podem ter efeitos de sentido, que a interpretação é possível.*¹⁴⁵

Portanto o inconsciente não corresponde a uma escritura, tal como a de um suposto livro sagrado. Nós nos havemos com suas fugazes irrupções, diante das quais a leitura que o atrela a uma série sempre está por vir.

Por isso o sonho não é um texto já dado cujo sentido um analista, como um especialista de palavras-chave, viria a desvendar, fazendo dele um livro aberto. No sonho, as imagens, as diferentes percepções sensoriais, são produzidas a partir das inscrições do inconsciente, mas é a partir da leitura, da decifração articulada em transferência, que seu texto se produz.¹⁴⁶ Tal é a diferença entre falar de inscrições inconscientes, e falar de uma escritura inconsciente – o que pode dar a impressão de um texto com uma significação já decidida.

Isto é perfeitamente coerente com o que Freud propõe acerca das chamadas formações do inconsciente como *fenômenos que podem ser reportados a um material psíquico incompletamente suprimido, o qual, apesar de repellido pela consciência, ainda assim, não teve roubada toda sua capacidade de se exprimir.*¹⁴⁷ Assim, o aparente sem-sentido, o *non-sense*, coloca em cena a divisão do sujeito perante a irrupção do inconsciente e, ao mesmo tempo, nos mostra como o inconsciente não está oculto em camadas profundas, comparecendo no ato de enunciação.

Sempre lhes suplico que se livrem da confusíssima discussão entre o superficial e o profundo. Não há nada mais profundo do que o superficial, porque não há profundo

¹⁴⁵ Roland Chemama. Questões sobre a interpretação, p. 117.

¹⁴⁶ Adela S. Gueller. *Vestígios do tempo*, p. 174.

¹⁴⁷ Sigmund Freud (1901). Psicopatologia da vida cotidiana, p. 332.

algum,¹⁴⁸ afirma Lacan permitindo-nos situar a questão do sujeito do inconsciente a partir da figura topológica da *Banda de Moébius*. Com ela tenhamos a impressão que haveria dois lados, um direito e um avesso, tal como a divisão que se experimenta diante de uma formação do inconsciente, mas ao andarmos por ela, tal como ocorre com a dinâmica de nosso funcionamento psíquico, verificamos que se trata de uma única superfície.

O verdadeiro mistério do mundo é o visível, não o que não se vê, afirma Oscar Wilde,¹⁴⁹ o que nos leva a interrogar acerca do caráter enigmático do comparecimento das formações do inconsciente e, fundamentalmente, pelo caráter enigmático que o sintoma *dado a ver* no corpo do bebê faz comparecer. Não é porque ele se manifesta no corpo que deteria um sentido evidente e já articulado. O sintoma *dado a ver*, exposto na superfície das funções corporais, convoca o olhar, mas um olhar que pode operar enquanto leitura em vez de operar enquanto observação.¹⁵⁰

O sintoma *dado a ver* no corpo do bebê, que comparece como formação do inconsciente produzida no laço mãe-bebê, pode ser tomado na clínica em analogia com a figurabilidade (*darstellung*) do sonho, da qual nos fala Freud. O sonho não é em si uma representação (*vorstellung*), ele está mais próximo de uma apresentação que *não é puramente simbólica, nem puramente imaginária, já que com a pulsão entra também no sonho algo do real*.¹⁵¹ No entanto, o *dado a ver* no corpo do bebê não é, *per se* uma formação do inconsciente, pois o inconsciente não está dado por herança de modo constitucional. É a partir do laço com o Outro que o *dado a ver* no corpo do bebê será articulado à rede do discurso e capturado em algum retorno do recalcado materno e/ou familiar, passando à dimensão de manifesto de um *inconsciente em formação* – e, portanto revelando, a não correspondência entre corpo e sujeito nos primórdios do psiquismo.

¹⁴⁸ Diz Lacan, referindo-se à suposta afirmação de André Gide. *Os moedeiros falsos*. Jacques Lacan (1954-1955). *O seminário. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, p. 195.

¹⁴⁹ Oscar Wilde (1890). *O retrato de Dorian Gray*, p.30.

¹⁵⁰ A este respeito, ver o capítulo "Leitura de bebês".

¹⁵¹ Adela S. Gueller. *Vestígios do tempo*, p. 189.

II.4. Transcrever, traduzir, transliterar

– intervenções com os diferentes registros da letra –

O inconsciente não é profundo, apresenta-se na superfície, mas revelando um sem-sentido. Por isso a interpretação não opera simplesmente por uma tradução ou transcrição de um texto que já estaria dado ali. A leitura em análise implica, em certa medida, a própria produção de um texto a partir da letra – concebida como uma concatenação de traços que, ainda que se mostrem, ainda que se deem a ver na superfície, arrastam consigo uma irreduzível ilegibilidade. Isto guarda relação com a película de cera da qual Freud nos falava na "Carta 52", apontando que tanto o legível quanto o ilegível estão na superfície.

Avançando nesta questão, Allouch propõe a diferença entre *transcrever*, *traduzir* e *transliterar*,¹⁵² como três operações que não aparecem necessariamente isoladas umas das outras na prática clínica, mas que dizem respeito a diferentes registros da letra:

A *transcrição* é uma operação pela qual se produz um escrito que é regulado pelo som, a partir do estabelecimento de uma correspondência fonética e fonológica entre letra e som. Implica uma operação que aproxima a letra do registro real por procurar transcrever a notação fonética da fala, de forma independente do sentido ou dos jogos de linguagem que a mesma comporta. Tenta, assim, registrar a coisa tal e qual ela é, mas esbarra na impossível tarefa de fazê-lo.

A *tradução* (de uma língua para outra) é uma operação na qual o escrito é regulado pelo sentido, tentando apagar a dimensão equívoca e procurando aproximar-se ao máximo do suposto sentido original. Ao fazer isso, ao tentar mergulhar no seu "sentido profundo", o tradutor se afasta do que no texto é literal. Por isso é uma operação que sublinha o registro imaginário da letra, do sentido único.¹⁵³

¹⁵² Jean Allouch. *Letra a letra*, p. 13-18.

¹⁵³ Apesar, é claro, de que haja traduções nas quais se tenta recuperar a homofonia, a polissemia, a dimensão

A *transliteração*, terminologia que não é utilizada nem por Freud nem por Lacan, mas introduzida por Allouch, é definida como uma operação simbólica, própria da operação analítica, na qual o escrito é regido pela letra. Consiste em uma *leitura literal* que *merece ser designada como um deciframento*,¹⁵⁴ pois tal como Champollion fez diante dos hieróglifos, o que muda não é o que está ali escrito, mas uma forma de ler para outra, na qual não se privilegia nem a correspondência fixa entre um som e uma notação e nem entre uma imagem e um sentido.

O hieróglifo às vezes é ideográfico, às vezes alfabético, ou seja, sem que o signo mude, ele muda de valor na leitura, sendo necessário recalcar uma dimensão para que apareça outra.¹⁵⁵

Um modo semelhante de funcionamento se evidencia nos enigmas e piadas infantis, como a de um menino de quatro anos que pergunta: "*Sabe como é a piada do pinto?*", "*Como?*", "*Piu*". Como aponta Gueller, se, diante de tais charadas, o interlocutor se guiar pelo sentido, desatende as consequências da letra.¹⁵⁶ O que causa o efeito chistoso é justamente revelar a mudança de registro, do sentido ao literal.

Como já situamos, é o próprio Freud quem produz a analogia entre o trabalho do psicanalista e o de Champollion, entre o trabalho de análise e o de decifração dos hieróglifos, ao afirmar:

*Se pensarmos que os meios de figuração nos sonhos são principalmente imagens visuais e não palavras, veremos que é ainda mais apropriado comparar os sonhos a um sistema de escritura do que a uma linguagem. Na realidade, a interpretação dos sonhos é totalmente análoga ao deciframento de uma antiga escrita pictográfica, como os hieróglifos egípcios.*¹⁵⁷

equivoca que se perde ao privilegiar o sentido. Mas, nesse caso, essa tradução já implica certa transliteração, como tentativa de manter, para além do sentido, o jogo da língua.

¹⁵⁴ Idem, p. 14.

¹⁵⁵ Ver, por exemplo, a passagem clínica sobre "o mato e o morro" trazida no início do capítulo.

¹⁵⁶ Adela S. Gueller. *Vestígios do tempo*, p. 177.

¹⁵⁷ Sigmund Freud (1913). O interesse científico da psicanálise, p. 212. Optamos, no entanto, pela livre tradução do termo espanhol *figurativa* em lugar de *representativa*. Obras Completas da Biblioteca Nueva.

Aponta, no entanto, que o conteúdo do sonho não pode ser lido por um valor figurativo, sendo este o erro cometido pelos antecessores da psicanálise: tomar o sonho como uma composição pictórica.¹⁵⁸

Semelhante foi o erro dos antecessores de Champolion. Ao ficar capturados na imagem dos hieróglifos, considerando-os ideogramas, ou seja, como figuras representativas de ideias, não conseguiram lê-los. Champolion foi o primeiro a supor um uso misto de tais hieróglifos: considerando-os por seu valor fonético, sonoro, e não só puramente por seu valor figurativo.¹⁵⁹

Ao comparar, por meio da pedra de roseta (que tem três escritas: hieróglifos egípcios, grego e demótico), que às 500 palavras gregas correspondiam 1419 sinais hieroglíficos, Champolion deduziu que cada um destes não poderia corresponder a uma palavra, conceito ou sentido. Daí que tenha concluído que se fazia um uso fonético de tais hieróglifos.¹⁶⁰ Isso foi o que possibilitou a decifração da escrita egípcia.

Tanto Freud quanto Lacan, ao retomar o trabalho de Champolion, equipararam a interpretação dos sonhos à decifração de uma escrita hieroglífica, apontando o equívoco de seus antecessores de ficarem imaginariamente capturados à correspondência entre uma ideia e seus conteúdos figurativos. A passagem da imagem à significação não se produz diretamente pela sua figurabilidade. É preciso um trabalho de mudança de registro dessas imagens em direção ao significante. É preciso falar do sonho por meio da associação livre, fazendo comparecer aí significantes – mas tais significantes, em lugar de serem rapidamente precipitados em relação a um significado, a um simbolismo, são tomadas ao pé da letra (em uma transliteração).

Ainda que Freud não nomeie tal operação como transliteração, traz inúmeros exemplos deste modo de proceder clinicamente em "A interpretação dos sonhos" e

¹⁵⁸ Sigmund Freud (1900). *A interpretação dos sonhos*, p. 296.

¹⁵⁹ Jean Allouch. *Letra a letra*, p. 114.

¹⁶⁰ Alfredo Jerusalinsky. *Saber falar*, p. 43.

"Picopatologia da vida cotidiana".

Lacan, por sua vez, aponta que a letra é o que se apresenta no sonho e o sonho precisa ser lido ao pé da letra, tomando a sua *estrutura literante*,¹⁶¹ considerando a fonética que se apresenta articulada à formação dessa imagem e não em um suposto sentido que essa imagem ocultaria ou representaria. *É por isso que ver na borra do café não é ler nos hieróglifos.*¹⁶² A interpretação não é ver o sentido de uma imagem, mas possibilitar uma operação de leitura.

Propõe que outra analogia possível para o trabalho do sonho seria a de um jogo de salão na qual é preciso fazer com que os espectadores adivinhem um enunciado conhecido por meio de uma encenação muda. O mesmo pode ocorrer por meio de um desenho, como no jogo "Imagem e ação" no qual, como pude presenciar uma vez, era preciso comunicar o nome da uma "personalidade": Ágata Christie. Isso foi feito do seguinte modo: desenhado um livro, uma lupa, e, na sequência, um gato com fita na cabeça (gata) com lágrimas caindo dos olhos (triste). Pelo valor fônico de "a gata triste", somado ao sentido evocado pelo desenho do livro e da lupa, os integrantes chegaram ao nome Ágata Christie.

A decifração em tal jogo, assim como a que ocorre diante da apresentação do sonho *são assunto de escritura e não de pantomima.*¹⁶³ Ambas passam pelo olhar, mas enquanto na pantomima tenta-se buscar sentido no que se assemelha em imagem, na operação de leitura toma-se a apresentação que se mostra ao olhar como uma escrita enigmática.

No entanto, há uma diferença fundamental a ser considerada: se no jogo relatado a resposta do enigma está previamente escrita, previamente decidida, no trabalho de análise ela não o está. A interpretação consiste em considerar o traço da repetição que insiste em se apresentar, mas não se detém aí, pois a questão é principalmente poder fazer algo com isso. Nesse sentido, decifrar não é só revelar a repetição, mas poder operar com a cifra

¹⁶¹ Jacques Lacan (1957b). La instancia de la letra en el inconsciente o la razón desde Freud, p. 490.

¹⁶² Idem, ibidem.

¹⁶³ Idem, p. 492.

fazendo valer a migalha de criação do sujeito diante da sobredeterminação que o acomete. É aí que a interpretação produz um efeito terapêutico. Só é possível criar em uma retomada das inscrições constituintes, mas nem tudo está escrito. Por isso afirmar que a letra, enquanto traço inconsciente, está inscrita, não equivale a dizer que seu sentido esteja decidido em uma escritura.

II.5. A intervenção clínica entre legibilidade e rasura da letra

Como situamos no início do capítulo, há pelo menos três tempos implicados na constituição do significante. Para chegar a tal constituição é preciso que, além da pegada, se introduza um segundo tempo, o do apagamento, que substitui o traço produzido a partir da pegada, por uma rasura. Ao apagar o traço, retorna-se sobre o tempo de uma ausência, mas o terreno já não fica igual a como era antes dessa passagem. A terra fica mexida, ainda que esse borrão, essa rasura, essa litura, não guarde mais nenhuma relação com a marca da pegada do objeto em si. É aí, nesse terceiro tempo, que temos o testemunho da passagem de um sujeito.

Há animais que instintivamente deixam rastros de sua passagem, por exemplo, com o odor secretado de certas glândulas, a fim de delimitar seu território. Há também animais que instintivamente produzem um apagamento de seu rastro – tal como o gato que enterra as suas fezes. *Mas os animais não produzem rastros falsos, isto é, rastros tais que sejam tomados como falsos embora sejam os vestígios de sua verdadeira passagem.*¹⁶⁴ Não há nada mais humano do que isso, na medida em que não há nada mais próprio do funcionamento significante.

¹⁶⁴ Jacques Lacan (1962-1963). *O seminário. Livro 10. A angústia*, p. 75.

caído da série. De início isso não faz sentido algum, é ilegível, mas, na medida em que isso concerne ao sujeito, se dá lugar a um trabalho de análise que intervém por meio de uma leitura, um deciframento em transferência, na qual o sujeito se implica. Este é um ponto importante acerca da letra e sua leitura como ato de interpretação.

Por um lado, não se trata de intervir produzindo traduções, ou seja, fechamentos de sentido. *Dar sentido ao sintoma seria reforçá-lo. É por isso que nossas intervenções deveriam jogar com o equívoco do significante.*¹⁶⁹ Isto não implica dar livre vazão a quaisquer jogos significantes que em nada afetam o sujeito.

*A interpretação não está aberta a todos os sentidos. Não é qualquer uma. É uma interpretação significativa e não deve ser falha. No entanto, esta significação não é o essencial para que o sujeito advenha. O essencial é que o sujeito veja, além desta significação, a que significante – sem sentido, irreduzível, traumático – está, como sujeito, submetido.*¹⁷⁰

Se isto afeta o sujeito, se o implica em um ponto irreduzível, traumático, é porque atinge a sua economia de gozo, o atinge em suas inscrições mais primordiais, mais ilegíveis, mais empurradas na direção do esquecimento e que, no entanto, insistem. Temos notícias da letra na medida em que esta caiu da fala pela operação do recalque, mas continua a comparecer nas formações do inconsciente, arrastando consigo um gozo que insiste, ao mesmo tempo em que se mostra em sua ilegibilidade.

É aí que Chemama nos propõe um duplo movimento na interpretação que iria do significante à letra, e da letra ao significante. *É na medida em que a letra é recolocada em jogo em significantes e significantes que podem ter efeitos de sentido, que a interpretação é possível.* Ao mesmo tempo é aí que o *dito espírituoso tem a chance de vir balançar nosso saber.*¹⁷¹

Situar o dito espírituoso aponta que uma análise não consiste em construir um

¹⁶⁹ Roland Chemama. *Dicionário de psicanálise Larousse*, p. 113.

¹⁷⁰ Jacques Lacan (1964). *El seminario. Libro 11. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, p. 258.

¹⁷¹ Roland Chemama. *Questões sobre a interpretação*, p. 117.

conhecimento sobre o sintoma, mas sim poder chegar a um saber fazer com seu sintoma, *saber fazer ali com isso que se mostra*.¹⁷²

O jogo significante, a possibilidade metafórica a que ele dá lugar, se estabelece na medida em que lidamos com representantes não representacionais dos objetos. Como no exemplo de Crusoé, temos aí o traço do passo e o apagamento do traço, e é do *trace de pas* ao *pas de trace*, aponta Lacan, que se estabelece o significante.¹⁷³ E é nesta mesma direção que o chiste, o dito espirituoso, se produz, levando do *pas de sense*, como o *sem-sentido* das formações do inconsciente (implicado no gozo do sintoma ou do ato falho), a uma *passagem de sentido*¹⁷⁴ que faz rir – produzindo, através da linguagem e através da comunicação a outro, um ganho de gozo que afeta o corpo.

No sintoma, no ato falho e no chiste comparece o cruzamento entre corpo e linguagem. São precipitados que põem em causa, como afirma Costa, uma *heterogeneidade impossível de transpor, mas, ao mesmo tempo, impossível de separar*.¹⁷⁵

Como Freud advertiu em sua prática e como Lacan formalizou conceitualmente, as formações do inconsciente apresentam uma estrutura literal. A esse respeito Pommier assinala:

*(...) O sintoma é, portanto, uma letra. Se a psicanálise tem um efeito terapêutico é, além disso, porque existe esta equivalência generalizada entre as formações do inconsciente e a instância da letra: toda ação sobre a letra no nível da linguagem durante a cura, terá, graças a essa equivalência, um eco sobre o corpo.*¹⁷⁶

*O recalcado abre caminho sob uma forma literal, seja que se ouça no que se diz (como o lapso), que se mostre (como no sonho), ou se escreva sobre o corpo (como o sintoma).*¹⁷⁷

¹⁷² Condensamos aqui as duas formulações de Lacan: *isso mostra* (pelo qual aponta como o Isso, enquanto instância psíquica comparece no sintoma dado a ver, como já foi trabalhado no capítulo anterior) e *saber fazer ali com isso* (pela qual aponta como efeito da análise um saber fazer com o sintoma). Lacan (1976-1977). *Seminário 24, L'insu que sait de l'une-bevue s'aile à mourre*, p. 14.

¹⁷³ Lacan (1961-1962). *Seminário 9. La identificación*, clase del 9 de enero de 1962.

¹⁷⁴ Idem, retomando questão trabalhada por Jacques Lacan (1957-1958). *O seminário. Livro 5. As formações do Inconsciente*, p. 103.

¹⁷⁵ Ana Maria Medeiros da Costa. Algumas reflexões sobre a inscrição da letra, p. 116.

¹⁷⁶ Gerard Pommier (1993). *Nacimiento y renacimiento de la escritura*, p. 192.

¹⁷⁷ Idem, p. 197.

Por isso, o que interessa em uma análise é o ponto em que a letra tange o gozo, e não uma pura máquina de trocadilhos e jogo de palavras incessantes.

Que o inconsciente jogue com as palavras enquanto coisa, que as tome no viés de um real que produz um sem-sentido para dar passagem ao gozo, não equivale a dizer que qualquer trocadilho permita um trabalho de deciframento, ou seja, que permita operar sobre a cifra com a qual se joga o cálculo inconsciente do gozo de um paciente.

Lacan deixa isto em evidência quando aponta que o objeto da psicanálise não é a linguística, mas a *Linguisteria*. Por meio desse neologismo, faz valer que o que interessa à psicanálise é a subversão que o sujeito do inconsciente produz, introduz, na linguagem. Assim, o dito se perturba, é aturdido, e comparece o *aturdito* (*léturdit*) que arrasta o gozo.¹⁷⁸ É aí que a intervenção clínica opera: entre a legibilidade e ilegibilidade da letra, entre linguagem e corpo, significante e pulsão, no litoral entre saber e gozo. Intervém com a letra que, como uma moeda, apresenta duas caras: uma que se volta para o simbólico, para a articulação significante, para a possibilidade de um saber em que se produz o sujeito; e outra que se volta para a inscrição enquanto rasura, para o real, para o que *não cessa de não se inscrever*, para o gozo.

Como retomamos ao longo do trabalho, a letra, assim concebida, comparece na clínica com bebês por meio dos jogos constituintes do sujeito e na relação que se estabelece entre a fala do Outro encarnado, implicado em uma identificação transativista, e a inscrição da letra no corpo do bebê. Para tanto, priorizaremos a concepção de letra como litoral entre saber e gozo, sem desconsiderar que se trata de um conceito que teve diferentes formulações.

¹⁷⁸ Ambos neologismos de Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 25-26

II.6. Sobre o conceito de letra e suas reformulações

Ao longo da produção de Lacan, o conceito de letra vai sendo retomado e sofrendo modificações. Mas, dado que estamos considerando a letra como uma moeda de duas caras, de início é importante fazer notar que *lettre* implica um duplo sentido próprio da língua francesa, que não se mantém em português. Não é indiferente que, diante de tal termo, aquele que o ouve seja levado a se interrogar de que letra se trata: da *lettre* enquanto carta, enquanto mensagem, ou da *lettre* como elemento isolado, caída da série.

No início das conceituações de Lacan, o conceito de letra aparece de modo bastante superposto com o de significante. Ele afirma: *vou mostrar-lhes que a letra é a essência do significante; a letra é o suporte do significante.*¹⁷⁹

Há dois textos centrais nessa direção: "A carta roubada" e "A instância da letra no inconsciente" – textos em que se postula *o inconsciente estruturado como uma linguagem* e o lugar decisivo ocupado pelo significante nessa estrutura. Tais textos são concomitantes aos primeiros cinco seminários.

No texto "A carta roubada" Lacan situa a letra pelo viés em que esta se articula à função significante, produzindo todo um jogo entre letra enquanto inscrição psíquica, elemento tipográfico e carta-mensagem, na qual se vale da polissemia do termo *lettre* em francês.

Como já situamos no capítulo anterior, nesse texto Lacan parte do conto policial de Edgar Allan Poe em que uma carta dirigida ao rei e que compromete a rainha é roubada diante dos olhos desta. Essa carta, que falta em seu lugar e não pode ser achada, no entanto, permanece o tempo todo sobre a lareira, à vista dos policiais, tão preocupados em seguir pistas que não veem o que é evidente.

¹⁷⁹ Jacques Lacan (1961-1962). *Seminário 9. La identificación.*

Sublinha-se aí a vertente simbólica da letra ao equiparar essa letra-carta roubada ao exemplo do livro que falta na biblioteca: basta que ele esteja fora de lugar para que falte. Ele não está escondido, simplesmente falta em seu lugar. Aponta-se que nada define melhor o simbólico do que algo que *falta em seu lugar* e que *pode mudar de lugar*. *Enquanto o real, seja qual for o transtorno que se lhe possa atribuir, está sempre e em todo caso em seu lugar, leva-o colado à sola do sapato sem conhecer nada que possa exilá-lo dele.*¹⁸⁰ Ao real nada falta.

Esse aspecto já revela seu interesse, pois nos afasta da idéia de que se trataria, na clínica, de tomar as formações do inconsciente – esses comparecimentos da letra caída da série – como tendo um valoroso sentido oculto a desvendar, apontando que é preciso tomá-las desde o exposto na superfície.

A letra, como a carta sobre a lareira, comparece como um resto, um lixo – e aí Lacan se vale da homofonia dos termos *letter* e *litter* em inglês –,¹⁸¹ mas para que o que ela apresenta se torne visível, para que possa ser lida, precisa ser considerada ao pé da letra.

Tal texto dá origem a dois importantes embates: primeiro, o de poder dar a entender essa letra como portadora de uma mensagem, uma letra-carta que, apesar de cifrada, já estaria escrita e com um sentido estabelecido – questão que refutamos, pois, como o próprio Lacan faz notar, todas as peripécias por ela sofridas e que acometem aqueles que a têm em seu poder ocorrem de forma independente de seu conteúdo; o segundo ponto polêmico diz respeito à afirmação de que uma *carta (letra) sempre chega a seu destino.*¹⁸² A partir dela, o efeito de uma análise é situado como o de possibilitar que a letra em sofrimento (implicada no sintoma ou ato falho), carta em espera, em suspenso, atrasada pelo correio (*lettre en souffrance*) possa ser destituída de sua significação de mensagem e

¹⁸⁰ Jacques Lacan (1956). El seminario sobre la carta robada, p. 19.

¹⁸¹ Questão que ele retomará, mais adiante, na aula "Lituraterra" do seminário 18.

¹⁸² Jacques Lacan (1956). El seminario sobre la carta robada, p. 35.

entrar no jogo significante.¹⁸³

A esse respeito é interessante notar que todos os movimentos do significante, que Lacan demonstra a partir de um jogo lógico-numérico, partem de um *caput mortuum*¹⁸⁴ – substância que, na alquimia, ficava como sobra de uma transformação química. Assim, já nesse texto, ainda que não seja o que nele é priorizado, comparece esta faceta da irreduzível ilegibilidade da letra, sua faceta de resto inassimilável, impossível de transformar em outra coisa, *dando à letra uma dimensão Real*.¹⁸⁵ E, portanto, a letra nunca seria plenamente redutível aos desfiladeiros do jogo significante.

Sobre as contribuições desse texto para a clínica com bebês apontamos, no capítulo anterior, como o que o *dado a ver* na produção do bebê pode ser tomado enquanto manifesto, carta/letra, em que isso mostra, de modo cifrado, o particular modo de engajamento do bebê no laço com o Outro. A este respeito, como aponta Costa, e como retomaremos adiante, o fato de que a carta/letra sempre chegue a destino pode ser considerado no sentido de que a letra sempre se inscreve desde um precipitado relacional,¹⁸⁶ já que os circuitos pulsionais, a economia de gozo, passam pelo Outro.

Em "A instância da letra no inconsciente – ou a razão desde Freud"¹⁸⁷ Lacan aponta o quanto o inconsciente é constituído por inscrições psíquicas e não como uma simples sede de instintos: *é toda a estrutura da linguagem o que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente*.¹⁸⁸

A máxima de que *o inconsciente é estruturado como uma linguagem* é o fundamento desse texto, no qual a letra aparece como a materialidade do significante – como *estrutura*

¹⁸³ Idem, p. 30.

¹⁸⁴ Idem, p. 54.

¹⁸⁵ Cláudia Rego. *Traço, letra, escrita*, p. 178.

¹⁸⁶ Ana Maria Medeiros da Costa. Algumas reflexões sobre a inscrição da letra, p. 116.

¹⁸⁷ Jacques Lacan (1957b). La instancia de la letra em el Inconsciente o la razón desde Freud, p. 473-509.

¹⁸⁸ Idem, p. 474.

*essencialmente localizada do significante,*¹⁸⁹ *como suporte material que o discurso concreto toma da linguagem.*¹⁹⁰ Quanto ao sujeito, *ele é servo da linguagem, que o antecede e, ainda mais, de um discurso no qual o seu lugar já está inscrito no momento de seu nascimento ainda que mais não seja pelo nome próprio.*¹⁹¹

Nesse texto ele também trabalha com a relevância do algoritmo do signo linguístico de Saussure (S/ s). Significante, barra, significado, mas pontuando a barreira que une estas diferentes ordens e arma resistência à significação. Com isso retoma a discussão sobre a arbitrariedade do signo linguístico proposta por Saussure como uma não naturalidade entre signo linguístico e referente, apontando que não há relação biunívoca entre a palavra e a coisa.

Isto já põe em relevo a rua sem saída dos métodos que consistem em *assinalar com o índice o objeto ao infans na aprendizagem de sua língua materna ou nos métodos concretos no estudo de línguas estrangeiras.*¹⁹²

Temos aí algo que nos interessa acerca da transmissão da língua e da construção de um saber simbólico por parte das crianças. Longe da correspondência da palavra à coisa, na apreensão da língua e na construção de um saber, a criança se vale do jogo de oposições significantes. É frequente dizerem que não gostam de algo por oposição ao que gostam. Por exemplo: "não gosto de feijão branco porque gosto do preto". É de uma imensa falsidade dizer-lhes que não têm como saber sem provar, pois afinal não se prova de tudo para produzir um saber.

Aí reside uma diferença fundamental entre a concepção da psicanálise e a concepção da epistemologia genética de Piaget,¹⁹³ na medida em que enquanto a primeira põe o acento na transmissão simbólica da estrutura que antecede a criança por meio do laço com

¹⁸⁹ Idem, p. 481.

¹⁹⁰ Idem, p. 474.

¹⁹¹ Idem, p. 475.

¹⁹² Idem, p. 477.

¹⁹³ Jean Piaget (1959). El nacimiento de la inteligencia en el niño.

o Outro, a segunda o põe em uma sucessão de etapas de pensamento desencadeadas pela experiência da criança até que esta chegue a construir o simbólico.

Diante de tal debate cabe, no entanto, sublinhar que, diante da transmissão simbólica que se estabelece no laço com o Outro, a experiência da criança tem um valor decisivo dado que, com suas produções, com seu brincar, põe à prova as incongruências do que lhe é simbolicamente transmitido para, a partir de suas travessuras, construir sua própria versão. Ou seja, não se prova de tudo para constituir um saber, mas também é preciso por à prova o que foi simbolicamente transmitido para poder se apropriar disso.

Nesse texto, Lacan radicaliza as concepções de Saussure ao romper a elipse em torno de cada signo linguístico (no qual, para Saussure, apesar de depender do contexto para sua significação, o significante está situado como imagem acústica ligado a um conceito enquanto significado), apontando que é preciso desprender-se da idéia de que a função do significante não é a de representar o significado. Para Lacan, qualquer significação remete a outra. Não se sustenta sozinha. *É da estrutura do significante ser articulado*¹⁹⁴ e é na cadeia significante *onde o sentido insiste, mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação de que é capaz no momento mesmo. A noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante se impõe.*¹⁹⁵

Lacan também rompe, assim, com a concepção de um significado estabelecido linearmente e no momento mesmo de sua produção, sublinhando a importância do *a posteriori* freudiano, do *après-coup*, como fundamental na temporalidade de uma significação que só advém depois, operando retroativamente na cadeia significante.

A cadeia significante vai se articulando, porém Lacan também aponta que a produção de um sujeito revela *pontos de capitoné, pontos de acolchoado, requeridos por esse sistema para dar conta da dominância da letra e da transformação dramática que o*

¹⁹⁴ Idem, p. 481.

¹⁹⁵ Idem, p. 482.

diálogo pode operar.¹⁹⁶ São pontos de amarração que permitem ao sujeito, na medida em que lhe fazem referência, deslizar simbolicamente sem entrar em errância, sem se perder, pontos produzidos pela função paterna, pelos nomes-do-pai.

Lacan também aponta nesse texto a correlação entre os mecanismos psíquicos de condensação e deslocamento, situados por Freud como próprios do inconsciente, com as figuras de linguagem de metáfora e metonímia. Ao fazer isso, mais uma vez situa como a linguagem não interessa por si só, mas na medida em que ela diz respeito à economia de gozo de um sujeito: *se o sintoma é uma metáfora, não é metáfora dizê-lo, do mesmo modo que dizer que o desejo do homem é uma metonímia*.¹⁹⁷

Ao longo do seminário nove, "A identificação",¹⁹⁸ Lacan trabalha com a história da escrita e com a letra, enquanto inscrição psíquica, correlacionando-a com o conceito de *traço unário* (como primórdio da identificação simbólica) e com o nome próprio.

O traço é a forma mais simples de marca, que implica a perda do objeto e, por isso, está na origem do funcionamento significante. Nesse seminário isso é ilustrado a partir da observação, em um museu, de uma série de traços verticais produzidos em um osso por um homem pré-histórico. Lacan aponta como ali estaria em jogo o traço unário: a produção de um traço que já não guarda relação com a coisa em si, mas que, a partir do *um* (do traço unário), inaugura a contagem para um sujeito, inaugura uma série simbólica. Já não sabemos mais o que foi contado, na medida em que não há correspondência desse traço com a imagem do objeto, mas sabemos que há um sujeito produzindo uma série a partir do traço repetido que, para ele, comemora a irrupção de um gozo.¹⁹⁹

Assim o sujeito se divide pela inscrição desse traço, pois, por um lado, tal inscrição permite ao sujeito se reconhecer nesse traço, nesse *um* que, para ele, é o que conta; e, por

¹⁹⁶ Idem p. 483.

¹⁹⁷ Idem, p. 518.

¹⁹⁸ Jacques Lacan (1961-1962). *Seminário 9. La identificación*.

¹⁹⁹ Jacques Lacan (1969-1970). *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*, p. 73.

outro lado, tal inscrição comporta a dimensão da perda do objeto, ao produzir um traço em seu lugar.

A relação do traço unário com a letra tem seu interesse em relação à clínica com bebês justamente por apontar aos primórdios da instauração da linguagem e do funcionamento significante. Como Freud já advertira, a compulsão à repetição é própria do funcionamento psíquico, insiste algo de idêntico no comparecimento pulsional. Então, uma questão que se coloca nos primórdios é como essa repetição pode vir a se transformar em um traço de identidade para o sujeito. Nesta passagem, algo do sem sentido da repetição, do que comparece uma e outra vez, arrastando um gozo, pode tornar-se um traço que se conta. A partir desse traço pode-se produzir para o sujeito o reconhecimento, do eu *sou marca de um*.²⁰⁰ Por isso o *um* do unário não é único, no sentido de ser sozinho, ele é unário no sentido de instaurar a singularidade, desde a qual pode se produzir uma série simbólica a partir desse *um* que conta.

No início da vida, o bebê, mais do que se contar é levado em conta por outro, e por isso a instauração do traço unário, da referência simbólica, depende do laço com o agente da função materna. É a mãe que sustenta as séries para o bebê, é ela que faz dos objetos – papinha, leite, cocô, xixi, sono, meleca, ainda que não se lembre de cada um deles – traços que contam em uma série. É por isso que um bebê lançado em uma multiplicação anônima de cuidadores apresenta sintomas tais como os descritos por Spitz: de marasmo hospitalar ou depressão anaclítica,²⁰¹ na medida em que se esfacela a referência simbólica, o traço unário que lhe permitiria ser sustentado uma série, que lhe permitiria ser levado em conta por um Outro que encarna para ele esse traço.

A mãe, ao mesmo tempo em que propicia e comemora o comparecimento do gozo do bebê nesse traço que se repete, faz desse traço uma referência simbólica para o laço. Aí a

²⁰⁰ Idem, p. 147.

²⁰¹ René Spitz (1965). *El primer año de vida del niño*.

repetição implica um traço, uma rasura, uma letra, que, se por um lado comporta o real, comporta um gozo que permanece irreduzível à palavra, por outro, joga o papel de uma referência em que o sujeito se reconhece e, inicialmente, pelo qual a mãe reconhece o bebê.

Percebe-se como há todo um trabalho psíquico de procurar ligar, recobrir com a palavra, tornar série simbólica, o comparecimento de um traço que inicialmente não comporta em si sentido algum e que consiste em arrastar o sem-sentido da repetição de um gozo. Este trabalho de recobrimento é central na constituição do sujeito, seja quando exercido pelo agente da função materna, seja quando se faz necessária a intervenção do clínico para sustentá-lo. Por isso, nos primórdios da constituição do psiquismo é central este trabalho de bordejamento do real, de engajamento do sujeito em uma ordem simbólica.

Por outro lado, quando já há um recalçamento em jogo, o sujeito fica preso à posição significante que exerce diante dessa compulsão à repetição que o fixa na produção de um sintoma pelo qual busca defender-se desse real que o assalta. Ou seja: Se o real é traumático e exige ser recoberto para que se produza um sujeito, por sua vez, a máquina do simbólico que se põe a funcionar para recobri-lo também pode resultar aprisionadora.

Surge aí a questão da migalha de criação²⁰² que o sujeito pode produzir servindo-se dessa letra, desses traços (em lugar de ser simplesmente presa da compulsão à repetição), subvertendo também a sobredeterminação simbólica.

Evoco, a esse respeito, a obra "Doador", produzida pela artista plástica Elida Tessler. Trata-se de uma instalação composta por um corredor em cujas paredes estão fixados diversos objetos. Entrei nele desavisada e intrigada com o que ligava todos esses *troços*²⁰³ pendurados nas paredes: coador, ralador, liquidificador, grampeador, secador...

²⁰² Situamos como "migalha" justamente porque não se trata da intenção de algo grandioso, mas do pequeno elemento que, ao comparecer e ser resgatado em seu justo valor, é capaz de subverter toda a ordem, a letra entre o lixo e a criação.

²⁰³ A relação entre "troços" e traços e retomada nas "considerações finais".

Surpreende-me o sufixo *dor*, em comum entre eles, *elevando esses objetos à dignidade da coisa*.²⁰⁴ *Letter e litter*: a letra entre o resto e a criação. Da dor que afeta o corpo, causada pela perda do objeto, à falta que abre a possibilidade de criar. Não se entra e se sai igual desse corredor.²⁰⁵

Na clínica, ao propiciar o brincar, intervimos a partir dessa compulsão à repetição, não só na direção de dar lugar a uma ligação, a uma associação, a uma extensão simbólica da cena do brincar e da fala – que tomem a letra em uma série significativa –, mas também possibilitando uma criação da criança ao valer-se dessa insistência de gozo para, a partir dela, poder produzir algo de novo. Aí este real pulsional que insiste, pode ser transformado, pode dar lugar a uma transposição de registros pela qual, ainda que o brincar não deixe de comportar um real, deixa de ser só real, pode dar lugar a uma ficção, pode comportar o imaginário e o simbólico.²⁰⁶

A partir do exposto é possível perceber como ao longo da transmissão de Lacan, o conceito de letra vai sendo diferenciado do de significante. Alguns autores²⁰⁷ circunscrevem um segundo momento em sua produção – no qual Lacan busca, por meio da letra, valer-se de axiomas que reduzam os efeitos imaginários que surgem da transmissão dos conceitos, por exemplo, pela fórmula do fantasma, da sexuação ou dos quatro discursos. Dentro da perspectiva de situar viradas paradigmáticas na obra de Lacan, situa-se a existência de um terceiro momento nomeado como *desconstrução*, no qual a letra aparece claramente diferenciada do significante.²⁰⁸ Nesse momento, ainda que os primeiros

²⁰⁴ Jacques Lacan (1959-1960). classe X: breves comentários al margen. In: *El seminario. Libro 7. La ética del psicoanálisis*, p. 165.

²⁰⁵ Elida Tessler (1999). *Doador*. Tal obra surge a partir de uma listagem de objetos que tem em comum o sufixo dor. O corredor em que tais objetos são fixados (270 objetos dados por 270 doadores) tem as mesmas dimensões e aspecto do que aquele que ligava o apartamento da artista ao dos avós. A realização de tal obra corresponde ao tempo do luto da mãe. Entrevista com Elida Tessler, in: revista Oroboro: revista de Poesia e Arte, n.2, dezembro-janeiro-fevereiro de 2004 – 2005; Robson de Freitas Pereira. *Doador revisitado*. In: Textos críticos WWW.elidatessler.com.br, 2002. A imagem dessa obra consta nos anexos.

²⁰⁶ A questão do brincar é retomada no capítulo "Jogos constituintes do sujeito".

²⁰⁷ A este respeito ver Jean-Claude Milner (1995). *A obra clara*.

²⁰⁸ Idem.

postulados – pelos quais a letra se presta à articulação significante – não sejam abandonados, aponta-se como a letra faz também comparecer o gozo, o viés do real, o que não se articula à série significante, fazendo borda e furo no saber.

No seminário dezoito,²⁰⁹ significante e letra passam a revelar uma diferença correlativa àquela que opera entre fala e inscrições psíquicas, assim como entre escuta e leitura na clínica. Nesse seminário Lacan situa que a intervenção psicanalítica corresponderia a uma operação de leitura.²¹⁰ Propõe que a letra não é anterior ao significante, mas um precipitado deste, elaborando o conceito de letra como litoral entre gozo e saber. Afirma:

*A letra que produz rasuras se distingue ali por ser ruptura. (...) A letra é no real e o significante no simbólico. Singularmente isso parece levar ao resultado de que não há nada para defender do recalque, já que o recalcado mesmo encontra como se alojar por esta referência à letra. Em outros termos, o sujeito está dividido como em todas as partes pela linguagem, mas em um desses registros pode se satisfazer pela referência à escrita, e no outro pelo exercício da palavra.²¹¹
(...) nada permite confundir, como se tem feito, a letra com o significante. O que escrevi, com a ajuda de letras, das formações do inconsciente, não autoriza a fazer da letra um significante e afetá-la, o que é mais, com um caráter primário a respeito do significante.²¹²*

A concepção de letra enquanto litoral entre gozo e saber, portanto, não é a única nem a definitiva, mas nos permite uma formalização interessante para a clínica dos primórdios da constituição psíquica, como trataremos a seguir.

²⁰⁹ Jacques Lacan (1971b). *Seminário 18. De un discurso que no seria del semblante*.

²¹⁰ *A letra é algo que se lê e se lê literalmente. O escrito de Joyce se aproxima da leitura do analista. Temos que ler: o lapso. É como lapso que significa algo, quer dizer, que pode ser lido de uma infinidade de maneiras diferentes. E precisamente por isso se lê mal, a contramão, ou não se lê. No entanto, esta dimensão do ler, acaso não basta para demonstrar que estamos no registro do discurso analítico?* Jacques Lacan (1972-1973a). *O Seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 38-52.

²¹¹ Jacques Lacan (1971b). *Seminário 18. De un discurso que no seria del semblante*, clase del 12/5/71.

²¹² Idem.

II.7. O bebê e a letra como inscrição de um litoral

Na aula "Lituraterra" do "Seminário 18" e, posteriormente, no "Seminário 20", Lacan propõe uma metáfora interessante para situar a relação entre linguagem, letra e significante na produção de inscrições psíquicas. Em relação à infância podemos articular tal metáfora do seguinte modo:

A linguagem seria como a nuvem (estrutura simbólica). Mas não basta a nuvem nem a chuva, enquanto fala materna, para que se produzam efeitos de inscrição na terra (enquanto corpo do bebê). É necessário que a torrente de significado (imaginário) que corre como um rio deposite seus aluviões, esses restos que sulcam, que marcam a terra, tal como a letra que se inscreve. Esses restos comparecem quando, na fala, o que se quer dizer rateia, interrompe o fluxo de sentido, fazendo comparecer na *alíngua*, como um resto, seu gozo efetivo.²¹³ É aí que o bebê se engaja, nisso que *a mãe inconscientemente sublinha*, pela implicação do gozo que comparece em sua fala como *algum ponto significativo desse enigma que quer se inscrever*.²¹⁴

Assim a letra, enquanto inscrição psíquica no bebê, não é anterior ao significante, mas uma precipitação deste a partir do laço com a mãe. A letra comparece destacada dessa "nuvem da linguagem", ela precipita, chove do semblante.²¹⁵ Por sua vez, será preciso que opere um trabalho de leitura e, portanto, de ligação para que a partir de tais precipitados, a partir da letra, se dê, por parte do bebê como sujeito, a produção de um saber, fazendo operar essa letra de modo atrelado ao significante. Se a letra se inscreve como um aluvião depositado a partir da fala materna, introduzindo um enigma, será preciso que, a partir desse aluvião, desse rastro, o bebê, sustentado no laço com o Outro, produza uma nova articulação significante.

²¹³ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 163-164.

²¹⁴ Alfredo Jerusalinsky. *O nascimento do sujeito: da voz à letra*, p. 23.

²¹⁵ Jacques Lacan (1971a). *Lituraterra*, p. 17-32.

É também nesse seminário, em sua sétima aula, que Lacan, tergiversando o termo "literatura", introduz o neologismo *lituraterre*, pondo em relevo a condição de litura, de rasura da letra, e articulando a literalidade da letra como litoral entre gozo e saber. Como no litoral entre a areia e as ondas na praia, a letra permanentemente reinscreve a borda em que se tangenciam duas substâncias de distinta ordem.²¹⁶

Em geral, parte-se da idéia de uma oposição entre corpo e linguagem, quando justamente a clínica, pelas formações do inconsciente, nos revela que eles se apresentam sempre fazendo litoral, distintos, porém indissociáveis. Isto fica evidente quando a produção de um lapso se apresenta produzindo rubor ou quando ele introduz a possibilidade de ser tomado como um chiste. O rubor implica que a letra se precipitou e colou no corpo por efeito do olhar censor do interlocutor, que surte um efeito superegótico. Já no chiste, a letra produz um gozo autorizado do interlocutor, partilhado no riso.²¹⁷

Esses exemplos evidenciam como o corpo pulsional não se produz de modo individual, mas como um precipitado relacional. Costa propõe que esta é uma maneira de ler o que Lacan diz ao afirmar que toda carta/letra chega a seu destino, a seu endereço. A letra tem endereço porque se produz num lugar relacional, faz borda nesse corpo relacional na medida em que inscreve um enigma que representa o Outro.²¹⁸ Por meio das inscrições primordiais, o bebê é portador dessa letra no corpo que está enraizada no estabelecimento de seus circuitos pulsionais. E é essa letra que retoma na produção de um saber desde o qual se situa como sujeito.

A letra revela aí sua dupla vertente: se enlaçada, se articulada, ela pode significar, ao mesmo tempo em que, ao comparecer isolada, como resto caído da série, arrasta consigo

²¹⁶ Idem, *ibidem*.

²¹⁷ Ana Maria Medeiros da Costa. Algumas reflexões sobre a inscrição da letra, p. 116. Nesse texto a autora retoma questões situadas por Alain Didier-Weill (1995) em *Os três tempos da lei*, p. 36-41, mas, diferentemente dele, sublinha o caráter de precipitado relacional da letra, pela importância do olhar do outro para o efeito superegótico desencadeado.

²¹⁸ Idem, *ibidem*.

um gozo. *A letra está no ponto de cruzamento entre dois gozos, o do som puro e o das significações. (...) De sua dupla orientação sempre a ponto de divergir ela faz borda.*²¹⁹

Que a letra se apresente no litoral entre gozo e saber é algo que se faz notar nos primeiros cuidados que uma mãe realiza com seu bebê. A mãe fala, se dirige ao bebê durante esses cuidados. A letra comparece nessa voz (como objeto *a*), objeto de gozo, assim como, pelo no que dela se articula, pode dar lugar a articulações significantes. O engajamento do bebê no gozo propiciado pela voz materna possibilita, a partir do sem sentido convocante dessa voz, que essa letra venha a produzir uma virada para o lado da articulação significativa, possibilitando uma passagem do gozo do corpo à linguagem. Ao mesmo tempo, diante da produção que o bebê dá a ver em seu corpo, a mãe articula leituras, articula em seus cuidados o gozo desse corpo à produção de um saber.

Por isso a clínica dos primórdios da constituição do sujeito é, antes de mais nada, uma clínica da letra. A mãe a inscreve em cada um dos buracos corporais do bebê, atrelando o seu funcionamento pulsional à linguagem, fazendo operar o enigma do desejo em cada uma dessas bordas entre a superfície e o buraco.

Mas que a partir do exercício dos cuidados maternos se precipite a inscrição da letra no bebê não é garantia de que, a partir da inscrição dessa letra, o bebê devesse como um sujeito da enunciação.

*A letra é o que está nas formações do inconsciente ainda sem sujeito. Ou seja – e com isso a psicanálise lida desde seu início –, não é suficiente a emergência das formações do inconsciente para que ali o sujeito se reconheça. Essa é a condição em que a letra se desloca incessantemente na produção das formações do inconsciente. Isso, no sentido de que seja possível que lá onde isso era (segundo a expressão freudiana) o trabalho de endereçamento constitui, então este eu que fala.*²²⁰

Isto é central para pensarmos o trabalho de brincar na infância como a constituição de um lugar que possibilite ao bebê ou à criança advir como sujeito ali. Então não se trata

²¹⁹ Gerard Pommier (1993). *Nascimento y renacimiento de la escritura*, p. 318-319.

²²⁰ Ana Maria Medeiros da Costa. *Antecipação e destino: atualidades do espelho*, p. 21.

de uma transmissão positivada da letra enquanto código, mas de que ela opere como um enigma no laço mãe-bebê. É isso que dá lugar a que a criança possa advir como sujeito e criar, a partir dessa transmissão, sua própria versão. Aí a mãe se deixa surpreender, ultrapassar pela criança, na medida em que esta produz algo inestimável em relação ao esperado, comparecendo como sujeito que detém um saber.

Temos aí um ponto de virada do gozo do soma ao sema, do gozo do corpo ao gozo da linguagem. A este respeito Pommier afirma:

*A letra é um efeito do apagamento. De algo que se recalcou. Em primeiro lugar o gozo do corpo, uma vez que nosso corpo foi primeiro o objeto do desejo materno. É na medida em que este gozo do corpo foi recalcado que nós não somos corpo, que nós o temos. O gozo do corpo não foi primeiramente nosso, seu reconhecimento dependeu de um Outro gozo que ficou suspenso fora de nós.*²²¹

A mãe acolhe o gozo do bebê e exerce em relação a ele um saber; o gozo do corpo do bebê passa a estar referido a esse saber, saber em relação ao qual poderá vir a situar-se como sujeito se, e somente se, for inicialmente suposto como sujeito que detém um saber sobre o enigma do desejo.

Por isso, considerar que na clínica com bebês se intervém por meio de uma operação de leitura não significa tomar esse bebê como uma espécie de pedra de roseta a decifrar. Ele não é um objeto sobre o qual os outros (pais ou clínicos) deteriam, *a priori*, um saber. A partir da letra que nele se precipita, ele passa a ser o portador de um enigma em relação ao qual precisará vir a situar-se como sujeito. Mas para que isso possa chegar a ocorrer, para que ele mesmo possa algum dia tomar a palavra, produzindo um alinhavo singular a partir do enigma que a letra inscreveu nele, são necessárias algumas condições no modo em que se opera a transmissão da letra. Neste sentido propomos os dois itens a seguir.

²²¹ Gerard Pommier (1993). *Nacimiento y renacimiento de la escritura*, p. 198.

II.8. De como a letra se engancha ao corpo: o transitivismo no laço mãe-bebê

Dado que o bebê não detém ao nascer uma representação acerca do que acomete seu organismo, a mesma só pode advir do laço com a mãe. É preciso que a mãe atrele a economia de gozo do bebê à linguagem, mas isso só ocorre se a mãe se vê afetada pelo que afeta o bebê, por meio de uma identificação transativista.

Isso nos exige considerar com maior precisão teórica o conceito de transitivismo, para depois podermos situá-lo no laço mãe-bebê.

É Wernicke quem inicialmente utiliza o termo transitivismo para se referir a um fenômeno frequente em alienados: o fato de uma ação própria ser atribuída a outro, em uma passagem indiferenciada eu-outro. Wallon, por sua vez, observa que esse fenômeno ocorre nos primeiros tempos da constituição da criança, como momento anterior à individuação, retirando-lhe assim sua conotação patológica inicial.²²²

Lacan, por sua vez, situa como os fenômenos transativistas são observáveis em um tempo em que o Eu da criança ainda não está constituído e, portanto, de um tempo em que ela não apresenta uma separação em relação ao outro, por exemplo, um companheiro de jogo. Assim a criança dá um tapa num companheiro de brincadeira, chora e diz que o outro é que bateu. De quem é a dor, afinal? É tanto dele quanto do companheiro, na medida em que *o sujeito se identifica em seu sentimento de si com a imagem do outro, e a imagem do outro vem cativar nele este sentimento.*²²³

Lacan utiliza o transitivismo para demonstrar como o Eu não é autônomo nem auto-fundante, mas constituído na relação com o Outro, por meio do estádio do espelho.²²⁴ O transitivismo comparece do estádio do espelho como efeito de que o bebê, entre os 6 meses

²²² Émile Jalley. *Freud, Wallon, Lacan: l'enfant au miroir*, p. 45-54.

²²³ Jacques Lacan (1946). *Acerca de la causalidad psíquica*, p. 171.

²²⁴ Jacques Lacan (1949). *El estadio del espejo como formador de la función del yo tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica*, p. 91.

e dois anos, esteja tramitando a apropriação de uma imagem unificada do seu corpo e o estabelecimento de um Eu como instância psíquica equivalente à superfície corporal.²²⁵

Essa imagem de si, da qual a criança se apropria, provém inicialmente do reconhecimento do Outro encarnado – que, diante da imagem da criança projetada no espelho e quando esta se vira para buscar seu olhar, lhe diz: "esse é você!", possibilitando-lhe um júbilo narcisista. Portanto, a assunção da imagem de si não se dá de modo autônomo, mas como uma operação de alienação à imagem idealizada que o Outro oferece à criança. Tampouco se estabelece no plano puramente especular, na medida em que, para fazer sua a imagem do espelho, a criança depende de que a fala que lhe é endereçada pela mãe a reconheça enquanto tal.²²⁶

Que o eu advenha da alienação ao Outro se evidencia no fato de a criança, ao começar a falar de si mesma, se referir como "nenê" ou pelo apelido com que a mãe comumente a chama. A criança se denomina em terceira pessoa,²²⁷ nomeando-se como a mãe a nomeia.

É a partir daí que terá lugar toda uma série de produções transitivistas que se jogam no limiar entre o eu e o outro, nas quais a criança virá a reproduzir, com o companheiro de brincadeira, a situação inaugural com o Outro²²⁸ pela qual se produz *o despertar de seu desejo pelo objeto de desejo do outro*.²²⁹ Portanto, o objeto que seu companheiro de brincadeira detém vale menos pelo objeto em si do que pelo fato de ter se tornado um objeto representante do desejo que se configurou na criança a partir do desejo do Outro e que ela passou transitivamente a desejar, desencadeando o usual "é meu! é meu!".

Em tal abordagem de Lacan, o transitivismo não opera a dois, ou seja, não é um

²²⁵ Jacques Lacan (1953-1954). *O seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud*, p. 197, fazendo referência a Sigmund Freud (1923b). O ego e o id.

²²⁶ Jacques Lacan (1959a). Observación sobre el informe de Daniel Lagache, p. 657-658.

²²⁷ Jacques Lacan (1946). Acerca de la causalidad psíquica, p. 170.

²²⁸ Jacques Lacan (1955-1956). *O seminário. Livro 3. As psicoses*, p. 168-170.

²²⁹ Jacques Lacan (1948). La agresividad en psicoanálisis, p. 106.

simples mimetismo e tampouco se centra na relação da criança com um objeto. O transitivismo exige pelo menos três: o sujeito, o objeto e o outro, que, enquanto semelhante, vem prestar-se a reproduzir, na cena transativista, os efeitos da alienação da criança em relação ao desejo do Outro encarnado na mãe. Vem reproduzir a situação na qual o eu e outro se fundem, se confundem, na medida em que a imagem de si provém da alienação especular à imagem que a mãe oferece. Mas a essa alienação segue-se também uma separação, pela qual a mãe também possibilita à criança apropriar-se dessa imagem, na medida em que a sua palavra autentica essa imagem e esse corpo como sendo o da criança.

Isso é o que está em jogo quando uma criança que cai, em lugar de chorar imediatamente, olha para a mãe e, somente a partir da sanção desta sobre a sua experiência, reage e pode fazer dessa experiência a sua.

Assim, Lacan refere o transitivismo na relação do bebê e pequena criança com seu semelhante como um fenômeno decorrente do fato de que o eu se constitui pelo Outro. Mas foram Bergès e Balbo que posteriormente frisaram a importância do transitivismo na relação da criança e da mãe.²³⁰

A mãe, diante da criança que se machuca, diz: "Ai, assim dói!", como se estivesse a falar pela criança. Ao fazê-lo, oferece a possibilidade de a criança vir a apropriar-se da sua dor a partir dos significantes maternos. É importante frisar que, até então, tal experiência corporal não havia sido registrada pela criança, ou havia sido experimentada como puramente traumática, mas a partir da identificação transativista da mãe, que diz "ai" ali onde a criança nada disse, a criança pode fazer valer esse afeto como sendo seu.

Desse modo, a mãe permite à criança, por meio desse empréstimo de seu afeto, aceder a uma representação do que acontece em seu próprio corpo. Se, em um primeiro

²³⁰ Jean Bergès e Gabriel Balbo (1998). *Jogo de posições da mãe e da criança*.

tempo, a criança precisa alienar-se, correspondendo ao afeto que a mãe lhe atribui, num segundo tempo pode separar-se, na medida em que pode fazer dessa dor a sua.

O transativismo opera como um golpe de força que diz respeito ao real, pois implica uma passagem pela experiência do corpo, mas a partir da qual a mãe e a criança acabam por fazer uma elaboração discursiva.²³¹ Assim, esse golpe de força produzido pelo transativismo vai na contramão de uma violência traumática, justamente porque possibilita a passagem de um real (padecido no corpo do bebê) a uma representação simbólica (da sanção materna) e, como consequência disso, permite que o bebê possa apropriar-se imaginariamente do seu corpo.

Para que o transativismo opere não basta simplesmente a sanção simbólica do discurso materno e tampouco que a mãe tome a experiência corporal da criança para si, fazendo do afeto seu e colando-se a essa dor. É preciso que a mãe transitive o afeto, opere a sua passagem, ao evocar e recalcar sua própria dor, pondo em seu lugar um significante – um "Ai!", que mais não seja – ali onde a criança ainda não consegue se pronunciar. Assim permite à criança, ao identificar-se, apropriar-se desse saber e experimentar esse afeto como próprio.²³²

Resulta central aí que ocorra entre a mãe e o bebê uma montagem por meio da qual *a paixão sofrida por uma pessoa tenha constituído o gozo de uma outra*²³³ e, assim, torna-se possível que o bebê possa fazer seu o saber sobre esse afeto que a mãe "lhe empresta". Por meio da identificação transativista com a mãe,²³⁴ opera-se uma inscrição (da letra) na passagem do padecido no corpo a uma representação, do gozo ao saber. A linguagem aí interessa na medida em que se engancha, se abotoa, diz do que afeta o corpo.

²³¹ Jean Bergès e Gabriel Balbo (1998). *Jogos de posições da mãe e da criança*, p. 11.

²³² Idem, p. 42.

²³³ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 154.

²³⁴ Bergès e Balbo propõem que a identificação transativista ocorreria por meio de um gozo masoquista. Como veremos no capítulo "a maternidade além do gozo fálico", discordamos, nesse aspecto, de tais autores ao considerar que o gozo em jogo nessa identificação é o da passividade. Acerca do masoquismo como base para o transativismo ver: Jean Bergès e Gabriel Balbo (1998). *Jogos de posições da mãe e da criança*, p. 13

II.9. As quatro operações constituintes do sujeito e a transmissão da letra

A travessia que leva das inscrições constituintes à condição de falante não está garantida, depende do modo pelo qual se opera a transmissão da letra no laço mãe-bebê. Para que, a partir da inscrição da letra, seja possível ao bebê vir a retomá-la, produzindo uma resposta que o implica subjetivamente e que, portanto, articula essa letra de modo singular em uma série simbólica, será preciso que a transmissão dessa letra opere em relação a quatro operações constituintes do sujeito: *estabelecimento da demanda, suposição do sujeito, alternância e alteridade*.²³⁵

A mãe é quem primeiramente se ocupa da economia de gozo do bebê. Isso implica supor uma demanda do bebê onde há inicialmente um grito, a partir do qual a mãe busca poupá-lo do esforço requerido para a sua satisfação, procurando produzir uma correspondência entre suas urgências vitais e o que ela pontua como uma significação capaz de produzir a satisfação do bebê. Mas ela não produz qualquer satisfação, ela, ao mesmo tempo em que busca poupar o esforço do bebê, articula tal satisfação à lei, exerce tais cuidados desde uma referência simbólica e não navegando à deriva na polissemia da linguagem.²³⁶ Ela pontua, precipita uma significação diante da produção do bebê. Por esse *estabelecimento da demanda*, a mãe exerce um saber que faz borda ao gozo do corpo do bebê e o atrela à linguagem. Desse modo, precipita os efeitos de inscrição da letra, na medida em que o bebê engaja seu funcionamento corporal ao saber materno, e é desde esse saber materno que sua economia de gozo passa a ser inicialmente regulada.

A mãe tem aí uma posição de mestria – ela frustra, atende ou prioriza as demandas que o bebê passa efetivamente a lhe dirigir, a partir do lugar que inconscientemente o bebê

²³⁵ Estas quatro operações abordadas na dissertação de mestrado são postas a trabalhar, agora, em relação à transmissão da letra. Julieta Jerusalinsky. *Enquanto o futuro não vem – a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*, p. 248-252.

²³⁶ O que coloca em cena como a primeira função paterna que conta para o bebê é a inscrita na mãe.

ocupa para ela. Por isso, ela se torna alguém insubstituível na inscrição do bebê no universo da linguagem, pois, enquanto Outro encarnado, o situa desde um desejo não anônimo. É desde este desejo não anônimo e desde este saber que a mãe exerce os cuidados do bebê, fazendo borda, corte e costura às funções corporais dele. Aí não basta a entoação da voz materna ou as palavras anônimas. É preciso que a mãe efetivamente se enderece ao bebê. Este desejo comporta um enigma que está formulado na mãe de modo inconsciente. *A mãe é portadora de um enigma que a conduz a ter um filho na tentativa de resolvê-lo, fazendo desse filho o portador da resolução desse enigma.*²³⁷

No entanto, é preciso deixar claro que esse filho permanece enigmático para ela. Ou seja, na medida em que ela o faz portador de um enigma sobre o seu desejo – que ele encarnaria e cuja resposta ela mesma ignora –, ele passa a ser tributário de um saber. *Um enigma supõe alguma forma de saber. Formulá-lo implica que há um mistério... implica supor uma cifra capaz de decifrá-lo.*²³⁸ Daí que a mãe exerça uma mestria ao mesmo tempo em que se interroga por um saber que supõe ao bebê: na medida em que ele é suposto portador de um enigma sobre o desejo materno, pode ser *suposto como sujeito* nesse laço.

A letra aí se dá a ver na produção do bebê por um enigmático efeito de retorno do inconsciente materno ou parental. Isto possibilita aos pais situar um suposto saber do qual o bebê seria detentor e que eles mesmos desconhecem, na medida em que o recalcam. É por isso que o bebê, com sua produção corporal, tantas vezes parece ser um leitor do inconsciente dos pais – pois a letra que nele precipitou efeitos de inscrição faz retorno, por meio de sua produção corporal, do enigma de desejo dos pais inicialmente endereçado ao bebê.

Recordo, acerca disso, a passagem clínica de certos pais que resolveram colocar seu

²³⁷ Alfredo Jerusalinsky. O Nascimento do sujeito: da voz à letra, p. 18.

²³⁸ Idem, p. 19.

bebê de poucos meses em um berçário de turno integral, na aposta de que assim ele seria "mais autônomo e independente" do que eles em relação aos próprios pais. O menino chega para tratamento com pouco menos de três anos. Mostra-se bastante apático, não estando "fisgado" pela realização de conquistas próprias do crescer, como falar bem, tirar as fraldas ou largar a chupeta. Mostra-nos, assim, que o endereçamento ao Outro, tanto no sentido do estabelecimento de um eu-ideal, quanto de um ideal-do-eu, para ele não faz muita referência. Os pais se preocupam com que ele seja "frágil e dependente". Quando pergunto à mãe se algo que ele fale ou faça a surpreende, ela primeiro vacila, mas depois me diz: "Há algo que chama minha atenção, quando dirijo o carro ou quando quero sair de casa apressada, ele, que fala muito pouco e não repara em muita coisa, me diz, em tom de queixa, pedindo para diminuir o ritmo: 'muito rápido, muito rápido, mamãe!' (...) Agora, pensando, me ocorre, será que não estou querendo ir rápido demais com ele?"

Se o efeito de retorno da letra, a partir da produção do bebê, causa puro estranhamento, um puro sem-sentido, a suposição do bebê como sujeito e a atribuição de um saber nele não operam. Introduce-se, assim, uma fratura no laço pais-bebê. Uma mãe buscar articular com seus significantes a produção que o bebê dá a ver em seu corpo – produzindo uma leitura a partir de um saber que supõe ao bebê e acerca do qual ela mesma se interroga – é completamente diferente de exercer um saber absoluto ou ficar tomada em um puro sem-sentido dessa produção.

É preciso que a mãe não se coloque nem como pura presença nem pura ausência nos cuidados do bebê, mas que sustente, em relação aos objetos da pulsão, uma *alternância presença-ausência*: olhar-não olhar, voz-silêncio, fome-saciedade, sono-vigília. Assim a letra é atrelada a uma primeira série, a uma primeira forma de funcionamento simbólico pela alternância presença e ausência. Tal série passa a ter um valor de referência no laço mãe-bebê, e é por isso que seus descompassos afetam tanto o bebê quanto a mãe. A mãe se

interroga pelo que ocorreu quando o bebê não comparece, por exemplo, com sua fome, com suas fezes, com seu despertar, no tempo em que a mãe o esperava. Do mesmo modo, o bebê se vê afetado quando a mãe não comparece com os objetos de satisfação onde e quando ele a esperava nessa série de referência, precisando então implicar-se na produção de uma demanda. Isso nos mostra como os objetos pulsionais que circulam entre a criança e a mãe – seio, cocô, olhar, voz – são endereçados. Eles se inscrevem em uma série presença-ausência no laço com o Outro.

A mãe não toma o bebê como um puro objeto de sua satisfação e tampouco coloca a satisfação do bebê acima da lei, ela busca modos de atrelar o gozo à lei simbólica. Ela dá lugar ao gozo e opera seu interdito. Assim, o bebê sofre os efeitos de uma *alteridade*: por não ficar referido simplesmente ao próprio corpo na busca pela satisfação, mas ao Outro encarnado; e na medida em que, ao atrelar-se a esse Outro, seu gozo passa a ser interditado. A mãe, pelos efeitos nela inscritos da função paterna, aponta para o bebê que "assim pode e assim não pode", sanções que nem sempre são fixas e dependem do contexto. Desse modo, a letra não tem um sentido fixo, é posta a operar na articulação do significante para poder significar.

Por isso, na constituição psíquica, não basta com a inscrição da letra enquanto marca. É preciso que a letra se enganche ao corpo por meio do transitivismo e que seja posta a operar no laço mãe-bebê por meio dessas quatro operações constituintes a fim de possibilitar as condições da travessia que vai da inscrição da letra ao *fallasser*.

III. PROSÓDIA E ATO DE ENUNCIÇÃO NA CLÍNICA COM BEBÊS

Sobre a voz e a letra nos primórdios do psiquismo

Em 1969, Jakobson, em seu livro *Linguagem infantil e afasia*, aponta um fenômeno que denomina como *língua de babás*, para designar o modo peculiar que os adultos têm de falar com os bebês e crianças pequenas, *utilizando uma fala que se adapta às possibilidades linguísticas do infante (...), aproximando-se às suas particularidades fonéticas, léxicas e gramaticais*.²³⁹

Atualmente no Brasil o termo *manhês*²⁴⁰ tem sido amplamente utilizado para denominar o modo como as mães costumam falar com seus bebês:²⁴¹ com uma entoação que se caracteriza pela grande incidência dos picos prosódicos, pela sintaxe simplificada, pelo uso de diminutivos, pela evitação de encontros consonantais – frequentemente suavizados por substituição de fonemas –, pela repetição silábica e pelo uso de um registro de voz mais alto (agudo) que o habitual.

Então, se há algo que caracteriza a fala das mães quando elas se dirigem ao seu bebê, é a prosódia, o amplo uso da musicalidade que acompanha aquilo que se tem a dizer. Espontaneamente – ou seja, a partir do seu saber inconsciente – as mães fazem uso da prosódia, da entoação, num momento em que aquilo que é dito ainda não pode ser entendido pelo bebê, na medida em que nele estão apenas começando a inscrever-se as leis fonéticas, sintáticas e gramaticais da língua.

Ao acompanhar o que é dito por picos prosódicos, por uma musicalidade, a mãe produz uma erotização no ato da escuta e da fonação: o bebê, se é efetivamente convocado por esta voz, dirige o seu olhar à mãe, respondendo com uma excitação psicomotora

²³⁹ Roman Jakobson. *Lenguaje infantil y afasia*, p. 24 e 25.

²⁴⁰ Os termos geralmente utilizados em inglês são *motherese* e *baby-talk* e, em francês, *parler bébé*.

²⁴¹ Acerca do *manhês*, ver a pesquisa de Silvia Ferreira. A interação mãe-bebê: primeiros-passos, p. 97-104.

ampla. A mãe não só fala com esta sintaxe simples e com esta entoação peculiar, ela também costuma acompanhar essa fala por uma rica expressão facial e movimentação dos lábios, convocando o bebê não só a escutá-la, mas a olhá-la. Quando a mãe silencia, dando espaço para que advenha a fonação do bebê – sustentando para ele a matriz dialógica –, o bebê produz ali suas vocalizações que se dirigem ao outro, que comparecem no intervalo, nessa brecha que o outro sustenta para ele. Isto se manifesta já no segundo mês de vida do bebê, configurando o que os linguistas chamam de "comportamento de revezamento".²⁴² Esta produção, perfeitamente observável em bebês tão pequenos, vem demonstrar que a voz é um objeto oral primordial.²⁴³

Mas é fundamental que tal prosódia convocante esteja articulada a uma alternância sustentada pela mãe ao dirigir-se ao bebê para que se produza o enlaçamento do bebê no ato da enunciação. A mãe fala e faz um intervalo na medida em que supõe o bebê como sujeito que tem algo a dizer, sustenta ali a suposição de um desejo no bebê, sustenta ali a alteridade. Temos aí a voz, a voz como objeto da pulsão oral que produz laço com o outro e que também assume o sentido de chamado de um sujeito.

Vale a pena recordar que a palavra *voz* está etimologicamente relacionada com o termo *vox* do latim, que significa tanto vocalizar na língua quanto produzir um chamado. Daí os termos *invocação*, que implica chamar os deuses; *evocação*, que implica chamar à lembrança; ou *convocação*, que implica chamar entre pares. Enquanto o termo *phone*, do grego, do qual se derivam *fonação*, *afonia*, *disfonia*, *cacofonia*, refere-se especificamente à produção do som, o termo *voz* pressupõe que a produção sonora seja tomada como chamado.

Nessa direção, podemos dizer que é a mãe que "dá a voz" ao bebê ao tomar suas fonações como um chamado. Se a mãe toma o grito do bebê apenas como um som, apenas

²⁴² Bénédicte de Boysson-Bardies (1998). O papel da prosódia na emergência da linguagem como estrutura intencional dentro e a partir de uma estrutura biológica, p. 22.

²⁴³ Marie-Christine Laznik. A voz como primeiro objeto da pulsão oral, p. 80-93.

discrimina em que nota da escala musical o som foi emitido, em lugar de perguntar "que foi, nenê?", ou seja, de produzir uma interrogação pelo enigma do desejo que supõe ao bebê, teremos ali apenas a dimensão da *phone*, mas não a da *vox*. É preciso que a vocalização como puro objeto acústico caia, seja recalcada, para ganhar um sentido enigmático e ser tomada na dimensão de um chamado no laço com o outro. É justamente a partir da instauração de um enigma do desejo que a criança se tornará falante na tentativa de a ele responder.

Por isso, ainda que o bebê de poucos meses não tenha condições de entender o sentido do que está sendo dito, dado que ele não nasce com a língua previamente inscrita, ele já começa a ser tomado no funcionamento da linguagem. A musicalidade presente na fala da mãe, seus picos prosódicos e seus silêncios vêm sublinhar inconscientemente certos pontos significativos do que é dito. Algo ali convoca o bebê, produz marca nele, inscrição, não pela força do estímulo perceptivo recebido de modo aleatório do meio, mas justamente pelo que fica inconscientemente sublinhado pela tela significativa do Outro.

Fica então claro que a voz não vale ali enquanto puro estímulo sonoro. Esse estímulo não tem por que deixar marca ou ser privilegiado em relação ao ruído das buzinas que vêm da rua ou até mesmo das vozes do rádio (preferência, aliás, que não comparece em crianças com graves patologias de constituição psíquica), a não ser que esteja articulado ao enigma do desejo, a não ser que introduza para o bebê a interrogação: *isso fala, o que isso quer de mim?*²⁴⁴ Aí a voz deixa como rastro a produção de um enigma para o bebê. Neste caso, ainda que o bebê não tenha o domínio da língua, ele já está confrontado com o enigma do desejo e, portanto, com o que é próprio do funcionamento humano na ordem da linguagem.

²⁴⁴ Como fica situado a partir do *Che Vuoi?* (o que queres?) apontado por Jacques Lacan (1960b), *Subversión del sujeto y dialéctica del deseo*, p. 794; e como retoma Contardo Calligaris (1983). *Hipótese sobre o fantasma na cura psicanalítica*, p. 26.

Mas como podemos ler os efeitos desta estrutura que se precipitam como inscrições no bebê?

Uma questão que justamente tem ocupado os linguistas é a de interrogar se o balbucio dos bebês guarda alguma relação com a língua materna e como essa relação vai sendo estabelecida.

Mas, antes de prosseguir, é preciso fazer um pequeno esclarecimento acerca do que entendemos por língua materna, uma vez que tal termo tem dado margem a certas confusões teóricas na interlocução entre linguística e psicanálise. Tal termo é amplamente usado na linguística para definir a língua compartilhada por uma cultura na qual o infante é criado, em contraposição às demais línguas que, a partir daí, ficarão situadas como estrangeiras. Se tomamos tal questão desde a ótica da constituição do sujeito, a língua materna coloca a sujeição a uma lei no laço da mãe com o bebê – *a língua materna é aquela na qual, para aquele que fala, a mãe foi interdita*²⁴⁵ pela lei paterna. Enquanto o *manhês* implica um certo *particularismo*²⁴⁶ de linguagem compartilhada entre a mãe e o bebê com a utilização de termos que nem sempre fazem parte da legalidade da língua, ainda que o uso de alguns deles acabe se generalizando – como *mamá*, *nenê*, *naná* para designar a mamadeira, o bebê, o dormir, no Brasil.

Há, ainda, o termo *alíngua* cunhado por Lacan para situar o modo singular com que o sujeito se representa no ato da fala. Ele afirma:

O inconsciente é um saber, uma saber-fazer com alíngua. E o que se sabe fazer com alíngua ultrapassa em muito aquilo do que se pode dar conta em nome da linguagem. Alíngua nos afeta primeiro por todos os efeitos que comporta e que são afetos. Se é possível dizer que o inconsciente está estruturado como uma linguagem é pelo fato mesmo de que os efeitos de alíngua, que já

²⁴⁵ Charles Melman (1989). *Imigrantes*, p. 32.

²⁴⁶ Retomamos aqui a discussão levantada por Saussure ente duas forças que se enfrentam na aquisição da linguagem pela criança: “o espírito particularista” e a “força unificadora”, retomadas por Jakobson para situar a *língua de babás*. Ferdinand de Saussure (1922). *Curso de linguística general*, p. 327; Roman Jakobson. *Lenguaje infantil y afasia*, p. 24.

*estão aí como um saber, vão bem além de tudo o que o ser que fala é capaz de enunciar.*²⁴⁷

Para ser falante não basta incorporar as regras gramaticais e repeti-las corretamente, *o ato de falar implica uma forçagem (sic) da linguagem, esse movimento de desacomodação e incomodação que confunde os linguistas e que surge como alíngua diante da falha na captura de sentido instaurado a partir da metáfora paterna.*²⁴⁸ Na medida em que ela faz comparecer um gozo inconsciente é que Lacan afirma que *a alíngua serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação. É o que a experiência do inconsciente mostrou, no que ele é feito de alíngua (...) alíngua dita materna, e não por nada dita assim.*²⁴⁹

Nesse sentido podemos pensar que o *manhês* ou *mamanhês* é produzido inconscientemente pela mãe no intuito de recobrir parcialmente para o bebê a inevitável castração que a língua comporta, mas que, ao mesmo tempo, fica situado como um efeito de tal castração. Evoco, a partir disso, uma pixação que foi feita anonimamente na porta uma clínica de crianças:²⁵⁰ "o morno vazio das coisas", seguida da assinatura "os sujeitos". É esta operação de certo recobrimento que fica em jogo no *mamanhês*: o de tornar o vazio das coisas produzido pela interdição da língua um pouquinho mais morno.

Não por acaso, como observa Jakobson, esse modo de falar próprio da língua de babás muitas vezes também se faz presente no trato íntimo dos amantes. Isso deixa evidente o quanto a marca do infantil no adulto, o seu fantasma e o que ele procura recobrir da interdição, fica em jogo no laço amoroso, seja no exercício da maternidade ou no laço conjugal.²⁵¹

A questão acerca da relação entre o balbucio dos bebês e a língua materna recebeu

²⁴⁷ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais Ainda*, p. 190. Optamos pela livre tradução a partir da versão eletrônica estabelecida para circulação interna da Escuela Freudiana de Buenos Aires.

²⁴⁸ Alfredo Jerusalinsky. Seminário proferido na DERDIC-PUC/SP em 18/03/2002 posteriormente publicado como: *A metáfora paterna e sua relação com a alíngua*, p. 73-92.

²⁴⁹ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 188.

²⁵⁰ Trata-se do Centro Dra. Lydia Coriat em Buenos Aires.

²⁵¹ Roman Jakobson. *Lenguaje infantil y afasia*, p. 24.

diversas respostas a partir das diferentes concepções teóricas de aquisição da linguagem.²⁵² Exemplo disso é o procedimento experimental comparativo realizado pelo grupo de pesquisa de Bénédicte de Boysson-Bardies, ao tomar o balbucio de bebês de diferentes nacionalidades e submeter tais balbucios à análise comparativa de linguistas e de adultos leigos com as mesmas línguas maternas que os bebês. Conclui-se a partir de tal procedimento que, em mais de 70% dos casos, tais adultos reconheciam claramente o balbucio de bebês com oito meses pertencentes à sua mesma língua materna.²⁵³

Como aponta Jakobson, *os verdadeiros inícios da linguagem infantil estão precedidos por um período em que um bebê é capaz de articular uma soma de sons que nunca se encontram reunidos simultaneamente em uma só língua* – caracterizando o que se convencionou chamar de balbucio proprioceptivo. Mas, logo que a criança entra na etapa linguística, *tais sons desaparecem de seu estoque fônico*.²⁵⁴

É em torno dos seis meses de vida que os bebês começam a produzir balbucios com valor linguístico, ou seja, balbucios que já implicam uma seleção dos fonemas da língua. Até essa idade os bebês árabes, chineses ou franceses²⁵⁵ balbuciam de modo relativamente semelhante. A partir daí os balbucios passam a se diferenciar, ao mesmo tempo em que vai sendo progressivamente perdida a capacidade de produzir fonemas que não fazem parte da língua materna.

Vale destacar que a idade em que se produz o advento do balbucio de valor linguístico é a mesma em que ocorre o início do *estádio do espelho*,²⁵⁶ momento em que

²⁵² Noemi Giuliani (1996). *Aulas sobre a aquisição da linguagem*.

²⁵³ Bénédicte de Boysson-Bardies. Distinguishable differences in the babbling of infants according to target language, p. 1-15.

²⁵⁴ Roman Jakobson. *Lenguaje infantil y afasia*, p. 31 e 32.

²⁵⁵ A pesquisa escolheu bebês inseridos em línguas que apresentam diferenças consideráveis entre si: a primeira apresentando forte faringolização; o chinês ou cantonês sendo uma língua tonal sem sistema de acentuação e sem articulação secundária; e o francês que difere do chinês nos últimos dois aspectos. São línguas que também diferem desde o aspecto fonético: o árabe apresenta uma grande variedade de realizações consonantais e uma relativa pobreza vocálica, distinguindo-se do chinês e francês.

²⁵⁶ Jacques Lacan (1949). El estadio del espejo como formador de la función del yo tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica.

fica evidente como o bebê, para constituir-se, para constituir o seu Eu, refere-se ao Outro, aliena-se à imagem que o Outro lhe oferece. Aliena-se também, podemos dizer, às articulações sonoras que fazem parte da língua em que é tomado pelo Outro encarnado, tendo que trilhar um longo caminho para poder vir a apropriar-se dela.²⁵⁷

Não por acaso em crianças que apresentam graves patologias de constituição psíquica que implicam um fracasso no estabelecimento do estágio do espelho – ou seja, deste reconhecimento e constituição do Eu a partir da alienação ao Outro –, frequentemente encontramos a produção de uma série de vocalizações que estão tão fora da legalidade da língua que temos dificuldade em diferenciá-las auditivamente, de reproduzi-las e até mesmo de inscrevê-las nos registros clínicos.

Mas, antes mesmo da produção do balbucio de valor linguístico, já podemos encontrar em bebês com menos de seis meses, em franca constituição, o progressivo enriquecimento da modulação das vocalizações. O choro ininterrupto do recém-nascido diante de algum desconforto físico passa progressivamente a ser substituído por choros com intervalos. Na medida em que o choro já se instalou em um circuito de demanda com a mãe, o bebê chora e espera ser respondido. Suas produções vocais também vão variando quanto à intensidade, ao ritmo e à entoação na medida em que o ato da vocalização instala-se efetivamente como um jogo erógeno no laço com o outro.

Enquanto o balbucio de bebês com dez meses caracteriza-se por ser mais segmentado, com mais articulação fonética e com certa diminuição da entoação, em torno dos oito meses esse balbucio apresenta-se no auge do uso de parâmetros de entoação e organização temporal das vocalizações semelhantes às da língua utilizada pelos adultos

²⁵⁷ Pois, como aponta Roman Jakobson (1969). *Lenguaje infantil y afasia*, p. 32, ao entrar na etapa linguística a criança perde a possibilidade de produzir não só todos aqueles sons que não fazem parte da língua falada em seu entorno, *mas também muitos dos sons comuns ao seu balbucio e à língua falada pelos adultos, apesar do modelo que esta representa para ele*. Será então preciso que, a partir da alienação, a criança possa realizar a separação – traduzida em termos de aquisição fonológica por uma possibilidade de apropriar-se daquilo que provém do Outro.

que os rodeiam.²⁵⁸

O corpo do bebê é, em primeira instância, um *receptáculo temporal*, como aponta Jean Bergès. Se inicialmente comparece uma ritmicidade nos ciclos biológicos do bebê, tais ritmos tornam-se homotéticos à ritmicidade da presença e a ausência da mãe e à oferta e recusa que ela produz dos objetos, estabelecendo deste modo um ritmo nos ciclos vitais do bebê. Uma das primeiras marcas do Outro que podemos ler na produção do bebê é a inscrição dessa estrutura que supõe uma temporalidade ritmada das funções e seu funcionamento: seja em fome-saciedade, sono-vigília, repouso-atividade²⁵⁹ e até mesmo na ritmicidade que comparece nas vocalizações.

Ao cantar uma cantiga para um bebê do primeiro quadrimestre, ao falar-lhe em *mamanhês*, já podemos perceber o efeito produzido pelo ritmo e entoação neste bebê engajado no laço com o outro. *A partir da melodia que outro lhe dirige, ele já experimenta a tensão da antecipação que o andamento da cantiga lhe permite supor e surpreende-se com a alteração neste andamento.*²⁶⁰ Ele já experimenta ali um prazer no ritmo, ainda que não entenda o sentido, pois as escanções temporais da voz e sua musicalidade produziram marca no corpo capturando o bebê numa primeira *matriz simbolizante*.²⁶¹

Assim, os bebês, num momento em que sequer têm plenamente organizada uma seleção dos fonemas da língua, contam com o ritmo e a entoação de suas vocalizações como uma primeira diferenciação importante para a produção sonora em seu caráter de laço com o outro. Enquanto do lado da mãe, com a produção do *mamanhês*, fica evidente a importância da musicalidade que acompanha a fala nessa tentativa de convocar, de engajar o bebê no prazer da vocalização, ao mesmo tempo em que, inconscientemente,

²⁵⁸ Benedicte de Boysson Bardies. Dicerible differences in the babbling of infants accordig to target leguage, *Journal of child language*, p. 1-15.

²⁵⁹ Jean Bergès (1988b). Função estruturante do prazer, p. 54.

²⁶⁰ Ângela Vorcaro. O organismo e a linguagem maternante: hipótese de trabalho sobre as condições do advento da fala e seus sintomas, p. 65-84.

²⁶¹ Idem.

aproxima sua fala à possibilidade linguística do bebê. Neste jogo de identificações – em que a mãe aproxima sua fala à possibilidade linguística do bebê – encontramos claramente o que Jakobson aponta ao afirmar que o bebê é *um imitador imitado*.²⁶²

É certo que, quando alguém já está plenamente instalado como sujeito falante na linguagem, quando já tem um domínio fonético, sintático e gramatical da língua, a prosódia vai exercendo um papel cada vez mais restrito na produção de sentido, ainda que sempre tenha um papel decisivo na distinção da modalidade das frases – de interrogação, asserção ou exclamação.

Por outro lado, na ironia também é bastante frequente o uso do parâmetro de entoação para intencionalmente subverter o sentido do enunciado. Por exemplo, ao afirmar: "Bonito, hein!" ou "Que beleza!" sobre algo que foi considerado "moralmente feio", ou "Claro! É isso mesmo! Tens toda a razão!" quando não se concorda com nada do que o interlocutor está a afirmar.

Contaram-me, neste sentido, uma brincadeira interessante feita por um grupo de amigos que se reunia periodicamente para cantar e tocar músicas. Depois de algumas reuniões em que já estavam cansados de se ouvir cantando o mesmo repertório, surgiu uma brincadeira: cantar os tangos em ritmo de samba. Isto evidentemente produziu muitos efeitos cômicos, pois a letra dramática do tango ficava um tanto alterada, subvertida pelo ritmo do samba. É claro que nem todo samba é alegre e nem todo tango é dramático, há exceções. O interessante é pensar o que pode se produzir como efeito de significação a partir desse entrecruzamento entre letra e música.

Já não como ato intencional, mas como formação do inconsciente, temos a voz que vacila, que fraqueja, que desafina, como pequenos atos da psicopatologia cotidiana que demonstram como a voz e sua entoação no ato da enunciação podem trair o locutor,

²⁶² Roman Jakobson. *Lenguaje infantil y afasia*, p. 24.

revelando mais do que se queria dizer. Prova disso é o orador que, antes de falar, produz um pequeno ruído para limpar a garganta, como quem tenta se precaver dessa possível "traição" da voz em relação ao que ele tem intenção de comunicar.²⁶³

Na direção de tomar a prosódia implicada no ato da enunciação como aquilo que pode, por momentos, vir a subverter o sentido de um enunciado, evoquemos uma cena frequentemente testemunhada na clínica: a da criança que transgredir as normas a todo momento enquanto a mãe diz "não faz, meu filho!" com um tom tão suave, tão suplicante e risonho, que o "não" do enunciado, longe de fazer função de interdição, convoca à permissividade, é um sim. Temos aí, pela prosódia, *um não que diz sim* e que vem revelar o gozo da mãe implicado na transgressão do filho.

Se ficamos simplesmente atentos ao que foi enunciado, em lugar de escutar o que comparece no ato da enunciação, perdemos a possibilidade de realizar tal leitura clínica.

Neste entrecruzamento entre o que é dito e a entoação que se apresenta no ato da enunciação, comparecem algumas questões bastante próprias da clínica com bebês e crianças pequenas. Isto porque não só para os bebês, mas também para as crianças que ainda não podem, por sua condição psíquica, deslizar pelos significantes com o mesmo desembaraço que um adulto, a entoação outorga um peso fundamental ao que é dito. A força da convocatória, por meio da voz, do olhar, do gesto, no ato da enunciação é decisiva para que se sintam implicados no que lhes foi dito. Isso fica claro, por exemplo, nas diversas vozes que é preciso fazer para representar os personagens das histórias infantis: afinal, quem se assustaria com um lobo mau que falasse em voz aguda? Sem sua entoação grave e forte, o lobo nem parece tão mau assim.

Tomaremos alguns recortes clínicos para, a partir deles, pontuar alguns desdobramentos do entrecruzamento entre enunciado e entoação no ato da enunciação.

²⁶³ Como aponta Paul-Laurent Assoun. *O olhar e a voz*, p. 34.

III.1. Outro dia para Rafael – Recorte clínico III

Rafael, um menino com pouco mais de quatro anos, tem uma produção extremamente estereotipada. Repete frases de propagandas fora de contexto, apresenta falas ecológicas e refere a si mesmo na terceira pessoa. Inicialmente desloca os objetos reconhecendo seu valor de uso, mas não estabelece uma cena partilhada no brincar.

A partir de certo momento do tratamento, Rafael passou a não querer ir embora, passando a registrar a hora da despedida e, ao mesmo tempo, manifestando uma imensa dificuldade por esse corte que introduz uma ausência, uma pausa, uma descontinuidade diante da qual teme não ser possível retomar a série. Isto faz da hora da despedida um momento importante, ocupando uma parte considerável da sessão. Digo-lhe: "Está na hora de ir embora... tchau... até outro dia!". Diante disso, em certa sessão, Rafael se agarra a um dos brinquedos que não quer guardar, e diz "Outro dia, outro dia!", em um tom extremamente exasperado.

"Outro dia! Parece que é muito difícil esperar até outro dia, né, Rafael?", lhe digo. Então ele, no decorrer dessa cena me olha, larga a caixa e consegue ir embora.

Ainda que o seu enunciado repita o que eu disse, ainda que ele precise tomar imediatamente as minhas palavras para poder falar, ele produz a enunciação com uma entoação própria que deixa clara a oposição ao meu enunciado. Reconhecer isso, reconhecer ali seu desejo, procurando produzir alguma alteridade, ainda que de modo bastante rudimentar, é fundamental para o desfecho dessa cena e para a possibilidade de saída de uma posição ecológica, podendo se separar. Fica claro aí como um mesmo enunciado, pela entoação utilizada no ato da enunciação, pode assumir dois sentidos opostos, estabelecendo-se, assim, como uma tentativa utilizada pela criança de fazer oposição, para descolar-se da fala do outro, tomando-a emprestada, mas fazendo-a sua.

III.2. Em quem coça a comichão de Sabrina? – Recorte clínico IV

Sabrina é uma pequena menina com pouco mais de dois anos. É capaz de ficar longo tempo da sessão raspando objetos no chão ou parede da sala de modo a produzir um barulho estridente que parece incomodar a todos, menos a ela. Não fala, não olha, não reage quando chamada. Ela tem síndrome de Williams,²⁶⁴ mas tal comprometimento orgânico não justifica o apagamento subjetivo e a evitação que realiza do laço com os outros na busca por uma satisfação.

A mãe, por sua vez, fala animadamente, o que produz grande desconforto nos integrantes da equipe médica que as acompanham, por notarem uma absoluta discrepância entre a entoação melodiosa e alegre com que a mãe fala da filha e o estado de Sabrina.

No início de uma das sessões, percebo que Sabrina está particularmente irritada. Quando me detenho a olhá-la, percebo que tem tantos piolhos que eles caminham pela sua testa e sobrancelhas. A mãe percebe o que estou observando e diz: "Ela está com piolhinhos!", no tom melodioso e alegre que costuma usar. "Não são piolhinhos, são piolhos, e parece que eles estão incomodando muito a sua filha!", respondo, num tom um tanto grave. Nesse momento a mãe começa a chorar e, pela primeira vez, fala da dificuldade que tem de lidar com a filha. Diz que sente que Sabrina ficou muito tempo descuidada e que agora quer se ocupar dela, mas que não sabe por onde começar.

O corte que a intervenção produz na entoação da fala materna abre a possibilidade de que a mãe possa começar a falar das efetivas dificuldades que encontra com sua filha e com o exercício da maternidade.

²⁶⁴ Síndrome genética que, além de manifestações fenotípicas específicas, causa atrasos no desenvolvimento estando correlacionada com a incidência de deficiência mental. Ver a este respeito Owen Foster et al. Dossier sobre síndrome de Williams.

Afinal, a quem se dirige o *manhês* que esta mãe produz? Ele se apresenta fora do tempo e lugar na relação com Sabrina, endereçando-se muito mais ao espectador da cena do que na própria filha.

Diante de uma menina que não é reconhecida pelo pai e que, devido aos seus problemas orgânicos e psíquicos, tampouco é reconhecida pelo social, essa jovem mulher não consegue situar-se como mãe. A prosódia que se oferece ao espectador – enquanto a menina dá o testemunho em seu corpo e em sua produção de um extremo abandono –, mais do que colocar em cena um gozo perverso dessa mãe com a filha (suspeita que produz tanto incômodo nos diferentes profissionais que as atendem), denuncia uma absoluta impossibilidade de a mãe situar-se em relação a Sabrina. A prosódia da mãe se coloca como um apelo ao interlocutor, um pedido de que a reconheça como mãe, certifique que ela é capaz de ocupar esse lugar.

Essa jovem, que até então não se ocupava de Sabrina, tenta começar a fazê-lo produzindo uma colagem imaginária. Ela tenta reproduzir com a menina certos estereótipos culturais acerca da maternidade, tais como falar com voz melodiosa, bater palminhas festejando toda e qualquer situação (mesmo as que não merecem festejo algum), decorar, de uma hora para outra, o quarto da filha etc.

Assim, o espetáculo que se dá a ver reproduz certa *pantomima de maternagem*. Nesse movimento falha um ponto de articulação fundamental para o exercício da função materna: a articulação desses enunciados simbólicos ao que afeta o filho.

O corpo de Sabrina passa muito longe da fala desta mãe, não é tomado, recortado, articulado, ou seja, erotizado por esta fala. Essa tentativa, inicialmente imaginária, de apropriação do lugar de mãe lança essa jovem mulher a ficar muito atenta ao que se passa nas sessões. O primeiro movimento que faz é o de procurar comprar brinquedos que sejam parecidos com os que Sabrina brinca durante as sessões. Ao constatar que não é isso o que

interessa à menina, que o foco não está no objeto em si, mas no modo em que ele circula no laço com o Outro, passa a procurar repetir com ela as pequenas brincadeiras nas quais, observa, Sabrina se engaja durante as sessões – por exemplo, a de que eu empilhe cubos para ela e que ela os derrube, olhando para mim quando digo "Caiu!", e passando a me dar alguns cubos, articulando uma demanda de que volte a montar a torre. Mais adiante, ela se interessa por uma brincadeira na qual faço, da minha mão, uma aranha (fazendo um barulho com as unhas no chão) que vai se aproximando dela, dizendo a que lugar do corpo vai chegar para fazer cócegas. Ela me olha e, por vezes recolhe ou retira a parte do corpo em questão (pé, perna, mão).

Num terceiro momento, a mãe começa a formular perguntas, tais como: "Quais brinquedos devo comprar?", "Quais brincadeiras posso fazer?". É possível, então, começar a desdobrar falas acerca do que ela mesma gostava de brincar quando menina, quais dessas brincadeiras poderiam interessar a Sabrina, até que é ela quem começa a estabelecer uma pequena brincadeira corporal que efetivamente a implica e convoca sua filha.²⁶⁵

Sabrina começa, por momentos a olhar e também a oferecer seu corpo diante da convocatória da cantiga materna.

III.3. A prosódia e a incidência da linguagem no corpo

O que é próprio no exercício da função materna é o trabalho permanente de recobrir o real do organismo do bebê – sua psicomotricidade desorganizada, seu olhar estrábico, suas fezes, suas regurgitações, seus gritos – com um simbólico que erogeniza este corpo e que permite constituir uma imagem ideal à qual o bebê possa identificar-se. Por isso é justamente diante do olhar estrábico que a mãe diz: "Cadê esses olhinhos lindos da

²⁶⁵ Escolhe uma brincadeira ao estilo "serra, serra, serrador" em que o movimento do corpo acompanha o ritmo da parlenda.

mamãe?”. É por isso também que as fezes e melecas viram "caquinhas" e as regurgitações, "queijinhos”.

*A voz impõe silêncio ao real do corpo,*²⁶⁶ aponta Melman. Poderíamos dizer que é a voz da mãe que impõe silêncio ao real do corpo do bebê, ordenando uma série de manifestações orgânicas que, caso contrário, teriam um caráter de obscenidade.

O parâmetro entoativo implica não só o engajamento do bebê a um funcionamento ritmado. A entoação utilizada pela mãe também é modulada pela interpretação que ela faz dos afetos²⁶⁷ que o bebê experimenta corporalmente. A mãe não só modifica os parâmetros de entoação quando ela está brava ou quando está fazendo um carinho, mas também quando *fala como se estivesse a falar pelo bebê* num momento em que ele ainda, de fato, não pode fazê-lo. Assim, a prosódia da mãe inconscientemente se modifica quando ela está a oferecer alguma representação de afeto para o bebê – supondo que o que está a se passar com ele é da ordem da tristeza, ansiedade, braveza, alegria etc. Na modulação da voz da mãe comparece a interpretação que ela enlaça ao que se passa no corpo do bebê, permitindo ao bebê o acesso a alguma representação do afeto.

Assim entendemos a afirmação de Lacan acerca de que *alíngua materna nos afeta primeiro por tudo que ela comporta como efeitos que são afetos*. Ela implica um saber fazer com isso no laço mãe-bebê e, portanto, *ultrapassa muito o que podemos dar conta a título de linguagem.*²⁶⁸

Isso fica muito evidente na situação em que, diante da pequena criança que se machuca, é a mãe que diz "ai, ai, ai!", deixando comparecer em sua voz e em sua gestualidade a sua própria experiência de dor que oferece à criança em uma identificação

²⁶⁶ Charles Melman (1985b). *Novos estudos sobre o inconsciente*, p. 76.

²⁶⁷ Tomamos aqui o termo afeto tanto no sentido mais intuitivo que descreve o estado atual de nossos sentimentos, quanto pela sua articulação com a pulsão. "Se a pulsão não aparecesse sob a forma de afeto, nada poderíamos saber sobre ela" – Freud (1915). *O inconsciente*; apud Roland Chemama (1993). *Dicionário de psicanálise Larousse*, p. 10.

²⁶⁸ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 190.

transitivista.²⁶⁹ A criança, identificada com esta experiência, pode produzir uma articulação do afeto que ela experimenta em seu corpo e, então, chora ou é consolada. Aqui é importante notar que é preciso que a mãe não fique apenas experimentando a dor no próprio corpo, mas que ofereça a representação de tal experiência de dor para a criança na medida em que a supõe como sujeito, que supõe que ela está a experimentar, mesmo sem poder nomear isto que padece.

Para concluir, gostaria de apontar que a escuta e o uso clínico dos parâmetros de entoação, dos picos prosódicos e do ritmo têm importante lugar na clínica e, mais ainda, por se tratar de bebês e crianças pequenas, como modo de perceber seus primeiros engajamentos a uma matriz simbolizante e como modo de tentar produzir esse engajamento quando ele não está inscrito no infante.

Isto porque a clínica do significante, a clínica que leva um atravessamento da psicanálise, não é simplesmente a clínica da palavra enunciada. O gesto, o toque, a entoação também podem assumir uma dimensão significativa, mas, para tanto, eles precisam ser lidos na série e não terem outorgados um valor intrínseco, um valor puramente fenomenológico por si só capaz de certificar, pela sua presença, uma espécie de "bom exercício da maternidade".

O uso dos picos prosódicos e o *manhês* só produzem um efeito constituinte para o bebê e pequena criança se introduzem cortes e articulações simbólicas que incidem no real de suas funções orgânicas, e se produzem como efeito a construção imaginária de um corpo do qual o bebê possa vir a apropriar-se, caso contrário caem do lado de uma *pantomima da maternagem*.

O único modo que temos de nos certificar clinicamente de que lado se inscrevem os efeitos da fala materna é, para além de escutar a mãe, ler, a partir da produção do bebê,

²⁶⁹ Jean Bergès e Gabriel Balbo (1998). *Jogos de posições da mãe e da criança*, p. 42.

como nele estão se inscrevendo certas operações constituintes do sujeito²⁷⁰. Trata-se de ler como essa fala se coloca no ato na enunciação e de como este bebê aí se encontra ou não convocado. Também de ler como o próprio bebê ou criança situam sua produção diante do Outro.²⁷¹

Ou seja, trata-se de efetuar uma leitura dos modos pelos quais a transmissão da letra opera no laço mãe-bebê, pelo modo em que a mãe põe em cena, no exercício de seus cuidados, e pelo modo em que o bebê responde às operações constituintes do sujeito. Tais operações comparecem, para além do que é dito, na modulação da voz, no olhar, no gesto, no toque, na oferta postural, enfim, no modo em que todos estes pequenos objetos circulam no laço mãe-bebê. Aí sim teremos a possibilidade de articular uma leitura da incidência da letra no litoral entre o gozo e o saber, entre o corpo e a linguagem, nos primórdios da constituição psíquica.

²⁷⁰ Estabelecimento da demanda, suposição do sujeito, alterância e alteridade, tal como situado no capítulo anterior.

²⁷¹ Ver a este respeito "Tchau mãezinha! – recorte clínico II", no qual, apesar da rica entoação utilizada em uma frase repetida, não havia um desdobramento de sua fala.

IV. A MATERNIDADE E O GOZO FÁLICO

Considerações sobre a angústia de castração e a inveja do pênis pós-maternidade

"Parabéns, agora que você é mãe verá o que é nunca mais estar inteira em lugar algum." Esse é o aviso que uma paciente recebe de uma amiga ao ganhar seu bebê. Mais tarde, sua experiência de maternidade o confirma, mesmo tratando-se de uma experiência rica, prazerosa e, portanto, no âmbito de uma verdadeira realização para esta mulher.

Tal afirmação é aqui tomada como ponto de partida para considerar a maternidade como uma experiência que pode vir a realizar a equação fálica para uma mulher, tal como Freud propõe, mas que, ao fazê-lo, reatualiza sua condição feminina perante a castração e, portanto, sua condição de *não-toda* no gozo fálico.

Para abordar a atualização da castração e do gozo fálico na maternidade é preciso considerar o quanto a modificação no modo de circulação social das mulheres veio legitimar outras equivalências de realização fálica que não a de ter um bebê. Isto produz seus efeitos na clínica fazendo comparecer, sob novos vieses sintomáticos, a repetição de uma velha questão da condição feminina. Esta é a questão desdobrada neste capítulo.

Freud aponta a equação *pênis-falo-bebê*²⁷² como via de resolução, ou pelo menos a via preponderante de realização, do gozo fálico para mulheres.

"*Um dia poderás ter um bebê*" é a promessa articulada para a menina após o complexo de castração e que lhe permitiria, na entrada do complexo de Édipo, voltar-se para o pai – enquanto portador e doador do falo – tomando o mesmo como o objeto que viria a suceder o amor para com a mãe. A partir da matriz desse primeiro amor e ao saber-

²⁷² Sigmund Freud (1924b). A dissolução do complexo de Édipo, p. 223.

se castrada, lhe seria possível articular um saber próprio do feminino: de quem não o tem, mas sabe onde buscá-lo.

As meninas saíam do complexo de castração e culminariam o complexo de Édipo *em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente.*²⁷³ Assim, se o menino sai do complexo de Édipo com *os títulos de direito à virilidade*²⁷⁴ guardados no bolso, para vir a fazer uso dos mesmos no futuro, as meninas, por analogia, saíam com uma espécie de "falo hipotecado" na promessa da maternidade – pelo menos não nos ocorre nada mais representativo da fantasia constatada pela análise de formações do inconsciente na psicanálise de adultos e por falas diretas de pequenas crianças ainda não submetidas à barreira do recalque, confrontadas com a condição do feminino: de que as meninas "um dia o tiveram, mas o perderam".

A fantasia de tê-lo perdido não deixa de ser de extrema veracidade, pois, ainda que não guarde correspondência com a ordem do real do corpo, já que ninguém de fato cortou o "valioso pedaço de carne" do corpo de tais meninas, elas também um dia foram, enquanto bebês, o falo da mãe. Mais do que isso, durante certo período da infância, a fase fálica, ocuparam, elas mesmas, uma posição extremamente ativa *portando-se como homenzinhos.*²⁷⁵ Isto antes de serem, após o segundo tempo do Édipo,²⁷⁶ deslocadas de tal lugar fálico, encontrando-se, no terceiro tempo, nem sendo o falo para alguém suposto tudo ter – a mãe enquanto Outro primordial – nem tampouco tendo o falo.²⁷⁷ Nem ser, nem ter, e ainda obter um gozo a partir disso, eis a questão pela qual passa a feminilidade.

Mas por que considerar a posição de um falo hipotecado na maternidade?

Ora, se a equação fálica encontraria sua resolução possível na equivalência a um

²⁷³ Idem, *ibidem*.

²⁷⁴ Jacques Lacan (1957-1958). *O seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*, p. 202.

²⁷⁵ Sigmund Freud (1933). *Feminilidade*, conferência 33: *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, p. 146.

²⁷⁶ Jacques Lacan (1957-1958). *O seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*.

²⁷⁷ Idem.

bebê, o mesmo só viria após bastante tempo, após diversas prestações de jogos amorosos, que podem ser mais ou menos prazerosos dependendo do caso, mas que não oferecem garantias de reaver, após tais investimentos, o falo-bebê ao final do prazo estipulado.

Evidentemente, nem todo jogo sexual-amoroso de uma mulher necessariamente implica o desejo de ter um bebê – já que uma mulher, desde a posição feminina, pode experimentar o desejo de ser desejada, ou, desde uma posição masculina, exercer ativamente uma posição desejante. No entanto, ter um bebê, bebê concebido enquanto fruto de um amor implicaria que essa mulher se tornasse primeiramente amável e desejável para alguém (o bebê ocupando aí o lugar de um falo que lhe foi doado por alguém que ela supõe como portador do falo).

Mesmo que tal questão possa, em plena era da fertilização e inseminação artificiais, resultar bastante discutível, encontramos o quanto o tema da perda do amor e da perda da condição de objeto de desejo é recorrente na análise de mulheres. O próprio Freud aponta o quanto *o temor da perda do amor* tem um papel constituinte da condição feminina.²⁷⁸ Questão tão insistente na análise de mulheres e tão presente nas disputas amorosas que tanto ocupam as meninas na infância: saber quem é amiga de quem, quem é ou não a escolhida etc. Enquanto os meninos medem a sua potência fálica pela rapidez, velocidade, valentia ou número de gols, as meninas encontram no ciúme um deslocamento para a inveja do pênis,²⁷⁹ afirma Freud, tão claramente evidenciada na interrogação de mulheres enciumadas pela figura imaginária da outra: *O que é que ela tem que eu não tenho?* – supondo a outra em uma dimensão fálica da qual estaria privada.

Mas o que viria após a maternidade? O que podemos escutar de mulheres em análise após o encontro com o tão prometido e esperado falo-bebê?

Em primeiro lugar é preciso interrogar se a via apontada por Freud na equação fálica

²⁷⁸ Sigmund Freud (1924b). A dissolução do complexo de Édipo, p. 223.

²⁷⁹ Sigmund Freud (1925a). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos, p.316.

não residiria em uma espécie de "naturalização" do desejo, apostando em que a natureza, ao cumprir seu ciclo, fosse capaz de encontrar a resolução do complexo de masculinidade e da *inveja do pênis*,²⁸⁰ próprios da posição histórica.²⁸¹

O fato é que, nos últimos cem anos, houve uma diversificação na aposta de realização fálica das mulheres. As meninas não brincam só de mães que cuidam bebês, cozinham, decoram a casa ou abastecem o lar. Elas brincam também de trabalhar, de ser aventureiras que ganham o mundo e de super-heroínas poderosas e destemidas – claro, ressalva seja feita, o fazem sem esquecer o detalhe do penteado e a combinação do vestuário.²⁸² Isso ocorre sem que aos pais ou aos psicanalistas da atualidade tais jogos resultem demonstrações de dificuldades na resolução de suas equações simbólicas. Afinal, elas formulam respostas, por meio do brincar, aos Ideais-do-Eu próprios de seu tempo e cultura. Nada mais pertinente.

Há pouco tempo, em uma festa à fantasia de crianças, como é usual, circulavam meninos vestidos como os mais variados super-heróis e meninas vestidas como as mais diversas princesas. Chegou então a hora da apresentação de capoeira, e a roda foi composta por meninos e meninas, entre os quais uma linda Rapunzel de cinco anos vestida de branco e cintilante cetim, com tranças de cabelos negros que lhe chegavam à altura dos joelhos. Chamada ao jogo, arregaçou o longo vestido e pôs-se a arremessar chutes, virar estrelinhas e plantar bananeiras, enquanto procurava esgrimir-se elegantemente de suas longas tranças. Não era pequeno o esforço exigido nesse árduo desdobramento. Todos aplaudiam regozijados: sem dúvida estávamos diante de uma legítima princesa de nossos tempos!²⁸³

²⁸⁰ Idem, p. 313.

²⁸¹ Tal interpretação da proposição freudiana é discutida no capítulo "A maternidade além do gozo fálico".

²⁸² Ou seja, lançando-se em um viés de realização fálica pela via de ter coragem, ousadia, valentia, ou outros poderes que se recortam, se destacam, falicamente do corpo, mas sem deixar de articular outra dimensão do gozo que retorna sobre o próprio corpo, por meio do detalhe capaz de tornar esse corpo belo, mascarando-o de ser o falo, capaz de despertar o desejo de alguém.

²⁸³ É preciso considerar o quanto as heroínas das histórias infantis atuais testemunham uma mudança dos ideais identificatórios colocados, desde a cultura, para as meninas, se comparadas as heroínas das histórias infantis clássicas. Enquanto a história de Rapunzel aponta uma condição de passividade diante de uma mãe-

Não pude deixar de me enternecer com o espetáculo, talvez de um modo menos regozijado que a platéia, considerando não a particular posição de tal menina – da qual afinal pouco sei – mas a de muitas outras meninas-mulheres que escutamos na clínica e que continuam a desdobrar-se entre diferentes gozos implicados em ser mulher, ser mãe e ser profissional.

As pequenas princesas da atualidade seguem assim brincando, ensaiando possibilidades entre a posição de belas donzelas em perigo capazes de fisgar com seus encantos o desejo de um cavaleiro que esteja a passar distraído e a de se lançarem na posição de valentes amazonas. Na adolescência e juventude fazem seus jogos amorosos – com mais ou menos lugar para o exercício da feminilidade – e suas escolhas profissionais – como uma aposta fálica, geralmente digna de ser considerada em posição de simetria com a de qualquer outro colega ou irmão do sexo masculino. Nada mais comum, dado que o ideal de realização profissional e sustento econômico próprio ocupam, em grande parte das famílias da atualidade, uma posição de aparente simetria na dívida simbólica e realização de ideais, tanto para os filhos homens quanto para as filhas mulheres.

Na análise de jovens pacientes podemos escutar o quanto, para muitas delas, ainda que ter um bebê apareça como desejável, no entanto frequentemente comparece como uma realização lançada a um horizonte bem distante, deixada para depois de tantas outras²⁸⁴

bruxa e um príncipe salvador, as heroínas da atualidade – tais como Lara Croft, Fiona (esposa de Sherek), Princesa Lea (do filme *Guerra nas estrelas*), Mulher Elástica (do filme *Os incríveis*), entre outras – assumem claramente uma posição de atividade fálica: com lutas, escolha do objeto de amor, participação política e social. Certamente não se pode duvidar da força de uma Rapunzel clássica, capaz de suportar em seus cabelos o peso de uma mãe ou de um príncipe a escalar a torre, mas certamente é uma atividade utilizada para finalmente ocupar um fim passivo. Do mesmo modo, as Amazonas, essas valentes guerreiras, permaneciam como um clã à margem da sociedade que, com seus encantos, eram capazes de retirar de suas missões sociais os cavaleiros. As heroínas atuais parecem deixar às claras a divisão de uma mulher perante diferentes modos de gozo – questão retomada no próximo capítulo.

²⁸⁴ Se, como Freud aponta, é longa a espera que a menina precisará fazer, após a entrada no complexo de Édipo, até que chegue o tempo de ter um bebê, precisando inevitavelmente sofrer tal espera, é interessante notar que, quando chega o tempo em que efetivamente poderiam ter um bebê, tantas mulheres continuam a falar de tal realização de um modo desejoso enquanto escolhem continuar a postergá-la para um tempo distante, quase mítico, que em nada perpassa a condução de suas escolhas de vida. Claramente, não estamos nos referindo aqui a mulheres que escolhem legitimamente não ter filhos, mas de algumas que parecem insistir em manter, perpetuar, em uma esfera onírica tal realização (almejada e postergada).

pré-condições. Isso não impede que gravidezes não planejadas ocorram de modo irruptivo e que este desejo negado assuma a significação de uma ameaça a uma série de outras conquistas (tais como formação acadêmica, independência econômica, ou inserção profissional).

Tampouco é infrequente mulheres que, após priorizaram a realização econômica e ou profissional e postergarem durante anos o projeto de ter um bebê, cheguem a tratamento, ao se encontrarem em idade limite da fertilidade, invadidas por uma irrupção de angústia. Elas experimentam o destempo entre o que seria um tempo subjetivo necessário para percorrer as equivalências fálicas antes de chegar ao bebê; o tempo cronológico implicado em tais realizações; e o limite temporal imposto pelo real orgânico à fertilidade. Ou seja, se virtualmente todas as equivalências fálicas podem ser percorridas, o tempo da vida faz necessário precipitar-se em uma escolha.

Após o desenlace da maternidade e da realização de ter um bebê podemos constatar em diversas mulheres, muitas das quais, inclusive, que exercem de modo extremamente desejoso e amoroso a maternidade, mais do que uma resolução da angústia de castração, um novo comparecimento da mesma; mais do que um apaziguamento da disputa fálica, seu recrudescimento.

Nas palavras de um esposo: "Depois que ela virou mãe despertou uma agressividade até então para mim desconhecida". Nas palavras de uma mulher digladiando entre o impossível cálculo de investir de modo pleno em duas realizações fálicas ao mesmo tempo (a maternidade e a profissão) e comparando-se ao marido em uma disputa fálica: "Quisera eu ter um pau no meio das pernas para poder gozar do direito de pôr o meu trabalho em primeiro lugar" – direito que supõe um dia ter usufruído, mas que, ao tornar-se mãe, sente que perdeu. Por outro lado, revela aí sua ilusão de que, ao tê-lo (o pau no meio das pernas), poderia fazer a função fálica valer de "modo mais competente que esse homem".

A realização profissional e/ou "independência econômica" não entrou na equação fálica de Freud. Mas, na atualidade, grande parte das mulheres as experimenta antes de ter um bebê, o que situa tais mulheres em uma posição social e profissional de simetria com os homens quanto a essa realização fálica – reservando a diferença sexual para o campo da vida privada com os jogos eróticos e amorosos.

Que uma mulher usufrua de um gozo fálico não impede que visite uma condição feminina. Ou seja, o fim passivo (de ser amada e desejada) que se joga na posição erótica feminina não se estende necessariamente à condição social de uma mulher, assim como seu papel ativo na sociedade não tem por que impedir que, além de tais realizações fálicas, usufrua de um gozo feminino. Freud mesmo aponta esta questão ao afirmar:

*(...) talvez seja o caso de que numa mulher, com base na sua participação sexual, a preferência pelo comportamento passivo e por fins passivos se estenda à sua vida (...) devemos, contudo nos acautelar nesse ponto, para não subestimar a influência dos costumes sociais que, de forma semelhante, compelem as mulheres a uma situação passiva.*²⁸⁵

Mas, para muitas mulheres que têm no trabalho a realização de uma posição ativa de seu gozo fálico, a equação simbólica vem estender-se como *pênis=falo=trabalho*, e somente depois viria ali o bebê. Desse modo, a maternidade frequentemente é experimentada como uma passagem que desloca e diversifica para as mulheres o investimento da realização fálica antes centrada no trabalho, sem retorno possível (imediate ou permanente) após a maternidade para a mesma posição em relação ao campo profissional. Assim, maternidade e trabalho são vividos imaginariamente como concorrentes opostos na realização fálica, pelo qual o investimento crescente em um implicaria necessariamente o desinvestimento proporcional do outro. É aí que a angústia de castração vem bater novamente à porta, ou melhor, entra sem avisar.

Muitas mulheres, na pós-maternidade, queixam-se de estarem em posição

²⁸⁵ Sigmund Freud (1933). Feminilidade, conferência 33: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, p. 143.

assimétrica para com os homens em relação ao trabalho. Assim, a maternidade vêm confrontá-las a uma diferença, após um tempo em que consideraram estar "em pé de igualdade" – ou "taco a taco com os homens", nas palavras de uma paciente. Falam de um tempo em que supostamente "tiveram" a mesma possibilidade de realização fálica que os meninos, mas que, mais uma vez, "perderam". Reedita-se assim com a maternidade a angústia de castração diante de um reencontro com a diferença sexual.

Se o desenrolar de uma realização fálica via trabalho se produz para uma mulher a partir de uma possibilidade de identificação com o pai²⁸⁶ – na medida em que, mesmo que a geração atual tenha mães profissionais, as suas mães, ao tornarem-se trabalhadoras fora das fronteiras do lar, o fizeram num rompimento com a tradição materna ao aventurar-se num mundo até então só permitido aos homens – no entanto, inevitavelmente, a experiência da maternidade as lança a revisitar seus traços identificatórios com a mãe, muitas vezes eludidos, e a revisitar sua condição feminina perante a castração, assim como a da castração da própria mãe.

Nesse sentido, a experiência da maternidade pode produzir um efeito semelhante ao experimentado por Freud na Acrópoles ao se interrogar: *Então tudo isso existe mesmo?*,²⁸⁷ como se alguma vez houvesse duvidado dessa existência e não só dessa existência em si, mas de se ver na condição de realizar essa experiência, sendo assaltado pelo seguinte pensamento: *realmente eu não poderia ter imaginado que me fosse dada alguma vez a possibilidade de ver Atenas com meus próprios olhos – como indubitavelmente está agora ocorrendo.*²⁸⁸

De modo análogo, a experiência da maternidade costuma produzir em uma mulher um intenso sentimento de realização, ao mesmo tempo em que a leva a um reencontro com a sua própria condição feminina – uma vez que a "paisagem" da castração materna é agora

²⁸⁶ Maria Rita Kehl. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*, p. 71.

²⁸⁷ Sigmund Freud (1936). Um distúrbio de memória na Acrópole, p. 295.

²⁸⁸ Idem, p. 297.

revisitada não mais desde a condição de criança, mas desde um novo ponto de vista que só se adquire ao ultrapassar a condição de filha, *após percorrer um caminho tão longo*.²⁸⁹ a castração desde o ponto de vista, desde a posição de mãe.

Se para as primeiras gerações de mulheres trabalhadoras a questão de que o faziam "por gosto e escolha" frequentemente as lançava a terem que suportar a sobrecarga de seus diferentes afazeres, as mulheres-mães-trabalhadoras da atualidade parecem muito menos dispostas a arcar sozinhas com tal modo de organização social. Surgem assim novos termos, tal como o *pãe*, para nomear os homens-pais que também se ocupam dos cuidados das crianças.

No entanto, para além das questões práticas do cotidiano, o lugar ocupado pelo bebê na economia psíquica de alguém que está em posição feminina ou masculina não é o mesmo. E muitas mulheres só se apercebem disso com um tremendo mal-estar, na medida em que se deflagra aí, mais uma vez, a diferença sexual.

O bebê, para uma mulher, ao mesmo tempo em que pode produzir uma articulação da equação fálica (trazendo assim uma realização) também faz comparecer uma falta (a descompleta). Diante da realização de ter um bebê surge a ameaça da perda da colocação profissional e/ou do próprio corpo como objeto do desejo, como modos de realização do gozo fálico anteriores à entrada na maternidade.

É fato que o cobertor fálico sempre é curto: ao espichá-lo daqui, ele descobre dali. A angústia de castração é justamente esse esteio deixado pela retirada do falo que se evanesce, pelo que aparece toda vez que o fluxo fálico recua e mostra a areia, nos diz Lacan.²⁹⁰

Escutamos mulheres evocarem os primeiros tempos dedicados aos cuidados de um bebê de modo extremamente ambivalente: por um lado, desfrutando do idílio de estar "fora

²⁸⁹ Idem, p. 302.

²⁹⁰ Jacques Lacan (1962-1963). *O seminário. Livro 10. A angústia*, p. 293.

do mundo com esse bebê”; por outro, lamentando estar "fora da circulação social" do trabalho, da produção cultural, do desejo sexual. Por um lado almejando "sair para trabalhar" e, por outro, "não conseguindo tirar o bebê da cabeça”. Em qualquer um dos polos a angústia comparece:

"Às vezes sinto que desapareci", diz a mãe de um bebê, revelando a afânise²⁹¹ que se apresenta como um dos modos da angústia na maternidade pelo temor de apagamento do sujeito diante de um objeto outrora tão desejado e agora supostamente presentificado.

"Depois que nasce é muito estranho. Ter um bebê não é aquilo tudo! E a vida já não é mais a mesma. Perdi minha liberdade, não posso mais ir e vir”, afirma outra mãe, dando a ouvir como o sofrimento com "o fora de circulação social" costuma se apresentar sobre o pano de fundo de que o bebê não cumpre plenamente com a promessa fálica e, apesar de todas as exigências produzidas pelos cuidados que a mãe precisa dirigir-lhe, nunca é um falo que se mantém em contínuo estado de potência, esvaece. Esta necessária desilusão com o "pequeno" confronta sem piedade, mais uma vez, uma mulher com a angústia de castração, na medida em que, mesmo depois de "ter um bebê", ela não é detentora de um falo que as faria gozar de uma permanente potência.

Frequentemente tal percepção conjuga-se com o temor de tampouco poder voltar a reconstituir uma *mascarada*²⁹² que lhe permitisse ser suposta no lugar de quem, mesmo não tendo o falo, poderia sê-lo para alguém. Nesse sentido vão as insistentes queixas de "ter perdido os atrativos físicos" ao ter se tornado mãe. Temos aí duas faces da angústia de castração – a de não ter e tampouco ser o falo, no sentido de temer não poder retornar à posição de encarnar o falo a partir do desejo do Outro.²⁹³

²⁹¹ Jacques Lacan (1964). *El Seminario. Libro 11. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, p. 226-229.

²⁹² Joan Rivière (1929a). La feminilidad como mascarada.

²⁹³ *O fato de ela se exhibir e se propor como objeto do desejo identifica-a, de maneira latente e secreta, com o falo, e situa seu ser de sujeito como falo desejado, significante do desejo do Outro. Esse ser a situa para além do que podemos chamar de mascarada feminina, já que, afinal, tudo o que ela mostra de sua*

Após a licença maternidade, o retorno ao trabalho e à circulação social tampouco devolvem compulsoriamente aos investimentos fálicos sua estabilidade, na medida em que o temor de expor o bebê a uma falta excessiva – que supostamente caberia "à mãe" ideal, saber dosar – costuma assaltar angustiosamente as mulheres-mães-trabalhadoras.

"Meu filho me virou a cara quando voltei do trabalho", afirma uma mãe que, onde esperava encontrar o olhar desejoso de seu bebê, como num quadro de Magritte,²⁹⁴ encontra sua nuca. A angústia de estranhamento passa, nesse momento, para o lado da mãe.

Em tal cálculo do gozo fálico diante da maternidade, ou perde-se o bebê, ou perde-se o trabalho, ou perde-se o próprio corpo como fálico. Se a oposição imaginária entre profissão e maternidade experimentada por mulheres na atualidade não foi calculada na equação de Freud, ela, mais uma vez, vem atualizar a velha questão dos efeitos produzidos pela angústia de castração para uma mulher. Nesse sentido a maternidade, mais do que resolvê-la, vem relançá-la, ao deslocar metonimicamente a castração ao longo dos termos da equação fálica que jamais efetuam entre eles uma plena substituição.

Por isso, escutar mulheres no puerpério, mães de pequenos bebês, nos demonstra que a maternidade, longe de ser uma tranquila resolução da antiga questão que habita cada mulher acerca de como lidar substitutivamente com o falo, relança a angústia de castração e a divisão da mulher diante de diferentes modos de gozo – atualiza, assim, para ela sua condição de *não-toda* no gozo fálico. Dizemos que atualiza porque a boa nova "Agora que você é mãe verá o que é nunca mais estar inteira em lugar algum", trazida no início do texto, poderia levar à interrogação: Por acaso, antes de ser mãe, ela estaria inteira? Certamente não.

Mas, em todo caso, a maternidade escancara não só a angústia da castração e a

feminilidade está ligado, precisamente, a essa identificação profunda com o significante fálico. Jacques Lacan (1957-1958). *O seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*, p. 393.

²⁹⁴ René Magritte (1937). *La Reproduction Interdit*.

evanescência do falo, mas também a divisão da condição feminina, na medida em que ser mãe não responde ao que é ser mulher. Nesse sentido, como se diz popularmente, "o furo é muito mais embaixo" – ele consiste nos efeitos psíquicos da falta de um significante que indique o que é ser mulher, diante do qual a inveja do pênis comparece como engodo.

A oposição entre ter o falo e mascarar-se de encarná-lo para despertar o desejo do Outro aponta-nos para a circulação de uma mulher por estes diferentes modos de gozo. Assim, a condição feminina perante a castração ora pode produzir prazer no desdobramento em diferentes modos de gozo, ora pode desembocar na queixa da impossibilidade de conjugá-los.

Muito se diz: ser mãe é padecer no paraíso. Este parece ser um modo de fazer desembocar a maternidade em um gozo masoquista, o que é bastante usual por sinal, mas não necessariamente intrínseco à maternidade.²⁹⁵

Encontramos muitas situações clínicas nas quais a realização da criança é tomada diretamente como medida fálica da mãe. Casos em que a birra, a recusa alimentar, a retenção de fezes, ou o fracasso escolar são sintomas que se instauram na criança como uma tentativa inconsciente de produzir uma falta nesse curto-circuito fechado em relação à demanda da mãe – situação que costuma revelar-se pela queixa materna de: "Eu renunciei a tudo para me dedicar a ela e ela faz eu me sentir incompetente".

Talvez isso nos mostre o absurdo de procurar encerrar aquilo que diz respeito ao bebê a uma medida da equação fálica, o que torna a questão um círculo infernal em que, diante da diferença sexual, se instaura uma disputa que reivindica impossíveis simetrias e busca uma complementaridade diante da falta.

Se a maternidade faz uma mulher revisar os caminhos possíveis perante a castração, podemos considerar que, além da equivalência fálica, haja a possibilidade de fazer na

²⁹⁵ Diferentemente dos postulados de Helen Deutsch (1929). O masoquismo "feminino" e sua relação com a frigidez.

maternidade atos de criação, de exceção que, em lugar de buscar a complementaridade com o bebê, possibilitem inventar suplementarmente pela via de um gozo Outro. Por que então, em lugar de padecer no paraíso, não contemplar a possibilidade de fazer com a maternidade um pouco de humor no inferno?

Propomos, a seguir, interrogar como a circulação das mulheres por esses diferentes gozos articula-se na maternidade. Contudo, é importante lembrar que, como afirmou Helen Deutsch:

*(...) as mulheres nunca teriam suportado o fato de terem sido afastadas (por ordenamentos sociais), por um lado, de possibilidades de sublimação e, por outro, de gratificações sexuais, se não houvessem encontrado na função de reprodução extraordinária satisfação para ambas as instâncias.*²⁹⁶

Satisfação que, diferentemente dessa autora, não consideramos advindas de um gozo masoquista – como trabalharemos a seguir.

²⁹⁶ Idem, p. 13.

V. A MATERNIDADE ALÉM DO GOZO FÁLICO

Sobre o gozo Outro e seus efeitos constituintes no laço mãe-bebê

*A produção da subjetividade, a construção das possibilidades desejanças, são, em grande parte, marcadas pela atividade, digamos, silenciosa, das mulheres.*²⁹⁷

Não há dúvida de que a maternidade articula um gozo fático – pela equação pênis-falo-bebê –, mas não compareceria nela também um gozo Outro, um gozo não-todo fático?

Esta é a questão com a qual propomos trabalhar neste capítulo. Fomos levados até ela pelo trabalho clínico com bebês, crianças e seus pais, assim como pela escuta psicanalítica de mulheres.

Os cuidados maternos implicam um atrelamento ao gozo fático da mãe com o bebê, no entanto, não é sempre desde a medida fática que uma mãe se refere ao bebê ao dirigir-lhe seus cuidados, assim como não está sempre a demandar que o bebê lhe dê mostras de realizações fáticas.

Às voltas com estas questões clínicas e em busca de referências que permitissem avançar em um tema, o do gozo Outro, que se anuncia como limite da enunciação do sujeito e até mesmo da elaboração teórica, encontramos a seguinte colocação de Lacan no texto "Propostas destinadas a um congresso sobre sexualidade feminina":

*Convém interrogar-se acerca de se a mediação fática esgota tudo do pulsional que possa manifestar-se na mulher e especialmente tudo o relativo ao instinto maternal.*²⁹⁸

²⁹⁷ Maria Rita Kehl. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*, p. 56.

²⁹⁸ Jacques Lacan (1960a). *Ideas directivas para un congreso sobre sexualidad femenina*, p. 704-715; livre tradução. Fazemos notar o uso do termo instinto em tal passagem, diferenciando-se de pulsão. Apesar de o autor não desenvolver seu apontamento, é possível que, venha a indicar, menos um comportamento, um saber, que estaria pré-estabelecido na mulher, do que uma economia de gozo estabelecida na maternidade que, como desenvolvemos a seguir, em parte, escaparia à palavra, ao gozo fático, à linguagem, tal como ocorre nos seres vivos dotados de instinto, correlacionando-se com um gozo do corpo.

Tal afirmação, longe de responder, nos convida a trabalhar com uma questão tão pouco elaborada em relação à maternidade e que, no entanto, faz seus comparecimentos na clínica.

Como situamos no capítulo anterior, ser mulher não equivale a ser mãe, sendo a maternidade uma experiência que, ao abrir uma nova condição, mais do que responder ao que é ser mulher, relança e atualiza para ela os efeitos da castração.

A sexuação, como operação simbólica que inscreve a economia de gozo do lado masculino ou feminino, se estabelece em relação a um único significante: o falo. Não há um significante que estabeleça de modo positivado o que é ser mulher. Assim, a feminilidade se coloca como exceção ao gozo fálico na medida em que circular pelo feminino implica experimentar uma divisão perante diferentes modos de gozo: o gozo fálico e, ainda, um gozo Outro. Desse modo, o significante fálico, mais do que um efeito de castração, produz para uma mulher o efeito de uma divisão. Uma mulher é não-toda no gozo fálico. Se uma mulher está dividida perante diferentes modos de gozo, se ser mãe não responde ao que é ser mulher, propomos também considerar que a maternidade não é só da ordem do gozo fálico.

Para Freud, a maternidade implicaria uma possibilidade de realização fálica para as mulheres e, por meio da articulação da equação pênis-falo-bebê diante da castração, uma passagem para a condição feminina. Ele aponta a maternidade como um caminho de resolução possível para a *inveja do pênis*²⁹⁹ experimentada pela menina na fase fálica ao afirmar que:

*(...) a renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação. Ela desliza – ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer – do pênis para um bebê.*³⁰⁰

²⁹⁹ Sigmund Freud (1925a). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos, p. 313.

³⁰⁰ Sigmund Freud (1924b). A dissolução do complexo de Édipo, p. 223.

Tal deslizamento coincidiria com uma passagem à feminilidade na medida em que a menina esperaria receber um bebê, enquanto falo, de um homem: o pai.

*O desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis consoante com uma primitiva equivalência simbólica.*³⁰¹

Desde o viés da equação pênis-falo-bebê, a escolha pela maternidade sem dúvida implica uma possível realização quanto ao gozo fálico para uma mulher, mas não necessariamente uma resolução quanto à sua condição feminina.

Depois de Lacan, tem sido corrente partir do princípio de que, após a maternidade, uma mulher ficaria dividida entre um gozo fálico atrelado à maternidade e um gozo Outro, próprio do feminino, que poderia ter lugar no exercício sexual com um *parteneire*.³⁰²

É certo que a circulação pelo feminino implica uma divisão de gozo, no entanto, não consideramos que a divisão psíquica entre gozo fálico e gozo Outro corresponda, termo a termo, à divisão mãe/mulher. Situamos aqui a tese de que a maternidade implica, além do gozo fálico, um gozo Outro e que este gozo Outro tem efeitos decisivos na constituição do bebê quanto à sua passagem do gozo do vivo à ordem simbólica e, portanto, quanto à inscrição da letra.

O exercício da maternidade, pelo qual se articula o organismo vivo do bebê à ordem simbólica, exige um artifício que opera tanto no sentido de uma mascarada quanto no de officinar uma arte, uma criação. Neste artifício está implicado o gozo Outro, próprio do feminino, posto em cena na maternidade. Se cabe ao pai, enquanto função, a transmissão

³⁰¹ Sigmund Freud (1933). Feminilidade, conferência 33: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, p. 157-158.

³⁰² Tal, por exemplo, é a proposta de Jacques-Alain Miller no texto *A criança entre a mulher e a mãe*.

do falo, a maternidade, além de uma transmissão, implica uma criação, uma transmutação, uma invenção.

Para trabalhar nesta direção, será preciso primeiro trilhar, ainda que brevemente, o caminho que leva à circulação de uma mulher pelos diferentes modos de gozo, para depois podermos articular como o gozo Outro se apresenta, mais além do fálico, no exercício da maternidade.

V. 1. Considerações sobre o conceito de gozo em psicanálise

O conceito de gozo proposto por Lacan tem como ponto de partida as elaborações sobre o conceito de pulsão, mais especificamente o que Freud situa como uma repetição *além do princípio do prazer*.³⁰³ O gozo diz respeito a uma repetição instaurada no estabelecimento de um circuito pulsional que não é de nenhuma utilidade e que, no entanto, insiste. Tal repetição não está simplesmente dada de modo natural por um automatismo biológico; ela se estabelece pelo atrelamento ao campo da linguagem, pois ainda que o gozo escape dela, ele pulsa na repetição da cadeia significante.

Ainda que o inconsciente esteja estruturado como uma linguagem, o conceito de gozo está aí para apontar que nem tudo está articulado no significante. Trata-se de considerar como a letra se inscreve no corpo, organizando o gozo, gozo que, tal como nos demonstra o sintoma (enquanto produtor de gozo), permanece como o mais estranho e o mais íntimo para o sujeito.³⁰⁴ *Só se goza [do corpo] por corporizá-lo de maneira significante*.³⁰⁵ *O significante é a causa do gozo*.³⁰⁶ Sem ele nem sequer há como abordar o

³⁰³ Sigmund Freud (1920). *Além do princípio do prazer*, p. 11-85.

³⁰⁴ Patrick Valas (1998). *As dimensões do gozo*, p. 28.

³⁰⁵ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 35.

³⁰⁶ Idem, p. 36.

corpo.

Desse modo, a linguagem cria e, ao mesmo tempo, interdita o corpo, o que se evidencia no fato de que o ser humano, como *falasser*, seja da única espécie que diz ter um corpo, ou seja, que não é o seu corpo, mas se apropria imaginariamente dele através da linguagem, situando este corpo de modo disjunto ao seu ser.³⁰⁷

A linguagem intervém decisivamente no funcionamento corporal, tal como Freud advertiu desde os primórdios da psicanálise ao intervir com a palavra. Isso não equivale a dizer que a intervenção clínica seja conduzida por toda espécie de trocadilhos e livres jogos de palavras às quais a polissemia da língua daria lugar. Lacan advertiu tal questão ao afirmar que dizer que *o inconsciente é estruturado como uma linguagem, não é do campo da linguística, mas da linguística*.³⁰⁸ Ao forjar tal neologismo ele coloca no centro da psicanálise, não na estrutura da linguagem em si, mas na subversão que o sujeito do inconsciente produz a partir da e na linguagem. Por isso, na clínica é preciso ler as repetições que dão a pista, que fazem comparecer o modo como a letra parasita o corpo inscrevendo suas modalidades de gozo.

O gozo se revela no tropeço da língua. Os atos falhos, lapsos e chistes mostram toda a sua fineza ao suprimir ou trocar apenas uma letra, subvertendo o sentido e tergiversando a ordem da linguagem a fim de produzir um ganho de gozo.

Por sua vez, a o prazer encontrado na parcialidade dos circuitos pulsionais, comparece de modo homólogo a uma lalação primordial, a uma *alíngua* que parasita o corpo a partir do modo como a mãe introduz as inscrições que o animarão enveredando seu gozo de modo articulado ao significante.³⁰⁹ Assim, linguagem não está desatrelada do corpo, nem o gozo do significante, apesar de sua heterogeneidade.³¹⁰

³⁰⁷ Jacques Lacan (1976-1977). *Seminário 24. L'insu que sait de l'une-bevue s'aile à mourre*, p. 32.

³⁰⁸ Lacan, Jacques (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 25.

³⁰⁹ Jacques Lacan (1973-1974). *Seminário 21. Le non-dupes errent*, aula de 11 de junho de 1974, inédito.

³¹⁰ Como trabalhamos no capítulo "O bebê e a letra".

Em "Os chistes e sua relação com o inconsciente" aparece o termo alemão *genuss* (gozo) e uma primeira teorização psicanalítica a seu respeito.³¹¹ Freud situa como, ao comunicar a outra pessoa o chiste que já se conhece, aquele que o comunicou recupera *algo da possibilidade de Genuss (gozo) perdida devido à falta de novidade.*³¹² Surge aí a característica da repetição, mas proporcionando novamente algo que havia se perdido (e não simplesmente o mesmo). Surge também o riso, como efeito de satisfação experimentada no corpo, como uma satisfação que excede a linguagem, ao mesmo tempo em que se atrela a ela, pois se ri a partir da recuperação de gozo por ter feito outro rir, mas tal gozo é recuperado por intermédio da linguagem – que, deste modo, media e interdita o gozo.

Este mesmo aparelhamento do gozo pelo campo da linguagem é o que comparece, tal como aponta Lacan, no duplo sentido produzido pela palavra francesa *jouissance* (gozo), que em francês é homofônica com *je ouïs sens* (eu ouvi sentido).³¹³

Assim o gozo se revela nas formações do inconsciente e é, inclusive, muitas vezes referido como sendo uma "satisfação inconsciente" sujeita às leis do processo primário que, com as condensações e os deslocamentos, metáforas e metonímias, deforma os conteúdos dos sonhos, tergiversa o código da língua para acolher neles um gozo. *Isto permite falar do gozo como um afeto inconsciente, no duplo sentido de afeto, ou seja, de uma sensação no corpo (encore) e de uma afetação ou apassivação do sujeito*³¹⁴ dado que, diferentemente do chiste, em que o gozo é autorizado e partilhado pelo interlocutor, no ato falho, lapso ou sintoma, inicialmente o sujeito é assaltado por um estranhamento desconcertante, muitas vezes seguido de constrangimento.

³¹¹ Pierre Kaufmann (1993). *Dicionário enciclopédico de psicanálise*, p. 221.

³¹² Fazemos notar que na edição em português, o termo *Genuss* (gozo) é traduzida como *prazer*, levando a uma imprecisão teórica. Sigmund Freud (1905b). Os chistes e sua relação com o inconsciente, p. 178; Pierre Kaufmann (1993). *Dicionário enciclopédico de psicanálise*, p. 221.

³¹³ Roland Chemama (1993). *Dicionário de psicanálise Larousse*, p. 91.

³¹⁴ Christian Dunker. *O cálculo neurótico do gozo*, p. 33.

Freud utilizou o termo *genuss* (gozo) em três passagens relevantes: ao falar do chiste; quando descreve a expressão que o *Homem dos ratos* faz ao evocar o suplício chinês de penetração de um rato no ânus como *o horror de um gozo todo seu do qual ele mesmo não estava ciente*,³¹⁵ e também ao descrever o gozo com a repetição no brincar das crianças.³¹⁶ No entanto, ele não chegou a estabelecer o gozo como um conceito.³¹⁷

Freud tece algumas considerações sobre esse prazer desprazeroso, levando-nos até a soleira desse conceito, mas é Lacan quem se dedica a estabelecê-lo enquanto tal, almejando que a sua contribuição à psicanálise pudesse ser considerada como a delimitação do campo do gozo.³¹⁸

Para estabelecer o gozo enquanto conceito, Lacan parte de seu uso no discurso jurídico – *cuja essência mesma seria a de distribuir, repartir e retribuir o que diz respeito ao gozo*.³¹⁹ O gozo implica um usufruto – termo que, por sua vez, combina etimologicamente de forma complexa os termos *uti* (utilizar, usar) e *frui* (fruir, gozar).³²⁰ O gozo é assim situado como algo de que se pode usufruir, *mas que não serve para nada*.³²¹

O sujeito experimenta a emergência, em seu campo, de diferentes modalidades de gozo que podem, em um esforço didático, ser assim esquematizadas:³²²

– o gozo fálico, como o gozo com a linguagem, inaugura-se a partir da significação fálica do sujeito no Édipo. Trata-se do gozo do ser falante, que permite, pela intermediação da função fálica, operar articulações e substituições significantes;

– o gozo do Outro,³²³ como um gozo originário, um gozo mítico, tal como um paraíso perdido, só pode ser considerado a partir do gozo fálico, estando correlacionado

³¹⁵ Sigmund Freud (1909a). Notas sobre um caso de neurose obsessiva, p. 171. Cabe lembrar que o termo *genuss* está, na edição em português, traduzido como "prazer".

³¹⁶ Sigmund Freud (1920). Além do princípio do prazer.

³¹⁷ Patrick Valas (1998). *As dimensões do gozo*, p. 18.

³¹⁸ Jacques Lacan (1969-1970). *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*, p. 77.

³¹⁹ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 11.

³²⁰ Patrick Valas (1998). *As dimensões do gozo*, p. 94.

³²¹ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 11.

³²² Patrick Valas (1998). *As dimensões do gozo*, p. 36.

³²³ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*.

com o gozo do corpo, gozo do vivo, ou gozo do ser,³²⁴ como um gozo que retroativamente seria suposto como anterior ao fálico e, portanto, fora da linguagem, na medida em que aparece como limitado pelo gozo fálico;³²⁵

– o gozo feminino, como gozo Outro, também situado fora da linguagem, mas como "além" do falo que, por escapar do processo de significação, situa-se de modo suplementar e não complementar ao gozo, na medida em que não há complementaridade possível entre os sexos.³²⁶

– o mais-de-gozar, relativo ao objeto *a*, situa-se como resto de gozo que escapa do processo de significação mesmo se produzindo por efeito dele. Ele implica, mais do que um modo de gozo, certa operação psíquica de mais-valia realizada para se obter um lucro, um ganho de gozo.³²⁷

Mesmo podendo decantá-la do ensino de Lacan, tal esquematização entre os distintos modos de gozo não aparece assim situada em sua obra. As elaborações sobre o gozo atravessam toda a sua produção, sofrendo modificações e sendo enfocadas a partir de diferentes problemáticas clínicas ao longo da extensão de seu ensino, sem que ele tenha pretendido ser exaustivo ou conclusivo a esse respeito.

No seminário "Mais ainda",³²⁸ Lacan aponta a existência de outro modo de gozo, que não o fálico, como específico do feminino. Fala de um gozo Outro e de um gozo do Outro que aparecem correlacionados – o que dá lugar a diferentes leituras acerca desses gozos, que para muitos autores ficam indiferenciados.³²⁹ Consideramos, no entanto, que procurar avançar na diferenciação de tais gozos tem relevância para a clínica. Veremos por quê.

³²⁴ Jacques Lacan (1960b). Subversión del sujeto y dialéctica del deseo, p. 773-807.

³²⁵ Jacques Lacan (1969-1970). *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*, p. 72.

³²⁶ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 99.

³²⁷ Jacques Lacan (1969-1970). *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*, p. 75.

³²⁸ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*.

³²⁹ Ver, por exemplo, Roland Chemama (1993). *Dicionário de psicanálise Larousse*, p. 94; ou Nestor Braunstein. *O gozo*, p. 152. Para ambos o gozo do Outro nomeia o feminino. Nestor Braunstein o diferencia do gozo do ser (como anterior ao gozo fálico), mas faz permanecer uma indiferenciação entre gozo Outro e gozo do Outro.

V. 2. O gozo fálico e sua defesa contra o gozo do Outro

O gozo fálico está ligado ao significante. É o gozo próprio do sujeito enquanto falante, seja ele homem ou mulher. Ele implica a transposição do sujeito de significante em significante na tentativa de elidir o sacrifício do corpo. Situa-se assim como um gozo que se articula para fora do corpo.

A linguagem, por intermédio do gozo fálico, produz uma interposição entre o sujeito e o corpo, constituindo ao mesmo tempo um acesso ao corpo enquanto simbólico e uma barreira ao corpo enquanto real.³³⁰ Assim, é por meio do significante que se aborda o corpo;³³¹ ao mesmo tempo em que ele o cria, o interdita e o ordena.

O falo apresenta-se aí como um significante que vem se inscrever sobre o corpo, isolando o investimento fálico sobre um órgão (do lado masculino) ou sobre a imagem falicizada da forma corporal (do lado feminino), mas nunca referindo o corpo em seu conjunto.³³²

O menino que brinca com a espada de ser valente, esgrimindo astutos movimentos; que com a sua capa encena o desafio máximo à velocidade; que com a prancha desafia nas ondas a ferocidade de Netuno; ou que com a lupa desvenda os obscuros mistérios da natureza está a usufruir de seu corpo a partir da posse de certos instrumentos dotados de valor fálico (capa, lupa, espada, prancha), mas que aparecem recortados de seu corpo em si. Seu gozo advém da possibilidade de identificar-se com uma insígnia fálica que o torna astuto, valente, veloz, sabido, ou seja lá o que for, no sentido de produzir a busca de uma realização simbólica, mas que se inscreve nele como falta-a-ser, como ideal-do-eu.

Deste modo, o gozo fálico lança o sujeito a uma atividade desejante. O amor, por sua vez, também está em relação com o gozo fálico, na medida em que implica uma

³³⁰ Serge André (1986). *O que quer uma mulher?*, p. 235.

³³¹ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 36.

³³² Serge André (1986). *O que quer uma mulher?*, p. 212, 216 e 236.

idealização do parceiro mediada pelo ideal-do-eu de cada um e, portanto, pelo significante.³³³

No gozo fálico há um usufruto do corpo, mas sem gastá-lo. De significante em significante há uma busca de realização simbólica. É, ao mesmo tempo, um gozo e um limite do gozo, *do mesmo modo que o significante é causa material do gozo fálico e também limite que nos protege contra o desejo do Outro.*³³⁴

Ele se estabelece pela metáfora paterna, como uma defesa contra o desejo do Outro primordial. A metáfora paterna proíbe, interdita o gozo do Outro. Na medida em que o sujeito tem acesso a uma significação fálica, o Outro se transforma para ele, passa a ser possível determiná-lo, tirando-o de um lugar de onipotência, estabelecendo a relação com este a partir de um objeto parcial. Assim, o gozo fálico funda uma dívida simbólica e um movimento desejanse guiado pela busca dirigida a um sentido fálico.

V. 3. O gozo do Outro e a montagem fantasmática

O gozo do Outro é um gozo mítico, primordial, no qual o sujeito se oferece como objeto a um Outro a quem supostamente faria gozar, completando-o.³³⁵ Se o gozo fálico implica – na medida em que é atrelado ao significante – um gozo fora do corpo, por sua vez, o gozo do Outro é um gozo do corpo.

O gozo fálico faz limite ao gozo do Outro, mas também o retoma miticamente a partir da montagem da cena fantasmática, na qual o sujeito se propõe como o objeto (olhar, grito etc.) que supostamente faltaria a esse Outro primordial, enquanto combinação do

³³³ Idem, p. 2-3.

³³⁴ Contardo Calligaris. *Questões sobre o seminário Encore*, aulas de 29/12/1986 e de 07/01/1987, p. 4-11.

³³⁵ Idem, p. 2.

casal parental³³⁶ da cena primitiva, a fim de fazer esse Outro gozar. Desse modo o sujeito, oferecendo-se como objeto, produziria uma montagem imaginária de um Outro absoluto que funcionaria como o horizonte de sua estrutura psíquica, pois ainda que o céu e o mar jamais se juntem, imaginariamente para o sujeito ele mesmo funcionaria como o objeto que preencheria a falta do Outro primordial, tornando esse Outro completo.

Pode-se afirmar que a montagem fantasmática implicaria a realização do projeto do eu-ideal, como identificação imaginária ao objeto da demanda que supostamente preencheria a falta do Outro materno,³³⁷ enquanto o gozo fálico implicaria a identificação simbólica como ideal-do-eu.

Tal montagem fantasmática, ao mesmo tempo, dá um lugar ao sujeito e é fonte de seus sofrimentos – pois os sintomas clínicos são uma resposta a quem ele é no fantasma. Ou seja, os sintomas se estabelecem a partir do lugar que ele ocupar, do objeto que se prestar a ser, na montagem fantasmática. Daí a queixa neurótica de "sentir-se usado", maltratado, aviltado, em suas mais diversas variações, por um Outro a quem supostamente, desde a sua fantasia, faria gozar com o seu sintoma.

Na clínica psicanalítica os sintomas evidenciam a insistência inconsciente na repetição de um desprazer prazeroso no qual o sujeito se oferece como objeto de um gozo alegado a um Outro a partir da montagem fantasmática, fazendo comparecer o infantil que se atualiza nos sintomas. Daí a pertinência clínica de que uma análise possibilite não apenas inteirar-se desse fantasma, mas atravessá-lo,³³⁸ na medida em que supor um Outro que, de fato, gozaria disso, tomando o sujeito como objeto, é uma montagem que prende o sujeito em um repetição neurótica.

³³⁶ Contardo Calligaris. *O fantasma masculino e o fantasma feminino*. Nesse seminário Calligaris propõe este Outro primordial enquanto combinação do casal parental como uma espécie de bicho de oito patas, combinação no acasalamento dos pais, em referência à cena primária apontada por Freud como central no estabelecimento da fantasia inconsciente.

³³⁷ Idem, p. 7-8.

³³⁸ Contardo Calligaris (1983). *Hipótese sobre o fantasma na cura psicanalítica*.

Por sua vez, na clínica psicanalítica com a infância propriamente dita, encontramos efetivamente a criança em sofrimento capturada enquanto objeto de gozo de um Outro encarnado pela mãe, pai ou casal. Mas o fantasma da criança ainda não está fixado. Seu recalque psíquico, tampouco estabelecido. Ela, enquanto *perversa polimorfa*,³³⁹ vai assumindo as formas transitórias do gozo que lhe é viabilizado pelo Outro. O corpo da criança efetivamente se presta a encarnar tal gozo. Quanto menor ela é, tornando isso radical no tempo de ser bebê, mais exposta se encontra a tal passividade.³⁴⁰ Isto porque *o primeiro objeto que qualquer um propõe como eventualmente adequado à demanda materna (e ao desejo do Outro articulado como uma demanda) é sempre si mesmo, como objeto possível dessa demanda*³⁴¹ – claro que sob o preço de, ao realizar tal miragem, cair na afânise subjetiva, no apagamento, no eclipse do próprio desejo.³⁴²

No entanto, esse tempo de passividade primordial do sujeito é central na constituição psíquica. Freud o situava, por meio da fantasia de sedução, na raiz tanto da neurose obsessiva quanto da histeria. Essa primeira condição de *ser gozado*, como um tempo constituinte do sujeito, só assume uma significação sexual *a posteriori* da intervenção do significante fálico.³⁴³ Nos primeiros tempos da constituição isso permite um estabelecimento dos circuitos pulsionais do bebê marcado pelo *Outro-erotismo*.³⁴⁴

O brincar, tal como nos propunha Freud,³⁴⁵ aponta para a criança a saída de tal condição de passividade. Efetivamente, isso só se torna possível quando a mãe sustenta

³³⁹ *Sob influência da sedução, as crianças podem tornar-se perversas polimorfas, e podem ser levadas a todas as espécies de possíveis irregularidades sexuais. Isto mostra que uma aptidão para elas existe inata na disposição das crianças. Há, conseqüentemente, pouca resistência no sentido de realizá-las, já que as barreiras mentais contra os excessos sexuais – vergonha, repugnância, moralidade – ou não foram ainda construídas ou estão apenas em processo de construção, segundo a idade da criança.* Sigmund Freud (1905a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, p. 196.

³⁴⁰ Julieta Jerusalinsky. *Enquanto o futuro não vem – a psicanálise na clínica com bebês*, p. 185-193.

³⁴¹ Contardo Calligaris. *O fantasma masculino e o fantasma feminino*, p. 8.

³⁴² Jacques Lacan (1964). *El seminario. Libro 11. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, p. 224-237.

³⁴³ Serge André (1986). *O que quer uma mulher?*, p. 100.

³⁴⁴ Charles Melman (1985a). *Questions de clinique psychanalytique*.

³⁴⁵ Sigmund Freud (1920). Além do princípio do prazer.

para a criança a atribuição de sujeito e, portanto, a sua condição de acesso ao gozo fálico, dando lugar a uma passagem da passividade à atividade.³⁴⁶

Neste laço primordial *a dialética entre atividade e passividade equivale a uma oscilação entre ser o objeto da mãe e tomar a mãe por objeto.*³⁴⁷ Deste primeiro tempo de passividade, passa-se a um segundo tempo de atividade em que a mãe é tomada como objeto, tanto pelo menino quanto pela menina. Chegamos, assim, ao *primado do falo*³⁴⁸ que se caracteriza pela posição ativa da criança para com a mãe.

Teremos, a partir da fase fálica, os diferentes percursos da masculinidade e da feminilidade estabelecidos como inscrições simbólicas na sexuação pela tramitação do complexo de Édipo. O percurso da feminilidade implica, como já foi situado, abandonar a passividade para separar-se da mãe, assumindo uma condição ativa de sujeito, mas, paradoxalmente, também implica conservar e retomar certa passividade para ligar-se ao pai.³⁴⁹

V. 4. O menino e a menina a partir do gozo fálico

Em um primeiro tempo o bebê encontra-se em posição de passividade perante a mãe.

*As primeiras experiências sexuais e sexualmente coloridas que uma criança tem em relação à mãe são, naturalmente, de caráter passivo. Ela é amamentada, alimentada, limpada e vestida por esta última, e ensinada a desempenhar todas as suas funções. Uma parte de sua libido continua aferrando-se a essas experiências e desfruta das satisfações a elas relacionadas; outra parte, porém, esforça-se por transformá-las em atividade.*³⁵⁰

³⁴⁶ A passagem da passividade à atividade por meio do brincar é abordada, mais amplamente, no próximo capítulo.

³⁴⁷ Serge André (1986). *O que quer uma mulher?*, p. 185.

³⁴⁸ Sigmund Freud (1923a). A organização genital infantil, p. 180.

³⁴⁹ Serge André (1986). *O que quer uma mulher?*, p. 187.

³⁵⁰ Sigmund Freud (1931). Sexualidade feminina, p. 271.

Portanto, em um primeiro tempo da constituição psíquica, somos todos passivos diante do Outro encarnado pela mãe. É depois disso que chegamos ao primado do falo, em cujo início tanto meninos quanto meninas passam a ter uma atitude ativa para com a mãe enquanto objeto de amor.

Nesse momento da fase fálica, afirma Freud, *somos obrigados a reconhecer que a menina é um homenzinho*,³⁵¹ tão ativa quanto o menino. E eis aqui que, em certo momento da constituição, *a menina, para tornar-se sujeito, deve se tornar masculina*,³⁵² saindo da condição passiva de objeto de gozo da mãe e assumindo uma posição ativa. Tal passo é decisivo para a constituição do sujeito, produzido *por uma revolta inequívoca contra a passividade*³⁵³ tão claramente apresentada, por exemplo, no brincar de boneca realizado pela menina – cena na qual ela realiza ativamente o que viveu passivamente com a mãe.³⁵⁴

Inicialmente a diferença anatômica entre os sexos é ignorada e negada. No primado do falo meninos e meninas se supõem, de início, em pé de igualdade, mas o complexo de castração e a tramitação do complexo de Édipo se encarregarão de fazer valer a diferença anatômica entre eles, decidindo, em termos simbólicos, sua inscrição do lado masculino ou feminino da sexuação.

A ameaça de castração tem um efeito diferente para o menino e para a menina: para o menino tal ameaça funciona, fazendo-o sair do complexo de Édipo.³⁵⁵ Sai dele com um pênis – nada foi realmente cortado do seu corpo – e encontra, na masculinidade, a possibilidade de identificar-se àquele que supõe deter o falo, ou seja, o pai. A castração é aí uma operação simbólica. Certamente isso tem o seu preço: o menino, para ter acesso à

³⁵¹ Sigmund Freud (1933). *Feminilidade*, conferência 33: *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, p. 146.

³⁵² Serge André (1986). *O que quer uma mulher?*, p. 186.

³⁵³ Sigmund Freud (1931). *Sexualidade feminina*, p. 271.

³⁵⁴ Como aponta Freud, esse brincar de boneca da menina, por longo tempo, corresponde a uma passagem da passividade à atividade em relação à mãe. Somente em um tempo posterior corresponderá à atitude feminina de receber um bebê do pai. *Idem*, p. 272.

³⁵⁵ Sigmund Freud (1924b). *A dissolução do complexo de Édipo*, p. 220; (1925a). *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*, p. 318.

masculinidade, precisa, por um lado, recalcar que seu corpo seja objeto do gozo materno (como Outro encarnado), recalcar a posição de passividade diante do gozo e desejo da mãe, assumindo uma posição ativa; por outro, precisa cultivar a dívida simbólica com o pai que o separa de sua posição de objeto.

No acesso à masculinidade, o corpo (ainda que nada lhe seja realmente cortado) é perdido para o gozo fálico, a partir do qual o sujeito perseguirá realizações que lhe valham o reconhecimento paterno, ou seja, um sentido fálico. Enquanto que, na feminilidade, nunca se produz plenamente uma separação do corpo primordial,³⁵⁶ permanecendo sempre o suplemento de um gozo Outro, para além do fálico, que faz comparecer um gozo do corpo fora da palavra.

Para a menina, o encontro com o significante fálico confrontado à diferença anatômica entre os sexos assume outras vicissitudes. Mais do que com uma ameaça de castração, ela se encontra com o fato de não ter um pênis: *ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo.*³⁵⁷ Algo que deveria estar aí, falta. *Para um homem o significante paterno é algo que o fez sujeito, que o faz falar. Para uma mulher, o significante paterno é também algo que, de início, atingiu seu corpo. Quer dizer que sua sexuação lhe aparece irremediavelmente como uma operação cirúrgica.*³⁵⁸ Em que registro se inscreve tal falta é uma questão a discutir, pois pode ser experimentada como privação ou frustração.³⁵⁹ O objeto de sua falta é, por um lado, real – ela está frustrada diante da falta do pênis –, e, por outro, simbólico – ela está privada de um significante que lhe aponte o que é ser mulher.³⁶⁰

Ainda que a mãe esteja, pelo complexo Edípico, interdita tanto para o menino quanto para a menina, eles não estão em pé de igualdade quanto à posição de falo imaginário para a mãe. O menino encontra defesa dessa situação ao identificar-se

³⁵⁶ Alfredo Jerusalinsky. *Angústia e gozo do Outro*.

³⁵⁷ Sigmund Freud (1925a). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos, p. 314.

³⁵⁸ Contardo Calligaris. *Questões sobre o seminário Encore*, aula do 08/01/1987, p. 28.

³⁵⁹ Idem, p. 27.

³⁶⁰ Jacques Lacan (1969-1970). *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*, p. 146.

virilmente ao pai, mas essa não é a mesma a condição da menina.

Parece-nos interessante, nesse sentido, a passagem na qual Lacan retoma a questão do espelho, não em referência ao júbilo do bebê, mas do menino e da menina confrontados com a diferença sexual. O menino, diante do espelho,

*(...) olha para a torneirinha problemática. Desconfia que há uma esquisitice ali. Depois, será preciso que apreenda, e o faça à sua custa, que aquilo que ele tem ali não existe, comparado ao que tem o papai, os irmãos mais velhos, etc. (...) Em síntese, ele terá de aprender passo a passo, em sua experiência individual, a riscá-lo do mapa de seu narcisismo, justamente para que isso possa começar a servir para alguma coisa.*³⁶¹

O que é outro modo de dizer que precisará perder a condição de objeto materno para entrar em um gozo fálico e poder fazer exercício de alguma virilidade.

A menina, por sua vez, diante de espelho, faz o gesto de passar a mão *rapidamente sobre o gama formado pela junção do ventre com as duas coxas, como que num momento de vertigem diante do que via.*³⁶² Ela não só não tem o pênis, que supõe que a mãe não lhe deu; mas, como situa Lacan, tampouco encontra um significante que sustente a sua identificação feminina com a mãe, simplesmente porque ele não existe.

Desse modo, a sexuação se articula para ambos os sexos somente em relação ao falo. É aí que a menina encontra, além da frustração de um pênis, a falta radical de um significante no Outro que nomeie o que é ser mulher. Por isso Lacan afirma que *A mulher não existe*,³⁶³ pois não se trata de que o significante representante do feminino estaria recalçado, simplesmente há uma ausência desse significante no inconsciente até mesmo das mulheres.

Trazemos, a este respeito, a conversa transcorrida entre um menino de cinco anos e uma menina de três com a mãe de ambos:

³⁶¹ Jacques Lacan (1962-1963). *O seminário. Livro 10. A angústia*, p. 223.

³⁶² Idem, *ibidem*.

³⁶³ Jacques Lacan (1971b). *Seminário 18. De un discurso que no seria del semblante*, aula de 17/2/1971; (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 98.

Menino: — Mamãe, vamos brincar de super-heróis? Eu era o Super-Homem e você a Mulher Maravilha, minha namorada.

Menina: — E eu era a Mulher Elástica, sua namorada também.

Menino: — Não! Você não pode ser a namorada de outra mulher.

Mãe: — Ué, se é por isso, o que não pode é mãe namorar o filho, menino ou menina.

Menino: — Mas eu não era seu filho, eu era o Super-Homem, lembra?

Menina: — E eu a Super-Homa!

Menino: — Ai, ai! [ri] Não vê que isso não existe?!

Menina, angustiada: — Mãe, diz pra ele...

Mãe: — Sinto muito, não tem mesmo. Mulher Elástica tem. Ela é super-heroína, mãe do Flecha e da Violeta. Além disso, é casada com o Senhor Incrível.

Menina: — Vou ser a Mulher Elástica, então...

Diante da diferença anatômica entre os sexos significada a partir do encontro com o significante fálico, Freud aponta três caminhos possíveis para a menina: o da revulsão geral da sexualidade, abandonando a atividade fálica, tanto em sua vida sexual como a masculinidade em outros campos, levando à inibição ou neurose; o de aferrar-se à masculinidade ameaçada, desenvolvendo um complexo de masculinidade que não necessariamente resulta em uma escolha homossexual manifesta; e somente como um terceiro caminho possível situar-se-ia a feminilidade.³⁶⁴

Pommier, de forma extremamente esclarecedora, retoma os três caminhos situados por Freud a partir da diferenciação entre falo e pênis. Aponta que os dois primeiros caminhos tomados pela menina partem do estabelecimento de uma equivalência fechada entre pênis e falo (pênis = falo).

O primeiro caminho, produzindo pelo viés de igualar a falta de pênis à falta de falo

³⁶⁴ Sigmund Freud (1931). Sexualidade feminina, p. 264; (1933). Feminilidade, conferência 33: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, p. 155.

(não pênis = não falo), teria o efeito de um naufrágio da vida erótica, uma catástrofe psíquica para a menina, levando-a a renunciar, pela falta de pênis, à sua atividade desejante atrelada ao gozo fálico. No segundo caminho, o falo seria igualado ao pênis, levando a menina a aferrar-se à masculinização (falo = pênis). Estes dois primeiros caminhos são frequentemente intercambiáveis entre si, apresentando-se como oscilação um do outro, fazendo com que uma mulher possa passar *da posição de resignação à reivindicação mais violenta, ou da extrema segurança a um completo desespero*.³⁶⁵

Tal questão nos permite pensar, em termos de uma condição simbólica da sexuação, as conhecidas oscilações de humor das mulheres, hoje em dia atribuídas quase que exclusivamente às mudanças hormonais da tensão pré-menstrual (TPM), mas já nomeadas pela arte, antes do avanço de um discurso científico organicista, e eternizadas nos versos de ópera – *la donna é mobile qual piuma al vento*.³⁶⁶

O terceiro caminho, o da feminilidade, implicaria uma diferenciação entre pênis e falo (pênis \neq falo), possibilitando à menina, apesar de não ter pênis, circular pelo gozo fálico, sem por isso, necessariamente, precisar aferrar-se plenamente a uma masculinização.³⁶⁷

Para que o encontro com esse furo simbólico do Outro, para que essa falta de um significante que venha a nomear o que é ser mulher, não produza o efeito de uma devastação psíquica, é preciso que a menina conserve a circulação pelo gozo fálico, ao mesmo tempo em que, após ser atingida em seu corpo pelo significante paterno, possa abrir lugar para uma busca ativa pela feminilidade, ou seja, buscar ativamente situar-se como o *par terno*³⁶⁸ de um parceiro com o qual, por supô-lo sustentador do falo, poderá gozar

³⁶⁵ Gerard Pommier (1985). *A exceção feminina*, p. 22.

³⁶⁶ Ária da ópera *Rigoletto* de Giuseppe Verdi (1851).

³⁶⁷ Gerard Pommier (1985). *A exceção feminina*, p. 21.

³⁶⁸ Aproveito aqui o ato falho por mim produzido ao transcrever a citação relativa à nota 358: onde era para escrever "o efeito cirúrgico do significante *paterno* para a menina", escrevi *par terno*. Apesar de tê-lo corrigido para atender aos aspectos formais, vale retomá-lo, pois, a questão que se coloca justamente é como,

fugazmente de ocupar o lugar de passividade.

Claro que tal leitura só é possível a partir da transmissão de Lacan, na medida em que, para Freud, a questão se coloca em termos de que a saída feminina residiria em tornar-se toda mulher,³⁶⁹ recalcando sua masculinidade prévia e, junto com ela, *abandonando prontamente as tendências ativas da libido*.³⁷⁰

Talvez seja justamente por considerar que a feminilidade se articularia em termos de tornar-se toda mulher que Freud não deixe de se surpreender com a constatação da *atitude dividida*³⁷¹ da mulher perante o complexo de castração. Ele aponta tal divisão, apesar de não avançar no mistério que comporta, por exemplo ao afirmar que:

*(...) no transcorrer da vida de algumas mulheres existe uma repetida alternância entre períodos em que ora a masculinidade ora a feminilidade predominam. Determinada parte disso que nós, homens, chamamos de "o enigma da mulher", pode talvez derivar-se dessa expressão da bissexualidade na vida da mulher.*³⁷²

Tal bissexualidade apontada por Freud, mais do que como uma questão orgânica ou como uma efetiva realização com parceiros sexuais, pode ser lida como a divisão³⁷³ produzida na mulher perante o complexo de castração que a lança a dois diferentes modos de gozo, tal como Lacan vem situar.

Lacan aponta que, enquanto do lado masculino se produz o gozo fálico, do lado feminino constatamos que uma mulher fica situada como *não-toda* na castração e, portanto, *não-toda* no gozo fálico. Ou seja, ao mesmo tempo em que ela não escapa à castração (e isso diferencia o feminino da psicose), só fica parcialmente submetida a ela.³⁷⁴

Enquanto *falasser* ela busca ativamente a realização de seu desejo, ficando situada

a partir desse impacto, em lugar de repeti-lo exaustivamente, como um puro golpe que conduza ao masoquismo, pode-se abrir passagem para a vida amorosa e sexual.

³⁶⁹ Serge André (1986). *O que quer uma mulher?*, p. 203.

³⁷⁰ Sigmund Freud (1931). *Sexualidade feminina*, p. 271-275.

³⁷¹ Idem, p. 264.

³⁷² Sigmund Freud (1933). *Feminilidade*, conferência 33: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, p. 161.

³⁷³ Tal como propõe Gerard Pommier (1985). *A exceção feminina*, p. 42.

³⁷⁴ Serge André (1986). *O que quer uma mulher?*, p. 222.

na castração e no gozo fálico e, portanto, jamais se torna toda mulher, como pretendia Freud. Mas, por outro lado, ela é *não-toda* na castração, pois a sua inscrição em relação à falta não se articula ao todo como operação simbólica e seu gozo, portanto, é não-todo fálico, dando lugar a outro modo de gozo.

*Não é porque é não-toda na função fálica que ela deixe de estar nela de todo. Ela está lá a toda. Mas há algo a mais: há um gozo, já que nos atemos ao gozo, gozo do corpo que é, se posso me exprimir assim, para além do falo.*³⁷⁵ Por isso a mulher não deixa de situar-se no gozo fálico, ainda que possa visitar um gozo Outro suplementar a este.

Se do lado masculino o complexo de castração instaura uma dívida simbólica, do lado feminino ele instaura também uma divisão. *Ela mais se desdobra do que se unifica no significante mulher.*³⁷⁶

Tal divisão, formalizada por Lacan como a circulação de uma mulher por diferentes modos de gozo, correlaciona-se a achados clínicos freudianos: deriva-se dessa divisão a mudança de objeto de amor, da mãe ao pai, ainda que este último tenha apenas um caráter substitutivo que não impede o retorno psíquico do peso da primeira relação ao longo da vida amorosa de uma mulher;³⁷⁷ deriva-se também a controvertida suposta mudança de zona erógena, do clitóris (como equivalente fálico) à vagina³⁷⁸ – como uma metáfora impossível que procura localizar em uma área recortada do corpo um órgão correspondente à feminilidade. Percebe-se o equívoco do qual tal concepção parte dado que, se o gozo feminino não é o fálico, então, não se concentra em um órgão. Daí que resulte sem saída toda a discussão da passagem de zona erógena do clitóris para a vagina, pois, do lado feminino, a erogenização é do corpo e não do órgão.³⁷⁹ Questão, aliás, já advertida por

³⁷⁵ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 100.

³⁷⁶ Serge André (1986). *O que quer uma mulher?*, p. 222

³⁷⁷ Sigmund Freud (1931). *Sexualidade feminina*, p. 265.

³⁷⁸ *Idem*, p. 259.

³⁷⁹ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 101.

Freud ao situar o caráter narcísico da relação das mulheres com o seu corpo,³⁸⁰ entrando em contradição com o critério de mudança de zona erógena; ainda, deriva-se de tal divisão a passagem da passividade inicial com a mãe para a atividade no primado do falo, para um retorno à posição passiva como próprio da feminilidade – ainda que a feminilidade não implique uma permanência na passividade, mas passagens pela atividade e passividade, assim como pela circulação por diferentes modos de gozo.

V.5. Mulher, gozo e divisão

– o que não se articula na equação pênis-falo-bebê –

Apesar de tantas vezes ser lembrada a frase: *a anatomia é o destino*,³⁸¹ Freud também aponta o quanto *aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade foge do alcance da anatomia*³⁸² e o quanto *as reações de indivíduos humanos de ambos os sexos se constituem de traços masculinos e femininos*.³⁸³

Em um mundo no qual o papel social de homens e mulheres fica cada vez menos delimitado em correspondências estereotipadas do masculino e do feminino, torna-se uma questão interessante como comparece, como pode se apresentar e se reinventar singularmente, para além do gozo fálico, a circulação pelo gozo Outro. Questão revisitada em cada desenlace amoroso e também em cada análise.

Diferentemente da elaboração freudiana, que coloca o devir mulher como uma

³⁸⁰ Sigmund Freud (1914b). Introducción del narcisismo; (1933). Feminilidade, conferência 33: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Em tais textos Freud aponta o alto grau de narcisismo presente na feminilidade. É pelo efeito do encontro com a diferença sexual e com a consequente inveja do pênis que sobreviria a vaidade corporal na mulher.

³⁸¹ Sigmund Freud (1924b). A dissolução do complexo de Édipo, p. 222.

³⁸² Sigmund Freud (1933). Feminilidade, conferência 33: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, p. 141.

³⁸³ Sigmund Freud (1925a). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos, p. 317

suposta eliminação completa da sexualidade fálica,³⁸⁴ a partir de Lacan a condição feminina é pensada como uma divisão em diferentes modos de gozo, fazendo com que uma mulher fique, a partir da castração, atrelada à ordem fálica, ainda que não plenamente. Assim a feminilidade revela uma divisão diante da castração, bem como a falta radical de uma representação inconsciente d'A mulher.

No entanto, Freud já situava como a diferença sexual, a oposição masculino-feminino, é estabelecida em relação a um único termo: o falo, a partir do qual a diferença anatômica entre os sexos passa a ser representado em termos de *tem e não tem*.³⁸⁵ Diante da diferença anatômica representada em termos de *ter e não ter*, a saída com a qual a menina conta para ir em direção à feminilidade é a de deslizar pelos termos da equação simbólica pênis-falo-bebê.

A menina precisa operar uma série de passagens para articular uma saída feminina, mas a passagem de uma a outra dessas posições não opera nem por uma solução de continuidade, nem por uma plena substituição entre os termos da equação simbólica. Essa descontinuidade emerge dentro da própria equação fálica, pois, apesar de haver uma equivalência entre pênis, falo e bebê, um termo não se metaforiza plenamente no termo seguinte. Esta questão também é apontada por André ao considerar que, no trajeto a ser percorrido pela menina, *seja do ponto de vista da troca de objeto, da mudança de identificação, de zona genital ou de modo de gozo, chega-se sempre à conclusão de que essas mudanças atuam menos como substituições do que como desdobramentos*.³⁸⁶ Por isso, no deslizamento de um termo a outro da equação fálica, sempre se produz, para uma

³⁸⁴ Serge André (1986). *O que quer uma mulher?*, p. 203.

³⁸⁵ Sigmund Freud (1923a). A organização genital infantil, p. 180. Nesse texto Freud aponta que na fase fálica o que está em jogo para as crianças, o que entra (...) em consideração é apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo.

³⁸⁶ Serge André (1986). *O que quer uma mulher?*, p. 187.

mulher, o encontro com um gozo que, para ela, não foi plenamente articulado como fálico.

Mesmo esses termos sendo colocados em equivalência, a substituição metafórica entre eles não se opera plenamente, o que faz com que na passagem de um a outro se produza uma inevitável visita à condição de *não-toda* no gozo fálico experimentada por cada mulher de modo singular. Ao procurar articulá-los, cada mulher se vê lançada à passagem metonímica que opera entre eles, sem que, no entanto, nenhum deles represente o que é ser mulher. Concordamos, a este respeito, com André quando ele afirma que: *O destino da menina aparece, assim, como o de uma metáfora impossível ou de uma luta permanente para se elevar do registro de metonímia para o da metáfora.*³⁸⁷

Lembremos que a menina é atingida pelo significante fálico não só em termos de articular uma operação simbólica de castração, mas também pelo efeito de uma frustração e de uma privação experimentada diante da diferença anatômica entre os sexos, na medida em que ela não tem pênis. Diferentemente do menino – cuja castração o situa em uma dívida simbólica com o pai, ao sair do complexo de Édipo inscrito do lado masculino da sexuação –, para a menina nem tudo é atrelado ao significante enquanto dívida simbólica, nem tudo para ela é da ordem de um gozo fálico. Algo se passou no corpo, passou pelo corpo, dividindo sua posição em relação ao gozo fálico. Assim, o fato de uma mulher não ficar situada em posição de transmissora do falo pode produzir-lhe o efeito de uma privação ou frustração, mas também pode abrir lugar para que, diante dessa falta, desse inominado, ela possa ter acesso a um gozo Outro, possa criar de modo suplementar.

Se os termos da equação fálica não metaforizam plenamente o pênis, o encontro com a falta que emerge entre eles torna necessário que cada mulher opere, na passagem entre um e outro, uma transmutação a ser reinventada de modo singular e talvez, até mesmo, profundamente solitário – na medida em que não contemplada como plena herdeira do

³⁸⁷ Idem, p. 187

nome na filiação ao pai e tampouco sustentada em uma identificação com a mãe – dada a impossibilidade de identificação com um traço positivado que represente A mulher.

V. 6. "A mulher à toda" no discurso social

A busca por uma completude aparece no discurso corrente de mulheres como tentativa de realizar "A Mulher", mas ela se revela como um impossível, fazendo comparecer não só a incompletude, a falta própria de qualquer ser desejante (seja ele homem ou mulher desde o aspecto anatômico, seja ele sexuado do lado masculino ou feminino, desde a inscrição simbólica) mas, além disso, revelando a divisão experimentada pela mulher diante da condição de *não-toda* no gozo fálico. *É por essa raiz de não toda, que ela enterra outro gozo que o gozo fálico, o gozo chamado propriamente feminino e que não depende de modo algum do gozo fálico.*³⁸⁸ *Se a mulher é não toda, quanto a seu gozo, ele é dual.*³⁸⁹

Se esta questão se apresenta como estrutural, os acontecimentos sociais não deixam de produzir seus efeitos no modo pelo qual esta velha questão do feminino se reapresenta. A circulação das mulheres por diferentes papéis sociais e a impossibilidade de solução de continuidade na passagem de um a outro desses papéis deixa evidente a divisão da mulher perante diferentes modos de gozo.

"Ser desejada como mulher, realizar-se como mãe e trabalhar tanto quanto um homem" são diferentes ideais e, portanto, diferentes promessas de gozo com as quais uma mulher se encontra na atualidade. É em relação a tais ideais que circulam as escolhas conscientes e inconscientes que podemos recolher da fala de mulheres no social e também

³⁸⁸ Jacques Lacan (1972). *Seminário 19. ...Ou Pire*, classe 5, "El saber del psicoanalista".

³⁸⁹ Idem, *ibidem*.

em análise.

Basta virar as páginas das revistas femininas para perceber o quanto o pulular de um tema a outro, mais do que produzir qualquer possibilidade de completude ou complementaridade, evidencia o corte abrupto, sem solução de continuidade, entre as diferentes versões de gozo a que poderia ter acesso uma mulher.

Lévi-Strauss, em *As estruturas elementares do parentesco*,³⁹⁰ descreve como a troca de laços de aliança se situa para os homens em termos de: *eu recebi uma mulher e devo uma filha*.³⁹¹ Em termos psíquicos isso implicaria para uma mulher *uma renúncia ao falo paterno e à possibilidade de vir a recebê-lo de outro homem*³⁹² – tal como o sobrenome – e isso *ao preço de se fazer objeto oferecido no mercado das trocas*.³⁹³

Se, nas sociedades tradicionais, as mulheres ficavam historicamente situadas como objetos de troca entre clãs, na medida em que começam a receber dinheiro em troca de seu trabalho passam, na atualidade, também a ser autoras da realização de trocas fálicas.

Freud aponta o quanto o amor das mulheres teria estabelecido as bases da civilização: na medida em que elas, além de ficarem com o macho, teriam exigido manter os filhos junto de si, criando as bases da família nuclear.³⁹⁴ Mas depois, tal amor das mulheres, teria se voltado contra a civilização, na medida em que as realizações sociais e culturais confinadas por tanto tempo ao âmbito dos homens se oporiam às reivindicações das mulheres na esfera amorosa.³⁹⁵

Porém, a partir do momento em que as mulheres deixam de estar reclusas ao lar, a partir do momento em que passam a trabalhar e a gozar (falicamente) de direitos e deveres de cidadãs, também passam a ser responsáveis e produtoras do pacto social – o que

³⁹⁰ Ver Lévi-Strauss (1949). *As estruturas elementares do parentesco*.

³⁹¹ Jacques Lacan (1956-1957). *O seminário. Livro 4. As relações de objeto*, p. 146.

³⁹² Idem, p. 146-7.

³⁹³ Charles Melman (1984). *Novos estudos sobre a histeria*, p. 130.

³⁹⁴ Na medida em que “o macho adquiriu motivo para conservar a fêmea junto de si (...) ao passo de que a fêmea, não querendo separar-se de seus rebentos indefesos, viu-se obrigada, no interesse deles, a permanecer como macho mais forte.” Sigmund Freud (1929). *O mal-estar na civilização*, p. 119.

³⁹⁵ Idem, p. 124.

recoloca a posição das mesmas no pacto civilizatório.³⁹⁶

Joan Rivière já aponta isso em 1929 ao afirmar:

*Os tempos mudaram (...) no meio universitário ou científico, assim como no mundo dos negócios, encontram-se constantemente mulheres que parecem responder a todos os critérios de uma feminilidade realizada (...) mas ao mesmo tempo são capazes de assumir as responsabilidades de sua vida profissional, pelo menos tão bem quanto qualquer homem.*³⁹⁷

Ou seja, o fato de uma mulher realizar suas aspirações profissionais não tem por que impedir sua feminilidade. Trata-se da circulação não apenas por diferentes papéis, mas por duas posições diferentes perante o falo: ora partilhando o campo fálico, ora situando-se fora dele, na medida em que ele é atribuído a um *parteneire*. Por um lado, isto implica a possibilidade de identificação da menina com algum traço fálico, desde o qual possa fazer valer sua atividade no social;³⁹⁸ por outro lado, implica – considerando-se uma saída erótica feminina – poder gozar a partir da possibilidade de receber o falo de um homem.

O fato de que na atualidade haja mulheres *com liberdade de amar e trabalhar retrança os caminhos da circulação fálica em nossa cultura*³⁹⁹ No entanto, isto produz para as mulheres um retorno psíquico não só do lado dos ganhos, mas também do padecimento, dado que, além de ter tal possibilidade, passam também a arcar com a responsabilidade de tal escolha. Assim, as mudanças do lugar das mulheres no laço social não ocorrem de modo desatrelado a uma exigência de elaboração psíquica das pacientes que recebemos em análise: aparece aí a divisão de uma mulher que, "ao trabalhar tanto quanto um homem", goza falicamente, mas que, eroticamente, visita o gozo feminino. Ou seja, não é preciso que haja uma simetria entre o gozo erótico de uma mulher e sua circulação enquanto cidadã e/ou profissional.

³⁹⁶ Maria Rita Kehl. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*, p. 57.

³⁹⁷ Joan Rivière (1929a). *La feminilidade como mascarada*, p. 8, tradução livre.

³⁹⁸ Idem, *ibidem*.

³⁹⁹ Maria Rita Kehl. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*, p. 65.

Além da dupla jornada de trabalho – própria de mulheres que são mães e trabalham fora –, na atualidade encontramos um questionamento cada vez maior entre as mulheres que colocam o quanto o fato de ser mãe e empreender uma vida profissional as lança na esfera do *ou/ou*, partindo do princípio de que a aposta em uma dessas realizações de ordem fálica implicaria um investimento inversamente proporcional no outro âmbito.⁴⁰⁰ Efetivamente, ao se tratar-se do gozo fálico, as mulheres hoje em dia encontram diferentes vias de realização que não só "ter um bebê" – vias que não necessariamente precisam ser exclusivas, em detrimento das outras. Mas comparece aí a divisão pela competição de dois investimentos na ordem fálica: o trabalho e o bebê.

A clínica aponta outra questão interessante: a escolha pela maternidade para muitas mulheres que já trabalham, pode vir a ser significada como uma ameaça não só para um gozo fálico via trabalho, mas também para um gozo erótico do feminino: "Medo de deixar de ser desejada, de deixar de ser vista como mulher... O corpo muda, sem falar que sempre vai estar mais alguém ali, entre os dois, além do trabalho. Agora chego na minha casa depois de horas de trabalho e somos nós dois, meu marido e eu. Podemos namorar. Mas e com uma criança?" – fala uma paciente, interrogando-se sobre o desejo de ter um bebê, considerando-o em oposição à sua vida erótica com o marido.

"Não suporto mais o modo como ele me trata. Às vezes parece que sou a mãe dele em lugar de mulher. Tenho que resolver tudo e ele nem repara em mim" – fala outra paciente, trazendo uma queixa tão frequentemente enunciada por mulheres-esposas acerca de seus maridos, apontando que a realização do lugar de mãe não coincide com a realização enquanto mulher. Fica situada aí a divisão: entre a posição de mulher e a de mãe introduzida pelo nascimento de um bebê.

Curiosamente, Freud afirma a este respeito que um casamento *não se torna seguro*

⁴⁰⁰ Tal como foi abordado no capítulo anterior.

enquanto a esposa não conseguir tornar seu marido também seu filho e agir com relação a ele como uma mãe, na medida em que, desde este papel materno, a mulher daria vazão a tudo aquilo que nela restou de seu complexo de masculinidade.⁴⁰¹ É certo que grande parte dos casais desemboca em uma relação assim estabelecida, mas resta interrogar qual seria aí o destino da vida erótica. Pois, se há uma passagem psíquica importante entre a menina em posição feminina no Édipo e a experiência de maternidade – produzindo uma possibilidade de realização fálica a partir da promessa: "não tens pênis, mas um dia poderás ter um bebê" –, há outra passagem a se operar, decisiva tanto para o psiquismo de uma mulher quanto para o do bebê que ali advém: trata-se de um segundo percurso a percorrer, que parte da maternidade e reconduz à posição de mulher.

*Para que a criança possa assumir essa castração (...) é preciso que a mãe haja podido ela mesma assumir sua própria castração, é preciso que desde esse momento, desde essa relação dual, o terceiro termo, o pai, esteja presente enquanto referência materna. Somente nesse caso o que ela buscará na criança não será uma satisfação no nível de uma erogenidade corporal, equivalente fálico, mas uma relação que, constituindo-a como mãe a reconheça ao mesmo tempo como mulher de um pai.*⁴⁰²

Esta passagem torna-se decisiva para que a mãe possa ser percebida pela criança como *não-toda*, como dividida entre a posição de mãe e de mulher de alguém, apontando assim, com seu desejo, a um terceiro enquanto portador do falo. Deste modo, a retomada de uma posição feminina em relação a um *parteneire* se situa como um movimento decisivo no exercício da função materna.

Ser mãe, ser mulher de um parceiro e ser trabalhadora referem-se a três diferentes papéis sociais que se tecem em torno de apenas duas inscrições em relação ao falo. Ou seja, ainda que os papéis sejam três, ou pelo menos três,⁴⁰³ o que eles vêm atualizar, na

⁴⁰¹ Sigmund Freud (1933). *Feminilidade*, conferência 33: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, p. 164.

⁴⁰² Jacques Lacan (1961-1962). *Seminário 9. La identificación*, aula 18, 2/5/1962.

⁴⁰³ Dado que, como adverte Freud, para o homem, a posição de mulher costuma ser subdividida enquanto "casta" e de "má reputação"; enquanto "esposa amada" e "objeto sexual desejável". Sigmund Freud (1910).

impossibilidade de passagem em solução de continuidade de um a outro, é a divisão de uma mulher entre dois diferentes modos de gozo: o gozo fálico e o gozo Outro.

Na passagem de um a outro dos diferentes papéis sociais, assim como no virar das páginas das "revistas femininas", mais do que se articular uma completude, comparece a não continuidade e, portanto, a divisão experimentada por uma mulher perante diferentes modos de gozo. No entanto, a divisão entre gozo fálico/gozo Outro, não corresponde esquematicamente à divisão dos papéis sociais mulher/mãe/trabalhadora.

V. 7. Feminino, passivo e masoquista: a tríade em questão

A sexuação⁴⁰⁴ se opera em relação a um único termo: o falo. Na falta de dois significantes que viriam a representar o masculino e o feminino, a diferença sexual, como aponta Freud, frequentemente fica recoberta por outras polaridades: passividade-atividade e/ou sadismo-masoquismo. A condição feminina é, assim, correlacionada à passividade.

Por sua vez, a libido é situada como sendo essencialmente masculina e atrelada a uma atividade desejante. Portanto, ao considerarmos uma mulher enquanto falante, enquanto desejante, enquanto produtora de laços sociais, estamos falando de alguém em uma posição de atividade, de gozo fálico, ainda que esteja *não-toda* situada aí.

Mas como considerar a passividade correlacionada com o feminino?

Evidentemente não se trata aí de uma passividade inerte, pois há toda uma atividade implicada em fazer-se desejável, que tanto ocupa as mulheres – por exemplo, a famosa "produção" feminina que antecede a festa, para chegarem lá e serem notadas, ocupando-se,

Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens, p. 150; enquanto que, do lado feminino, encontra-se a incidência da fantasia de prostituição, tal como aponta Eliana Calligaris. *Prostituição: o eterno feminino*, o que nos levaria a considerar aí quatro termos.

⁴⁰⁴ Entendida aqui não como diferença anatômica, mas como inscrição simbólica, como Lacan propõe em (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*.

assim, de oferecerem-se passivamente no lugar de objeto de desejo do Outro, alvo do olhar, por exemplo.

A conquista do desejo do Outro, o fazer-se desejável, implica uma intensa atividade. Freud afirma: *Poder-se-ia considerar característica psicológica da feminilidade dar preferência a fins passivos. Isso naturalmente não é o mesmo que passividade; para chegar a um fim passivo pode ser necessária uma grande quantidade de atividade.*⁴⁰⁵

Então não se trata de uma ausência de libido na posição feminina, mas de um fim passivo da pulsão como condição para a sua realização. Vir a ocupar esse lugar passivo exige atividade.⁴⁰⁶ Esse gozo obtido da voz passiva só pode ser atingido por meio de uma atividade pulsional intensa na qual se trata de despertar o desejo do Outro: fazer-se olhar, fazer-se escutar, fazer-se comer, fazer-se desejar por um agente externo.

É nesse "fazer-se"⁴⁰⁷ que reside o que há de mais próprio na atividade pulsional, nessa reversão pela qual as voltas da pulsão, em seus movimentos de idas e vindas da zona erógena, parecem ir em busca, a cada vez, de físgar algo que responde no Outro,⁴⁰⁸ mais especificamente de que o sujeito da pulsão reverte-se enquanto objeto de alguém elevado à condição de sujeito a quem se faria gozar.

Não são poucos os mal-entendidos teóricos e a ideologização em que esta questão costuma recair. A clínica psicanalítica traz o testemunho desta questão, mas

(...) ela é especialmente ameaçada por distorções ideológicas de discursos que pretendem a mulher passiva para instrumentar sua sujeição ou, ainda, que lhe proibem a fantasia de passividade,

⁴⁰⁵ Sigmund Freud (1933). *Feminilidade*, conferência 33: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, p. 143.

⁴⁰⁶ Questão também retomada por Gilles Deleuze. Introdução ao texto *Vênus das peles*, de Sacher-Masoch.

⁴⁰⁷ Jacques Lacan (1964). *El seminario. Libro 11. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, p. 202.

⁴⁰⁸ Idem, p. 203.

*ainda assim identificada – com o caráter teimoso dos fatos clínicos
– pela escuta analítica.*⁴⁰⁹

A partir do exposto fica claro o quanto a passividade está longe de se estabelecer desde uma posição inerte. Implica um movimento pulsional que se realiza por uma voz verbal passiva (ser olhado, escutado, devorado) pelo Outro. Há aí uma atividade libidinal do sujeito da pulsão que busca situar-se como passivo em relação ao externo para poder gozar disso.

Isso não implica que uma mulher se cole à posição de objeto. Se ela suporta tal posição, não é ali que se detém, já que isto não funciona mais do que como um artifício, um véu, uma mascarada,⁴¹⁰ através da qual alguém em posição feminina pode gozar para além do gozo do Outro. Consideramos que o próprio do gozo feminino consistiria em *suportar a face do gozo do Outro*⁴¹¹ sem se deter nele, mas indo além dele.

Comparece aí a radical diferença entre visitar a montagem fantasmática em que se empresta o corpo como cabide para o objeto do gozo do Outro,⁴¹² servindo-se de tal montagem para um gozo Outro, e o tornar-se efetivamente um objeto dessubjetivado.

A passividade implica gozar a partir de ser supostamente tomado como objeto do gozo do Outro, um funcionamento aparentemente análogo fica exposto no masoquismo. Se o campo pulsional implica uma atividade para o sujeito, *de fato salta à vista que mesmo em sua suposta fase passiva o exercício de uma pulsão, masoquista, por exemplo, exige que o masoquista, se me permitem dizê-lo assim, sue a gota gorda.*⁴¹³

⁴⁰⁹ Paul-Laurent Assoun (1983). *Freud e a mulher*, p. XIII-XIV.

⁴¹⁰ Joan Rivière (1929a). La feminidad como mascarada.

⁴¹¹ Consideramos que a interrogação trazida por Lacan “por que não interpretar uma face do Outro, a face de Deus como suportada pelo gozo feminino?”, permite considerar a diferença entre fazer-se objeto do gozo do Outro e a de suportar esta face para ter acesso a um gozo feminino. Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 103.

⁴¹² Contardo Calligaris. *O fantasma masculino e o fantasma feminino*.

⁴¹³ Jacques Lacan (1964). *El seminário. Libro 11. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, p. 208.

Mas a passividade da qual se serve a feminilidade implica fisgar o desejo fazendo-se cabide do objeto de gozo do Outro para, a partir disso, ter acesso a um gozo Outro. Assim, feminilidade e passividade aparecem articulados; masoquismo e passividade também; mas e quanto ao masoquismo, ele seria igualmente intrínseco à feminilidade?

Esta questão está longe de ter uma resposta consensual na psicanálise.

Helene Deutsch considera o masoquismo o primeiro alicerce da feminilidade. Ele se apresentaria na mudança de objeto de amor da menina – da mãe para o pai –, coincidindo com a passagem do reclamo narcísico-masculino dirigido à mãe: "eu não serei castrada", para o desejo: "quero ser castrada (violentada) pelo meu pai e ter um filho", seguidos pelo "parir com dor" como integrante dessa tríade masoquista. Assim, a atividade fálica ligada ao clitóris, uma vez inibida desde o exterior, produziria um retorno, uma reversão para a posição passiva, agora perante o pai, mas, em tal giro, a menina encontraria a necessária postergação na realização do desejo de ter um filho. Isto imprimiria o selo de uma posição masoquista nas mulheres, que ora dissociaria a gratificação sexual da maternidade – por exemplo, na relação da prostituta com o alcoviteiro – ora se articularia na *mater dolorosa* na relação mãe-filho, seguindo a elaboração de tal autora.⁴¹⁴

Essa autora, no entanto, também aponta que o masoquismo libidinal primário – para ela constituinte da feminilidade – *estaria, na neurose, tão entrosado com o masoquismo moral a ponto de se perder o rastro de qual estaria na origem libidinal.*⁴¹⁵ Isto deixa uma brecha para considerar que, se a menina (a partir de experimentar-se como privada e frustrada de pênis) passa pelo masoquismo no caminho à feminilidade, esse não teria porque ser necessariamente o seu ponto de chegada.⁴¹⁶

⁴¹⁴ Helene Deutsch (1929). O masoquismo “feminino” e sua relação com a frigidez, p. 12.

⁴¹⁵ Idem, ibidem.

⁴¹⁶ Nesse ponto talvez valha lembrar o quanto muitas mulheres em posição feminina, ao submeter-se a procedimentos de beleza, se dispõem a suportar certa dor – o que é consagrado no dito popular: "mulher para ser bonita tem que sofrer" – no entanto tomam isso como um ponto de passagem a atravessar e não como um fim em si mesmo.

Ainda que Freud tenha correlacionado feminilidade-passividade-masoquismo, sendo frequente na clínica a incidência de tal correlação, não consideramos que o masoquismo seja intrínseco ao gozo feminino. O masoquismo, mais do que possibilitar o acesso a um gozo Outro propriamente feminino, insiste e se detém no traumatismo da castração, repetindo, uma e outra vez, uma fantasia de aviltamento – que certamente desempenha um papel central na fantasia masoquista, mas não necessariamente na feminilidade.

É preciso ainda considerar o quanto o gozo advindo do masoquismo presente em mulheres⁴¹⁷ presta-se a realizar a cena fantasiada da desforra paterna diante do desejo da mulher de castrar o homem e assim apropriar-se de seu pênis elevado à condição de falo. A inveja do pênis, como aponta Rivière, assim se reverte na cena masoquista pela qual *trata-se de apaziguar a vingança oferecendo-se sexualmente*.⁴¹⁸ Tal como na fantasia descrita por Freud, "bate-se em uma criança",⁴¹⁹ o corpo é oferecido em sacrifício para a encenação da castração, ao mesmo tempo em que, ao fazer isso, se recuperaria a posição de objeto do amor.

Como aponta Rivière, do masoquismo erógeno à abnegada posição da dona de casa pode-se encontrar a incidência deste viés de "disfarce" que, com a máscara da aparente inocência e ingenuidade feminina, recobre a virulência da inveja do pênis.

Evocamos, a este respeito, o fragmento de um caso clínico:

Certa paciente reiteradamente aponta todas as falhas de seu lugar de trabalho e as atribui à incompetência de seu chefe: "sua falta de seriedade científica, sua incapacidade administrativa, seu pensamento estreito, seu descuido com as condições de trabalho", fantasiando como tudo seria perfeito se ela comandasse o local. Ela abomina o seu chefe,

⁴¹⁷ Ainda que não só em mulheres, já que Freud, ao introduz tal tema falando que seria dessa ordem a fantasia de homens impotentes perante o pai. Sigmund Freud (1924a). O problema econômico do masoquismo, p. 201-202.

⁴¹⁸ Joan Rivière (1929a). La feminilidad como mascarada, p. 11.

⁴¹⁹ Sigmund Freud (1919). Uma criança é espancada.

no entanto ocupa-se de certificar que ele a tenha em sua mais alta estima como "a funcionária modelo". No entanto, cada vez que o chefe a chama para falar, ela é acometida por um sentimento catastrófico: "Penso: pronto, é agora que algo terrível vai acontecer. Descobriram uma falha irremediável no meu trabalho. A máscara vai cair e ele vai me mandar embora. Aí, mesmo que não seja nada grave, acabo chorando". Fica absolutamente desconcertada com o que lhe acontece nessa cena, sentindo-se dividida entre o desprezo que sente pelo chefe e o lugar de autoridade suprema que lhe outorga, como o portador de um poder inquestionável.

Prossegue dizendo: "Parece um teatro, eu não me reconheço. Mas não consigo evitar que meus olhos se encham de lágrimas e eu choro mesmo, de verdade. Aí digo para ele como gosto de trabalhar ali, como o respeito e como tudo aquilo é importante para mim. Pareço outra pessoa, não entendo de onde isso vem. Eu o acho abominável. Detesto aquele lugar, mas parece que não consigo me decidir a abandonar esse sacrifício."

Rivière situa o quanto a oscilação entre o desprezo a um pai suposto como castrado e, ao mesmo tempo, a exigência desesperada de ser reconhecida como superior por ele apontam à tentativa de uma mulher se estabelecer em suposta posição de detentora do falo. *Nesta dinâmica é preciso ganhar dele e apaziguá-lo com a máscara da feminilidade que provava seu amor e sua inocência diante dele.*⁴²⁰ Tal montagem opera à custa de um retorno masoquista, como um sacrifício, condição que, mesmo surgindo tantas vezes associado à montagem do gozo do Outro, não consideramos inerente ao gozo feminino, opondo-se ao gozo Outro.

É aí que Joan Rivière introduz uma questão muito interessante: *O leitor pode perguntar como diferencio a feminilidade verdadeira e o disfarce. De fato, não sustento que tal diferença exista. A feminilidade, quer seja fundamental ou superficial, é sempre o*

⁴²⁰ Joan Rivière (1929a). La feminilidad como mascarada, p. 18-19.

*mesmo.*⁴²¹ Assim, aponta que a feminilidade sempre implica a passagem pela mascarada. No entanto, logo adiante, aponta uma significativa diferença ao afirmar que tal mascarada feminina pode ser *um meio para evitar a angústia* ou para estabelecer um *modo primário de gozo sexual.*⁴²²

A paciente referida aponta também a realização que tem nesse trabalho (em termos de recompensa monetária) como "um fardo", "um sacrifício", que precisa suportar e que a impede de "dar-se ao luxo de desfrutar do lugar de mulher, de se cuidar, de ter filhos". Ela não renuncia à recompensa monetária, pois isso implicaria delegar ao marido (em cujos dons "não confia" para esses fins) parte da questão financeira.

Na lógica que decanta dessa fala, o masoquismo aparece como o saldo da disputa fálica, enquanto um gozo feminino aparece como um desfrute de outra ordem – o que nos permite considerar a diferença entre feminilidade e masoquismo.

Tal leitura implica considerar que o *se fazer passiva* de uma mulher para com um *parteneire* não necessariamente implica uma posição masoquista de repetição do golpe da castração. Tanto é que, como afirma Assoun, isso só se sustenta, ela só *se faz passiva ao fazer passar a esse parteneire* seu próprio ideal fálico, livrando-se do fardo fálico para poder gozar da condição feminina. Mais do que isso: *intima-o a encarnar suas razões para se fazer tão passiva*, e é por isso que também *pula fora, de um só golpe, se ele fracassar nessa tarefa.*⁴²³

Consideramos que, longe da posição masoquista em que alguém se oferece para outro como um farrapo a ser gozado de modo aviltante, o gozo Outro, próprio da feminilidade, goza a partir de suportar a face do gozo do Outro. Mas o gozo da feminilidade não se detém em encarnar o objeto do desejo do Outro – esse, aliás, é o ponto

⁴²¹ Idem, p. 13.

⁴²² Idem, ibidem.

⁴²³ Paul-Laurent Assoun (1983). *Freud e a mulher*, p. XV.

em que se obtura a queixa histérica ao viver tal posição como um suposto rebaixamento. O gozo feminino implica uma volta a mais. Consiste em uma intensa atividade para despertar o desejo do Outro, seguida de uma passividade de encarnar o lugar do objeto do gozo do Outro, oferecendo-se a seu gozo para gozar com isso. A mascarada funciona aí como um véu que orna com belos atributos fálicos, ao mesmo tempo em que deixa entrever a condição da falta.

Esse *se fazer passar* do gozo feminino implica: a mascarada de *se fazer passar* pelo objeto de desejo do *parteneire*; o *se fazer passar*, no sentido de produzir certo apagamento de si nesse momento; ao mesmo tempo em que só é possível fazer isso *passando* ao *parteneire* seu fardo fálico, para assim ficar provisoriamente desimpedida para um gozo Outro.⁴²⁴

A mulher tenta a si mesma tentando o Outro. *Ao oferecer-se como objeto, é o peixinho que fisga o pescador através da linha, ao despertar seu desejo. É o desejo do Outro que lhe interessa.*⁴²⁵

Nesse sentido, *o masoquismo feminino aparece como uma fantasia masculina*⁴²⁶ mais do que como um gozo intrínseco à feminilidade. Ele fixa a passividade a um marco masoquista de suportar a dor, sofrimento e aviltamento em prol de um suposto gozo do Outro. O masoquista, ao pôr em relevo um gozo alegado ao Outro, a partir de sua aparente submissão e rebaixamento à posição de objeto, encobriria a angústia do Outro. De modo análogo, o masoquismo feminino aparece como uma fantasia masculina permitindo ao homem gozar na medida em que a mulher encarnaria, por procuração, a posição de objeto e assim recobriria aquilo de que o homem não quererá saber em tal montagem: o que permanece aí velado é a angústia, a angústia do homem ao confrontar-se com o fato de que

⁴²⁴ Idem, *ibidem*.

⁴²⁵ Jacques Lacan (1962-1963). *O seminário. Livro 10. A angústia*, p. 209.

⁴²⁶ Idem, p. 210.

é possível gozar do gozo do Outro ao oferecer-se em posição de passividade. Pois se há algo recalcado para os que se encontram em posição masculina esse algo é que já se gozou passivamente um dia de ser objeto da mãe como Outro primordial.

A fantasia masculina recorta o objeto, delimita-o, ao mesmo tempo em que concentra a excitação sexual, a libido, em um órgão investido falicamente. Do lado feminino, a libido (uma vez que não encontra seu foco) diz respeito a todo o corpo, e a fantasia, por sua vez, apresenta uma indeterminação.

Por isso, se há algo que escutamos repetir-se nas fantasias sexuais femininas é a sua indeterminação, a não ser por um ponto que parece insistir: o desejo de ser surpreendida. Nesse sentido, Lacan traz o recorte clínico de uma paciente que experimenta excitação sexual ao ver surgir repentinamente em seu campo um objeto totalmente estranho.⁴²⁷ Calligaris também aponta "o ser surpreendida" como algo que poderia ser característico do fantasma feminino. Se no fantasma masculino o objeto permanece fixado – fazendo com que um homem possa mudar de mulher sem, no entanto, mudar de fantasma – para alguém, desde a posição feminina, o fantasma apresenta uma maior mobilidade, pois ao implicar o desejo de desejo, se atrelaria ao fantasma do *parteneire*.⁴²⁸

Ser pega de surpresa por um desejo arrebatador parece ser certa repetição do feminino. Haveria algo mais feminino do que a fantasia de ver-se pega de surpresa como objeto de um desejo arrebatador de um Outro que encarnaria seu ideal fálico?

Nada mais próximo da posição das belas princesas adormecidas, sobre as quais as histórias infantis nos trazem testemunho. Elas mostram que *não há melhor resposta para o desejo de ser desejado do que o fato de ser escolhido quando não se tinha a intenção de seduzir*. Dessa forma, a passividade integra a erótica humana assumindo um lugar

⁴²⁷ Idem, p. 208.

⁴²⁸ Contardo Calligaris. *Questões sobre o seminário Encore*.

privilegiado na erótica feminina.⁴²⁹

Aí, em lugar de uma fixação masoquista, o que desperta o desejo é ser *sur-pres*a, ou seja, fisgada pelo desejo. Enquanto nas montagens perversas a repetição da cena fixada é levada à exaustão, a condição de indeterminação das fantasias femininas implica a dar abertura à invasão desejanste de um *parteneire*, desde que este encarne, em algum ponto, seu ideal fálico, apresentando certa mobilidade da fantasia de acordo com o desejo do parceiro.

As belas adormecidas assim se guardam do toque e do olhar com plantas espinhosas, mas abrem o flanco para que o escolhido penetre virilmente no palácio. Ou seja, elas escolhem ativamente de quem irão fazer-se passivas para poderem gozar de serem surpreendidas por um desejo arrebatador.⁴³⁰ Estão longe de serem previsíveis as condições para aceder aos profundos socavões, torres de castelos e demais mundos fantasiosos nos quais as princesas imaginárias ficam confinadas. É necessário que os cavaleiros sustentem um ardente e inspirado desejo para abrir caminho em meio aos caprichos com que a feminilidade produz desejo.

V.8. O gozo do Outro e o Outro gozo: aquém e além do complexo de Édipo

Freud situa a passagem para a feminilidade, o tornar-se mulher, como a mudança de uma posição ativa da menina para com a mãe, própria do primado do falo, para uma atitude passiva em relação ao pai, como efeitos da castração e entrada no complexo de Édipo na condição feminina.

⁴²⁹ Diana e Mário Corso. *As fadas no divã*, p. 87.

⁴³⁰ Idem, *ibidem*.

Essa mudança da atividade para a passividade, em certa medida, implica a retomada de um gozo decorrente da passividade inicial que tanto o menino quanto a menina tinham, em um primeiro tempo, em relação à mãe, ao ficarem situados como objetos de desejo do Outro materno. Portanto, mais do que um movimento em dois tempos, a passagem para a feminilidade implica pelo menos três tempos: passivo-ativo-passivo. Nessa direção, tal como aponta Pommier, conviria falar *não de um "tornar-se mulher", mas de um "re-tornar-se mulher", de um retorno à feminilização original.*⁴³¹

Trata-se aí de como o gozo do Outro, esse gozo no qual o bebê oferece seu corpo a ser gozado pelo Outro, na produção do *Outro-erotismo* constituinte, é retomado na posição feminina. Tomamos aqui a liberdade de, mesmo partindo da proposta de Pommier, considerar tal passagem como uma retomada da passividade e não um retorno. Pois ainda que o gozo do Outro e o gozo Outro tenham relação com o gozo do corpo, como fora do significante, no entanto, não se equivalem. Se um se situa aquém do Édipo, o outro implica um além do complexo edípico. Enquanto o gozo do Outro está situado como anterior ao gozo fálico, o gozo Outro (próprio da feminilidade) situa-se após o gozo fálico de modo suplementar a este, mas não complementar.

O gozo do Outro implica uma posição sacrificial, de dar-se como alimento ao Outro, oferecer-se como objeto que completaria o Outro. O gozo fálico, por sua vez, produz um limite a esse gozo, ao mesmo tempo em que o mantém no horizonte pelo fantasma no qual se joga com a fantasia da complementaridade como objeto do gozo do Outro.⁴³² O gozo fálico se articula ali como a produção de um saber que dominaria essa demanda (saber o que faz o Outro gozar) enquanto defesa. Trata-se aí de uma montagem, pois não há Outro que efetivamente goze da posição de objeto na qual o sujeito se oferece.

Por sua vez, o gozo feminino, ou gozo Outro, também se relaciona ao gozo do corpo,

⁴³¹ Gerard Pommier (1985). *A exceção feminina*, p. 40.

⁴³² Contardo Calligaris. *Questões sobre o seminário Encore*, aula do 9/02/1987, p. 34.

também escapa ao significante. Nesse sentido, Lacan joga com a homofonia de *encore*, em francês significando "ainda", ou "mais ainda do gozo fálico" e, ao mesmo tempo, podendo ser ouvida como *en corps*, ou seja, no corpo. Daí que o gozo feminino possa implicar certa anomia, uma angústia de despersonalização, certa dessubjetivação, pois implica um fora do significante, fora da dimensão fálica⁴³³ – questão tão frequentemente colocada pelas mulheres acerca da feminilidade.

No entanto, é central apontar que o gozo Outro, mesmo retomando uma passividade, não implica uma posição sacrificial do sujeito, pelo contrário, a libera dele, na medida em que não há Outro a se fazer gozar, como tampouco há a posição psíquica de fiar-se em supostas garantias de um reconhecimento paterno por intermédio do gozo fálico.⁴³⁴

É aí que o gozo do feminino e o da perversão masoquista se afastam⁴³⁵ e até mesmo se opõem:

– na montagem masoquista o perverso acredita efetivamente ser possível produzir o gozo do Outro; ele acredita no Outro.⁴³⁶

– já o gozo feminino suporta uma face do Outro,⁴³⁷ mas não se detém aí, pois, a partir disso, obtém um gozo Outro.

Por isso, ainda que esses dois gozos impliquem a passividade, não se equivalem. Se há um gozo que escapa ao fálico não é indiferente que, diante dele, o sujeito se situe de modo complementar (ocupando o lugar de objeto que viria a produzir o gozo do Outro) ou de modo suplementar (pelo gozo Outro, abrindo a possibilidade de criar diante do inominado).

⁴³³ Gerard Pommier (1985). *A exceção feminina*, p. 44; Serge André (1986). *O que quer uma mulher?*, p. 243.

⁴³⁴ Daí que o gozo Outro seja correlacionado ao fim de análise: “Se o fantasma nos desperta angústia, é porque a realidade não aparece. (...) Não irei desembaraçar o Outro nem do seu saber, nem de sua verdade. No fim da análise, se é isso que tenho inscrito no S significante do A barrado, o Outro sabe que ele não é nada disso”. Jacques Lacan (1965). *Seminário 12, Problemas cruciales para el psicoanálisis*.

⁴³⁵ Questão abordada no capítulo anterior.

⁴³⁶ Serge André (1986). *O que quer uma mulher?*, p. 243.

⁴³⁷ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 103.

Não dá na mesma fazer-se objeto do gozo do Outro, sob o horizonte de completá-lo imaginariamente; do que, após ter se confrontado com o furo simbólico do Outro, com a falta radical de um significante que aponte o que é ser mulher, escolher mascarar-se para despertar o desejo e fazer-se passar por objeto de gozo do Outro para um parceiro a quem delega o fardo fálico e, através disso, ter acesso a um gozo Outro.

Uma mulher no exercício da feminilidade se presta à mascarada, faz-se de Outro, dando assim suporte à fantasia masculina. Daí que seja possível considerar que se o "fazer-se de homem" especifica a posição histérica, "fazer-se de Outro" é o que definiria melhor a posição feminina.⁴³⁸

V. 9. Maternidade e gozo Outro

Uma mulher, no exercício da feminilidade, experimenta o gozo que passa pela passividade, ao fazer de seu corpo receptáculo da montagem fantasmática do desejo do Outro. Tal gozo não substitui plenamente seu falicismo, mas se apresenta de modo suplementar a ele.⁴³⁹ Justamente ela que visita esses gozos, que os experimenta disjuntos, assumirá, enquanto mãe, nos cuidados com seu bebê, a montagem do *Outro-erotismo* – o engajamento desse organismo vivo a uma ordem simbólica.

Há semelhança entre o encanto feminino produzido pela bela adormecida – essa que seduz sem ter a intenção e que distraidamente produz um desejo arrebatador – e o encanto que produz ver uma criança, um filho dormindo. Repousando ele encarna o mais perfeito objeto da fantasia parental, sem rompê-la com sua fala ou movimentos. A partir da passividade, ambos são capazes de encarnar o objeto de desejo.

⁴³⁸ Serge André (1986). *O que quer uma mulher?*, p. 245.

⁴³⁹ Gerard Pommier (1985). *A exceção feminina*, p. 44.

Se uma mulher encarna o objeto de desejo da fantasia de um homem, o bebê o encarna para a mãe. Isso faz com que Lacan aponte que *a mulher só entra em função na relação sexual enquanto mãe.*⁴⁴⁰ Se, do lado do gozo feminino, tangencia uma ausência de si mesma enquanto sujeito, enquanto mãe *ela encontrará, como rolha, esse (objeto) a que será seu filho.*⁴⁴¹

Muito se fala acerca de como o desejo da mãe-mulher é central para a constituição do bebê, na medida em que ele não satura sua realização fálica e na medida em que ela está dividida enquanto mulher e mãe. Mas e quanto ao gozo Outro? Ele funcionaria apenas como limite ao gozo da mãe com o filho, lembrando-lhe de que ela também é mulher? Até que ponto a experiência de um gozo obtido através da passividade não é central para que ela ponha em cena, nos cuidados com a criança, um gozo que não se limita apenas à ordem fálica e que, no entanto, também pode ser central para a constituição do sujeito? Tal questão revela seu interesse.

Justamente ela que experimenta o gozo advindo de fazer a mascarada de objeto do desejo do Outro. Justamente ela que consente que seu corpo seja receptáculo do fantasma do parceiro, agora, enquanto mãe, cria um bebê que não se apresenta só enquanto substituto fálico, mas que também emerge a partir de todos os pequenos objetos que coloca em cena, podemos até mesmo dizer, de modo profundamente brutal: o olhar, a voz, as fezes, a urina, as melecas, o leite, o cheiro, a lágrima, o regurgito, a pele, e tantas outras parcialidades diariamente apresentadas no exercício da maternidade.

Ela que no estágio do espelho jubilou-se com a imagem antecipatória de seu corpo unificado no espelho a partir do olhar e da palavra materna, mas que, tempos depois, também se olhando no espelho, desconcertou-se, experimentando a vertigem diante do que via e não encontrava na junção de seu ventre com as coxas. Ela que, ao enveredar-se pelo

⁴⁴⁰ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 49.

⁴⁴¹ Idem, *ibidem*.

caminho da feminilidade, fez-se sábia nos artifícios de recobrir o real do corpo para, em seu lugar, deixar entrever um mistério capaz de atizar o desejo, mascarando ali onde não há muito a se ver, afinal.⁴⁴² Ela agora finalmente tem o seu bebê, este bebê que emerge com o real do seu corpo – real que também será preciso mascarar falicamente.

Lembro, neste sentido, a história narrada por uma mãe acerca do nascimento do seu filho, na época em que este já era adulto. É claro que ela só assume um tom anedótico, pois não houve nenhuma dificuldade relevante na história de um filho que, como se diz prosaicamente, tornou-se belo e bem sucedido. O fato é que ele sofreu bastante ao nascer, o que não fez dele nenhuma espécie de *bebê Johnson* nos primeiros dias de vida. Na ocasião, a avó se aproxima para conhecer o esperado neto recém-nascido e encontra a mãe aos prantos, afirmando que seu bebê era muito feio. Ela começa a proferir palavras tranquilizadoras à filha, ao mesmo tempo em que, afastando a manta do rosto do bebê, acaba por levar um susto e depois lançar: "Ah, minha filha, não se preocupe, daremos um jeito nisso!" E, de fato, deram, recobrando essa emergência do real, investindo na construção de um corpo do bebê e tornando-o encantador. Mas a história é evocada menos pelo desfecho do que pela emergência desse momento que costuma ser esquecido, recalcado, acerca do estranho encontro com o recém-nascido, com a emergência do real de seu corpo.

Podemos considerar o quanto comparece aí o artifício do feminino, o ofício artístico que tem uma mulher de mascarar-se para tornar-se desejável, posto agora em cena no exercício da maternidade. A mãe mesma mascara o corpo do bebê, o disfarça, o veste, para poder investi-lo. Ao mascará-lo, a partir de seu saber fazer com os artifícios femininos, o torna fálico para ela mesma e para os outros.

Se isso conduz ao valor fálico do bebê, também comparece ali algo de indizível nos

⁴⁴² Jacques Lacan (1962-1963). *O seminário. Livro 10. A angústia*, p. 211.

cuidados que uma mãe lhe dedica, na silenciosa atenção que coloca ao detalhe e que situa um gozo *não-todo* em equivalência fálica. Para poder lidar com toda a emergência de pequenos objetos que o bebê produz, para poder fazer com que opere um *Outro-erotismo* para o bebê, a mãe lança mão da mascarada. Lacan aponta nessa direção ao afirmar:

Falar da sexualização prematura tem certamente seu interesse. É claro que o assim chamado primeiro impulso sexual do homem é, evidentemente, aquilo que dele se diz, a saber, prematuro. Mas ao lado do fato de que possa implicar, com efeito, jogo de gozo, não é menos verdade que o que vai introduzir a secção entre libido e natureza não é apenas o autoerotismo orgânico. Há outros animais, além dos homens, que são capazes de se coçar, e isto não os levou, os macacos, a uma grande elaboração do desejo. Em compensação, aqui há uma vantagem em função do discurso.

*Não se trata apenas de falar das interdições, mas simplesmente de uma dominância da mulher na condição de mãe, e mãe que diz, mãe a quem se demanda, mãe que ordena e que institui ao mesmo tempo a dependência do homenzinho.*⁴⁴³

Pois bem, temos até aí apresentada a questão do *Outro-erotismo* produzida pela economia de gozo que a mãe institui no corpo do bebê. Mas o texto prossegue:

*A mulher permite ao gozo ousar a máscara da repetição. Ela aqui se apresenta como o que é, como instituição da mascarada. Ela ensina seu pequeno a se exhibir. Ela conduz ao mais-de-gozar porque mergulha suas raízes, ela, a mulher, como a flor, no gozo mesmo. Os meios do gozo são abertos pelo seguinte princípio – que ele tenha renunciado ao gozo fechado e alheio, à mãe.*⁴⁴⁴

É preciso considerar até que ponto experimentar, na feminilidade, um gozo obtido através de passividade, não é o que lhe possibilita, enquanto mãe, agenciar o Gozo do Outro para o bebê – e assim organizar seu *Outro-erotismo* – sem recair em uma posição efetivamente perversa de apropriar-se do corpo do bebê. Em vez disso, atribui ao bebê um gozo que ela busca preservar, evitando-lhe o esforço. Nessa atribuição, identifica-se com o bebê em seu gozo com a passividade, ao mesmo tempo em que permite a ele gozar com a

⁴⁴³ Lacan, Jacques (1969-1970). *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*, p. 73.

⁴⁴⁴ Idem, p. 74. Referência, aliás, proposta por Ângela Vorcaro no momento em que estava reunindo fundamentos acerca do comparecimento do Outro gozo na maternidade.

suposta onipotência que ele produziria ao Outro (para ele encarnado pela mãe) ao se oferecer como objeto que supostamente o completaria.

Por um lado, com tal máscara, investe falicamente o bebê – *ensina-o a se exhibir*. Por outro, ao *ousar tal máscara* (ousar vestir a máscara do Outro encarnado do bebê) ela permite ao bebê vir a gozar de um *Outro-erotismo*. Ela o aliena, o refere ao Outro, *o conduz assim a um mais-de-gozar, sob a condição de que ele não fique alheio e fechado nele mesmo* como num autismo (ou seja, um autoerotismo não erótico).⁴⁴⁵

Mas se ela o impele a entrar nesse gozo do Outro, se ela ousa fazer-se de Outro do bebê, ela não toma o bebê rasamente como seu objeto. Ela supõe o bebê como sujeito, atribuindo-lhe um gozo advindo da passividade que ela mesma, desde a feminilidade, soube experimentar – *mergulhando suas raízes, ela, a mulher, como a flor, no gozo mesmo*.

V.10. Do gozo Outro da mãe à identificação transativista com o gozo da passividade do bebê

Se a feminilidade implica uma mascarada, a maternidade, por sua vez, implica a máscara da repetição. Ora, sabemos o quanto a repetição é uma tentativa de recuperar um gozo que escapa ao sujeito e que – tal como situamos acima em relação ao chiste – ele procura recuperá-lo no interdito da linguagem, *na repetição que é sempre máscara do que teria havido*.⁴⁴⁶ A mãe, ao ousar vestir a mascarada de Outro para o bebê, relança com este, repete, na atribuição de um gozo do corpo ao bebê, um gozo que, para ela mesma, resulta inapreensível, irrepresentável, inominável.

⁴⁴⁵ Pierre Fédida. *Nome, figura e memória – a linguagem na situação psicanalítica*, p. 104 e 158.

⁴⁴⁶ Ângela Vorcaro. Os dragões do tempo primordial: a repetição como primeira identificação, p. 215-231.

Claro que ela não pode fazer isto no corpo-a-corpo, pois seu próprio corpo, assim como o da criança, lhe é interdito. Ela só tem acesso ao corpo por meio da linguagem. Por mais que desse gozo ela nada possa dizer, mesmo assim o atribui à criança e, por meio da linguagem, intervém transitivamente – supondo que o bebê estaria experimentando um afeto corporal semelhante ao dela. A mãe aí interpreta, forja um sentido à produção do bebê, oferecendo sua representação diante do que afeta o corpo do bebê.

Diz ela: "humm! que fome!" ou "ai! que cólica". Sanciona o prazer da degustação, sanciona a dor. Ao fazê-lo, intervém suscitando a experiência de satisfação. Procurando poupar o bebê do esforço para que ele possa supostamente usufruir do puro gozo obtido através da passividade – gozo que a mãe lhe atribui e com o qual se identifica transitivamente. Tal é o sentido da função vicariante que a mãe exerce em relação ao funcionamento corporal do bebê, prolongando-lhe o usufruto de um gozo.

Percebe-se aí não uma simples ocupação da mãe com as funções vitais do bebê, mas toda uma economia de gozo que se estabelece entre eles desde os primórdios desse laço.

Consideremos, nesse sentido, a cena da mãe que, após efetuar os cuidados do filho, exausta e faminta, está pronta para abocanhar o primeiro pedaço de comida quando o filho o solicita. A mãe certamente pode negá-lo, e é crucial que em certos momentos também saiba e queira fazê-lo, mas é fato comum que inúmeras vezes ceda diante da solicitação do filho e que o faça com um enorme desfrute, até mesmo afirmando: "me dá mais prazer ainda vê-lo desfrutar disso do que fazê-lo eu mesma!".

Este gozo genuíno que a mãe experimenta a partir do gozo do filho se contrapõe ao da *mater dolorosa* da qual nos falava Helene Deutsch,⁴⁴⁷ pois não advém do masoquismo, mas de um lucro de gozo, de um mais-de-gozar que a mãe obtém através do gozo que propicia ao filho. Ali a mãe busca produzir uma repetição pela qual goza ao poder

⁴⁴⁷ Helene Deutsch. O masoquismo "feminino" e sua relação com a frigidez.

propiciar esse gozo que atribui ao bebê nesse usufruto de um gozo com a passividade, nesse deixar entregue o fardo fálico nas mãos de outro.

Bergès e Balbo também se apóiam em um gozo masoquista para fundamentar o transitivismo, ao afirmar:

Desse modo, transitivo não a dor experienciada mas o masoquismo, meu masoquismo. Através desse masoquismo transitivado para o outro, transitivo – e isso é essencial- a satisfação masoquista correspondente⁴⁴⁸ (...). Do golpe que o outro sofreu faço minha satisfação (...) e faço como se lhe permitisse partilhá-la um pouco.⁴⁴⁹

É certo que nesse *jogo de afetação*⁴⁵⁰ transitivista, a mãe faz uma atribuição de afeto à criança que lhe permite recuperar um pouco de seu próprio gozo. No entanto, diferentemente de tais autores, e apesar de considerarmos decisivas suas articulações para chegarmos a estas reflexões, não atribuímos a identificação transitivista da mãe com o bebê a um gozo masoquista, e sim da passividade.

Ao desfrutar mais de testemunhar o usufruto de gozo que propicia ao seu filho, identificando-se transitivamente com esse gozo da passividade que lhe supõe, a mãe consegue estabelecer uma operação de mais-de-gozar, por meio do qual obtém o lucro de um gozo mais além do fálico.

Isso se evidencia nas afirmações maternas usualmente produzidas diante do padecimento ou prazer do bebê, tais como: "Me dói duas vezes mais do que se fosse comigo!" e também, como no exemplo citado, fazendo "hummm!", com água na boca, ao dar de comer ao seu bebê, "desfrutando duas vezes mais" do que se elas mesmas estivessem comendo, ao constatar o gozo que propiciam ao bebê.

Esta economia de gozo tantas vezes se faz presente quando a mãe, faminta, desfruta do gozo da criança sendo alimentada; suja, goza do aconchego de ver a criança banhada e

⁴⁴⁸ Idem, p. 8.

⁴⁴⁹ Idem, p. 13.

⁴⁵⁰ Idem, p. 23.

cheirosa; sonolenta, adia um pouco mais o seu sono para desfrutar alguns segundos da imagem do bebê aconchegado que finalmente fez dormir.

Que a mãe, inúmeras vezes, priorize os cuidados da criança em relação aos seus próprios está longe de poder ser efeito de uma ordem do natural, do instintivo. Tampouco ocorre por abnegação, dado que a economia de gozo nunca é desinteressada. Trata-se de uma economia de gozo que pode se estabelecer, ou não se estabelecer, no laço mãe-bebê. Longe de estar submetida a um masoquismo materno, pode estar devidamente articulada à repetição por meio da qual a mãe acede, ela mesma, a um gozo Outro – ao viabilizar e atribuir ao seu bebê um usufruto da vida sem que ele precise se ocupar da economia de gozo. É daí que o gozo Outro faz seu comparecimento na maternidade e não simplesmente contrapondo-se a tal exercício.

Isso pode nos levar a considerar o quanto a suspensão de desejo erótico das mulheres, que tantas vezes caracteriza os primeiros tempos de cuidado de um bebê, se coloca, para além das questões hormonais tão exaustivamente comprovadas na atualidade, como uma economia psíquica de gozo. No caso, ela não operaria por uma simples vitória do gozo fálico da maternidade sobre o gozo feminino com um parceiro situado de modo contraposto. A maternidade possibilitaria a uma mulher, por meio do transitivismo, a recuperação da experiência de um gozo feminino, na medida em que, enquanto mãe, ela se esmera em propiciar, nos cuidados que dirige ao bebê, um gozo da passividade deste, gozo do qual ela mesma, transitivamente, vem também a gozar.

Por isso, se a mãe ousa encarnar o Outro para a criança, é menos por uma deliberada perversão de sua parte – mesmo que em uma sedução⁴⁵¹ pretensamente autorizada em nome do amor e da educação– do que por uma produção da mascarada do Outro que sustenta para o bebê. Ela sustenta a mascarada do Outro, na medida em que ela, mesmo

⁴⁵¹ Recordamos, que a origem etimológica de seduzir é do latim *seductionare* que denota "puxar para si" e "corromper". De fato a mãe, ao fazer-se necessária à economia de gozo do Bebê, o convoca, corrompendo o automatismo natural.

sabendo que não há como completar o Outro essencialmente faltoso (e isso ela o sabe enquanto mulher), sustenta o artifício da produção de tal gozo para o seu bebê, ao mesmo tempo em que se identifica com ele no gozo obtido através da passividade.

A feminilidade, a experiência do gozo Outro, criaria, assim, uma disposição psíquica para efetuar o transativismo com o bebê. Não se trata de que seja necessário, para tanto, ser anatomicamente fêmea. Mas o fato de que um gozo obtido através da passividade – ao fazer-se passar de objeto do gozo do Outro, como é próprio da feminilidade – não tenha sido completamente recalcado com o acesso ao gozo fálico – tal como ocorre na masculinidade para ter acesso à virilidade – pode, durante o exercício da maternidade, criar uma disposição psíquica à identificação transativista da mãe com o gozo da passividade que atribui ao bebê.

É claro que um homem também pode exercer o transativismo. Sem dúvida todos mantêm, ao longo da vida, um transativismo que resta dessa relação primordial com a mãe. Mas, justamente por isso, experimentá-lo implicaria uma retomada⁴⁵² da montagem de fazer-se objeto do gozo do Outro, e recuperar através disso um gozo obtido por meio da passividade e, portanto, um gozo da feminilidade por excelência. Nada impede que um homem que faça uso da masculinidade possa eventualmente revisitá-lo.

O fato de que o transativismo nunca seja completamente eliminado,⁴⁵³ deixando seus restos em nossa vida psíquica. Isso fica claro na reação que costuma ser produzida por um acidente. Diante de um acidente em que o corpo se fere, aqueles que o testemunham frequentemente entram em transativismo – fazem um pouco seu o gozo daquele que está em condição passiva de sofrer. Daí, por exemplo, o gesto de levar as mãos à cabeça ou abraçar o próprio corpo diante de um acidente – como uma tentativa de recuperar a integridade do corpo a partir de ter partilhado transativamente o gozo da passividade que se

⁴⁵² Conforme visto no item “O gozo do Outro e o Outro gozo – aquém e além do complexo de Édipo”.

⁴⁵³ Jacques Lacan (1946). *Acerca de la causalidad psíquica*, p. 170.

supõe àquele que se feriu. Por vezes se é levado a rir diante da queda de outro. Assim, mesmo pela reversão do afeto em seu oposto, se produz um transitivismo pelo qual o sujeito se identifica ao gozo da passividade que atribui a quem sofreu o acidente.

Se isso fica como um resto, sem dúvida está, por assim dizer, à flor da pele nos primórdios da maternidade e se coloca como condição necessária à atenção e à disposição próprias da *preocupação materna primária*, da qual nos falava Winnicott. Nesse tempo em que o bebê não fala, é a mãe quem se situa como tradutora e intérprete do que afeta o corpo do bebê, emprestando-lhe uma representação dos mesmos a partir *do mergulho de suas raízes, como a flor*, no modo como ela mesma se encontra afetada.

No entanto, esse transitivismo aflorado, próprio dos primeiros tempos do exercício da maternidade, apesar de dirigido ao cuidado do bebê, não se mantém circunscrito à relação com este. Seus efeitos repercutem também fora desta relação, fazendo com que as mães nessa circunstância fiquem absolutamente sensíveis a todo tipo de afetação e sofrimento "do vivo". Com muita frequência, as mulheres nessa condição buscam resguardar-se das notícias de desgraças, de acontecimentos tristes, de situações de desamparo, por se sentirem "muito mais expostas" – nas palavras de uma paciente –, como se tais notícias, ainda que vindas de lugares distantes, as implicassem, as afetassem no corpo sem conseguir produzir uma separação psíquica em relação a tais acontecimentos. Não por acaso, é tradição popular preservar as mulheres grávidas ou em período puerperal de notícias perturbadoras.

Certamente há casos nos quais tal condição do transitivismo não se estabelece no laço da mãe com seu bebê, surtindo complicadas consequências para a constituição da criança e tornando necessária uma retomada do mesmo na cena clínica.

Um analista certamente também se vale do que o afeta na cena com a criança para possibilitar-lhe o acesso a representações. Diante de um psiquismo que ainda não trilhou

seu engajamento ao laço com o Outro, quando o que a criança padece no corpo ainda não se articulou à linguagem, isso é decisivo. Isso implica, do lado do analista, por seu inconsciente a trabalhar na direção da cura, para a constituição de uma subjetivação da criança. Isso não coincide com fazer da criança objeto de seu gozo ou deixá-la gozar se servindo do analista. Trata-se de possibilitar à criança ir inscrevendo a borda entre o gozo e o acesso a um saber. Tal inscrição poderá ser retomada, reinscrita, articulada, por meio dos jogos constituintes.⁴⁵⁴

V.11. De como um gozo que não o fálico opera efeitos constituintes para o bebê

É preciso considerar o quanto, no exercício da maternidade, há certos momentos em que se produz uma suspensão da colocação em ato do fantasma fálico.⁴⁵⁵ Isto põe em cena a relação entre gozo Outro, gozo do Outro e gozo do corpo no exercício da maternidade.

Como já foi situado, na inscrição da sexuação ocorrida a partir do complexo de Édipo, o menino, para aceder à masculinidade, tem que recalcar a identificação com o objeto do gozo materno, recalcar seu corpo como objeto desse gozo. Por isso o corpo da masculinidade é um corpo perdido para o gozo fálico, para o gozo da linguagem. Enquanto, na feminilidade, nunca se produz plenamente uma separação do corpo primordial, fica sempre o suplemento de um gozo Outro para além do gozo fálico que faz comparecer um gozo do corpo fora da palavra. Mas há um momento anterior ao drama edípico e à castração que se coloca na relação com a mãe: primeiro é preciso que se constitua um corpo para o bebê a partir desse gozo, já que seu corpo é inicialmente o único instrumento com que conta diante do Outro.

⁴⁵⁴ Tal como será trabalhado no próximo capítulo.

⁴⁵⁵ Alfredo Jerusalinsky. *Angústia e gozo do Outro*.

Nos primórdios a posição de um bebê sempre é passiva diante desse Outro encarnado e torna-se fundamental que esse bebê, em algum ponto, faça o Outro gozar, pois o bebê se regozija nesse gozo que ele produz ao Outro. Aqui aparece o viés do Gozo do Outro como constituinte. E é claro que depois vai se jogar a possibilidade de sair ou não do lugar de objeto do gozo do Outro. Mas isso é um segundo tempo.

Há um tempo inicial da constituição psíquica que implica que o bebê saia de um automatismo centrado em seu próprio corpo e se engaje num *Outro-erotismo* (em uma alterização), ou seja, num circuito pulsional que passa pelo Outro, e cujo prazer só pode ser recuperado no fazer-se olhar, fazer-se ouvir, fazer-se comer.⁴⁵⁶ oferecendo-se como objeto de gozo ao Outro. É a partir daí que se produz um retorno do erotismo ao corpo, ou um autoerotismo enquanto um narcisismo fundante que inaugura a passagem da parcialidade pulsional ao estabelecimento de uma imagem corporal – tão festejado no júbilo do estágio do espelho.

Esse prazer experimentado, esse regozijar-se em ser objeto do gozo do Outro, implica um gozo que não é plenamente da ordem do gozo fálico. Por outro lado, possibilita à mãe buscar, através de uma identificação transativista com o filho, a recuperação de seu próprio gozo com a passividade.

Nesse sentido, Winnicott recorda que, para exercer a função materna, uma mãe, além de situar o bebê em uma equivalência fálica, precisa identificar-se com ele. Situa como necessária à constituição do bebê a preocupação materna primária, e da devoção corrente da mãe, que ao longo dos primeiros meses de cuidado do bebê estabelecem uma situação *na qual, em grande medida ela é o bebê e o bebê é ela. Não há nada de místico nisso. Depois de tudo ela foi bebê alguma vez (...), também tem lembranças de ter sido cuidada, e*

⁴⁵⁶ Tal questão das vozes pulsionais do sujeito perante o Outro, colocada por Jacques (1964). *El seminario. Libro 11. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, p. 185.

*estas lembranças ajudam ou interferem em suas próprias experiências como mãe.*⁴⁵⁷ Tal situação possibilita que se constitua no bebê *a capacidade de experimentar sentimentos que até certo ponto se correspondem com os de uma mãe identificada com o seu bebê, ou melhor dito, uma mãe intensamente dedicada a seu bebê.*⁴⁵⁸

Sabemos do peso da equação fálica no estabelecimento da relação da mãe com o bebê. O bebê entra nessa equação desde a possibilidade de corporizar o falo. Mas é preciso que, por um momento, a mãe renuncie a essa equação para que possa gozar do corpo do bebê que aí está passivo e para que assim o engate na onipotência desde a qual ele, enquanto objeto, completaria o gozo do Outro. É preciso esse intervalo em que a mãe, por um momento, se desconecta do fantasma fálico.

Sabemos também o quanto a mãe dialetiza os cuidados cotidianos, das fezes, papinhas, banhos etc., situando-os em uma perspectiva de realização fálica. Mas, por momentos, ela também experimenta um gozo com o corpo do bebê, gozando não da troca fálica, não da sequência de substituição fálicas, mas do corpo do bebê. Aparece aí, não o valor de troca fálica, mas o valor de uso.

Podemos encontrar isso nas brincadeiras erogenizantes que se produzem nos cuidados cotidianos entre uma mãe e um bebê: nessas brincadeiras absolutamente sem sentido desde o viés da utilidade e da moeda de troca. Esse momento em que a mãe e o bebê colocam em cena um gozo que se produz em uma suspensão fálica. Momentos que, por sua vez, são também decisivos quando, diante de graves patologias orgânicas do bebê, uma mãe pode, por um momento, esquecer-se do que o corpo do bebê negativiza do ideal fálico, e gozar do gozo do Outro com ele.⁴⁵⁹

⁴⁵⁷ Donald Winnicott (1987). *Los bebés y sus madres*, p. 23.

⁴⁵⁸ Idem, p. 24.

⁴⁵⁹ Consideramos que poderia ser correlacionada a esta questão o terceiro tempo do circuito pulsional apontado por Marie-Christine Laznik (1996). Poderíamos pensar numa prevenção da síndrome autística?, p. 35-51.

Em parte, talvez seja daí que se origine o mito da incondicionalidade do amor materno, dado que, nas origens, trata-se de ser objeto que faz o Outro gozar, gozar de seu corpo, por um momento, mais ainda do que amar nele as condições fálicas. Ainda que uma criança venha a ter problemas se ficar aí detida, no entanto esse é um ponto de passagem fundamental na constituição do psiquismo. A questão é como, diante do encontro com uma falta, será possível não ficar simplesmente obturado na montagem de uma suposta complementaridade com o gozo do Outro, mas ir dando lugar aí criações suplementares.

V.12. Como a mascarada materna conduz a criança ao gozo fálico

A mãe procura poupar o bebê do esforço, procura prolongar-lhe o gozo do vivo, o gozo do corpo que lhe atribui, e não o faz desinteressadamente, mas porque disso também obtém um gozo ao identificar-se transitivamente com o seu bebê.

Ao fazer isso possibilita à criança, por sua vez, engajar inadvertidamente seu ciclo vital em um circuito de prazer que já não está simplesmente entregue à necessidade real do corpo, mas que segue o fluxo da ritmicidade estabelecida no laço com o Outro primordial. Aos ritmos orgânicos se superpõem os da linguagem, a tensão e o apaziguamento se engajam em uma ritmicidade simbólica da presença e da ausência do Outro.

Ousando a máscara da repetição a mãe coloca em jogo a inevitável trapaça de procurar produzir uma correspondência entre as urgências do real do corpo do bebê e a ordem simbólica materna. Produz-se aí um *emparelhamento*⁴⁶⁰ entre esse gozo do vivo e a estrutura da linguagem sustentada pela mãe.

⁴⁶⁰ Jacques Lacan (1969-1970). *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*, p. 48.

Nesse artifício em que, indo além do gozo fálico, ela repete, relança um gozo por ela obtido através da passividade, atribuindo-o ao bebê, ao mesmo tempo, ela possibilita ao bebê a passagem de um gozo do corpo para um gozo fálico. Estando ali dividida, ela também divide o bebê.

Ela intervém transitivamente. Supondo que o bebê estaria a experimentar um afeto corporal semelhante ao dela, a mãe põe em cena seus cuidados procurando prolongar o gozo do bebê. Ela só pode fazer isso interpretando e, ao fazê-lo, forja um sentido à produção do bebê, alienando-o. Ao fazer isso *em um só tempo a mãe insere o bebê na linguagem e permite ao gozo ousar a máscara da repetição.*⁴⁶¹

Por um lado, o corpo do bebê é lugar propício ao gozo do Outro, a mãe aí, desde sua função vicariante,⁴⁶² permite que o filho mantenha uma relação parasitária⁴⁶³ com ela. *Seus cuidados são interpretações em atos simbólicos, cujos sentidos são imperativos por arbitrarem valor, constringindo a pureza do gozo da vida, ao acolhê-lo, emoldurando, interrogando e decidindo sua significação.*⁴⁶⁴

Esta superposição, esta equivalência entre o gesto que marca e o corpo e o objeto de gozo, este emparelhamento entre o cuidado materno e a resposta corporal do bebê, na qual este *se identifica como sendo objeto de gozo que porta a glória da marca, gozo do Outro,*⁴⁶⁵ tal como aponta Vorcaro, acaba por ser rompida fazendo o bebê deparar com um encontro faltoso, com uma privação, pela qual algo esperado (desde o já estruturado na cadeia simbólica tecida pela mãe) falta em seu lugar, fazendo surgir o inominado. O bebê aí grita, dirigindo ao Outro seu apelo.⁴⁶⁶ Momento no qual caberia o verso de Caetano

⁴⁶¹ Ângela Vorcaro. Os dragões do tempo primordial: a repetição como primeira identificação, p. 215 -231.

⁴⁶² Jean Bergès e Gabriel Balbo (1998). *Jogos de posições da mãe e da criança.*

⁴⁶³ Jacques Lacan (1962-1963). *O seminário. Livro 10. A angústia,* p. 259.

⁴⁶⁴ Ângela Vorcaro. Os dragões do tempo primordial: a repetição como primeira identificação, p. 215-231.

⁴⁶⁵ Jacques Lacan (1969-1970). *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise,* p. 48.

⁴⁶⁶ Ângela Vorcaro. Os dragões do tempo primordial: a repetição como primeira identificação, p. 215-231.

Veloso: *o mundo é um fluxo sem nexos e é só no oco do seu peito que corre o rio.*⁴⁶⁷

Esse rio que corre se estabeleceu a partir do emparelhamento produzido pela mascarada materna através da qual o gozo do bebê já foi fígado pela estrutura da linguagem que aparelha o ser humano. A partir do encontro com tal descompasso, com tal falta, o pequeno filhote *precisará se apalavrar com esse aparelho,*⁴⁶⁸ precisará ir em busca de estabelecer um *saber como meio de gozo,*⁴⁶⁹ procurando repetir, retomar a partir do significante o gozo perdido. O transitivismo possibilita, assim, uma nova inscrição psíquica pela qual será franqueada para o bebê a sua entrada, como sujeito, no gozo fálico.

Mas retomemos o tempo inicial em que a mãe ousa a máscara da repetição. Nesse tempo inicial, como aponta Gilson, a mãe, *ao mesmo tempo que ousa, dosa.*⁴⁷⁰ A mãe ousa a máscara do Outro e também dosa os cuidados corporais do bebê, imprime neles uma cuidadosa ritmicidade simbólica pela qual o fluxo vital do bebê, se contemplado, deixa-se levar inadvertidamente. Este é um ponto central a ser considerado, pois se a implantação do significante no corpo não prescinde do golpe de força da interpretação materna que, investida da obscura autoridade do Outro, *decreta, legisla, 'aforiza', é oráculo*⁴⁷¹ da significação simbólica que se marca no corpo do bebê; no entanto, para que o bebê porte tal marca como uma glória é preciso que a mesma haja fígado o seu gozo.

A prosódia materna, as canções de ninar, as parlendas, vêm produzir *a articulação de ritmos (especialmente biológicos) à repetição* significativa. *Para conferir sentido àquilo que dele seria desprovido, a repetição prosódica desses elementos se organiza e se ordena em relação a algo experienciado pelo corpo.*⁴⁷²

O manhês, a lalação, esta *alíngua* criada, inventada, forjada pela mãe como um

⁴⁶⁷ Caetano Veloso. Ele me deu um beijo na boca.

⁴⁶⁸ Jacques Lacan (1969-1970). *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*, p. 48.

⁴⁶⁹ Idem, *ibidem*.

⁴⁷⁰ Jean Paul Gilson. *Autismo e língua materna*.

⁴⁷¹ Jacques Lacan (1960b). *Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano*, p. 787.

⁴⁷² Jean Bergès e Gabriel Balbo (1998). *Jogos de posições da mãe e da criança*, p. 129-130.

artifício produzido no âmago da linguagem e à margem dela – não atingindo e, ao mesmo tempo, ultrapassando sua legalidade – para nela contemplar o gozo do seu bebê, *a fim de tornar mais morno o vazio das coisas*,⁴⁷³ traz-nos um vivo exemplo disso.

V.13. Os caminhos da menina e as saídas de mãe

As questões levantadas levam-nos a considerar que, se os caminhos que uma menina pode percorrer diante do encontro com a diferença sexual se trifurcam, sendo somente um deles o que deriva na feminilidade, as saídas de mãe também implicam a retomada desses três percursos possíveis.

Se ser mãe não responde ao que é ser mulher, a maternidade é menos um ponto de chegada do que um relançamento da divisão experimentada por mulheres perante diferentes modos de gozo. A maternidade relança para uma mulher o saldo de seu encontro com a castração, devolvendo-a ao ponto em que os caminhos se trifurcavam. Ao retrilhar esses caminhos uma mãe pode colocar em cena o gozo fálico com o bebê, e certamente é fundamental que o faça. Temos aí uma dimensão de equivalência entre pênis-falo-bebê.

Por essa via encontramos a frequente oscilação que caracteriza a maternidade: ora situando esse bebê como equivalente insuficiente para o pênis de acordo à medida fálica, ora levando-a a fazer desse bebê o triunfo de seu falicismo – qualquer dúvida, vide a conversa das mães na sala de espera do pediatra ao comparar o peso e a altura de seus bebês tais como outrora o fizeram os meninos com seus pênis.

Por isso é central que o bebê não seja tomado como puro objeto de restituição fálica para a mãe, mas como um filho, em uma transmissão que o situe, por meio do nome-do-

⁴⁷³ Ver a este respeito o capítulo “Prosódia e enunciação na clínica com bebês”.

pai, em uma identificação simbólica, além da simples equivalência ao falo imaginário.

Mas a medida fálica não esgota a relação da mãe com o bebê. Por um lado, porque, ao ficar dividida enquanto mulher e mãe, ela busca um gozo Outro com um parceiro que para ela sustenta o falo. Isso implica que, além de ser mãe, ela se refaça mulher, retorne à sua condição de mulher (e, nisso, a convocatória do parceiro não é nada indiferente). Por outro lado, esse gozo Outro não necessariamente é visitado somente fora da maternidade e de modo contraposto a esta. O gozo Outro pode ser retomado no exercício da maternidade, na medida em que, a partir de seus cuidados, a mãe procura prolongar o gozo da passividade que atribui a seu bebê, produzindo uma identificação transativista pela qual retoma seu próprio gozo com a passividade a partir do gozo dele.

Isto dá lugar a uma série de artifícios por meio dos quais a mãe produz, nos cuidados do bebê, o estabelecimento de jogos que implicam um gozo. Esses jogos imprimem suas marcas no funcionamento corporal do bebê e, por vezes, nos fazem testemunhar comparecimentos, em meio à linguagem, de rastros quase poéticos do manhês – quase poéticos na medida em que, como a poesia, *trazem o efeito de sentido e também de furo da linguagem*.⁴⁷⁴ Não por acaso Freud aponta, ao final de sua conferência, que uns dos modos de se aproximar da questão da feminilidade seria dirigindo-se aos poetas.⁴⁷⁵

O gozo Outro mantém uma íntima relação com a criação;

*A criação pode ser definida como a produção de um significante novo no lugar de significante faltoso. (...) Mas o significante criado pelo artista não procura preencher o furo deixado aberto pelo significante da falta do Outro, mas, pelo contrário, revelá-lo e fazê-lo atuar como tal. (...) O que o artista cria é talvez menos a parede, que ele nos oferece como trompe-l'oeil, do que o vazio que esculpe.*⁴⁷⁶

Não seria desta mesma ordem a mascarada que a mãe produz ao ousar, ao criar o seu

⁴⁷⁴ Serge André (1986). *O que quer uma mulher?*, p. 284-285.

⁴⁷⁵ Sigmund Freud (1933). *Feminilidade*, conferência 33: *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, p. 165.

⁴⁷⁶ Serge André (1986). *O que quer uma mulher?*, p. 284-285.

bebê em meio ao encontro com o real do corpo do bebê e a falta de um significante no Outro que lhe aponte o que é ser mulher?

As mulheres, como todos sabem, têm uma relação particular com a criação, pelo fato de poderem dar à luz: como se somente elas tivessem o poder de criar diretamente sem dever fazer o esforço de uma sublimação. Porque, com efeito, não dar ao parto a importância de uma autêntica criação (...) a tentativa de produzir um significante que tome o lugar do significante da falta do Outro antes de cair em sua significação fálica?⁴⁷⁷

Se ser mãe não corresponde ao que é ser mulher, o filho, como um significante novo, não tapa, não obtura, a falta do significante do Outro, pelo contrário, tal como a criação artística, torna presente o vazio que esculpe. O que não deixa de ser uma invenção que, em todo caso, relançará seus argumentos no dia-a-dia do cuidado do bebê que, nos parece, não à toa é denominada criação.

Certamente isto não está dado de partida para uma mãe com seu bebê. Depende de como ela se coloque em tal laço, permitindo, no melhor dos casos, algumas invenções, algumas saídas de mãe, da ordem do *saber fazer ali com isso* indo além da mera repetição da sobredeterminação inconsciente – pois, ainda que esta seja inevitável, nem tudo na maternidade precisa ser a repetição de um imperativo de fazer igual ou completamente o oposto do que a sua própria mãe fez –. A maternidade pode também ser âmbito de criação.

A maternidade implica não só um gozo fálico, mas um gozo Outro próprio da feminilidade, na medida em que se coloca para além do fálico. Ele é retomado pela identificação transativista com o gozo da passividade do bebê. Ali a mãe sustenta para o bebê a montagem do gozo do Outro, pelo qual atrela a economia de gozo do bebê ao Outro. Ela supõe o bebê como sujeito que goza da passividade que ela, desde o gozo Outro, também soube experimentar. Então, apesar de sustentar esta montagem, ela não o fixa nem se fixa para o bebê como objeto do gozo do Outro. Ela também exerce um saber e

⁴⁷⁷ Idem, *ibidem*.

supõe um saber no bebê. Por isso a mãe não é perversa, ainda que seja sedutora (pois não faz do bebê seu objeto) e, por isso, ela não é louca, apesar de sua 'loucura necessária' para supor sujeito no bebê (pois tanto ela quanto o bebê transitam incessantemente não só como objetos do gozo, mas do saber).

Portanto, a maternidade não se situa como uma simples conclusão da feminilidade, ou como sua simples contracara, por uma espécie de divisão esquemática em que a maternidade corresponderia ao gozo fálico e o ser mulher a um gozo especificamente feminino. Por um caminho não calcado em um naturalismo, mas em uma série de operações relativas ao gozo, chegamos a considerar a correlação freudiana estabelecida entre maternidade e feminilidade como uma das saídas possíveis (ao ser uma mulher/mãe), embora não a única para a condição feminina, e sem que as diferentes escolhas de realização da feminilidade impliquem uma recíproca exclusão.

VI. JOGOS CONSTITUINTES DO SUJEITO

O brincar como inscrição de um litoral sustentado no laço mãe-bebê

Quando consideramos o brincar, frequentemente evocamos o faz-de-conta, ápice do brincar simbólico, que tem seu marco inicial no jogo do *Fort-Da*. Mas como considerar o brincar no tempo de ser bebê?

Pelo brincar a criança produz uma resposta, opera uma passagem da passividade à atividade, aponta Freud. Mas se ser bebê implicaria um tempo essencialmente marcado pela passividade, como considerar aí o brincar? Que produções precursoras de um brincar simbólico, propriamente dito, precisam se operar para que venha a se instaurar o *Fort-Da*?

Este capítulo dedica-se a considerar que, se o brincar implica um gozo – tal como Freud nos permite pensar a partir do texto "Além do princípio do prazer" –, o é no árduo trabalho de estabelecimento do litoral entre gozo e saber. A tentativa de produzir tal inscrição, tal traçado, já está em jogo no laço mãe-bebê, configurando, desde os primórdios da constituição psíquica, os aqui chamados *jogos constituintes do sujeito*.

O *Fort-Da*, mesmo sendo uma produção inaugural do brincar simbólico, só pode se estabelecer a partir de *jogos constituintes do sujeito*, que são seus precursores e que já se produzem como primeiras circunscrições de um litoral entre gozo e saber. Esses jogos têm a peculiaridade de não ser nem só do bebê nem só da mãe, mas criações produzidas no laço mãe-bebê. A mãe sustenta a possibilidade de tais produções e até mesmo suscita que sejam postas em ato, e, quando o bebê entra no jogo, quando nele engaja gozosamente seu corpo, a mãe passa a atribuir a ele a autoria, o saber sobre tais produções.

Desse modo, nos jogos constituintes do sujeito opera-se a passagem do gozo ao saber, do objeto ao sujeito, na medida em que a mãe e o bebê, em tais jogos, transitam

incessantemente de uma a outra dessas posições.

É justamente por esses jogos de litoral serem constituintes do sujeito que eles ocupam um lugar central na clínica, tanto com bebês quanto com crianças que, mesmo não sendo mais bebês, não chegaram a produzi-los enquanto resposta psíquica diante do Outro.

Situaremos, a seguir, o brincar da criança para depois podermos retomar esse tempo primordial dos jogos constituintes do sujeito como inscrição de um litoral entre gozo e saber.

VI.1. O brincar na cena clínica e a constituição do sujeito

O brincar é sintoma constituinte do sujeito na infância. Com ele a criança produz resposta ao paradoxo temporal ao qual está confrontada: entre a antecipação simbólica – que situa, desde o inconsciente parental, seu lugar na filiação, sexuação e identificação – e a imaturidade real de seu corpo.⁴⁷⁸

Diante de tal paradoxo é por meio da dilatação imaginária, em que se desenrola o faz-de-conta, que a criança ensaia respostas que a tiram de um lugar de passividade diante do Outro. Tal recurso psíquico torna possível uma esfera protegida para o exercício de uma atividade pela qual não é preciso se responsabilizar, afinal, do que é produzido dentro dessa esfera não se cobra valor de ato, é uma brincadeira. Dentro dela é possível matar, morrer, ser o mais ferrenho inimigo, enfrentar os maiores dilemas morais e depois sentar junto com o amigo para tomar o lanche.

Isso não tira a *seriedade* do brincar, na medida em que, com ele, a criança liga, elabora, *faz série* singular dos acontecimentos de sua vida. Brincar é sério porque

⁴⁷⁸ Julieta Jerusalinsky. Capítulo: "temporalidade e clínica com bebês" em *Enquanto o futuro não vem – a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*; Alfredo Jerusalinsky. *Psicanálise e desenvolvimento infantil*, p.50.

possibilita articulações significantes diante de acometimentos do real, servindo-se para tanto da uma dilatação imaginária do *como se*.

Ao falar do brincar geralmente é este tempo do *faz-de-conta*, do *agora eu era*, do *como se*, que se evoca: o marco do brincar simbólico, tempo em que a criança goza dos deslocamentos a que o significante dá lugar, das metáforas que ele possibilita e por meio das quais uma coisa pode ser tomada por outra – um pano pode virar capa; um pau de vassoura, cavalo; uma panela, a coroa. Na dimensão metafórica do *faz-de-conta* a criança goza dos jogos em que se projeta enquanto realizadora dos ideais-do-eu, buscando apropriar-se de traços identificatórios que lhe garantiriam encarnar o desejo do Outro. *Se o desejo é o desejo do Outro*,⁴⁷⁹ por meio de tal brincar a criança se joga, se lança a ocupar a posição de senhora do (seu) desejo.

O *faz-de-conta* é o tempo do brincar do vir-a-ser, o tempo de dar consistência à projeção imaginária de um futuro. *É central para a constituição que este momento do brincar se produza e que se possa outorgar credibilidade a esta ficção, na medida em que ela é a materialização imaginária que dá ao sujeito a garantia ficcional de que poderá vir a ser.*⁴⁸⁰

Fica evidente que, na produção do *faz-de-conta*, articula-se o desejo de ser grande⁴⁸¹ – desejo em torno do qual se produz uma equivalência entre crescer, virar adulto e realizar o ideal-do-eu.⁴⁸²

Entre a antecipação simbólica de seu lugar no discurso parental, a imaturidade real de seu corpo e a dilatação imaginária dentro da qual lhe é possível tecer seus desenlaces ficcionais, a criança produz um ganho de gozo, mas somente por meio do árduo trabalho de operar uma torção temporal que, tal como os derretidos relógios de Salvador Dalí,

⁴⁷⁹ Jacques Lacan (1953-1954). *O seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud*, p. 172.

⁴⁸⁰ Alfredo Jerusalinsky. *Algumas questões para elaborar a teoria do brincar*.

⁴⁸¹ Sigmund Freud (1908). *Escritores criativos e devaneio*, p. 151.

⁴⁸² Julieta Jerusalinsky. *Enquanto o futuro não vem – A psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*, p. 80.

permite – em tal dobra em que se aloja o sujeito – uma articulação entre o "agora", o "eu era" e o "vir a ser". Por isso, se brincar comporta um gozo da infância, também comporta um árduo trabalho psíquico desse sujeito em constituição, trabalho no qual o próprio corpo fica convocado, e muitas vezes até a exaustão. Por isso, quando as crianças brincam e são interrompidas pelas "banalidades cotidianas" de higiene ou alimentação afirmam, com toda a razão: "Mas não vêm que estamos ocupadas!"

Brincar de faz-de-conta é uma produção que pode ser posta em cena de modo solitário ou ser compartilhada com outros parceiros, o que exige uma intensa negociação no estabelecimento dos argumentos e na distribuição de papéis. Para tanto, a criança precisará contar com certa abertura à alteridade, a fim de poder estabelecer de modo coletivo as vicissitudes das personagens, e também com certa mobilidade psíquica para poder mudar de posição no jogo com o parceiro – alternando os lugares filho-pai, filha-mãe, mau-bom, vítima-algoz – em prol de uma trama coletiva que se articula com e além de sua posição na cena. Por isso, brincar com pares, com semelhantes, é constituinte para a criança.⁴⁸³ Mas, na medida em que tais personagens e seus desenlaces fantasiosos são representantes dos próprios conflitos da criança e de sua tentativa de elaboração, ela precisará também partilhar esses conflitos psíquicos com seus companheiros de jogo, encontrar certo ponto de identificação e certa acolhida para eles na trama coletiva. Daí que as crianças também tenham preferências por certos companheiros de jogo para determinadas brincadeiras. A questão é que, seja com outros parceiros ou articulando solitariamente a trama dos diferentes personagens, no faz-de-conta a criança tece uma ficção de si mesma como possibilidade de vir a ser e enquanto resposta ao seu Outro.

Neste contexto, o objeto brinquedo, mesmo não sendo indiferente, conta menos pelas suas características reais do que por prestar-se à trama que, com ele, a criança dá lugar.

⁴⁸³ Como o próprio Sigmund Freud (1909) afirma em *Análise da fobia de um menino de cinco anos*, p. 26.

Vale menos pelo que é em si do que por adaptar-se ao argumento que interessa encenar. Esta diferença entre o brinquedo como objeto em si e o ato de brincar, mesmo podendo parecer menor, não carece de importância em um contexto cultural em que costumam se exaltar as características dos objetos em si. Não se trata de diminuir a importância do brinquedo – tal é a importância dele no brincar que Freud situa a necessidade da criança de *apoiar seus objetos e situações imaginadas em coisas palpáveis e definíveis do mundo real*⁴⁸⁴ como a principal diferença entre brincar e devanear. Mas, se brincar é operar em torno da falta – do que falta para ser grande, para realizar ideais –, o valor dos brinquedos é tanto maior pelas metáforas que possibilitam do que pelo achatamento sobre suas características reais. Nesse sentido, se o apoio nesses objetos é necessário, o excesso deles também pode ser obstáculo ao ato do brincar simbólico. O fato de esses brinquedos serem excessivamente estruturados pode empurrar a criança na direção do exercício de rituais lúdicos,⁴⁸⁵ nos quais se mantém fixada ao uso sugerido pelos objetos, em lugar de poder transformá-los e criar com eles.

Se, ao falar do brincar, frequentemente se evoca o faz-de-conta, é certo que tal produção não se mantém com a mesma força ao longo de toda a infância. Após certa elaboração, esse modo de brincar cede, pelo menos em parte, dando lugar ao interesse pelos jogos de regras, nos quais se estabelece a oposição entre vencedor-perdedor, certo-errado, justo-injusto, bem-mal.

Nos jogos de regras as normas preestabelecidas vêm lembrar que as realizações do ideal-do-eu exigem que se cumpra um papel em relação à lei. Apesar de que o brincar da criança continue não tendo o valor de um ato, os adultos, e até mesmo os colegas de brincadeira, demandam que ela observe a existência do "modo certo de jogar". Já não é qualquer coisa que vale simplesmente por estar articulada pelo bel-prazer de seus ensaios

⁴⁸⁴ Freud (1908). *Escritores criativos e devaneio*, p. 150.

⁴⁸⁵ Jean Piaget (1959). *El nacimiento de la inteligencia en el niño*.

ficcionais de si.

*Diante dessa faceta de apresentação da lei a criança negocia, diferentemente do que ocorre no momento anterior. Tais negociações vão endurecendo na passagem da lei ad hoc para a lei de todos em que se ensaiam e encenam as crenças, as metafísicas que perpassam o discurso dos adultos.*⁴⁸⁶

Percebe-se aí como o brincar é uma produção ampla que se estende ao longo de toda a infância, mas que não permanece sempre igual, pois, ainda que apresente uma insistência em torno de certos temas, vai articulando diferentes respostas da criança diante do Outro.

Brincar, portanto, não é simplesmente chafurdar sem direção no gozo da infância. Brincar é o próprio trabalho de constituição do sujeito na infância, da inscrição da letra na borda entre gozo ao saber. Daí que se intervenha com e a partir do brincar na psicanálise com crianças, inclusive de crianças que ainda não acederam à fala – por serem ainda muito pequenas ou por, mesmo tendo idade para fazê-lo, estarem acometidas por psicopatologias que as impedem de tomar a palavra.

O brincar, segundo esta perspectiva, assume não só a dimensão de uma posta em cena do inconsciente,⁴⁸⁷ mas a própria possibilidade, o próprio estabelecimento de inscrições constituintes do sujeito na infância. Isto porque, ainda que testemunhar o brincar possibilite ao psicanalista produzir uma leitura acerca das respostas que a criança vem elaborando diante de seu Outro, não é em si uma produção que tenha por alvo mostrar-se a um espectador. Apesar de que o brincar implique uma posta em cena, uma *encenação lúdica* que, tal como a encenação teatral, possibilita o acesso a um gozo,⁴⁸⁸ é um jogo no qual a criança joga com o deslocamento de posição entre ator e espectador de seu próprio

⁴⁸⁶ Alfredo Jerusalinsky. *Algumas questões para elaborar a teoria do brincar*.

⁴⁸⁷ Lembrando aqui a célebre correlação estabelecida por Melanie Klein entre o brincar para a criança e os sonhos para os adultos. Melanie Klein (1926). *Fundamentos psicológicos del análisis del niño*, p. 27-28.

⁴⁸⁸ Tal como aponta Sigmund Freud, (1908). *Escritores criativos e devaneio*, p. 150: *A linguagem acolheu parentesco entre o brincar infantil e a criação poética, chamando ambos "Spiel"* (que pode ser traduzido tanto por jogo quanto por brincadeira), assim como as encenações teatrais são denominadas de «Lustspiel» [«comédia»; literalmente, «jogo de prazer»], «Trauerspiel» [«tragédia»; «jogo de luto»], w designando «Schauspieler» [«ator dramático»; «o que joga ao espetáculo»] a quem as encena.

drama deslocado a um marco ficcional.

Tanto o brincar da criança quanto o fantasiar do adulto comportam um desejo, aponta Freud, mas, enquanto a criança não oculta seu desejo de ser grande, o adulto faz de tudo para ocultar o desejo que se coloca em seu fantasiar, pois ele denuncia sua infantilidade.⁴⁸⁹ Esta afirmação de Freud revela o quanto, ainda que ambas as produções comportem um desejo, este parece operar em direções opostas; o brincar da criança tenta trilhar o percurso que vai do objeto *a* (em torno do qual se busca articular o percurso de recuperação de prazer na parcialidade pulsional, do chupar, do olhar, do pegar em suas vozes ativas e passivas), ao eu-ideal (procurando se fazer valer das insígnias fálicas para ocupar o lugar de objeto de desejo do Outro materno, como fica evidente nas primeiras gracinhas que um bebê produz, como tchauzinho, piscadinhas e palminhas) e do eu-ideal ao ideal-do-eu (procurando os pontos de identificação simbólica que implicam o longo caminho de só poder obter prazer por meio da busca de realização de certo ideal cultural); já as formações do inconsciente no adulto trilham o caminho regressivo desse percurso, evidenciando o que tanto embaraça os adultos: que o prazer jamais se desvincula de suas formas mais infantis, mais primordiais.⁴⁹⁰

Isto nos permite afirmar com todas as letras que, enquanto no adulto o chiste, o sonho, o ato falho, o devaneio, fazem comparecer o desejo nas *formações do inconsciente*, o brincar da criança que procura operar com o desejo é o próprio movimento de um *inconsciente em formação*.

Portanto, que o brincar nem sempre seja ocultado não equivale a dizer que seu objetivo seja o de uma demonstração ou mostração. Prova disso é que, como um dos efeitos do recalque, a criança passe a reclamar ativamente privacidade para tal exercício de gozo, solicitando ao adulto que sorrateiramente se intromete curioso para assistir a cena

⁴⁸⁹ Idem, p. 151.

⁴⁹⁰ Alfredo Jerusalinsky. *Algumas questões para elaborar a teoria do brincar*.

produzida pelas crianças que saia, pois estão brincando. Até mesmo antes de poder formular tal pedido de privacidade é frequente que a criança, entretida com sua produção de faz-de-conta, suspenda o brincar e iniba tal produção quando se percebe observada por um adulto.

Se o que a criança faz com o brincar é o árduo trabalho de buscar situar-se como sujeito em relação ao desejo, em vez de ficar esmagada à condição de objeto de desejo do adulto enquanto Outro encarnado, se no que ela insiste com o seu brincar é em poder operar o jogo de alienação e separação, tornar-se craque nele, só pode resultar-lhe extremamente perturbador, a essa altura de sua constituição, perceber-se tomada enquanto objeto de observação do adulto. Se o adulto produz tal invasão e a criança o flagra – quando este procura fazer-se realmente presente onde é fundamental sua ausência real, a fim de que a própria criança possa por em jogo a presença-ausência a partir da transmissão simbólica da qual se faz herdeira –, ela tem toda a razão de recriminá-lo e pedir que se retire.

Por isso é decisiva a posição que o psicanalista assume no brincar da criança. Quando o brincar se desenrola na cena clínica, o psicanalista não é ali um observador externo cuja função seria a de traduzir uma espécie de inconsciente exposto. Ele, pela transferência, faz parte da estrutura do paciente e, portanto, está tomado como parte integrante da cena do brincar. Intervém aí permitindo que se relance o brincar pelo qual se jogam as possibilidades de resposta desse sujeito em constituição.

Isto frequentemente implica poder brincar com certos conteúdos que resultam insuportáveis para os pais e que, inclusive, tangem temas proibidos pela educação familiar ou escolar, tais como melecas, transbordamentos, palavrões e que não são nada edificantes mas que, no entanto, são centrais para que a criança possa ser detentora de um saber que lhe permita separar-se da posição de objeto do fantasma parental.

É um grande problema que faz obstáculo, resistência à análise, quando a intervenção visa estabelecer uma espécie de tradução em palavras da ação da criança, de explicitar sua compreensão, desvendando por meio de uma coagulação imaginária o que o jogo simbólico da metáfora por ela produzida procurou trabalhosamente recobrir (como seria lhe dizer, diante do jogo do *Fort-Da*: eu entendo que o carretel é a mamãe). Isto leva a fechar o sentido de uma cena em que se cristaliza o lugar do sujeito em relação ao objeto e pode muito bem vir a suspender o jogo, considerando, claro, que a criança já estava produzindo ali uma simbolização – ou seja, em lugar de ficar chorando quando a mãe ia embora, fazia algo que operava uma passagem do gozo ao saber- fazer.

Por outro lado, podemos considerar que o que Melanie Klein faz com o pequeno Dick, de quatro anos –, que estava a empurrar um trenzinho, ao lhe dizer "trem papai, trenzinho Dick" (oferecendo-lhe um trem pequeno ao lado do maior) e, acrescentando, quando este diz "estação", "estação mamãe" – também implica operar uma passagem, elevando a pura cena repetitiva de achatamento sobre o real dos objetos a uma representação de outra coisa.⁴⁹¹ Ali, Klein empresta o significante, introduz a simbolização.⁴⁹²

Consideramos também nesta direção a intervenção produzida na vinheta clínica "*cu-co! Cadê Santiago?*", apresentada no primeiro capítulo. Tal jogo permite operar uma passagem de um real orgânico e da presentificação sinistra do fantasma materno, para um jogo constituinte presença-ausência. O *cu-co* é ali a própria produção de uma inscrição, da letra que opera de modo suplementar, como criação, possibilitando a Santiago, na medida em que se engaja no jogo, uma passagem em sua constituição psíquica.

Evidentemente esta discussão é bastante longa, mas o que procuramos apontar é que a intervenção, em lugar de mimetizar-se a uma referência teórica ou outra, precisa ser um

⁴⁹¹ Melanie Klein (1930). A importância da formação dos símbolos no desenvolvimento do ego, p. 249-264.

⁴⁹² Jacques Lacan (1953-1954). *O seminário. Livro I. Os escritos técnicos de Freud*, p. 83-86.

efeito da leitura do analista acerca do que está em causa para o paciente, possibilitando-lhe operar as passagens entre real, simbólico e imaginário.

A leitura do psicanalista, ao tomar ao pé da letra a produção da criança, sustenta o lugar da imprevisível criação.⁴⁹³ Trata, ao sustentar a brecha, a descontinuidade, as idas e vindas sobre a borda, no jogo de oposição dos significantes, nos quais a criança pode, a partir da transferência com o psicanalista, jogar o jogo de relançar seu desejo. Trata ao operar com os enigmas, com as cifras, a fim de possibilitar *a migalha de liberdade, a migalha de criação*⁴⁹⁴ do sujeito em meio à sobredeterminação que o fixa e o empurra para a repetição. Pode passar assim do chafurdar no gozo a um *saber fazer ali com isso*.

Assim a criança pode, ao brincar de faz-de-conta, fazer e refazer as contas, produzindo novas operações em torno das cifras que para ela insistem. Em lugar de ficar capturada no enigma, pode passar a operar com suas cifras. Daí a pertinência do brincar na clínica com crianças. Ele possibilita, pela transferência, a transposição de registros pelo qual o brincar, ainda que nunca deixe de dizer respeito a um real (e a insistência pulsional demonstra isso), deixa de ser só real, pode possibilitar uma articulação imaginária e simbólica.

Vemos como interrogar a função do brincar na análise com crianças nos leva, em última instância, a interrogar o que se considera estar em jogo em uma análise. Apontar uma e outra vez a repetição, por meio de uma suposta compreensão sobre o assunto, não leva o analisando muito mais longe do que ser exaustivamente reendereçado ao mesmo ponto. Convenhamos que, para isso, ele não precisa do psicanalista, ele trilha o caminho sozinho, como o burro do leiteiro. Depois de uma intervenção dessas, ele pode talvez chegar a ser um burro com conhecimento de causa.

Intervir por meio de uma tradução que busca o fechamento em uma compreensão

⁴⁹³ Ver, a este respeito, capítulo "Leitura de bebês".

⁴⁹⁴ Ainda que possa parecer pequena e o é, já que é no detalhe do trocadilho, sabemos o quanto um pequeno elemento é capaz de subverter toda uma estrutura.

imaginária vai em uma direção clínica. Contar com a letra que insiste para transliterá-la, atravessá-la, transmutá-la, vai em outra.⁴⁹⁵ Se a repetição é inevitável, a questão é como minimamente dar lugar a algo *de novo* com o que insiste *de novo*. Há uma diferença considerável entre construir um conhecimento e saber-fazer: *saber fazer aí com seu sintoma, esse é o valor de uma análise.*⁴⁹⁶

Que a criança não circule pela palavra com o mesmo desembaraço de um adulto, não é alibi para justificar intervenções que buscam fechar em traduções compreensivas as desconcertantes e enigmáticas ações da criança. Que um adulto fale e fale em análise, nunca foi garantia de que ele esteja dizendo algo que efetivamente importa. Assim como o fato de uma criança movimentar os bonequinhos em uma casinha seguindo adequadamente o trilho dos melhores hábitos sociais, não coloca necessariamente em jogo o que efetivamente conta. Tanto o discorrer da fala quanto a sucessão de cenas do brincar podem ser perfeitamente resistenciais. A intervenção trata ao operar na borda que efetivamente interessa para o sujeito: entre o gozo e o saber, entre pulsão e significante. É intervir ali com isso que possibilitará à criança tecer um saber-fazer diante dessa borda que para ela ainda está se inscrevendo.

Nesse trabalho do brincar o gozo da criança ainda não está fixado, diferentemente do adulto, que já tem inscrito o fantasma. Com o trabalho do brincar ela opera a transformação em que estende a borda do *objeto a* ao significante, do sentido fálico ao ideal-do-eu, do discurso parental ao discurso social.

Em um tempo em que o *falasser* não está estabelecido, trata-se de tecer a borda, a inscrição, o traçado primordial, desde o qual um sujeito poderá vir a se situar. Daí que letra e gozo estejam em jogo nos primórdios do brincar enquanto jogos constituintes do sujeito –

⁴⁹⁵ Ver recortes clínicos a seguir.

⁴⁹⁶ Jacques Lacan (1976-1977). *Seminário 24, L'insu que sait de l'une-bevue s'aile à mourre*, classe 1, Las identificaciones, de 16/11/76; *O que é o savoir-faire? É a arte, o artifício, o que dá à arte da qual se é capaz um valor notável.* Jacques Lacan (1975-1976). *O seminário. Livro 23. O sintoma*, p. 59.

enquanto jogos de litoral sustentados no laço com Outro encarnado.

Isto nos leva a interrogar acerca dos primórdios do brincar, antes do estabelecimento do faz-de-conta, antes do estabelecimento deste jogo do vir a ser. Certamente um bebê não encontra a possibilidade de produzir a resposta que uma criança, durante e após a tramitação do conflito edípico, consegue articular com o brincar; ele não conta com a mesma extensão simbólica diante do Outro que lhe possibilite dar lugar a essa montagem que se produz dentro da esfera imaginária do faz-de-conta. No entanto, ao longo da primeira infância, podemos considerar a incidência de jogos constituintes do sujeito sustentados no laço com o Outro encarnado. Tais jogos são produzidos em um tempo em que está ainda sendo constituída a borda que permitirá à criança vir a enunciar um aqui e um lá. Mas, mesmo sendo precursores do *Fort-Da*, já operam em torno da inscrição de um litoral entre gozo e saber.

VI.2. O marco do *Fort-Da*

O *Fort-Da* não tem toda a extensão simbólica que caracteriza o faz-de-conta, mas apresenta todas as características que permitem situá-lo como marco inicial do brincar simbólico. Ele representa um salto estrutural, um divisor de águas na posição da criança perante o seu Outro.

O *Fort-Da* é situado no texto "Além do princípio do prazer",⁴⁹⁷ a partir da célebre cena em que Freud lê como um jogo a produção de seu neto Ernest, de 18 meses, a lançar um carretel para trás da borda da varanda com acortinado de seu berço, de modo que ele ali desaparecesse, e depois produzisse seu retorno, puxando o carretel pela cordinha nele

⁴⁹⁷ Sigmund Freud (1920). Além do princípio do prazer, p. 25-29.

amarrada. Quando sua mãe se ausentava, o pequeno menininho se punha a brincar com esse objeto, estabelecendo uma série articulada de ausência e presença, na medida em que, ao lançar e recuperar o carretel nessa borda da cortina, produzia ativamente uma descontinuidade do seu olhar sobre esse objeto. Além disso, ele acompanhava tal produção *não só por uma intensa expressão de interesse e satisfação,*⁴⁹⁸ mas também por uma produção sonora de "ooo", "aaa", que Freud lê não como uma simples interjeição, mas como as palavras alemãs *fort* (foi, vai embora) e *da* (cá, aqui está), respectivamente. É preciso dizer, e isto é importante para o nosso tema, que Freud tampouco chega a tal leitura sozinho. Ele faz valer a atribuição de sentido que a mãe faz à produção sonora do menininho durante o exercício de seus cuidados.⁴⁹⁹

Freud conta que, com a articulação de tal jogo, a criança, em lugar de se pôr a chorar diante da partida da mãe, se põe a brincar. Produz com isso uma realização cultural: *renuncia a uma satisfação pulsional, se ressarcindo ao encenar por si mesma, com os objetos que tinha a seu alcance, esse desaparecer e regressar.*⁵⁰⁰ É importante considerar o quanto a criança só não chora aí na medida em que tal operação lhe permite trocar a renúncia da satisfação pulsional imediata por um ressarcimento no plano simbólico. Representar tal ausência, apoderar-se dela, representa uma perda em um plano e um ganho em outro. A criança agora pode apoderar-se da situação: *se na vivência era passivo, era afetado por ela, agora se punha em um papel ativo, repetindo-a com o jogo, apesar de que fosse desprazerosa.*⁵⁰¹

Encontramos no *Fort-Da* os componentes que situam o brincar como simbólico: nele ocorre a substituição de um sofrimento vivido de forma passiva pela produção de um jogo em que a criança se situa como senhora de uma atividade; nesse jogo há uma oposição

⁴⁹⁸ Idem.

⁴⁹⁹ Idem.

⁵⁰⁰ Idem.

⁵⁰¹ Idem.

presença-ausência; e, além de tal oposição ser produzida, também é designada, nomeada por ela, na oposição de significantes.

Daí que seja tão infrutífera a discussão acerca do que o carretel representaria. O carretel pode ser a mãe que ele expulsa e recupera, mas também pode ser ele mesmo na descontinuidade de ser visto ou não por este Outro primordial. Pouco importa. O que está em jogo nesse primórdio do brincar simbólico é menos a atribuição de uma significação que recairia sobre o objeto em si (carretel) e muito mais o jogo de oposição significativa a que a criança dá lugar, usando-o como simples pretexto: trata-se de brincar com a articulação de uma série de presenças e ausências a partir da qual a criança começa a poder sustentar-se brevemente na ausência do olhar do Outro primordial sobre si, ao poder nomear por si mesma essa oposição que a acomete.

Frequentemente dizemos que a criança, ao brincar, está entretida. Justamente brincar e entreter-se, sustentar-se brevemente diante da falta do Outro encarnado, ao entre ter-se, ao ter-se entre dois significantes não cai junto com a ausência materna. Ernest se entretém entre o "ooo" e "aaaa". Aí não só representa a ausência da mãe, como nela se representa o próprio sujeito, na mesma medida em que Lacan nos diz que *o significante representa o sujeito para outro significante*.⁵⁰²

Mas quais são as condições precursoras para que este jogo possa chegar a se estabelecer?

⁵⁰² Jacques Lacan (1964). *El seminario. Libro 11. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, p. 244.

VI.3. Jogos de litoral como precursores do *Fort-Da*

Jogos de borda, jogos de superfície, de esburacamento, são denominações que aparecem quando se situam os tempos correlativos aos primórdios do brincar.⁵⁰³

Se tanto interessa ao bebê a superfície e o buraco é porque o que está em jogo aí, quanto à constituição do sujeito, é o traçado de uma borda, que, com tais jogos, retoma a inscrição das zonas erógenas sobre as discontinuidades reais do organismo, produzindo um corpo que, posteriormente, se lança ao espaço e às suas delimitações simbólicas.

Lacan, no texto "Lituraterra", coloca que é a letra que faz borda entre o gozo e o saber. Consideramos que o que está em jogo já nesses precursores do *Fort-Da* é a própria inscrição da letra, que traça o litoral entre um e outro sem jamais esgotar sua discontinuidade. Jogar com a letra que faz litoral entre o gozo e o saber – aí, mais do que em uma cortante linha de fronteira, se produz um ir e vir que, tal como as ondas na areia, avançam e recuam permanentemente redesenhando, rearticulando a relação de litoral entre duas substâncias de diferentes ordens. O que está em jogo no brincar do bebê é um intenso trabalho de construir litoral. O bebê não tem como armar tal litoral senão com e a partir do laço com o Outro encarnado.

Para o humano as bordas não estão dadas. Sobre as discontinuidades do real é preciso que se inscreva uma alternância simbólica, e é sobre tais discontinuidades que se joga eroticamente o jogo de presença e ausência sobre as bordas do corpo.⁵⁰⁴

No início da vida, a partir da instauração de um funcionamento pulsional que tome o Outro em seu circuito, ou seja, a partir da produção de um *Outro-erotismo* é estabelecido um jogo sobre as zonas erógenas em torno dos buracos corporais – olhos, boca, narinas,

⁵⁰³ Ver a este respeito: Alfredo Jerusalinsky. La educación es terapéutica? (Parte I), p. 11-16; Ricardo Rodolfo. *O brincar e o significante*.

⁵⁰⁴ Isto é algo que, quando não se inscreve, ou se inscreve de modo anômalo, produz sintomas no funcionamento das funções corporais, muito frequentemente denominadas como quadros psicossomáticos e com incidência relevante na clínica com bebês.

orelhas, ânus, uretra – , zonas de trocas, onde o jogo simbólico de presença e ausência se introduz sobre a descontinuidade real.

O bebê é erogenamente convocado pelas experiências que circundam essas bordas em seu próprio corpo, assim como no corpo materno. Ele passa a buscar o olhar, excitar-se corporalmente com a voz, endereçar as vocalizações à mãe, olhar o buraco por onde a voz materna sai, sentir em sua pele a expulsão de ar que a acompanha, dirigir sua mão até esse fascinante buraco em um gesto de quem, ao furungar na boca e nos demais buracos do rosto materno, implica-se num jogo de tentar capturar com a própria mão o objeto de satisfação que a pulsão circunda em seu circuito.⁵⁰⁵ Trata-se, nesse momento primordial do erotismo, de um jogo de invasões, expulsões e transbordamentos que tem lugar entre o bebê e a mãe, inscrevendo as bordas primordiais do gozo do corpo, decidindo as vicissitudes da parcialidade pulsional.

Vemos como esse jogo sustentado no laço com a mãe, que põe em movimento para o bebê uma pulsão que circula entre o corpo materno e o seu próprio, torna imprescindível o Outro no circuito de satisfação, a presença da inscrição materna que, como diz certa música, *mantém sempre teso o arco da promessa*.⁵⁰⁶

A mãe, durante os cuidados com o bebê, introduz brincadeiras prazerosas que extrapolam a pura satisfação das necessidades, assim como supõe um brincar por parte do bebê quando este realiza produções que levam a uma satisfação além da necessidade. Temos aí um primeiro tempo do brincar: um brincar que é suposto no bebê por parte da

⁵⁰⁵ Jacques Lacan (1964). *El seminario. Libro 11. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, p. 185.

⁵⁰⁶ Momento primordial do erotismo tão claramente situado pela poesia de Caetano Veloso (1991). *A tua presença morena*, in: *Circulado vivo: A tua presença/ entra pelos sete buracos da minha cabeça/ a tua presença/ pelos olhos, boca, narinas e orelhas/ a tua presença/ paralisa meu momento em que tudo começa/a tua presença/ desintegra e atualiza a minha presença/ a tua presença/ envolve meu tronco, meus braços e minhas pernas/ a tua presença/ é branca, verde, vermelha, azul e amarela/ a tua presença/ é negra, negra/ a tua presença/ transborda pelas portas e pelas janelas/ a tua presença/ silencia os automóveis e as motocicletas/ a tua presença/ se espalha no campo derrubando as cercas/ a tua presença/ é tudo o que se come, é tudo o que se reza/ a tua presença/ coagula o jorro da noite sangrenta/ a tua presença/ é a coisa mais bonita em toda a natureza/ a tua presença/ mantém sempre teso o arco da promessa.*

mãe. Ele fica evidente quando, diante do bebê já satisfeito que realiza uma sucção esparsa ao seio, a mãe afirma "agora está só de brincadeira!"⁵⁰⁷ e permite brevemente tal produção em lugar de interrompê-la bruscamente. Ela não achata a pulsão oral sobre a ingestão de alimento nutritivo; ela a extrapola, brinca de morder as mãozinhas e pezinhos do bebê. Este é o bebê que depois se oferece à mãe como objeto apetitoso ao desejo materno, estabelecendo o terceiro tempo do circuito pulsional – de fazer-se comer, fazer-se olhar.⁵⁰⁸

Em um segundo tempo este jogo se relança, além das fronteiras do corpo materno e as do bebê, na relação com o espaço. Assim que o bebê começa a experimentar deslocamentos espaciais, pelo engatinhar ou caminhar, passa a furungar em todos os buracos, fendas, perfurações da casa, a deter-se sobre seus cantos, bordas, degraus. Passa a ter interesse nas relações continente-conteúdo, explorando gavetas, tirando e pondo objetos em caixas, interessando-se pelo transbordamento de líquidos, tais como o da água do banho ou copos, na hora das refeições.

Se inicialmente o bebê, ao estar no colo ou ser amamentado, desloca a mão pela superfície do corpo materno e pela do seu próprio corpo, experimentando a continuidade e descontinuidade dessa sensação na pele, em um segundo tempo busca produzir este jogo com a comida, espalhando-a sobre as mãos e sobre a mesa, assim como com água, barro, tinta ou outras substâncias que eventualmente possam ter-lhe sido oferecidas.

Ainda que tal produção se estenda e diversifique, o fascínio pelas bordas perdura pelo resto da vida. Basta ir até uma praça ou quintal de escolinha infantil para encontrarmos as crianças reunidas, sentadas em algum cantinho ou pequeno degrau. Basta perceber que para gozar as férias costumam se produzir árduos deslocamentos até alguma

⁵⁰⁷ Silvia Peaguda. *Juegos precursores del Fort-Da*, p. 35-41.

⁵⁰⁸ O terceiro tempo do circuito pulsional é descrito por Lacan e desenvolvido por Laznik como valioso indicador clínico. Jacques Lacan (1964). *El seminario. Libro 11. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, p. 186; Marie-Christine Laznik (1996). Poderíamos pensar numa prevenção da síndrome autística?

borda, entre o céu e a terra, no cume das montanhas, entre a terra e o mar, no litoral.

A extensão do jogo do bebê para outros territórios, que não o corpo materno, depende da oferta substitutiva que a mãe venha a realizar.⁵⁰⁹ Ela oferece um chocalho em um gesto substitutivo do corpo materno, enquanto objeto de satisfação,⁵¹⁰ para que o bebê possa suportar sua breve ausência, para que fique entretido, ou seja, para que ele *se tenha entre*, se sustente, em lugar de simplesmente experimentar uma queda psíquica na ausência da mãe. Esse objeto, por ser substitutivo, introduz uma presença sobre o fundo de uma ausência.

É dentre os objetos oferecidos pela mãe nessas circunstâncias que se estabelecerá um objeto transicional – como substitutivo do objeto do desejo que circula entre o bebê e a mãe e que permite uma metáfora de "este é o outro". Mas a transicionalidade, seja em torno de um objeto, seja enquanto um fenômeno transicional,⁵¹¹ só se instaura para a criança se, por sua vez, a mãe toma a criança como transicional para ela e não como a sua realização fálica definitiva. Somente assim haverá, entre um e outro, espaço para a circulação de objetos substitutivos. Temos aí um segundo tempo da instauração dos jogos precursores do *Fort-Da*.

Como terceiro tempo, encontramos dois precursores diretos desse jogo. O primeiro deles é o que podemos chamar de *jogo de lançamento de objetos para que o outro recupere*. Freud nos fala dele logo antes do jogo do *Fort-Da*, e de um modo um tanto indiferenciado a ele. Conta-nos que seu neto *exibia o incômodo hábito de jogar longe de si, para um canto ou para baixo da cama todos os pequenos objetos que encontrava a seu*

⁵⁰⁹ Podemos considerar aí a importância justamente atribuída por Winnicott à mostraçõ de objeto, ou apresentaçõ de objeto, como uma das importantes incumbências da funçõ materna. Donald Winnicott (1960). *La relación inicial de una madre con su bebé*, p. 34.

⁵¹⁰ Silvia Peaguda. *Juegos precursores del Fort-Da*.

⁵¹¹ Já que além do objeto transicional a criança pode preferir entoar uma melodia ou roçar um tecido, como fenômeno transicional, como aponta Donald Winnicott (1971). *Realidad y juego*, p. 20.

*alcance, de modo que não costumava ser tarefa fácil juntar seus brinquedos.*⁵¹²

Ora, ainda que tal jogo seja um precursor direto do *Fort-Da*, são os outros que precisam ali recuperar os objetos para o bebê, detalhe que faz toda a diferença. Ou seja, é imprescindível que inicialmente haja alguém que se encarregue do "trabalho" necessário para que a criança possa gozar da infância. Quando isto está instaurado na relação com seu Outro é usual que o bebê de seis meses vocalize ou olhe expectante para a mãe em uma clara demanda de que ela recupere o objeto que ele deixou cair, do berço, da banheira ou do cadeirão de comer. Assim como é usual que os pais falem do árduo trabalho de sustentar a série de perdas e recuperações de objeto, de ausência e presença, considerando-o, ao mesmo tempo, exaustivo e necessário para o estabelecimento da satisfação e insatisfação do bebê. Sem esta dimensão inicial não há como se estabelecer o laço da criança com o Outro encarnado, estendendo o arco de seu circuito pulsional e situando-o em um endereçamento.

Frequentemente chegam para atendimento pequenas crianças com severos problemas de aquisição da fala, domínio psicomotor, aprendizagem ou hábitos. Muitas vezes, quase à margem de tais relatos clínicos, fala-se de uma ausência de brincar, em lugar do qual apareceria a produção de um lançar indiferenciadamente qualquer brinquedo em qualquer direção sem que a criança busque recuperá-los ou espere que outros o recuperem para ela. Isto jamais é uma simples coincidência. Encontramos aí os efeitos de uma não instauração de um circuito com o Outro no qual tenha se operado o jogo da perda e recuperação do objeto para a criança.⁵¹³ Por isso, torna-se central na clínica considerar como instaurá-lo, partindo, para isso, da produção que a criança coloca em cena.

É preciso propiciar, no marco clínico, a sustentação da produção de uma série presença-ausência, através do trabalho de recuperar e reendereçar à criança os fragmentos

⁵¹² Sigmund Freud (1920). Além do princípio do prazer, p. 26.

⁵¹³ Ou seja, se isto não é produzido com os objetos, por parte de um bebê entre os 6 e 12 meses, é porque não se instalou em relação aos objetos pulsionais.

que ela joga ou deixa cair – ora colocando-se como destinatário do arremesso inicialmente errante, ora recuperando o que desinteressada ou distraidamente a criança deixou cair, permitindo-lhe retomar ou abandonar esse objeto que passamos a sustentar em uma série para ela – com nosso gesto de recuperação, com a entoação de nossa voz, com nosso olhar.

Outro jogo imediatamente precursor do *Fort-Da* é o *cadê-achou*. Nele cobre-se o rosto do bebê com um paninho e logo se interroga pela ausência, dizendo "cadê?", seguida do reencontro que é acompanhado por um festivo "achou!".⁵¹⁴ Nele trata-se de introduzir uma descontinuidade do olhar entre a mãe e o bebê. Brinca-se da produção de uma ausência e do júbilo experimentado no reencontro, assim como a descontinuidade do objeto voz entre a interrogação, o silêncio e o festejo pelo reencontro.

Ainda que não costume ser referido ou especificado como diferenciado do *Fort-Da*, Freud fala do jogo do *cadê-achou* no texto "Inibição, sintoma e angústia", afirmando que, com ele, a mãe possibilita ao bebê experimentar *um anseio desacompanhado de desespero*.⁵¹⁵ Situa-o como central para que o bebê não fique para sempre exposto a uma angústia primordial, experimentada como uma dor dilacerante na ausência da mãe. Nesse jogo, o tempo de ausência não pode se prolongar muito, ou o bebê fica efetivamente angustiado. A presença precisa suceder brevemente a ausência.

Ainda que consideremos o *cu-co* ou *cadê?-achou!* um precursor direto do *Fort-Da*, ele apresenta três importantes diferenças: em primeiro lugar, precisa ocorrer pela introdução de uma descontinuidade, uma ausência, introduzida na presença do outro, diferentemente do *Fort-Da*, que se desenrola em sua ausência; o jogo de produzir ausência-presença ocorre efetivamente com o outro e não pelo brincar do bebê com um objeto substitutivo; e, por último, é o outro que coloca as palavras que marcam a descontinuidade,

⁵¹⁴ Este jogo, em algumas regiões, é também denominado de *cu-co*, fazendo referência ao passarinho que aparece e desaparece no relógio acompanhado do som que anuncia a passagem das horas. Ver, a este respeito, recorte clínico I, apresentado na passagem I.6. "*Cu-co!* cadê Santiago?"

⁵¹⁵ Sigmund Freud (1926). Inibições, sintomas e ansiedade, p. 195.

que nomeia a oposição significativa entre o *cadê* e o *achou*.

Há um tempo em que o bebê precisa radicalmente desse Outro encarnado para sustentar-se psiquicamente. A *angústia dos oito meses*⁵¹⁶ é uma angústia primordial própria da constituição em que, ao não se encontrar com a mãe que sustenta seu reconhecimento, o bebê experimenta um estranhamento de si mesmo que coloca em questão seu próprio ser. Vê-se então assaltado por uma interrogação radical: "essa não é a mamãe. E eu?".

Mais adiante, em um tempo posterior ao *Fort-Da*, a criança brincará de se esconder, ou seja, brincará de produzir falta no Outro. É frequente que ela se esconda quando a mãe retorna de um breve período de ausência, por exemplo, do trabalho. A criança, que sentiu a sua falta, agora goza de fazer falta ao Outro. Mal pode conter o riso em seu esconderijo enquanto a mãe a procura. Esta cena resulta bastante insuportável para a criança pequena, que não aguenta ficar escondida, na medida em que estar ausente para o Outro que a sustenta psiquicamente equivale a estar ausente de si mesma.

O bebê que brinca de *cadê-achou* é um bebê cujo erotismo está enlaçado ao Outro. O olhar do Outro encarnado para ele conta. Tanto é que tal produção convive com a de fazer gracinhas para fazer-se olhar – tais como bater palminhas, piscar, dar tchau. Tais gracinhas têm o valor de recursos articulados a ideais sociais que permitem ao bebê fazer-se interessante para esse Outro encarnado cujo olhar, cuja voz, cujo endereçamento pulsional instauram o que conta.

Este e todos os jogos precursores do *Fort-Da* são sustentados no laço mãe-bebê. Como continuar uma série após uma separação? Algo vem depois da ausência? É a indagação que neles se articula. Se não há ausência, se não há separação, tampouco há como produzir inscrição, não há como armar série.

A criança só poderá chegar a produzir este marco do *Fort-Da* se, em um tempo

⁵¹⁶ René Spitz (1965). *El primer año de vida del niño*, p. 118-124.

anterior, se encontrar com um agente da função materna que acolha e se implique no cálculo com o gozo da criança. *É preciso um Outro que acolha a demanda do pequeno sujeito. Está bem que tem que ser guiado pela lei simbólica, mas tem que encontrar o modo de satisfazê-lo sem colidir com a lei.*⁵¹⁷ Nos jogos de litoral, enquanto constituintes do sujeito, encontramos justamente essa característica – um jogo e um imenso trabalho de produzir litoral ao gozo do bebê que é ofertado e sustentado pela mãe, mas, uma vez que o bebê nele engaja o gozo de seu corpo, a mãe prontamente lhe atribui a autoria e o saber sobre tal jogo.

Comparece aí a articulação, a borda entre gozo e saber que vai se inscrevendo na medida em que a mãe e o bebê, nesses jogos de litoral, circulam incessantemente pela posição de objeto e sujeito. Ora detendo um saber, ora engajando seu corpo no gozo propiciado pelo outro. Isto é central para a constituição e para que posteriormente possa devir o jogo do *Fort-Da*.

No momento seguinte, no tempo do *Fort-Da*, a criança irá efetivamente brincar de revisitar seu laço com a mãe, enquanto Outro encarnado. Brincará de reversão de lugares com ele, elaborando, por meio de cenas substitutivas com brinquedos, as passagens da passividade à atividade – irá fazê-lo aparecer e desaparecer, cuidar dele e maltratá-lo, em *uma revolta inequívoca contra a passividade*.⁵¹⁸ O brincar de bonecas das meninas nesse momento representa menos uma passagem à posição feminina por identificação à mãe, do que uma posição ativa, revertendo os lugares, em relação à mãe.⁵¹⁹

⁵¹⁷ Alfredo Jerusalinsky. *Algumas questões para elaborar a teoria do brincar*.

⁵¹⁸ Sigmund Freud (1931). *Sexualidade feminina*, p. 271.

⁵¹⁹ Idem, *ibidem*.

VI.4. Jogos de temporalidade intersubjetiva:

no litoral entre a expectativa e a precipitação

Nos *jogos precursores do Fort-Da* e no *Fort-Da* propriamente dito, em geral coloca-se em relevo o estabelecimento de uma borda relativa à dimensão espacial (no território do corpo, na geografia da casa). Este é um aspecto central no que diz respeito ao estabelecimento de um litoral entre gozo e saber. No entanto, há outro aspecto no qual este litoral também opera: a dimensão temporal.

Todo o intenso trabalho materno do bordejamento do corpo do bebê que se instaura em relação à superfície e aos seus buracos, erotizando e delimitando espacialmente zonas nesse corpo, também inscreve um ritmo, uma temporalidade no funcionamento corporal.⁵²⁰ Espaço e tempo, ambos estão implicados na inscrição do litoral produzido nos jogos que permeiam os cuidados da mãe com o bebê.

Se o *Fort-Da* joga com a borda entre o "*aqui e o lá*", em termos espaciais, o "*um, dois, três eeee.. já!*" joga com a fina lâmina que separa (entre o *eeee* arrastado e o *já*) a espera da precipitação no ato, a expectativa da realização.

Os jogos de expectativa e surpresa, de espera e precipitação se colocam desde muito cedo no laço mãe-bebê. Exemplo disso é a mãe que, movendo a mão em direção ao bebê, anuncia: *olha a aranha descendo, vem chegando, vem chegando, eeeee.... chegou!* – fazendo cócegas no bebê.

A borda temporal que esse jogo tece não diz respeito a um tempo do relógio, mas a um tempo de espera e precipitação, de expectativa e realização. O bebê engajado na temporalidade intersubjetiva que permeia esse jogo ri mesmo antes que a aranha chegue a fazer as cócegas em seu corpo. Ele já sabe, ele antecipa o gozo que está por vir.

⁵²⁰ Jean Bergès (1988a). O corpo e o olhar do Outro, p. 54; Julieta Jerusalinsky. *Enquanto o futuro não vem – a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*, p. 157.

Os jogos de expectativa e precipitação se colocam em cena, por exemplo, nas cantigas e parlendas infantis. Se inicialmente a mãe joga com o ritmo da música, o que produz efeito no bebê engajado em tal temporalidade,⁵²¹ em um segundo momento ela oferece cantigas e parlendas nas quais produz uma espera para que a fala ou gesto da pequena criança possa se engajar na cantiga. A mãe e a pequena criança mantêm a expectativa até o momento certo em que a fala da criança precipita-se nessa esperada realização.⁵²²

Se o jogo de esconde-esconde se articula em torno da borda espacial que coloca em jogo a presença-ausência da voz, do olhar, ou de outra parcialidade pulsional engajada em um circuito com o Outro, o jogo de pega-pega, por sua vez, coloca em relevo a dimensão temporal de pressa na precipitação do ato ou de espera.

Há jogos em que é preciso produzir um lançamento do objeto (da bola, por exemplo), ou em que é preciso lançar o próprio corpo em uma corrida no momento em que se é convocado a precipitar-se no "já"; jogos nos quais é preciso virar estátua quando é dada a ordem, ou sentar-se na cadeira quando a música para. Todas estas são versões que vão tornando mais complexos, mediando com mais regras, estes jogos de expectativa e precipitação no ato.⁵²³

Esta dimensão temporal permeia, desde os primórdios, os cuidados dirigidos ao bebê. Em tais cuidados, a mãe espera as realizações do bebê com uma certeza antecipada, mas, quando ele se precipita na realização do ato esperado – por exemplo, ao caminhar ou ao falar as primeiras palavras –, isso toma a todos de surpresa. Ora, o que surpreenderia, sendo que é um ato esperado? Na medida em que a criança engaja seu gozo em tal

⁵²¹ Ângela Vorcaro. O organismo e a linguagem maternante: hipótese de trabalho sobre as condições do advento da fala e seus sintomas. Ver também capítulo "Prosódia e enunciação na clínica com bebês", desta tese.

⁵²² Veja-se, por exemplo, a cantiga popular *Atirei um pau no gato*, em que toda uma história é contada até que o gato berra, e aí a pequena criança pode dizer o esperado: *miau!* Ou em *Escravos de Jó*, em que as estrofes: *tira-bota deixa ficar* coincidem com um gesto que é demandado.

⁵²³ Julieta Jerusalinsky. *Enquanto o futuro não vem – a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*, p. 296.

produção, os pais passam a atribuir a ela o saber sobre isso, passam, então, da posição dos que sustentavam uma certeza antecipada para a de surpreendidos diante da realização de um suposto sujeito ao qual atribuem a autoria do ato.⁵²⁴ Opera-se aí a inscrição e a ultrapassagem da margem em que a criança, antes implicada no gozo do brincar, passa a ser também detentora de um saber.

Esse jogo temporal também é retomado mais adiante pela criança quando brinca de, propositalmente, tomar os pais de surpresa, de assustá-los dizendo "bu!"

Os jogos de mágica, que tanto fascinam crianças e adultos, colocam em cena os deslocamentos temporais e espaciais nos quais o objeto nunca está no espaço e tempo onde se espera, ou aparece no momento ou lugar menos esperado.

Que o bebê antecipe no jogo com a mãe o que está por vir e que a mãe se surpreenda diante das realizações do filho, implicam um jogo de inscrição de litoral entre gozo e saber sustentado nesse laço em torno da dimensão temporal. Se a mãe inicialmente detinha um saber, por uma certeza antecipada, na medida em que o bebê engaja seu gozo no jogo, a mãe se surpreende, passando para o bebê a autoria sobre tal produção, supondo do lado dele o saber.

Esses jogos de temporalidade intersubjetiva frequentemente primam por sua ausência em crianças em grave padecimento psíquico. Encontramos crianças que não antecipam o gozo que está por vir diante de alguém que sustentaria o arco da promessa de realização.⁵²⁵ Por outro lado, frequentemente encontramos, e não por coincidência, pais que padecem e temem por atrasos das produções do filho e clamam por sua adequação cronológica às pautas de desenvolvimento, ao mesmo tempo em que não costumam tomar como realizações de um sujeito tais produções. Em lugar de experimentarem a surpresa com a criança, ao atribuir-lhe autoria sobre o seu ato, permanecem no espanto de um

⁵²⁴ Idem, p. 160-166.

⁵²⁵ Ver acima nota 506 acerca da música *A tua presença morena*.

suposto sem-sentido. O gozo aí transborda, mas não se articula sua borda em relação à produção de um saber.

VI.5. A mãe que borda a letra ao corpo:

loucura e sedução como necessárias à função materna

A mãe tem o intenso trabalho de produzir uma trama que não é fechada em torno do corpo do bebê. Faz com ele um intenso trabalho de bordado, de bordejar os buracos corporais. Sobre as discontinuidades reais do corpo ela borda um mapa erógeno, redesenha suas bordas, fazendo inscrição em torno de cada uma de um litoral de gozo. Assim, as zonas corporais são eroticamente delimitadas, instaurando uma dimensão espacial do corpo. Mas ela também estabelece no laço com o bebê, nos cuidados e jogos que implicam cada zona erógena, um funcionamento ritmado, inscrevendo-os em uma dimensão temporal, tão relevante para o prazer quanto a dimensão espacial.

Mas, para que tal inscrição materna opere, para que ela se produza, é preciso que acolha o gozo do bebê ao mesmo tempo em que lhe faz litoral a partir de um saber. Assim, quando a mãe fala ao bebê, quando lhe endereça palavras que quer que o bebê receba, o faz utilizando uma forma de falar com ele particularmente convocante (articulando o gozo da voz, como objeto pulsional, ao chamamento do comparecimento do sujeito na linguagem).⁵²⁶ O bebê não se engaja se o que está em jogo não for, por assim dizer, minimamente convidativo, minimamente sedutor. Para tanto, a mãe se ocupa cuidadosamente de propiciar transitivamente gozo a seu bebê de modo que este gozo, em lugar de ficar achatado sobre uma zona corporal, torne imprescindível o Outro em seu

⁵²⁶ Ver a este respeito o capítulo "Prosódia e enunciação na clínica com bebês".

circuito. A mãe, de fato, perverte, corrompe a natureza, superpondo ao gozo do corpo do bebê, um gozo que mascaradamente, capciosamente, passa a ficar atrelado ao saber materno.⁵²⁷ Surge assim um pequeno perverso polimorfo.

Uma vez engajado, o gozo do corpo faz litoral com o saber. A dor sentida na carne da pequena criança que cai requer o "ai!" que a mãe transitivamente coloca, emprestando em cena seu próprio saber, do qual a criança se apropria para que a dor possa ser sua, para que o corpo possa ser seu – alienado e separado do corpo materno.⁵²⁸

Nos cuidados que uma mãe dirige ao bebê, nos jogos que coloca em cena com ele, já está presente a estrutura da linguagem, a alternância presença-ausência,⁵²⁹ a alteridade, o estabelecimento da demanda e a suposição do bebê como sujeito. O bebê é suposto pela mãe como alguém que sabe e é por isso que ela pode outorgar um estatuto de fala às produções vocálicas e corporais do bebê, tomando-as na linguagem.

É preciso que ocorra uma ilusão antecipadora desde a função materna, que a mãe atribua ao bebê um determinado lugar simbólico, o de um sujeito que, para ela, supostamente sabe de seu desejo – apesar de toda a insuficiência real de seu corpo –, para que o bebê possa se constituir enquanto tal. Winnicott denominava isso de *loucura necessária das mães*. É uma questão interessante pensarmos o quanto a nossa intervenção não implica certa *loucura necessária do clínico*,⁵³⁰ na medida em que intervimos supondo um sujeito uma vez que, para que a criança venha constituir-se enquanto tal é condição que seja inicialmente suposta como tributária de um saber.

Então, se a sedução é condição necessária para a função materna, ela não se detém

⁵²⁷ O sentido de seduzir, para além de perverter, corromper, aponta a capacidade ou processo de atrair alguém capciosamente ou através do estímulo à sua esperança ou desejo. In: Dicionário eletrônico Houaiss.

⁵²⁸ Ver a este respeito o capítulo "A maternidade além do gozo fálico".

⁵²⁹ *O que a criança demanda à sua mãe com sua demanda é algo destinado, para ele a estruturar a relação presença-ausência que o jogo original do Fort-Da estrutura e que é um primeiro exercício de mestria.* Jacques Lacan (1962-1963). *O seminário. Livro 10. A angústia*, p. 76. Optamos pela livre tradução a partir de edição eletrônica estabelecida para circulação interna da Escuela Freudiana de Buenos Aires.

⁵³⁰ Julieta Jerusalinsky. *Enquanto o futuro não vem – a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*, p. 132.

em tomar o bebê como um objeto para si, ela o faz por meio da loucura necessária, tributária de um saber. Entre a loucura necessária que antecipa a suposição de um sujeito e a sedução que convoca o bebê a engajar o seu gozo em uma matriz simbolizante; entre a prevenção das possíveis dificuldades e a surpresa com a criação do bebê é que pivoteia a função materna sustentando, para o bebê, a inscrição da letra enquanto litoral entre gozo e saber.

VI.6. A criação da criança e o laço mãe-bebê

"A criação da criança" é uma frase que se presta a um equívoco entre genitivo subjetivo e genitivo objetivo: o que estaria em jogo seria o modo como a criança é criada ou o seu próprio ato criativo?

Este equívoco é justamente o que opera nos jogos constituintes do sujeito nos quais tanto a mãe quanto a criança se intercalam no lugar de objeto de gozo e sujeito de um saber. Desse modo, em um tempo primordial da constituição psíquica, as duas posições – a de criador e a de criatura – estão em cena de modo absolutamente entrelaçado: é pelo modo como a criança é nomeada, alimentada, cuidada, que se dá lugar, se atribui antecipatoriamente a possibilidade de seu próprio ato criativo; ao mesmo tempo em que seu corpo é receptáculo⁵³¹ de inscrições primordiais, é porque se considera que a criança teria supostamente a capacidade de inventar, de realizar algo nunca antes realizado, que se sustentam de um modo peculiar os cuidados a ela dirigidos.

Mais precisamente: o Outro convoca o gozo da criança, mas, uma vez que esta se engaja, é preciso que o Outro suponha, atribua à criança um saber sobre sua produção, para

⁵³¹ Jean Bergès (1988a). O corpo e o olhar do Outro, p. 51-65.

que a própria autoria da criança possa vir a se estabelecer. Por isso, consideramos central sustentar a dimensão equívoca "da criação da criança" para circunscrever o que se opera nos jogos constituintes do sujeito.

Quando se fala de clínica com crianças, frequentemente é evocado o termo infância, como momento da vida relativa ao *infans* – enquanto aquele que ainda não fala. Que a criança não circula pela linguagem com a mesma desenvoltura de um adulto é certo. No entanto, é na linguagem que ela já tem um lugar demarcado, a partir do qual precisará realizar a travessia do ser falado a devir enquanto *falasser*.

Mas o que fazer enquanto isso? Ou melhor, o que fazer para que tal passagem – do ser falado ao *falasser* – possa vir a se produzir? O que fazemos na clínica com aqueles que ainda não falam? Ora, brincamos. Não é que brincamos para simplesmente deixar passar o tempo da infância, preenchendo-o com uma atividade recreativa qualquer. Propomos e levamos a sério esse brincar da criança. Essa é a inventiva saída que, enquanto analistas de crianças, produzimos. Em lugar de insistir sobre a insuficiência da fala do infante, fazemos o que se faz de melhor em nossa cultura diante daquilo que a palavra não representou: sustentamos a possibilidade de uma criação em transferência (que não é só do paciente, nem do analista). Criamos em análise.

Criança (do latim *creantia*) é ao mesmo tempo ser que se encontra na infância e ato e efeito de cuidar, como sinônimo de criação.⁵³² *Criar* (do latim *creare*) diz de produzir uma coisa que até então não existia. Engendrar, inventar, fundar, fazer nascer, fazer crescer, nomear, alimentar e cuidar.

Brincar assume na clínica a dimensão de sustentar a produção de atos de criação da criança diante de uma palavra que, por sua condição de infante, ainda se revela insuficiente. Dar lugar ao brincar na clínica com a criança implica a possibilidade de

⁵³² Fontes consultadas: *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*; *Dicionário Larousse ilustrado*; *Dicionário escolar Latino Português*.

sustentar a condição para que ela possa vir a ser autora de atos criativos, sustentado seu lugar de sujeito ali onde a fala ainda se revela insuficiente, mas que podem ser exercidos na esfera protegida do brincar. Por isso, levar a sério o brincar implica dar valor de ato de um sujeito às produções da criança, reconhecendo-a enquanto tal para que então ela possa, por meio desse brincar, vir a desdobrar um saber-fazer.

VI.7. Diabo, diabão, dia *bão!* – recorte clínico V

"Agora estou com medo de uma palavra!", diz Estela, no começo de uma sessão.

Quando lhe pergunto de qual palavra, ela afirma que não pode dizê-la, pois a mãe lhe disse que "poderia atrair coisas ruins". Quando lhe digo que se não me contar não poderei ajudá-la e que ficar com medo certamente vai ser muito ruim, decide soletrá-la, na tentativa de, ao romper a sonoridade no ato de sua pronúncia, evitar seus supostos efeitos maléficos.

"D-I-A-B-O" diz, letra por letra.

Pergunto como foi que isso começou. Ela me conta que estava brincando de cantar em inglês (brincadeira que costuma fazer seguindo a melodia e reproduzindo sequências de fonemas saxões que, no entanto, geralmente não formam palavra alguma) quando a mãe lhe perguntou se ela sabia o que a música dizia. Ela não sabia. A mãe lhe conta que a música falava do diabo e diz seu nome em inglês. Tratava-se da música *Simpathy for the devil*.⁵³³ A partir de então ela descobre que *Cruela Devil*, vilã do filme e conto infantil *Cento e um dálmatas*, também faz referencia ao diabo.

Diz, então, que quer brincar com argila. Brincadeira que costuma solicitar nas sessões, enquanto conversamos.

⁵³³ Rolling Stones (1968). Album *Beggars Banquet*, gravadora Decca. Sua Letra diz: *Pleaset to meet you, hope you guess my name. Ah, hats puzzling you is the nature of my game.* Em português: Espero que você adivinhe meu nome. O que incomoda você é a natureza de meu jogo.

Há algumas sessões havia feito em argila a escultura *uma menina dormindo sozinha na cama* (composta de menina com ursinho, cama e mesa de cabeceira com abajur). A escultura exigiu bastante trabalho e mais de uma sessão entre confecção, pintura e secagem, após o que pediu para dá-la de presente para o dia das mães, fato a que assenti, por ser um ato importante de endereçamento à mãe.

De fato, isso fez a mãe solicitar algumas sessões para falar do assunto: Estela dormia na cama com a mãe, para contento das duas diante do consentimento contrariado do pai. Questão importante na história dessa menina de sete anos padecendo de importantes sintomas fóbicos que a impedem de realizar desde passeios escolares até qualquer ato que implicasse o mais mínimo risco corporal (desde andar de patins até pular do sofá).

A sessão em que me conta de seu "medo da palavra diabo" cai justamente no dia dos namorados. Enquanto começamos a brincar com argila, conta-me que o pai não iria comprar presente para a mãe porque, em lugar de trocar presentes, eles combinaram de sair para jantar. Diz então que, como o pai não ia mesmo dar presente, ela poderia fazer um presente para a mãe. Tal ato eu não consinto, situando que o presente que ela poderia dar já havia sido dado: o do dia das mães. Aponto ainda que, se a mãe e o pai haviam combinado assim o dia dos namorados, isso não era problema dela.

Ela, que é uma menina bastante inteligente, logo responde, sorrindo: "Tá bom, eu entendi!", e decide, dessa vez, fazer um boneco do Cebolinha.⁵³⁴ Pede que eu também faça um outro personagem, que, atribui, eu deveria escolher. Começamos a modelar e ela percebe que eu estou fazendo um diabo e ri. Logo diz que é um boneco grande.

— Então é um *diabão!*, lhe digo. E depois pergunto:

⁵³⁴ Personagem da história de quadrinhos para crianças *Turma da Mônica*, de Maurício de Souza, cuja principal característica é falar errado – o que não me parece uma escolha casual diante do temor que lhe produziu que a mãe soubesse o que ela dizia sem saber.

— E se fosse o Chico Bento que dissesse isso? Dia *bão*, só!⁵³⁵

Ela gargalha com a brincadeira e a repete algumas vezes. Depois me diz:

— Lá vem você com a palavra esperta.

— Palavra esperta?, interrogo, um tanto surpresa com a formulação.

— É. Que parece que diz uma coisa, mas diz outra... Acho que agora eu perdi o medo dessa palavra, afirma.

Tal recorte clínico nos permite pensar o quanto brincar é decifrar, não para positivar um conhecimento sobre o sintoma, desvendando um sentido supostamente oculto, mas para permitir ao sujeito operar com a cifra.

O extremo dessa questão se coloca quando a criança passa a brincar com a língua, chegando aos jogos de palavras. Durante bastante tempo ela é presa da língua, não consegue apropriar-se de um saber que lhe permita achar a graça, recuperar o gozo, da piada que ela mesma conta fazendo outro rir. Ou, como aponta Freud, ela é capaz de produzir ditos ingênuos guiando-se pela mesma lógica da produção de um chiste, por exemplo, a homofonia, mas sem ter tal intenção.⁵³⁶ É o outro que sabe e ela fica capturada em um gozo que produz ao contar a piada, mas em relação ao qual não pode fazer-se sujeito de um saber. Daí que seja um salto quando pode tomar a palavra como objeto de jogo.

O jogo de palavras certamente é o jogo mais fino, sutil a que se pode chegar. Ao brincar com a letra, tergiversando a língua por meio de um saber, se produz um mais-de-gozar que leva a rir através da linguagem, com o corpo. Como uma criança de três anos que ria ao dizer que "a locadora (de DVDs) era um lugar cheio de loucos", ou a de cinco que, diante da insistência da mãe de que fizesse compressas para baixar a febre, retrucou: "compressa sem pressa".

⁵³⁵ Forma como, supostamente, esse personagem, que é "caipira" (tendo um sotaque interiorano específico), diria: "Que dia bom!"

⁵³⁶ Sigmund Freud (1905). Os chistes e sua relação com o inconsciente, p. 208.

Se a letra inscreve litoral entre gozo e saber, o chiste, o jogo com a língua, ao tomar a palavra ao pé da letra e, portanto, servindo-se da linguagem por meio de um saber, permite um ganho de gozo, obtido ao rir.

VI.8. *Ico, ico, ico*, o cavalo de Frederico! – Recorte clínico VI

Gostaria de trazer uma última vinheta clínica que não diz respeito ao tratamento de um bebê, mas do de um menino de quatro anos que apresenta sérias dificuldades. Seu tratamento, portanto, implica trilhar os jogos constituintes do sujeito.⁵³⁷

Trago-o justamente porque certos jogos precursores do *Fort-Da* que, quando corre tudo bem com uma criança, podem dar a impressão de serem espontâneos, na medida em que são prontamente encadeados no laço com a mãe, na clínica revelam todo o árduo trabalho que se faz necessário para que cheguem a se instaurar.

Frederico chega com diagnóstico de autismo. Houve todo um trabalho com os pais situando a diferença entre "ser" e "estar" autista, no sentido de apostar não na pura repetição e perpetuação de seus sintomas, dando seu estado como definitivo, mas de uma possível articulação e deslocamento a partir dos mesmos.

Seu tratamento psicanalítico anterior foi interrompido devido à mudança de cidade da família. Ao fazer a passagem do caso, psicanalista que o atendia anteriormente relata o jogo estabelecido em sessões: ele corria e ela o pegava dizendo "peguei!". Ele passou, em alguns momentos, a deixar escapar um "ei!". Isto ocorreu ao longo de um ano do primeiro tratamento – o que não foi pouca coisa, considerando-se o quadro de absoluto mutismo desse menino. Ele não só não emitia palavras, mas qualquer produção sonora modulada em

⁵³⁷ Contou com a parceria de um trabalho em equipe com fonoaudióloga, acompanhante terapêutico e equipe escolar.

prosódia, a não ser alguns poucos gritos estridentes que não discriminavam entre a excitação de prazer ou de desprazer – o que, clinicamente, chegou a despertar uma interrogação acerca de alguma patologia específica de processamento de linguagem, mas que, desde o ponto de vista do real orgânico, não apresentou nenhum impeditivo que tenha sido detectado em todos os exames possíveis realizados.

Tomo então o menino e seu jogo primordial. Ele corre e também dá alguns gritos que começam a me soar próximos ao relinchar de um cavalo. Começo a produzir o mais próximo que consigo de um relinchar e a acompanhar seus passos por um verso: "Ico, ico, ico, ico, o cavalo de Frederico!", percebendo, ao fazer tal proposta, que a onomatopéia do galope coincidia com a terminação de seu nome. No jogo, o ritmo do verso acompanha o ritmo de seus passos que, muitas vezes, também passo a acompanhar com o barulho de galope de meus próprios pés ou com um estalo da língua (como costuma se fazer para imitar o trote dos cavalos). Começo um tempo depois que ele começa, deixando um tempo para que ele estabeleça uma espécie de convite à brincadeira. Paro logo que ele para. São sessões intensas, nas quais o ritmo e o tempo são decisivos. Ele entra no jogo e começa a modular seu grito como um relinchado e a ritmar seus passos como um galope, lançando-me fugazes olhadelas.

A mãe, presenciando o jogo, conta que Frederico gostava muito, desde pequeno, de um filme chamado *Spirit* – desenho animado sobre um cavalo selvagem que resistia a ser domado pelo homem branco e que faz amizade com um índio. Conta-me que ele assistia ao filme em uma época que ela esteve muito ausente, ocupando-se da outra filha. Assim a cena ganha um sentido, articula-se para a mãe: o saber de um suposto sujeito e não mais o estranhamento da doença.

"Vou te pegar!", dizia-lhe quando ele passava perto com um sorriso no rosto, como que se oferecendo para ser pego. "Eu te peguei, cavalinho, eu te peguei, menininho!", eu

lhe dizia, fazendo-lhe cócegas. Ele ria, deixando ocasionalmente escapar um "ei!" e também me lançava olhares ocasionais durante a brincadeira.

Pouco a pouco, na cena clínica, foi estabelecendo uma série de palavras: tais como "coca", para referir-se a um caminhão que tinha escrito o nome do refrigerante que, quando ele lançava, eu recuperava para ele. Começamos, assim, a realizar uma brincadeira de jogar um para o outro que durava uns dois lances. Nessa cena eu falava nos momentos de descontinuidade: "um, dois, três e... já!", eu lhe dizia, ao lançar o caminhão; "Pegouuuu!" quando ele o pegava; "Peguei!", quando eu o fazia; e "Opa! Caiu!", quando ele, desinteressando-se em meio ao percurso, deixava o caminhão cair. Então eu anunciava: "Vou pegar... e... peguei!", o que, por vezes, fazia com que ele me olhasse e, eventualmente, retomasse a breve série produzida. Ofereci, assim, um jogo de recuperação de objeto que, posteriormente, deu lugar, do lado dele, a um lançamento endereçado.

Que uma criança não olhe, não fale, geralmente leva quem está com ela a falar em excesso como modo de procurar recobrir a angústia que a falta de encadeamento de sua produção e a falta de endereçamento produz aos outros. Nos jogos aqui situados trata-se de colocar a voz e sua modulação, articulada como palavra ou como onomatopéia, no momento em que realmente pode vir a interessar à criança: no instante da descontinuidade da ação que a criança está a fazer ou observar, como modo de convocá-la a se engajar, a ligar o afeto que a atinge em seu corpo, ao jogo de uma série que procuramos sustentar para ela e da qual a situamos ou nos situamos como destinatários.

Mais do que uma avalanche de palavras torna-se aí necessário o: *Opa!, Caiu... peguei!, cadê...achou, e.... já!, Epa lelê!, Oooô!*, essas breves palavras, esses significantes, essa *alíngua* que marca os pontos de descontinuidade que podem afetar a criança na medida em que haja um Outro encarnado que os transitive para ela.

Certo dia ele trouxe um ônibus que a mãe lhe comprou na padaria. Quando abro a

porta do consultório, ele estava inconsolável e aos gritos na sala de espera porque a porta do ônibus havia caído. Todos desesperados, passamos a tentar inutilmente recolocar a porta. Nisso a mãe se dirigiu à porta do consultório decidida a comprar outro ônibus na padaria, ao que eu disse claramente que não, afirmando: "Chega! A porta caiu, não tem conserto, agora tem um buraco, vamos brincar com ele", então ele, além de chorar, passou a dizer: "Queeeeé! Queeeeé!"

E eu lhe dizia: "É, caiu! Você quer, mas caiu", consolando-o, mas sem procurar evitar o inevitável. Fomos até a sala e ele se interessou pela tinta. Eu então desenhei o ônibus para ele contando a história da porta que caiu. Depois a mãe entrou e contei para ela. Ele ouvia e ria.

– Parece um livro de história que vocês inventaram. E eu que já ia comprar outro, disse a mãe.

– É, mas aí ia ser OUTRO ônibus, com este que estragou dá para inventar uma história que agora podem contar também para o papai, aponto.

Na sessão seguinte ele veio com um bonequinho do homem-aranha dentro do ônibus:

– Foi o papai que colocou quando contamos a história. Ele brincou com o ônibus o fim de semana inteiro, disse a mãe.

Passamos a brincar de fazer a borda de vários objetos, desenhando com lápis. Ele demandava essa brincadeira pegando a minha mão e colocando o objeto a ser desenhado sobre o papel. Depois retirávamos o objeto e, dando-me a tesoura, dizia, muitas vezes, "co" de cortar. Depois nos olhamos através do buraco que o objeto recortado havia deixado no papel. Pedia-me "co", para colorir, e "co", para colar na porta de entrada do consultório – justo ponto de corte entre dentro e fora, ponto de entrada e saída – na soleira da qual passou a se despedir de mim quando eu lhe dizia "tchau", colocando-me dentro da sala e fechando a porta.

Passou a controlar esfínteres pedindo para fazer "cocô!". Começou a dizer algo parecido com sim e com não, acompanhando tais significantes com claros gestos e prosódia de agrado ou desagrado. Nas sessões, em alguns momentos, passou a sair da sala para buscar a mãe dizendo "ma, ma, ma".

Certo dia a mãe chegou contando que Frederico passou a chorar quando alguém saía, principalmente quando o pai ia trabalhar, dizendo junto à porta: "(p)baí, qué!"

Isso nos mostra todo o delicado, detalhista e metucioso trabalho de bordado, de estabelecimento de bordas, em torno de quedas e recuperações de pequenos objetos que é preciso sustentar, pôr em jogo, com o bebê. Primeiro, para que haja Outro encarnado que conte para ele, cuja presença e ausência façam registro, na medida em que ele também seja convocado, levado em conta por esse Outro, sustentado em uma série. Colocam-se assim em cena os jogos constituintes do sujeito sem os quais não têm como advir o brincar de *Fort-Da*.

A história continua, mas interrompo o relato aqui, justamente para apontar o intenso trabalho requerido para chegar a possibilitar aquilo que, na cena do *Fort-Da* de Ernest descrita por Freud, constitui ponto de partida.

Ico, coca, cai, cola, cocô, qué – mais adiante – o *quê que é?* Tênuos deslocamentos significantes produzidos a partir dos jogos constituintes do sujeito que, ao operarem sobre o detalhe, sobre os cortes, os pontos de descontinuidade que afetam o corpo e que o fino bordado da linguagem, ao estender seu fio, vão tecendo em torno do gozo do corpo, vão permitindo à criança um saber fazer, vão permitindo a inscrição de um litoral.

VI.9. *De novo!* Repetição e criação com a letra no brincar

Afirmar que não se deve cobrar o valor de um ato ao brincar da criança, justamente para não romper a esfera de proteção no qual se desenrola, não equivale a dizer que ele seja um ato inconsequente para a constituição psíquica. Como nos lembra Freud, a criança leva muito a sério o brincar, *emprega nele grande quantidade de afeto. O oposto do brincar não é a seriedade, mas a realidade efetiva*⁵³⁸ Em sua constituição psíquica é sim um ato decisivo, podendo situar um marco simbólico na vida de um paciente antes e depois do qual nada será igual.

Isto aponta o quanto a seriedade do brincar difere claramente da realidade para a criança, mas diz respeito a um real que a implica em sua economia de gozo. Brincar tem um caráter necessário quanto à estrutura do sujeito na infância por lhe permitir uma articulação entre real, simbólico e imaginário, sendo fundamental para a sua economia de gozo e para a produção de um saber-fazer que surte efeitos constituintes para o sujeito na infância.

"De novo!", "mais um!" e "outra vez!" – nas voltas e reviravoltas do brincar insiste a repetição, mas também se dá lugar à articulação de uma diferença (a algo de novo) em que é produzido um retraçado desse litoral entre gozo e saber. Nesse retraçar não se eliminam as inscrições anteriores, pelo contrário, são tecidos novos pontos de amarra nessa borda, novos arremates, novos ancoradouros nesse litoral que coexistem com os anteriores. Afinal, cada vez que se relança o *um* do "mais um!", que insiste na brincadeira, se procura refazer e estender o caminho a partir de uma retomada das origens.

Seja nos jogos constituintes do sujeito sustentados no laço mãe-bebê, no *Fort-Da*, no

⁵³⁸ Sigmund Freud (1908). *Escritores criativos e devaneio*, p. 149. Optamos, no entanto pela livre tradução a partir da edição em espanhol, dado que em português utiliza-se o termo real em lugar de realidade.

faz-de-conta, nos jogos de regras, nos jogos de palavras, relança-se para a criança a inscrição da letra no litoral entre gozo e saber. Ali retoma-se a letra transmitida como elemento de criação e não só de repetição "do mesmo" que produz padecimento.

Lembramos, a este respeito, a história de *Chapeuzinho Amarelo*,⁵³⁹ essa menina amarelada de medo, tinha medo de tudo aquela chapeuzinho (...) não brincava mais de nada, nem de amarelinha.⁵⁴⁰ Até que um dia, de tanto pensar no lobo, de tanto sonhar com o lobo, encontrou o lobo. E, de tanto que ele disse "eu sou o lobo, lo-bo, lo-bo, lo-bo" para *Chapeuzinho*, de repente ele virou bo-lo de lo-bo. Um bolo que *Chapeuzinho Amarelo* nem quis comer, porque ela gostava mesmo era de bolo de chocolate. Assim, *Chapeuzinho* deixa de ser amarela de medo porque passa a amar elos, a armar elos, a saber-fazer, a criar.

Nesta passagem aberta pelo brincar, a criança, em lugar de ficar capturada no incessante movimento erótico de ser devorada e devorar, tão bem retratados pela história infantil de *Chapeuzinho Vermelho*, pode inventar. O Outro encarnado já não sabe tudo,⁵⁴¹ pois a criança pode, diante da falta, do irremediavelmente insabido, pode produzir certo ineditismo. Não à toa, Freud apontou o brincar das crianças como uma grande realização cultural.⁵⁴²

Mesmo a criança não sendo um artista, no sentido de que suas produções não têm o estatuto de um *sinthoma*,⁵⁴³ pois, diferentemente do adulto, seu gozo não se acha fixado, no

⁵³⁹ Francisco Buarque de Holanda (1979). *Chapeuzinho Amarelo*. Uma ilustração dessa obra, com autoria de Ziraldo, consta nos anexos.

⁵⁴⁰ Idem.

⁵⁴¹ Ao longo da primeira infância o bebê e a pequena criança sentem-se transparentes diante do Outro encarnado, na medida em que o Outro detém um saber sobre seu gozo. Brincar com a falta, com a presença-ausência que o *Fort-Da* articula, permite também estabelecer a dimensão do ocultamento, ou seja, de saber algo que o outro não sabe. Daí a importância enquanto sintoma estruturante, das pequenas mentiras infantis e dos gestos de ocultamento que implicam, por parte da criança, um árduo trabalho de separação de seu Outro encarnado. Exemplo disso é uma pequena menininha de três anos que, diante da pergunta da mãe: "quem bagunçou essa gaveta?", argumenta: "Não fui eu!", e, depois de uma pausa, acrescenta: "Você não estava lá!", entregando a cena que busca ocultar.

⁵⁴² Sigmund Freud (1920). Além do princípio do prazer, p. 27.

⁵⁴³ Tomamos, para isso, a grafia proposta por Lacan (1975-1976), no seminário 23, ao diferenciar *symptôme* de *sinthoma*. O primeiro fica situado não como sinal de uma doença, mas como expressão de um conflito

entanto, ela pode "fazer artes", pode produzir travessuras. Nelas a criança não faz só o que dela se espera, ela vai além da suposta complementaridade, operando certa travessia do lugar de objeto de um suposto gozo do Outro. Abre-se assim a possibilidade subjetiva de vir a produzir, diante da falta, uma criação suplementar. Nesse sentido brincar é um artifício, é oficiar uma arte que permite ao sujeito um saber-fazer.⁵⁴⁴

Por isso, um tratamento não vai na direção de que a criança simplesmente faça o que dela se espera, mas na de dar lugar para que ela possa criar, servindo-se do simbólico, da linguagem, da lei, da função paterna. Essa é a importância clínica de possibilitar a articulação dos jogos constituintes do sujeito operando com a letra no litoral entre gozo e saber para dar lugar à criação da criança.

Brincar é possibilitar a própria inscrição e reinscrição desse litoral.

psíquico que, ao longo de uma análise, pode cair, tendo, portanto, um caráter contingente na resolução dos conflitos psíquicos. O segundo faz suporte para o sujeito (p. 44), articulando por meio de um quarto nó suplementar o registro real, o simbólico e o imaginário (p. 55), sendo central em sua economia de gozo e desejo, não podendo cair e tendo, portanto, um caráter necessário, tal como escrever é para o escritor. (p. 71). Alfredo Jerusalinsky, em *Psicanálise e desenvolvimento infantil*, aponta que na infância encontramos uma duplicação do elo do real, na medida em que a criança se encontra com a *dupla demanda do Outro: de que seja criança e de que seja grande*, entre a insuficiência real de seu organismo e a antecipação simbólica. Essa duplicação resulta em uma série de formações psíquicas próprias da infância: o fato de o Outro ser encarnado, o fato de a criança necessitar sustentar na relação de objeto uma transicionalidade entre ela e o Outro, e na *relação dialética entre o brincar e a realidade pelo qual a realidade está no que se brinca, mas o que se brinca não está na realidade* (p. 52-55). Por meio do brincar a criança produz um saber fazer.

⁵⁴⁴ Jacques Lacan (1975-1976). *O seminário. Livro 23. O sinthoma*, p. 71.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E METODOLOGIA

Sobre os troços deixados, o caminho traçado e o que se traça na escrita da clínica

Ao longo deste escrito abordamos a relação entre letra e gozo no laço mãe-bebê, considerando seus desenlaces em uma clínica que intervém com os primórdios da constituição psíquica. Sendo esta uma tese sobre a letra e o gozo não teríamos como concluí-la sem falar do efeito mesmo de escrever a clínica – escrita produzida no contexto clínico-teórico da psicanálise e no marco acadêmico de pesquisa em Psicopatologia Fundamental.

Ao atendermos crianças, após o término do tratamento, costumam ficar no consultório massinhas endurecidas, fragmentos de esculturas de argila, folhas rabiscadas, recortes de papéis, colagens de tecidos, cordas emaranhadas, pedrinhas pintadas, entre tantos outros objetos que foram necessários ao longo do trabalho de análise, mas que deixaram de sê-lo a partir da elaboração a que a análise deu lugar.

O que fazer com isso? Em geral vacilamos entre guardá-los e jogá-los fora, porque eles, ao mesmo tempo que permitem evocar fragmentos de um tratamento, não são senão os seus restos. O paciente já os deixou cair e seguiu em frente. Mas, se esses objetos tanto perturbam, se não sabemos ao certo qual é seu justo lugar, é porque eles, assim como o analista, foram centrais para possibilitar uma passagem, uma articulação, uma transformação em uma transferência que se dissolveu. E, no entanto, eles ainda estão lá. O que fazer com esses *troços*?

Depois do término de uma análise talvez ainda seja preciso ao analista fazer com isso outra coisa. Escrever então pode ter lugar, considerando que se as recordações do caso ainda o habitam, são rememoradas, irrompem em meio às suas elucubrações teóricas,

assim como esses *troços*, é porque a experiência dessa neurose de transferência tocou seu inconsciente.⁵⁴⁵ Se a partir da posição ocupada pelo analista na transferência⁵⁴⁶ se operou a direção da cura, talvez, como aponta Allouch,⁵⁴⁷ ainda seja preciso operar outra passagem.

Pela escrita do caso clínico o analista, a partir da experiência dessa transferência opera uma nova transposição na qual, ao dirigir-se à comunidade, retoma o que desse caso fez furo em seu saber e levou-o a interrogar a teoria implicando-se em uma práxis na qual comparece inevitavelmente seu estilo, seus próprios traços. Como diz Freud em "Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise", cada psicanalista pode ser levado a adotar uma atitude diferente em relação ao paciente ainda seguindo as mesmas regras fundamentais da psicanálise.⁵⁴⁸ Isso depende, antes de mais nada, da posição inconsciente do analista, para além de toda e qualquer recomendação. *O caso, nesta perspectiva, revela não só o sujeito que fala de seu sofrimento, como também o analista que escuta, as sinuosidades do campo conceitual em que transita.*⁵⁴⁹

Escrever a partir de um percurso clínico não consiste em produzir um relato exaustivo do atendimento. Como aponta Freud, *os relatórios exatos de histórias clínicas analíticas são de menor valor do que se poderia esperar.*⁵⁵⁰ Tampouco implica expor o paciente em minúcias biográficas. Proceder desse modo anularia a própria concepção de recordação e elaboração que opera na psicanálise.⁵⁵¹ Trata-se, então, muito mais de trazer,

⁵⁴⁵ Aliás, só isso explica a memória que um psicanalista tem acerca dos significantes fundamentais de um paciente, para além de toda e qualquer nota clínica. Isso só é possível na medida em que algo dessa história se engancha em seu próprio fantasma. Isso, no entanto, não o autoriza a gozar do paciente, daí as considerações acerca da regra de abstinência e do desejo do analista.

⁵⁴⁶ Na clínica com adultos neuróticos esse lugar costuma ser o de objeto a, a partir do qual o paciente revive, na neurose de transferência, a impossibilidade da relação sexual. Na clínica com bebês e crianças, no entanto, para operar os efeitos constituintes do sujeito é preciso, muitas vezes, que o analista componha o Outro encarnado.

⁵⁴⁷ Jean Allouch. *Letra a letra*, p. 18.

⁵⁴⁸ Sigmund Freud (1912b). *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, p. 149.

⁵⁴⁹ Edson André de Souza. *A vida entre parênteses*, p. 18.

⁵⁵⁰ Sigmund Freud (1912b). *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, p. 152.

⁵⁵¹ Sigmund Freud (1914a). *Recordar repetir e elaborar*, p. 191-203. Se, nesse texto, Freud expõe o trabalho necessário à elaboração na psicanálise, no texto de 1912, já citado, ele também situa o trabalho com o caso clínico como uma elaboração que não deve ter sua estrutura fechada antes do término do atendimento a fim de não comprometer a posição do analista.

por meio do recorte clínico, o testemunho de uma práxis que causou o trabalho de escrita, permitindo ao leitor acompanhar a formulação dos impasses a que a clínica deu lugar e que posteriormente, ao recapitulá-los, o trabalho de elaboração da escrita busca precisar.

Os recortes clínicos surgem como uma construção: por um lado, apresentam da cena clínica o estritamente necessário para dar lugar à articulação das hipóteses formuladas a partir deles. São recortes na medida em que é com os conceitos que cortamos, eles são nossos instrumentos.⁵⁵² Como aponta Rabello, nos servimos da *faca conceitual*⁵⁵³ a fim de possibilitar uma elaboração do vivido na clínica e sua transmissão. Por outro lado, como nos propõe Souza,⁵⁵⁴ o recorte clínico também abre um parêntese no *corpus* teórico. Ao trazer a vida entre parênteses ele comparece interpelando a teoria a partir de uma experiência que implica o autor. Por isso o recorte clínico não é só recortado por conceitos, ele é também recortado pela implicação do analista/pesquisador que se encontrou afetado por uma experiência clínica que o excede e que o implica na transferência. O que comparece aí é menos o paciente ou o analista, mas o sujeito do inconsciente.⁵⁵⁵ Daí que ao escrever a clínica também se produza um trânsito (transferência-transmissão) de uma leitura das formações do inconsciente na transferência da clínica para uma transmissão da psicanálise na escrita.

Ao escrever a clínica busca-se explicitar e precisar a lógica conceitual do caminho percorrido na direção do tratamento, trazendo o testemunho das encruzilhadas clínico-teóricas apresentadas pela práxis. Temos aí a escrita como necessária à elaboração do método clínico. O recorte clínico não é aí exemplo, mas causa, ponto de partida das hipóteses produzidas. Ele interroga exigindo formular o que ainda está sem ser precisado.

⁵⁵² Não é com a faca que dissecamos, mas com os conceitos (...) eles são instrumentos para delinear as coisas. Jacques Lacan (1953-1954). *O seminário. Livro I. Os escritos técnicos de Freud*, p. 10.

⁵⁵³ Silvana Rabello. *Dizeres de crianças: jogos de repetições e modulações tonais entoando jogos subjetivos*, p. 32.

⁵⁵⁴ Edson André de Souza. *A vida entre parênteses*, p. 13-36.

⁵⁵⁵ Alfredo Jerusalinsky. *Transmissão e transferência na clínica psicanalítica*, p. 52-59.

O que se formula, por sua vez, jamais esgota o acontecimento. Assim como diversos recortes clínicos podem ser trazidos em torno de uma mesma questão, um caso clínico não exige ineditismo, ele pode ser, várias vezes, retomado e revisitado. Afinal, diante *disso*⁵⁵⁶ outro deciframento pode advir, mas não um qualquer. Isso porque a construção de caso não é uma narrativa virtualizada sobre a qual poderiam ser aplicados diversos pontos de vista teóricos para se chegar a diferentes compreensões. A experiência de análise não é virtual, ela tange o real, afeta o corpo. Não pode ser realizada *in effigie e in absentia*, afirma Freud.⁵⁵⁷ A regra da abstinência marca justamente que se está na beira do ato e é não realizar o ato sexual que possibilita ao paciente reviver, por meio da neurose de transferência, a impossibilidade de sua relação.⁵⁵⁸

Por isso, é preciso considerar as consequências de que o escrito da clínica se produza como testemunho da experiência de transferência, uma vez que testemunho diz de *testis* (testículo), ou seja: de algo que passa pelo corpo, que implica, que afeta aquele que escreveu.

Se a construção do caso implica uma *ficção clínica*, essa ficção faz borda a um real, é efeito da experiência do comparecimento do "sujeito do inconsciente" em transferência e, portanto, tange um real que passa pelo corpo.⁵⁵⁹ Por isso, se ao longo de uma análise um paciente pode reconstruir uma ficção de si,⁵⁶⁰ trata-se de uma ficção que toca o âmago da verdade do sujeito, trata-se de uma produção advinda do que faz furo no saber. Do mesmo modo, considera-se a construção ou recorte de caso como uma ficção clínica na medida em que ele arrasta consigo uma verdade radical produzida na experiência dessa transferência.

Neste contexto percebe-se como o analista é inerentemente um pesquisador. A psicanálise não é uma teoria que busca seus exemplos na clínica. Seu corpo teórico se

⁵⁵⁶ Fazemos aí referência ao *isso* como instância psíquica.

⁵⁵⁷ Sigmund Freud (1912a). A dinâmica da transferência, p. 143.

⁵⁵⁸ Alfredo Jerusalinsky. Transmissão e transferência na clínica psicanalítica, p. 55.

⁵⁵⁹ Ana Maria Medeiros da Costa. Relações entre letra e escrita nas produções em psicanálise, p. 40-53.

⁵⁶⁰ Ana Maria Medeiros da Costa. *A ficção de si mesmo: interpretação e ato em psicanálise*.

constitui a partir de uma práxis. Freud, a partir da escrita de cada caso clínico, interroga e reconstrói *a posteriori* a teoria, enquanto que, no desdobrar da transferência, ao longo do tratamento, reintroduz uma condição ética fundamental da psicanálise quanto à posição em que fica situado o saber: cada caso produz no analista a experiência de colocar o corpo teórico em suspenso e se interrogar pelo enigma que o sintoma, o lapso, o chiste, o sonho colocam em cena.

Assim, o saber articulado a partir da clínica é um saber que interessa menos pelo seu efeito destacável e isolável do que pela sequência de seu desdobramento enquanto efeitos clínicos. Se um saber tem lugar a partir da análise é um *saber fazer ali com isso*.

Este é um aspecto decisivo da psicanálise em relação à ciência. Nela a produção do saber implica o sujeito do inconsciente. Sua pesquisa não responde a critérios descritivos generalizáveis e possíveis de reproduzir no sentido de verificar ou refutar um saber previamente estabelecido pelo "contexto da verificação". Como aponta Elia,⁵⁶¹ em psicanálise o contexto de verificação coincide com o de descoberta, uma vez que o psicanalista não é ele mesmo o detentor de um saber, mas, ao suportar a transferência, possibilita que, a partir do inconsciente, um saber possa vir a se produzir (saber nem só do analista, nem só do paciente, mas do sujeito do inconsciente). Por isso Freud afirma, acerca dos princípios e métodos da psicanálise, que esta pode reivindicar a seu favor que, *em sua execução, pesquisa e tratamento coincidem*.⁵⁶² Justamente por isso, Lacan, ao abordar a relação da psicanálise e da ciência quanto à pesquisa, afirma, parafraseando Picasso: *eu não procuro, acho*.⁵⁶³

Se os critérios empírico-positivistas que perpassam a ciência moderna procuram uma correspondência entre verdade e descrição dos fatos, na ilusão de que assim

⁵⁶¹ Luciano Elia. *Psicanálise: clínica e pesquisa*, p. 24.

⁵⁶² Sigmund Freud (1912b). *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, p. 152.

⁵⁶³ Jacques Lacan (1964). *El seminario. Libro 11. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, p. 15. Citado também por Luciano Elia. *Psicanálise: clínica e pesquisa*, p. 24.

aprenderiam o real do acontecimento, pressupondo no dado observado a imanência de seu próprio sentido; em psicanálise a verdade jamais é dissociada das suas condições de enunciação. Isto é o que faz com que levemos a afirmar, partindo do corte epistemológico situado por Freud e Lacan, que na clínica com bebês, diante do *dado a ver*, se proceda não por observação, mas por uma leitura pela qual se decifra a posição que a letra ocupa na produção do sujeito.

No contexto da Psicopatologia Fundamental, em que se produz este escrito, sublinha-se a concepção proposta por Fédida de que *cada caso é uma teoria em gérmen*.⁵⁶⁴ Explicitar os dispositivos que possibilitaram a direção da cura e suas consequências no tratamento leva a uma produção na qual o recorte clínico é realinhado a fundamentos teóricos postos a trabalhar com e a partir do caso. Sublinha-se aí a singularidade da construção do caso clínico, considerando que um tratamento – ao conceber o *pathos* como sofrimento, passividade e excesso que assujeitam o paciente – possibilita traçar um percurso singular ao longo do qual, por meio da transferência, possa se fazer do *pathos* uma experiência,⁵⁶⁵ uma passagem do assujeitamento à subjetividade. Por sua vez, testemunhar tal passagem por meio da construção do caso clínico, é elaborar metapsicologia.

É preciso contextualizar tal concepção da Psicopatologia Fundamental já que ela não coincide com as concepções de psicopatologia hegemônicas da atualidade, pelas quais o *pathos* costuma ser reduzido a definições empírico-pragmáticas centradas em estabelecer a correspondência entre uma constelação de sintomas descritos e uma categoria diagnóstica.⁵⁶⁶

A partir da publicação do tratado de Psicopatologia Geral, de Karl Jaspers, em 1913, a psicopatologia é situada como uma disciplina específica que toma a categoria

⁵⁶⁴ Pierre Fédida. *Nome, figura e memória – a linguagem na situação psicanalítica*, p. 230.

⁵⁶⁵ Manoel T. Berlinck. *Psicopatologia Fundamental*, p. 18-22.

⁵⁶⁶ Mario Eduardo Costa Pereira. *Formulando uma Psicopatologia Fundamental*, p. 62.

nosográfica como seu objeto. Fundamenta-se em um critério fenomenológico em que a consciência é o eixo e procura descrever, do modo mais preciso, aquilo que se vivencia conscientemente em um determinado estado mental. No entanto, a pluralidade de disciplinas nesse campo fez com que uma mesma terminologia psicopatológica viesse a ser utilizada em diferentes acepções. É nesse contexto que surgem os manuais de diagnóstico,⁵⁶⁷ tais como o DSM-4, elaborado pela Associação Psiquiátrica Americana, amplamente utilizado na rede pública e privada de atendimento à Saúde Mental ou o CID - 10.

Tais manuais são, até certo ponto, herdeiros da vertente fenomenológica inaugurada por Jaspers.⁵⁶⁸ Neles também os sintomas são considerados desde um ponto de vista descritivo, estabelecendo uma semiologia da doença mental (ou seja, uma correlação entre determinadas doenças mentais e suas manifestações), pelo qual o sintoma assume o sentido de sinal da doença.

Associada a essa corrente fenomenológica da psicopatologia encontramos atualmente uma vertente neuropsiquiátrica que combina a perspectiva fenomenológica com uma análise da etiologia da doença, situando sua causa no plano neurobiológico como falta ou excesso de determinada substância e cujo tratamento passa a ser atrelado à reposição ou controle medicamentoso dessa substância.⁵⁶⁹ Eventualmente complementa-se tal diagnóstico e tratamento com uma terapêutica psicofuncionalista.

Por sua vez, desde a intervenção psicofuncionalista é estabelecida uma medição das competências, habilidades e rendimentos comportamentais, supondo que tais medidas

⁵⁶⁷ Idem, p. 64.

⁵⁶⁸ Dizemos que só até certo ponto, pois, apesar de ambos se centrarem na descrição do fenômeno a partir de sua percepção pela consciência, é incomparável a riqueza descritiva nos primórdios de tal concepção a fim de configurar entidades psicopatológicas, *versus* uma rápida aplicabilidade diagnóstica dos manuais atuais.

⁵⁶⁹ É a partir da posição hegemônica dessa vertente que se configura, na atualidade, uma "epidemia depressiva" relacionada a uma florescente indústria farmacêutica que vende cada vez mais antidepressivos, tal como aponta Manoel T. Berlinck em *Psicopatologia Fundamental*, p. 229. Podemos considerar nessa mesma direção o grande aumento de diagnósticos de hiper-atividade na infância correlacionado à explosão de fabricação e venda da Ritalina e Neo-ritalinas.

informam acerca da capacidade adaptativa do indivíduo. Encontramos aí toda a série de testes psicológicos e da psicologia métrica que derivam em uma intervenção que ortopedicamente se propõe a restaurar a falha em questão.

Ainda que tais critérios classificatórios da psicopatologia assim concebida pretendam, *a priori*, não imiscuir-se à prática terapêutica (por trabalhar com categorias da doença e não com a intervenção clínica), seus efeitos no tratamento do paciente em sofrimento costumam levar a falas do tipo: "eu sou" em correspondência à categoria diagnóstica. Diante do sujeito acometido pelo *pathos*, a doença torna-se sua identidade, em lugar de poder abrir a interrogação acerca do que o implica na produção de uma dada resposta psíquica, do que o implica em sua dor. Tratando-se de bebês e de pequenas crianças esses efeitos costumam desencadear profecias autorrealizáveis⁵⁷⁰ em que os pais passam a esperar antecipadamente que as produções do filho correspondam aos sintomas descritos na categoria diagnóstica. Passam, assim, a esperar a realização da doença em vez de darem tempo e lugar ao devir do sujeito.

A clínica com crianças, e particularmente com bebês, apresenta-se como bastante antinômica aos critérios nosográficos, pois o que caracteriza o sujeito na infância é justamente o polimorfismo da estrutura não decidida.⁵⁷¹ Isto faz com que ao longo da intervenção possa se produzir uma remissão da estruturação psíquica em curso. Por outro lado, no início do tratamento, é frequente detectar um padecimento sem que seja sempre possível afirmar que ele seria correlativo a tal ou qual quadro nosográfico. Isto porque, mesmo antes de encontrarmos o conjunto de traços positivados relativos a uma determinada doença, o que encontramos é a não instauração de inscrições operando desde uma posição constituinte do sujeito. Assim, para a intervenção na primeira infância, muitas

⁵⁷⁰ Julieta Jerusalinsky. *Enquanto o futuro não vem – a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*, p. 224.

⁵⁷¹ Ver a este respeito Alfredo Jerusalinsky. *Psicanálise e desenvolvimento infantil*; Julieta Jerusalinsky. *Enquanto o futuro não vem – a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*, p. 258-296; e Leda Maria Fischer Bernardino. *As psicoses não decididas da Infância: um estudo psicanalítico*.

vezes nos guiamos por critérios negativos (o que não está operando) do que por critérios positivados correspondentes a um determinado quadro nosográfico.

Considerando a estrutura não decidida na infância, intervimos no deciframento da posição da letra para o bebê e para a criança a partir da resposta que a mesma formula perante o Outro e que dá a ver em sua produção. Tal leitura permite operar inscrições e reinscrições constituintes do sujeito em lugar de levar precocemente suas manifestações a corresponderem a um quadro nosográfico constituído por critérios que se embasam em estruturas clínicas já decididas.

Ao considerar a construção metapsicológica não desatrelada da nosografia,⁵⁷² mas pondo acento na passagem terapêutica do *pathos* à experiência, em lugar de pô-lo no discurso classificatório sobre a doença, a Psicopatologia Fundamental acolhe os princípios e métodos da clínica com bebês exercida a partir do corte epistemológico da psicanálise – aqui considerada fundamentalmente a partir do ensino de Freud e Lacan.

A Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental produz um terreno fértil para conjugar a pesquisa inerente à práxis clínica da psicanálise com a pesquisa enquanto produção de conhecimento científico no cerne da universidade. Em tal contexto, o pesquisador elabora a construção do caso clínico contando com a leitura e comentários não só do orientador, mas também dos colegas pesquisadores do Laboratório⁵⁷³ – fazendo deste um espaço de labor e elaboração com sucessivos momentos: da leitura do clínico que opera na intervenção com o paciente, da escrita na construção do caso clínico e da posterior leitura da comunidade científica.

Com isto não buscamos suprimir o debate acerca da complexa relação entre a pesquisa inerente à prática psicanalítica e a pesquisa na universidade, já que psicanálise e

⁵⁷² "e, visitando-a com frequência", como aponta Manoel T. Berlinck. *Psicopatologia Fundamental*, p. 24.

⁵⁷³ Fazemos referência aqui especificamente ao Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que integra, desde 1997, essa associação composta por universidades brasileiras e francesas.

universidade se apóiam sobre tripés diferentes. Se o da primeira diz respeito à análise, supervisão e transmissão, o da segunda consiste no ensino, pesquisa e prestação de serviços à comunidade.⁵⁷⁴ Mas, como aponta Rosa, inserir-se no campo da pesquisa universitária, *não significa tomar a forma desse campo, mas, se necessário, dar-lhe uma nova forma.*⁵⁷⁵ Do mesmo modo, aponta essa autora, não partilhar dos princípios e métodos da ciência moderna não exclui a cientificidade da psicanálise, mas interroga, tal como o fez Lacan: o que é uma ciência que poderia incluir a psicanálise?⁵⁷⁶ De modo análogo seríamos levados a trabalhar com a seguinte questão: o que é uma pesquisa acadêmica que possa incluir os princípios e métodos da psicanálise?

Permitir que o caso clínico opere como furo no saber possibilita que ele, como germen, torne-se frutífero para o campo da pesquisa da psicopatologia. Utilizá-lo como simples exemplo, ilustração ornamental ou verificação demonstrativa é torná-lo estéril⁵⁷⁷ renegando o contexto clínico que possibilitou sua produção.

No contexto acadêmico pode ocorrer que um paciente seja tomado como objeto de uma pesquisa, mas isso vai na contramão dos operadores da Psicopatologia Fundamental e da experiência psicanalítica, incluindo nela não só o tempo do tratamento, mas também a posterior escrita do caso clínico.

Se o recorte clínico é recortado pela *faca conceitual*, abrindo, por sua vez, um *parêntese no corpus teórico*, fica em relevo qual alinhavo, qual articulação do psicanalista/pesquisador decanta na construção do escrito.

A escrita da clínica se produz como um realinhavo *a posteriori* do caminho percorrido em uma análise. Ao longo do tratamento a direção da cura foi sendo construída

⁵⁷⁴ Octavio Souza. Aspectos do encaminhamento da questão da cientificidade da psicanálise no movimento psicanalítico, p. 205-233, apud Miriam Debieux Rosa. Psicanálise na universidade: considerações sobre o ensino da psicanálise nos cursos de psicologia, p. 189-199.

⁵⁷⁵ Miriam Debieux Rosa. Psicanálise na universidade: considerações sobre o ensino da psicanálise nos cursos de psicologia, p. 189-199.

⁵⁷⁶ Tal como Jacques Lacan (1964), problematiza na primeira aula de *El seminario. Libro 11. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*.

⁵⁷⁷ Edson André de Souza. A vida entre parênteses, p. 17.

passo a passo a partir das sucessivas leituras clínicas do analista e dos efeitos produzidos no tratamento, sem que no começo deste fosse possível traçar seu ponto de chegada. A escrita, ao mesmo tempo em que recapitula esse percurso, também nos leva a caminhos inesperados.

Se a direção da cura se produz ao longo do tratamento, a direção da escrita se traça ao escrever. Em ambos o caminho se faz ao andar.⁵⁷⁸ Há aí, uma vez mais, confluência entre o método psicanalítico e a escrita da clínica, já que método significa justamente o *caminho percorrido* (*metá*, do grego, quer dizer "através" e *hodós*, "caminho"). Nesse método há algo que se elabora do percurso traçado e que leva dos *troços* deixados no consultório a um escrito. No entanto, a escrita traça também o não elaborado, o que se repete e insiste para além das intenções do escritor. O próprio Freud aponta esta questão ao falar a Fliess sobre o processo da escrita de *A interpretação dos sonhos*:

*Eu só consigo compor os detalhes no processo de escrever. Esse processo segue completamente os ditames do inconsciente, segundo o bem conhecido processo de Itzig, o cavaleiro de domingo. "Itzig, aonde você vai?", "E eu sei? Pergunte ao cavalo". Eu nunca comecei um único parágrafo sabendo de antemão onde terminaria.*⁵⁷⁹

Essas palavras de Freud ecoam nas de Lacan, quando este afirma que em seus seminários, mesmo se dedicando à transmissão de conceitos, inevitavelmente falava como analisando.⁵⁸⁰ Escrever não nos poupa disso. Aí reside a diferença entre um escrito embasado em preceitos empírico-positivistas e um escrito psicanalítico com valor científico: não se procura apagar o que resultou por ser dito, pois o autor, ao tomar a palavra, dá a ler onde ele é tomado pela letra – que insiste, repete no que ainda não se escreveu.

⁵⁷⁸ "Caminhante, não há caminho, faz-se o caminho ao andar. Ao andar se faz caminho e ao voltar a vista para trás vê-se o caminho que nunca se voltará a pisar". Poesia de Juan Manuel Serrat citada por Elsa Coriat a propósito da direção da cura em *Psicanálise e clínica com bebês*, p. 141.

⁵⁷⁹ Masson Jeffrey Moussaieff. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilheem Fliess, 1887-2004*, p. 320.

⁵⁸⁰ Jacques Lacan (1972). *Seminário 19. ...Ou pire*, inédito.

Nesse sentido, é interessante fazer notar que em português *traça* denota "esboça, representa, escreve" e também "as pequenas mariposas que corroem artefatos, que perfuram o papel". Ao traçar no escrito temos esta mesma dimensão do que por um lado se representa e do que, por outro, traça, perfura, refaz o furo, arrastando consigo, entre os traços, os *troços* que insistem.

Mas é aí que uma transmissão pode vir a se operar, marcando esse ponto de passagem: da posição do analista como objeto na transferência, à posição de quem escreve o caso clínico. Entre o escrever e o ser lido, entre o que se inscreve e o que nessas transposições de registro *não cessa de não se escrever*.⁵⁸¹

Ao escrever o clínico toma a palavra e, nesse ato, ele produz um escrito que se dá a ler. Nessa passagem já não se trata mais do paciente e tampouco da pessoa do analista, mas de um novo objeto: a construção do caso pelo recorte clínico e alinhavo teórico. O caso clínico, nessa perspectiva, ficaria inevitavelmente ser equiparado a outros "produtos psíquicos" sobre os quais nos fala Freud⁵⁸² – retrazendo um percurso que leva das formações do inconsciente às construções em análise.⁵⁸³

Em tal escrito comparece a posição do analista: ao não se eximir de sua implicação, ele se recoloca em relação ao lugar em que foi posto antes (ex-posto) na transferência, produzindo uma passagem em que relança a transferência e a faz trabalhar agora em relação ao escrito.

O analista não é ele mesmo o destinatário da transferência, mas pela e na transferência, ao ser situado como suposto destinatário de uma mensagem cifrada, possibilita articular uma possível leitura da mesma. Ao sustentar na transferência a produção de um saber que liga a letra, sustenta a produção de uma série possibilitando que

⁵⁸¹ Jacques Lacan (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*, p. 127. Utilizamos, no entanto, a livre tradução a partir do seminário em espanhol.

⁵⁸² Pierre Fédida. *Nome, figura e memória – a linguagem na situação psicanalítica*, p. 234.

⁵⁸³ Sigmund Freud (1937). *Construções em análise*, p. 281-304.

a mensagem chegue ao destino. Se é suposto como destinatário, opera mais como o carteiro, ao fazer a passagem, ao dar lugar para que o analisando possa passar a outra coisa que não a de ficar capturado na insistência da repetição sintomática. Em outro tempo, ao dar o testemunho da leitura articulada, construída em transferência, relança uma carta.

A escrita decanta assim de *uma luta e de um luto*.⁵⁸⁴ Uma luta por procurar dizer e redizer aquilo que se impõe em nós num jogo entre o *sobrescrevo-sobrescravo*.⁵⁸⁵ Um luto na medida em que o escrito destaca a palavra de nossa presença, confrontando-nos inevitavelmente com a morte, não só por almejarmos que ao escrever nossa palavra sobreviva à nossa morte, mas porque, mesmo quando vivos, a inapelável condição do que já está escrito situa o autor no lugar de morto.

Talvez seja justamente por isso que, ao terminar um escrito, um livro, uma tese, o autor se sinta profundamente sem palavras. Parece que ele não tem mais o que dizer, espera apenas ser lido na inevitável posição do naufrago que lança uma garrafa ao mar. Pois se escrever sempre implica ter um destinatário, não deixa de ser surpreendente o que se relança no encontro com a leitura do leitor.

Pode ser que o próprio escritor, em outro momento, recolha esta mensagem e a leia como vinda de outros tempos e que, a partir daí, faça uma releitura do caso, tomando por outro viés, por outra costura, seus operadores clínicos, dando lugar a um novo percurso de construção que não necessariamente invalida o anterior. Afinal, o recorte se produz no limite da inapreensível complexidade da experiência clínica, procurando, por meio dessa costura, arrimar-se a articular uma de suas bordas.

Isto nos leva a considerar, diante do trabalho de escrita, o inapreensível da clínica. Que longe de preceitos sobre como falar dessa experiência por temor à exposição, no

⁵⁸⁴ Edson André de Souza. Escrita das utopias: litoral, literal, litoral, p. 240.

⁵⁸⁵ Haroldo Campos (2004). *Galáxias*, apud Edson André de Souza. Idem, ibidem.

sentido do pudor e *proibição*, apontam por trás dela um *impossível* pelo inesgotável da clínica – um impossível diante do qual se tece, como escrito, uma construção de caso.

Na clínica com crianças circulam muitos *troços* e dependendo do lugar que eles assumam na transferência pode-se chegar à *troça* (como jogo, brincadeira, humor, graça), no qual uma coisa não é exatamente ela mesma, pode vir a ser outra. Na transferência se transforma, se transpõe, se reinstaura o lugar e tempo em que *a criação da criança* possa advir a partir dos traços, das inscrições, fundamentais à sua constituição. Aí a criança não será só vítima da letra nela inscrita, prisioneira ou aprisionadora do objeto de gozo do Outro. Poderá, ao tomar tal letra em outra posição, criar. Assim, suas produções, suas artes, seus artifícios, não responderão a uma tentativa de complementaridade com o gozo do Outro, mas a uma produção suplementar, relativa ao gozo Outro.

Para tanto, será preciso que a criança encontre alguém com quem sustentar a dimensão da *criação da criança*; que diante do manifesto no corpo dê lugar a uma leitura que o suponha como sujeito, pondo em jogo nessa decifração, a operação com a cifra e assim possibilitando que se efetuem operações constituintes do sujeito. O psicanalista, ao sustentar na transferência esta dimensão, intervém com a letra no litoral literal entre gozo e saber.

É o que procuramos traçar neste escrito.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, S. (1986). *O que quer uma mulher?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- ALLOUCH, J. *Letra a letra*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1994.
- ASSOUN, P.L. (1983). *Freud e a mulher*. Rio de Janeiro, 2. Ed.: Jorge Zahar, 1993.
- _____. (1997). Os três tempos da constituição do significante. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, ano 8, n. 14, p. 43-53, 1998.
- _____. *O olhar e a voz*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- BERGÈS, J. (1988a). O corpo e o olhar do Outro. In: *Escritos da criança – 2*. 2. ed. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 1997. p. 51-65.
- _____. (1988b) Função estruturante do prazer. In: *Escritos da criança – 2*. 2. ed. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 1997. p. 41-50.
- _____. A instância da letra na aprendizagem. *Boletim da APPOA*, Porto Alegre, n. 6, p. 6-10, 1991.
- _____. (1996). *A criança e a psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BERGÈS, J.; BALBO, G. (1998). *Jogos de posições da mãe e da criança*. Porto Alegre: CMC, 2002.
- BERLINCK, M. T. *Psicopatologia fundamental*. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2008.
- BERNARDINO, L. M. F. O bebê e sua carta roubada. In: CAMAROTTI, M. C. (Org.). *Atendimento ao bebê*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 197-205.
- _____. *As psicoses não decididas da infância: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- BICK, E. Notes on infant observation in psycho-analytical training. *International Journal of Psycho-Analysis*, London, v. XLV, n. 4, 1964a.
- _____. (1964b). Notas sobre la observación de lactantes en la enseñanza del psicoanálisis. *Revista de psicoanálisis*, Buenos Aires, v. 24, n. 1, p. 97-115, 1967.
- BORGES, J. L. (1942). Funes el memorioso. In: *Ficciones*. Buenos Aires: Emecé, 1996. p. 157-173
- BOYSSON-BARDIES, B. Dicerible differences in the babbling of infants accordig to target leguage. *Journal of child language*, n. 11, p. 1-15, 1984.

_____. (1998). O papel da prosódia na emergência da linguagem como estrutura intencional dentro e a partir de uma estrutura biológica. In: SOULÉ, M. (Org.). *A inteligência anterior à palavra*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p. 17-24.

BRAUNSTEIN, N. *O gozo*. São Paulo: Escuta, 2007.

BUARQUE DE HOLANDA, F. (1979). *Chapeuzinho amarelo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CALLIGARIS, C. (1983). *Hipótese sobre o fantasma na cura psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

_____. *Questões sobre o seminário Encore*. Transcrição do seminário apresentado em Porto Alegre, Cooperativa Cultural Jacques Lacan, 1986-1987, inédito.

_____. *O fantasma masculino e o fantasma feminino*. Transcrição do seminário apresentado em Curitiba, Biblioteca Freudiana de Curitiba, 1990, inédito.

_____. (1991). O grande casamenteiro. In: Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Org.). *O laço conjugal*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994. p. 11-23.

CALLIGARIS, E. *Prostituição: o eterno feminino*. São Paulo: Escuta, 2006.

CASARES, A. B. (1940). *La invención de Morel*. Buenos Aires: Planeta, 1991.

CHEMAMA, R. (1993). *Dicionário de psicanálise Larousse*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. Questões sobre a interpretação. In: *O significante, a letra e o objeto*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004. p. 113-118.

CORIAT, E. (1996). *Psicanálise e clínica com bebês*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

CORIAT, L.; JERUSALINSKY, A. Aspectos constitucionales del bebé y su influencia en la relación madre-hijo. In: *Cuadernos del desarrollo infantil*. Buenos Aires: Centro Dra. Lydia Coriat, 1983. p. 11-21.

CORSO, D.; CORSO, M. *As fadas no divã*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, A. M. M. *A ficção de si mesmo: interpretação e ato em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

_____. Algumas reflexões sobre a inscrição da letra. In: LEITE, N. V. de A. (Org.). *Corpolinguagem: gestos e afetos*. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 115-140.

_____. Produções em psicanálise e seus impasses. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, n. 29, p. 140-147, dez. 2005.

_____. Antecipação e destino: atualidades do espelho. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, n. 30, p. 15-24, jun. 2006.

_____. Relações entre letra e escrita nas produções em psicanálise. *Estilos da Clínica*, São Paulo, ano XIII, n. 24, p. 40-53, primeiro semestre de 2008.

DEFOE, D. (1719). *As aventuras de Robinson Crusoe*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

DELEUZE, G. Introdução. In: SACHER-MASOCH, L. *Vênus das peles*. Rio de Janeiro: Caos Ed., 1983.

DERRIDA, J. (1995). *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DEUTSCH, H. (1929). O masoquismo “feminino” e sua relação com a frigidez. XI Congresso Internacional Psicanalítico, Oxford. *Boletim da APPOA*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 10-13, 1990.

DIDIER-WEILL, A. (1995). *Os três tempos da lei*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DUNKER, C. *O cálculo neurótico do gozo*. São Paulo: Escuta, 2002.

ELIA, L. Psicanálise: clínica e pesquisa. In: ALBERTI, S.; ELIA, L. (Org.). *Clínica e pesquisa em psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000. p. 19-35.

_____. A letra: de instância no inconsciente à escrita do gozo no corpo. In: COSTA, A.; RINALDI, D. (Org.). *Escrita e psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007. p. 129-137.

FARIA, E. *Dicionário Escolar Latino Português*. Rio de Janeiro: FGAE/Ministério da Educação, 1992.

FÊDIDA, P. *Nome, figura e memória – a linguagem na situação psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1992.

FERREIRA, S. A interação mãe-bebê: primeiros passos. In: WANDERLEY, D. (Org.). *Palavras em torno do berço*. Salvador: Ágalma, 1997. p. 77-88.

_____. (2001). Por que falar ao bebê se ele não compreende?. In: CAMAROTTI, M. C. (Org.). *Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 97-104.

FOSTER, O. et al. Dossier sobre síndrome de Williams. *Escritos de la infância – 5*. Buenos Aires: FEPI-Centro Lydia Coriat, 1995. p. 49-109.

FREUD, A. (1965). *Normalidad y patologia en la niñez*. Buenos Aires: Paidós, 1993.

FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993.

FREUD, S. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca nueva, 1968. 3 vol.

FREUD, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 1, p. 421-22.

_____. (1896a). Carta 52 a Fliess. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 1.

_____. (1896a). Carta 52 a Fliess. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1968, p.949-951.

_____. (1900). *A interpretação dos sonhos*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 4 e 5.

_____. (1901). Psicopatologia da vida cotidiana. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 6.

_____. (1905a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 7, p. 123-152.

_____. (1905b). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 8.

_____. (1908). Escritores criativos e devaneio. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 9, p. 147-158.

_____. (1909a). Notas sobre um caso de neurose. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 10, p. 157-317.

_____. (1909b). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 10, p.13-154.

_____. (1909c). Análisis de la fobia de un niño de cinco años. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993. v. 10.

_____. (1910). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 11, p. 147-157.

_____. (1912a). A dinâmica da transferência. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 12, p. 131-143.

_____. (1912b). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 12, p.145-159.

_____. (1912c). Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993. v. 12, p. 107-119.

_____. (1912d). Sobre o início do tratamento. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 12, p. 161-187.

_____. (1913). O interesse científico da psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 13, p. 199-226.

_____. (1914a). Recordar repetir e elaborar. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 12, p. 191-203.

_____. (1914b). Introducción del narcisismo. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993. v. 14, p. 65-98.

_____. (1915). O inconsciente. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 2, p. 191-252.

_____. (1918 [1914]). História de uma neurose infantil. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 17, p. 13-151.

_____. (1919). Uma criança é espancada. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, v. 17, p. 223-253.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 18, p. 11-85.

_____. (1923a). A organização genital infantil. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 19, p. 177-184.

_____. (1923b). O ego e o id. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 19, p.13-83.

_____. (1924a). O problema econômico do masoquismo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 19, p.197-212.

_____. (1924b). A dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 19, p. 215-224.

_____. (1925a). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 19, p. 303-320.

_____. (1925b). Uma nota sobre o bloco mágico. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 19, p. 283-290.

_____. (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 20, p. 95-200.

_____. (1929). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 21, p. 75-171.

_____. (1931). Sexualidade feminina. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 21, p. 257-279.

_____. (1932). Conferência 34: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 22, p. 167-191.

_____. (1932). *Obras completas*. Edición electrónica. Madrid: Biblioteca Nueva.

_____. (1933). Feminilidade, conferência 33. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 22, p. 139-165.

_____. (1936). Um distúrbio de memória na Acrópole. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 22, p. 291-303.

_____. (1937). Análise terminável e interminável. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. 23, p. 239-287.

_____. (1937). Construções em análise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 23, p. 281-304.

GARCÍA-PELAYO Y GROSS, R. *Dicionário Larousse ilustrado*. Buenos Aires: Larousse 1993.

GILSON, J. P. *Autismo e língua materna*. Transcrição de palestra realizada em 19 de maio, São Paulo: Derdic PUC-SP, 1999, inédita.

GIULIANNI, N.(1996). A terapêutica da linguagem: lugar de entrecruzamento de discursos. In: OLIVEIRA, S. L.; PARLATO, E.; RABELLO, S. (Org.). *O falar da linguagem – 1*. São Paulo: Lovise, 1996. p. 55-61.

_____. (1996). *Aulas sobre a aquisição da linguagem*, proferidas na FEPI – Centro Dra. Lydia Coriat, Buenos Aires, inédito.

- GUELLER, A. S. *Vestígios do tempo*. São Paulo: Arte e Ciência, 2005.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, 2001.
- JALLEY, E. *Freud, Wallon, Lacan: l'enfant au miroir*. Paris: E.P.E.L., 1998.
- JAKOBSON, R. *Lenguaje infantil y afasia*. Buenos Aires: Ayuso, 1969.
- JERUSALINSKY, A. *Psicanálise do autismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- _____. (1988). *Psicanálise e desenvolvimento infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- _____. La educación es terapéutica? (Parte I). In: *Escritos de la infancia – 4*. Buenos Aires: F.E.P.I - Centro Lydia Coriat, 1994. p.11-16.
- _____. Como a linguagem é transmitida? *Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba*, Curitiba, n. 4, p. 9-15, 2000.
- _____. Transmissão e transferência na clínica psicanalítica. *Correio da APPOA*, Porto Alegre, ano IX, n. 80, p. 52-59, jun. 2000.
- _____. O nascimento do sujeito: da voz à letra. In: *Seminários I*. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 2001. p. 9-29.
- _____. *Seminário sobre linguagem*. DERDIC – Faculdade de Fonoaudiologia PUC-SP, 2002, inédito.
- _____. A metáfora paterna e sua relação com a alíngua. In: VORCARO, A. (Org.). *Quem fala na língua?* Sobre as psicopatologias da fala. Salvador: Ágalma, 2004, p. 73-92.
- _____. *Angústia e gozo do Outro*. Notas do seminário proferido em São Paulo em 16 de junho de 2007a, APPOA, inédito.
- _____. *Algumas questões para elaborar a teoria do brincar*. Seminário proferido em novembro de 2007b, São Paulo: APPOA, inédito
- _____. *Saber falar*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- JERUSALINSKY, J. O pé esquerdo do academicismo. *Correio da APPOA*, Porto Alegre, n. 83, p. 28-34, 2000.
- _____. *Enquanto o futuro não vem – a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*. Salvador: Ágalma, 2002a.
- _____. Crônica de um bebê com morte anunciada. In: BERNARDINO, L. M. F.; ROHENKOHL, C. M. (Org.). *O bebê e a modernidade: abordagens teórico-clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002b. p. 169-178.

_____. *Temporalidade e clínica com bebês*. 2003. 313 p., Dissertação (mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

_____. Prosódia e enunciação na clínica com bebês: quando a entoação diz mais do que se queria dizer. In: VORCARO, A. (Org.). *Quem fala na língua?* Sobre as psicopatologias da fala. Salvador: Ágalma, 2004. p. 206-228.

_____. Clínica interdisciplinar com bebês: qual a importância clínica de considerar a especificidade desse campo. In: WAJNTAL, M. (Org.). *Clínica com crianças, enlaces e desenlaces*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 30-50.

KAUFMANN, P. (1993). *Dicionário enciclopédico de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KLEIN, M. (1926). Fundamentos psicológicos del análisis del niño. In: *El psicoanálisis de niños. Obras completas de Melanie Klein*. Buenos Aires: Paidós, 1990. v. 2, p. 23-34.

_____. (1930). A importância da formação dos símbolos no desenvolvimento do ego. In: *Amor, culpa, reparação e outros trabalhos (1921-1945). Obras completas de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago. v. 1, p. 249-264.

_____. (1952). Sobre a observação do comportamento dos bebês. In: *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: LTC, 1982. p. 256-289.

KEHL, M. R. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KOMPINSKY, E. Observação de bebês: método e sentimentos do observador. In: CARON, A. N. (Org.). *A relação pais-bebê – da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 9-43.

LACAN, J. (1945). El tiempo lógico y el aserto de certidumbre anticipada. In: *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1988. p. 187-203.

_____. (1946). Acerca de la causalidad psíquica. In: *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1988. p.142-183.

_____. (1948). La agresividad en psicoanálisis. In: *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1988. p. 94-116.

_____. (1949). El estadio del espejo como formador de la función del yo tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica. In: *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1988. p. 86-93.

_____. (1953-1954). *O seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1986.

_____. (1954-1955). *O seminário. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

_____. (1955-1956). *O seminário. Livro 3. As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. (1956). El seminario sobre la carta robada. In: *Escritos 1*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1988. p. 5-55.

_____. (1956-1957). *O seminário. Livro 4. As relações de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. (1957a). El psicoanálisis y su enseñanza. In: *Escritos 1*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1988. p. 419-440.

_____. (1957b). La instancia de la letra en el inconsciente o la razón desde Freud. In: *Escritos 1*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1985. p. 473-509.

_____. (1957-1958). *O seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. (1957-1958). *El seminario 5. Las formaciones del inconsciente*. Edición electrónica de texto establecido para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.

_____. (1958). La significación del falo. In: *Escritos 2*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1988. p. 665-675.

_____. (1959a). Observación sobre el informe de Daniel Lagache: psicoanálisis y estructura de la personalidad. In: *Escritos 2*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1988. p. 627-664.

_____. (1959b). *El seminario 6. El deseo y su interpretación*. Edición electrónica de texto establecido para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.

_____. (1959-1960). *El seminario. Libro 7. La ética del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós, 1988.

_____. (1960a). Ideas directivas para un congreso sobre sexualidad femenina. In: *Escritos 2*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1987. p. 704-715.

_____. (1960b). Subversión del sujeto y dialéctica del deseo. In: *Escritos 2*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1987. p. 773-807.

_____. (1961-1962). *El seminario 9. La identificación*. Edición electrónica de texto establecido para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.

_____. (1962-1963). *O seminário. Livro 10. A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. (1964). *El seminario. Libro 11. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós, 1995.

_____. (1965). *El seminario 12. Problemas cruciales para el psicoanálisis*. Edición electrónica de texto establecido para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.

_____. (1969a). Dos notas sobre el niño. In: *Intervenciones y textos – 2*. Buenos Aires: Gedisa, 1993. p. 55-57.

_____. (1969b). *El seminario 16. De un otro al Otro*, clase 14, 12 de marzo de 1969, Edición electrónica de texto establecido para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.

_____. (1969-1970). *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. (1971a). Lituraterra, aula 7 do seminário 18. *Che vuoi?*, Porto Alegre, ano 1, n. 1, 1986, p. 17-32.

_____. (1971b). *Seminario 18. De un discurso que no seria del semblante*. Edición electrónica de texto establecido para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.

_____. (1972). *Seminário 19. ...Ou Pire*, clase 5 “El saber del psicoanalista”, Edición electrónica de texto establecido para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.

_____. (1972-1973a). *O seminário. Livro 20. Mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. (1972-1973b). *El seminario 20. Mas aun*. Edición electrónica para circulación interna da Escuela Freudiana de Buenos Aires.

_____. (1973-1974). *Seminário 21. Le non-dupes errent*, Edición electrónica de texto establecido para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.

_____. (1975-1976). *O seminário. Livro 23. O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. (1976-1977). *Seminário 24. L'insu que sait de l'une-bevue s'aile à mourre*. Edición para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. (1982). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LAZNIK, M. C. (1996). Poderíamos pensar numa prevenção da síndrome autística? In: WANDERLEY, D. (Org.). *Palavras em torno do berço*. Salvador: Ágalma, 1997. p. 35-51.

_____. A voz como primeiro objeto da pulsão oral. *Estilos da clínica*, São Paulo, v. 5, n. 8, p. 80-93, 2000.

- LEVI-STRAUSS, C. (1949). *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- MAGRITTE, R. *La Reproduction Interdit*, 1937.
- MOUSSAIEFF, Masson J. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-2004*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MÉLEGA, M. P. A contribuição de Esther Bick à clínica psicanalítica. *Revista Psychê*, São Paulo, ano V, n. 7, p. 71-83, 2001.
- MELMAN, C. (1984). *Novos estudos sobre a histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- _____. (1985a). *Questions de clinique psychanalytique*. Seminaire de L'année 1985-6, 10 de outubro de 1985. Paris: AFI.
- _____. (1985b). *Novos estudos sobre o inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____. (1989). *Imigrantes*. São Paulo: Escuta, 1992.
- MILLER, J.-A. (1996). *A criança entre a mulher e a mãe*. Colóquio de mesmo nome, Lausanne.
- MILNER, J. C. (1995). *A obra clara*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- OROBORO: revista de Poesia e Arte, n.2, dezembro-janeiro-fevereiro de 2004 - 2005.
- PEAGUDA, S. Juegos precursores del Fort-da. In: *Escritos de la infancia – 8*. Buenos Aires: FEPI – Centro Lydia Coriat, 1999. p. 35-41.
- PEREIRA, M. E. C. Formulando uma Psicopatologia Fundamental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 60-76, mar. 1998.
- PEREIRA, R. F. *Doador revisitado*. WWW.elidatessler.com.br, 2002.
- PIAGET, J. (1959). *El nacimiento de la inteligencia en el niño*. Madrid: Aguiar, 1972.
- POMMIER, G. (1985). *A exceção feminina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- _____. (1993). *Nacimiento y renacimiento de la escritura*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1996.
- PROUST, M. (1913). No caminho de Swann. In: *Em busca do tempo perdido*. 21. ed., São Paulo: Globo, 2001.
- RABELLO, S. *Dizeres de crianças: jogos de repetições e modulações tonais entoando jogos subjetivos*. 2004. 211 p., Tese (doutorado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

- REGO, C. *Traço, letra, escrita*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2006.
- RICKES, S. Riscos e tempo. In: COSTA, A.; RINALDI, D. (Org.). *Escrita e psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007. p. 63-77.
- RIVIÈRE, J. (1929a). La femineidad como mascarada. In: *La sexualidad femenina*. Buenos Aires: Escritos Polêmicos, _____, p. 7-23.
- _____. (1929b). La féminité en tant que mascarade. *La Psychanalyse*, Paris, n. 7, 1964.
- RODULFO, R. *O brincar e o significante*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- ROLLING STONES. Album *Beggars Banquet*, gravadora Decca, 1968.
- ROSA, M. D. Psicanálise na universidade: considerações sobre o ensino da psicanálise nos cursos de psicologia. *Revista Psicologia USP*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 189-199, 2001.
- ROWLING, J.K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SAUSSURE, F. (1922). *Curso de linguística general*. Buenos Aires: Losada, 1945.
- SOUZA, E. A. A vida entre parênteses. *Correio da APPOA*, Porto Alegre, ano IX, n. 80, p. 13-23, jun. 2000.
- _____. Escrita das utopias: litoral, literal, litoral. In: COSTA, A.; RINALDI, D. (Org.). *Escrita e psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007. p. 239-253.
- SOUZA, O. Aspectos do encaminhamento da questão da cientificidade da psicanálise no movimento psicanalítico. In: PACHECO, R. A.; COELHO JR., N.; ROSA, M. D. (Org.). *Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise*. São Paulo: Educ/Casa do Psicólogo, 2000. p. 205-233.
- SPINELLI, M. Pensando a linguagem. In: OLIVEIRA, S. L.; PARLATO, E.; RABELLO, S. (Org.). *O falar da linguagem – 1*. São Paulo: Lovise, 1996. p. 17-22.
- SPITZ, R. (1965). *El primer año de vida del niño*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- TESSLER, E. (1999). *Doador*. Porto Alegre: II Bienal do Mercosul.
- VALAS, P. (1998). *As dimensões do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- VELOSO, C. Ele me deu um beijo na boca. Intérprete: Caetano Veloso. In: Caetano Veloso. *Cores e nomes*. Rio de Janeiro: Universal Music Brasil, 1982. 1 CD.
- _____. A tua presença morena. Intérprete: Caetano Veloso. In: Caetano Veloso. *Circulado ao vivo*. Rio de Janeiro: Universal Music Brasil, 1991. 1 CD.
- VORCARO, A. *A criança na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

_____. O organismo e a linguagem maternante: hipótese de trabalho sobre as condições do advento da fala e seus sintomas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E CLÍNICA DE BEBÊS. 2001, Curitiba.

_____. O organismo e a linguagem maternante: hipótese de trabalho sobre as condições do advento da fala e seus sintomas. In: BERNARDINO, L. M. F.; ROHENKOHL, C. M. F. (Org.). *O bebê e a modernidade: abordagens teórico-clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002a. p. 65-84.

_____. Prefácio sobre o tempo, estímulo e estrutura. In: JERUSALINSKY, J. *Enquanto o futuro não vem – a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*. Salvador: Ágalma, 2002b. p. 11-20.

_____. Os dragões do tempo primordial: a repetição como primeira identificação. In: Leite, N. V. de Araújo (Org.). *Corpolinguagem: gestos e afetos*. Campinas: Mercado das Letras, 2003. p. 215-231.

WILDE, O. (1890). *O retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Ediouro, 1998.

WINNICOTT, D. (1941). La observación de niños en una situación fija. In: *Escritos de pediatría y psicoanálisis*. Barcelona: Edictorial Laia, 1958. p. 79-1

_____. (1956). Preocupación maternal primária. In: *Escritos de pediatría y psicoanálisis*. Barcelona: Edictorial Laia, 1958. p. 405-412.

_____. (1960). La relación inicial de una madre con su bebé. In: *La familia y el desarrollo del individuo*. Buenos Aires: Hormé, 1984.

_____. (1966). La madre de devoción corrient. In: *Los bebés y sus madres*. Buenos Aires: Paidós, 1993.

_____. (1971). *Realidad y juego*. Barcelona: Gedisa, 1994.

_____. (1987). *Los bebés y sus madres*. Buenos Aires: Paidós, 1993.

ANEXO 1



Elida Tessler (1999). *Doador*.

ANEXO 2



Ziraldo (1989). Lo-bo-lo-bo. In: *Chapeuzinho Amarelo*.